
"A BRILLIANT DEBUT, FULL OF EVERYTHING I LOVE."
—SARAH J. MAAS, #1 New York Times bestselling author
Serpent & Dove
SHELBY MAHURIN

SERPENT & DOVE

SHELBY MAHURIN

HARPER TEEN
An Imprint of HarperCollins Publishers

TRADUÇÃO E FORMATAÇÃO:

BOOKSUNFLOWERS

&

WHITETHORNTECA

Parte I

Un malheur ne vient jamais seul.
O infortúnio nunca vem sozinho.
—Provérbio francês

The Bellerose

Lou

Há algo assustador em um corpo tocado por magia. A maioria das pessoas nota o cheiro pela primeira vez: não a podridão da decomposição, mas uma doçura enjoativa no nariz, um gosto acentuado na língua. Indivíduos raros também sentem um formigamento no ar. Uma aura persistente na pele do cadáver. Como se a própria magia ainda estivesse presente de alguma forma, assistindo e esperando.

Viva.

Claro, aqueles estúpidos o suficiente para falar sobre essas coisas acabaram em uma estaca.

Treze corpos foram encontrados em Belterra no último ano - mais do que o dobro da quantidade de anos anteriores. Embora a Igreja fizesse o possível para ocultar as misteriosas circunstâncias de cada morte, todos haviam sido enterrados em caixões fechados.

— Lá está ele. — Coco apontou para um homem no canto. Embora a luz das velas banhasse metade do rosto na sombra, não havia como confundir o brocado de ouro em seu casaco ou as insígnias pesadas em volta do pescoço. Ele se sentou rígido em sua cadeira, claramente desconfortável, enquanto uma mulher com pouca roupa estava dançando em sua barriga gorda. Eu não pude deixar de sorrir.

Somente Madame Labelle deixaria um aristocrata como Pierre Tremblay esperando nas entranhas de um bordel.

— Vamos. — Coco apontou para uma mesa no canto oposto. — Babette deverá chegar aqui em breve.

— Que tipo de idiota pomposo usa *brocado* durante o luto? — Perguntei.

Coco olhou para Tremblay por cima do ombro e sorriu. — O tipo de idiota pomposo com dinheiro.

Sua filha Filippa foi o sétimo corpo encontrado.

Depois de seu desaparecimento na calada da noite, a aristocracia foi abalada quando ela reapareceu - com a garganta cortada - na beira do L'Eau Mélancolique. Mas isso não foi o pior. Rumores se espalharam pelo reino sobre os cabelos prateados e a pele enrugada, os olhos nublados e os dedos retorcidos. Aos vinte e quatro anos, ela se transformou em uma velha. Os colegas de Tremblay simplesmente não conseguiram entender. Ela não tinha inimigos conhecidos, nenhuma vingança contra ela para justificar tal violência.

Mas, embora *Filippa* pudesse não ter inimigos, seu pai pomposo acumulou bastante ao traficar objetos mágicos.

A morte da filha fora um aviso: não se explorava as bruxas sem consequências.

— *Bonjour, messieurs.*— Uma cortesã de cabelos cor de mel se aproximou de nós, piscando seus cílios, esperançosa. Eu gargalhei pela maneira descarada que ela olhou para Coco. Mesmo disfarçado de homem, Coco era impressionante. Embora cicatrizes estragassem a rica pele marrom de suas mãos - ela as cobriu com luvas - seu rosto permaneceu suave e seus olhos negros brilhavam mesmo na escuridão. — Posso tentar você a se juntar a mim?

— Desculpe, querida. — Adotando minha voz mais masculina, dei um tapinha na mão da cortesã da maneira que eu tinha visto outros homens fazerem. — Mas já temos companhia para essa manhã. Mademoiselle Babette se juntará a nós em breve.

Ela fez beicinho por apenas um segundo antes de passar para o nosso vizinho, que ansiosamente aceitou seu convite.

— Você acha que ele é capaz? — Coco examinou Tremblay, do alto de sua cabeça careca até a parte inferior de seus sapatos polidos, permanecendo nos dedos sem adornos. — Babette poderia estar mentindo. Isso pode ser uma armadilha.

— Babette pode ser uma mentirosa, mas ela não é estúpida. Ela não vai nos vender antes de pagarmos a ela. — Observei as outras cortesãs com um fascínio mórbido. Com cinturas finas e seios transbordando, elas dançavam levemente entre os clientes, como se seus espartilhos não estivesse as sufocando lentamente.

Para ser justa, no entanto, muitas delas não usavam espartilhos. Ou qualquer outra coisa.

— Você está certa. — Coco pegou nossa bolsa de moedas do casaco e jogou-a sobre a mesa. — Será depois.

— Ah, *mon amour*, você me machuca. — Babette se materializou ao nosso lado, sorrindo e dando um peteleco na aba do meu chapéu. Ao contrário de suas colegas, ela envolvia o máximo possível de sua pele pálida com seda vermelha. Uma maquiagem grossa e branca cobria o resto - e suas cicatrizes. Elas serpenteavam seus braços e peito em um padrão semelhante ao de Coco. — E por mais dez *couronnes de* ouro, eu nunca *sonharia* em te trair.

— Bom dia, Babette. — Rindo, apoiei um pé na mesa e recostei-me nas pernas traseiras da minha cadeira. — Você sabe, é estranho o jeito que você sempre aparece alguns segundos depois do nosso dinheiro. Você consegue sentir o cheiro? — Virei-me para Coco, cujos lábios se contraíram em um esforço para não sorrir. — É como se ela pudesse sentir o cheiro.

—*Bonjour*, Louise. — Babette beijou minha bochecha antes de se inclinar em direção a Coco e abaixar a voz. — Cosette, você parece deslumbrante, como sempre.

Coco revirou os olhos. — Você está atrasada.

— Minhas desculpas. — Babette inclinou a cabeça com um sorriso doce. — Mas eu não reconheci vocês. Nunca entenderei por que mulheres tão bonitas insistem em se disfarçar de homens...

— Mulheres desacompanhadas atraem muita atenção. Você sabe disso. — Bati meus dedos na mesa com facilidade, forçando um sorriso. — Qualquer uma de nós pode ser uma bruxa.

— Bah! — Ela piscou conspiratoriamente. — Apenas um tolo confundiria duas pessoas tão charmosas quanto vocês com essas criaturas miseráveis e violentas.

— Claro. — Eu assenti com a cabeça, puxando meu chapéu ainda mais baixo. Enquanto as cicatrizes de Coco e Babette revelavam sua verdadeira natureza, Dames Blanches podiam se mover pela sociedade praticamente sem serem detectadas. A mulher de pele avermelhada em cima de Tremblay poderia ser uma. Ou a cortesã de cabelos cor de mel que acabara de desaparecer pelas escadas. — Mas as chamas vêm primeiro com a Igreja. Perguntas depois. É um momento perigoso para ser mulher.

— Não aqui. — Babette abriu bem os braços, os lábios se curvando para cima. — Aqui estamos a salvo. Aqui, nós somos apreciadas. A oferta da minha senhora ainda permanece...

— Sua senhora queimaria você - e nós - se ela soubesse a verdade. — Voltei minha atenção para Tremblay, cuja riqueza óbvia havia atraído mais duas cortesãs. Ele educadamente rejeitou as tentativas delas de abrirem suas calças. — Estamos aqui por ele.

Coco levantou nossa bolsa de moedas sobre a mesa. — Dez *couronnes de* ouro, como prometido.

Babette fungou e levantou o nariz no ar. — Hmm... Acho que me lembro que era vinte.

— O quê? — Minha cadeira desabou de volta ao chão com um estrondo. Os clientes mais próximos de nós olharam em nossa direção, mas eu os ignorei. — Nós concordamos em *dez*.

— Isso foi antes de você machucar meus sentimentos.

— Droga, Babette. — Coco pegou nossas moedas antes que Babette pudesse tocá-las. — Você sabe quanto tempo leva para economizar esse tipo de dinheiro?

Eu lutei para manter minha voz calma. — Nós nem sabemos se Tremblay *tem* o anel.

Babette apenas deu de ombros e estendeu a palma da mão. — Não é minha culpa que vocês insistem em roubar bolsas na rua como criminosas comuns. Vocês ganhariam três vezes essa quantia em uma única noite aqui no Bellerose, mas são muito orgulhosas.

Coco respirou fundo, as mãos fechadas em punhos sobre a mesa. — Olha, lamentamos ter ofendido suas delicadas sensibilidades, mas concordamos em dez. Nós não podemos pagar...

— Eu posso ouvir a moeda no seu bolso, Cosette.

Eu olhei para Babette incrédula. — Você *é* uma maldita cadela de caça.

Os olhos dela brilharam. — Ah, por favor, eu convido vocês aqui, por meu próprio risco pessoal, para bisbilhotar os negócios da minha senhora com Monsieur Tremblay, mas vocês me insultam como se eu fosse...

Naquele momento preciso, no entanto, uma mulher alta e de meia-idade desceu a escada. Um profundo vestido de esmeraldas acentuava seus cabelos flamejantes e a figura de ampulheta. Tremblay ficou de pé com a aparição dela, e as cortesãs ao nosso redor - incluindo Babette - fizeram uma profunda reverência.

Era bastante estranho assistir mulheres nuas fazendo reverência.

Agarrando os braços de Tremblay com um sorriso largo, Madame Labelle beijou suas bochechas e murmurou algo que eu não conseguia ouvir. O pânico tomou conta de mim quando ela passou o braço pelo dele e o levou de volta através da sala em direção às escadas.

Babette nos assistiu pelo canto do olho. — Decida rapidamente, *mes amours*. Minha senhora é uma mulher ocupada. Os negócios dela com monsieur Tremblay não vão demorar muito.

Eu olhei para ela, resistindo ao desejo de envolver minhas mãos em torno de seu lindo pescoço e apertar. — Você pode pelo menos nos dizer o que sua senhora está comprando? Ela deve ter lhe contado alguma *coisa*. É o anel? Tremblay o tem?

Ela sorriu como um gato com creme. — Talvez... Por mais dez *couronnes*.

Coco e eu compartilhamos um olhar sombrio. Se Babette não tomasse cuidado, logo aprenderia o quão *miseráveis* e *violentas* poderíamos ser.

As Bellerose ostentavam doze salões de luxo para suas cortesãs entreterem os convidados, mas Babette não nos levou a nenhum deles. Em vez disso, ela abriu uma décima terceira porta não marcada no final do corredor e nos conduziu para dentro.

— Bem-vindas, *mes amours*, aos olhos e ouvidos do Bellerose.

Piscando, esperei que meus olhos se ajustassem à escuridão desse novo corredor mais estreito. Doze janelas - retangulares, grandes e espaçadas em intervalos regulares ao longo de uma parede - deixavam entrar um brilho sutil de luz. Após uma inspeção mais minuciosa, percebi que não eram janelas, mas retratos.

Eu tracei um dedo no nariz da pessoa mais próxima de mim: uma mulher bonita com curvas atraentes e um sorriso sedutor. — Quem são elas?

— Cortesãs famosas dos últimos anos. — Babette fez uma pausa para admirar a mulher com uma expressão melancólica. — Meu retrato substituirá o dela algum dia.

Franzindo a testa, me inclinei para mais perto para inspecionar a mulher em questão. Sua imagem era espelhada, de alguma forma, suas cores eram suaves, como se essa fosse à parte de trás da pintura. E... Santo inferno.

Duas fechaduras douradas cobriram seus olhos.

— Esses são *olhos mágicos*? — Coco perguntou incrédula, aproximando-se. — Que tipo de show de horrores macabros é esse, Babette?

— Shhh! — Babette levou um dedo apressado aos lábios. — Os olhos e *ouvidos*, lembram? *Ouvidos*. Vocês devem sussurrar neste lugar.

Eu não queria imaginar o propósito de um recurso arquitetônico assim. Eu *queria*, no entanto, imaginar um banho muito longo quando voltasse para casa do teatro. Haveria muita esfregação. Um esfregar vigoroso. Eu só podia rezar para que meus olhos sobrevivessem.

Antes que eu pudesse expressar meu desgosto, duas sombras se moveram na minha visão periférica. Eu me virei, mão voando para a faca na minha bota, antes das sombras tomarem forma. Fiquei quieta quando dois homens terrivelmente familiares e horrivelmente desagradáveis olharam para mim.

Andre e Grue.

Eu olhei para Babette com os olhos estreitados, meu punho ainda segurando a faca. — O que *eles* estão fazendo aqui?

Ao som da minha voz, Andre se inclinou para frente, piscando lentamente na escuridão. — É a...?

Grue procurou meu rosto, pulando meu bigode e permanecendo nas minhas sobrancelhas escuras e olhos turquesa, nariz sardento e pele bronzeada. Um sorriso maligno dividiu seu rosto. O dente da frente estava lascado. E amarelo. — Olá, Lou Lou.

Ignorando-o, olhei fixamente para Babette. — Isso não fazia parte do acordo.

— Ah, relaxe, Louise. Eles estão trabalhando. — Ela se jogou em uma das cadeiras de madeira que acabaram de desocupar. — Minha senhora os contratou como seguranças.

— Seguranças? — Coco zombou, pegando a própria faca no casaco. Andre arreganhou os dentes. — Desde quando o voyeurismo é considerado segurança?

— Se alguma vez nos sentirmos desconfortáveis com um cliente, tudo o que fazemos é bater duas vezes e esses adoráveis cavalheiros intervêm. — Babette apontou preguiçosamente para os retratos com o pé, revelando um tornozelo pálido e marcado. — Isso são portas, *mon amour*. Acesso imediato.

Madame Labelle era uma idiota. Era a única explicação para essa... Bem, idiotice.

Dois dos ladrões mais estúpidos que eu já conheci, Andre e Grue violavam constantemente nosso território em East End. Onde quer que estivéssemos, eles seguiam - geralmente dois passos atrás - e onde quer que *eles* iam, a força policial inevitavelmente também ia. Grandes, feios e barulhentos, os dois não tinham a sutileza e a habilidade necessária para prosperar em East End. E nem os cérebros.

Eu temia pensar no que eles fariam com *acesso imediato* a qualquer coisa. Especialmente sexo e violência. E esse talvez fosse o *menor* dos

vícios que aconteciam dentro dessas paredes do bordel, se essa transação comercial servisse como exemplo.

— Não se preocupe. — Como se estivesse lendo meus pensamentos, Babette lançou aos dois um pequeno sorriso. — Minha senhora os matará se vazarem informações. Não é mesmo, *messieurs*?

Seus sorrisos desapareceram, e eu finalmente notei a descoloração ao redor dos olhos. Contusões. Eu ainda não abaixei minha faca. — E o que os impede de vazar informações *para* sua senhora?

— Bem… — Babette ficou de pé, passando por nós para um retrato no corredor. Ela levantou a mão para o pequeno botão dourado ao lado dele. — Suponho que isso depende do que vocês estão dispostas a dar a eles.

— Que tal eu dar a *todos* vocês uma faca no...

— Ah, ah, ah! — Babette apertou o botão enquanto eu avançava, faca levantada, e as fechaduras douradas sobre os olhos da cortesã se abriram. As vozes abafadas de madame Labelle e Tremblay encheram o corredor.

— Pense com cuidado, *mon amour,* — murmurou Babette. — Seu anel precioso pode estar na sala ao lado. Venha, veja por si mesma. — Ela se afastou, o dedo ainda pressionando o botão, permitindo-me ficar na frente do retrato.

Murmurando um xingamento, fiquei na ponta dos pés para ver através dos olhos da cortesã.

Tremblay usava um caminho através do luxuoso tapete floral do salão. Ele parecia mais pálido aqui nesta sala pastel - onde o sol da manhã banhava tudo com uma suave luz dourada - e o suor escorria pela testa. Lambendo os lábios nervosamente, ele olhou para Madame Labelle, que o observava de uma espreguiçadeira ao lado da porta. Mesmo sentada, ela exalava graça real, pescoço reto e mãos cruzadas.

— Acalme-se, monsieur Tremblay. Garanto que vou obter os fundos necessários dentro de uma semana. Uma quinzena no máximo.

Ele balançou a cabeça bruscamente. — Muito tempo.

— Pode se argumentar que não é suficientemente longo para o preço do seu pedido. Somente o rei poderia pagar uma quantia tão astronômica, e ele não tem utilidade para anéis mágicos.

Com o coração palpitando na garganta, me afastei para olhar para Coco. Ela fez uma careta e procurou no casaco por mais *couronnes*. Andre e Grue os embolsaram com sorrisos alegres.

Prometendo a mim mesma que os esfolaria vivos depois de roubar o anel, voltei minha atenção para o salão.

— E... E se eu lhe disser que tenho outro comprador? — Perguntou Tremblay.

— Eu chamaria você de mentiroso, monsieur Tremblay. Você dificilmente poderia continuar se vangloriando da posse de seus produtos depois do que aconteceu com sua filha.

Tremblay virou-se para encará-la. — Não fale da minha filha.

Alisando as saias, Madame Labelle o ignorou completamente. — De fato, estou bastante surpresa por você ainda estar no mercado negro mágico. Você tem outra filha, não é? — Quando ele não respondeu, o sorriso dela ficou pequeno e cruel. Triunfante. — As bruxas são cruéis. Se elas descobrirem que você possui o anel, a ira delas em sua família restante será... Desagradável.

Com o rosto ficando roxo, ele deu um passo em sua direção. — Eu não aprecio sua insinuação.

— Então aprecie minha ameaça, *monsieur*. Não me engane, ou será a última coisa que você fará.

Abafando um suspiro, olhei novamente para Coco, que agora tremia com uma risada silenciosa. Babette olhou com raiva para nós. Anéis mágicos à parte, essa conversa pode valer quarenta *couronnes*. Até o teatro parecia pálido em comparação com esses melodramáticos.

— Agora, diga-me, — ronronou Madame Labelle, — você tem outro comprador?

—*Putain*. — Ele olhou para ela por vários segundos antes de relutantemente balançar a cabeça. — Não, eu não tenho outro comprador. Passei *meses* renunciando a todos os vínculos com meus contatos anteriores - eliminando todo o estoque - ainda assim, esse anel... — Ele engoliu em seco e o calor em sua expressão tremeu. — Temo falar sobre isso com alguém, para que os demônios não descubram que eu o tenho.

— Você foi estúpido em divulgar qualquer um dos itens deles.

Tremblay não respondeu. Seus olhos permaneciam distantes, assombrados, como se estivesse vendo algo que não podíamos. Minha garganta se contraiu inexplicavelmente. Alheio ao seu tormento, Madame Labelle continuou sem piedade. — Se você não tivesse feito isso, talvez a querida Filippa ainda estivesse entre nós...

Ele levantou a cabeça com o nome da filha e seus olhos - não mais assombrados - brilhavam com um propósito feroz. — Vou ver os demônios queimarem pelo que fizeram com ela.

— Que tolo da sua parte.

— Perdão?

— É meu dever conhecer os negócios de meus inimigos, *monsieur*. — Ela se levantou graciosamente e ele tropeçou para trás meio passo. — Como agora eles também são seus inimigos, devo oferecer um conselho: é perigoso se intrometer nos assuntos das bruxas. Esqueça sua vingança. Esqueça tudo o que aprendeu sobre esse mundo de sombras e magia. Você está extremamente em desvantagem e lamentavelmente insuficiente diante dessas mulheres. A morte é o mais gentil dos seus tormentos - um presente concedido apenas àqueles que o merecem. Alguém poderia pensar que você teria aprendido isso com a querida Filippa.

Sua boca torceu e ele se endireitou em toda a sua altura, resmungando com raiva. Madame Labelle ainda pairava sobre ele vários centímetros. —

Vo-você cruzou a linha.

Madame Labelle não se afastou dele. Em vez disso, passou a mão pelo corpete do vestido, completamente imperturbável, e retirou um leque das dobras da saia. Uma faca apareceu na espinha.

— Vejo que as gentilezas acabaram. Certo então. Vamos ao que interessa. — Abrindo o dispositivo em um único floreio, ela o abanou entre eles. Tremblay olhou atentamente para a ponta da faca e deu um passo para trás. — Se você deseja que eu o liberte do anel, farei isso aqui e agora - por cinco mil *couronnes* deouro a menos do que o seu preço pedido.

Um estranho ruído de asfixia escapou de sua garganta. — Você é louca...

— Se não, — ela continuou, a voz ficando mais forte, — você sairá deste lugar com um laço no pescoço da sua filha. O nome dela é Célie, sim? La Dame des Sorcières terá prazer em drenar sua juventude, em beber o brilho de sua pele, o brilho de seus cabelos. Ela ficará irreconhecível quando as bruxas terminarem com ela. Vazia. Quebrada. Assim como Filippa.

— Você... Você... — Os olhos de Tremblay se arregalaram e uma veia apareceu em sua testa brilhante. —*Fille de pute!* Você não pode fazer isso comigo. Você *não pode*...

— Por favor, *monsieur*, eu não tenho o dia todo. O príncipe voltou de Amandine e não quero perder as festividades.

Seu queixo se projetou obstinadamente para frente. — Eu - eu não o tenho comigo.

Droga. A decepção caiu em mim, amarga e afiada. Coco murmurou um xingamento.

— Não acredito em você. — Madame Labelle dirigiu-se para a janela do outro lado do salão. — Monsieur Tremblay, como um cavalheiro como você pode deixar sua filha esperando do lado de fora de um bordel? Que presa fácil.

Suando profusamente agora, Tremblay se apressou a virar os bolsos. — Eu juro que não tenho! Olhe, olhe! — Apertei meu rosto mais perto enquanto ele empurrava o conteúdo de seus bolsos em direção a ela: um pano de mão bordado, um relógio de bolso de prata e um punhado de *couronnes* de cobre. Mas sem anel. — Por favor, deixe minha filha em paz! Ela não está envolvida nisso!

Ele era uma visão tão lamentável que eu poderia ter sentido pena dele - se ele não tivesse acabado com todos os meus planos. No entanto, a visão de seus membros trêmulos e rosto pálido me encheram de prazer vingativo.

Madame Labelle parecia compartilhar meu sentimento. Ela suspirou teatralmente, abaixando a mão da janela e, curiosamente, virou-se para olhar diretamente para o retrato que eu estava atrás. Caindo para trás, caí diretamente na minha bunda e reprimi um xingamento.

— O que foi? — Coco sussurrou, agachando-se ao meu lado. Babette soltou o botão com uma careta.

— Shhhh! — Acenei minhas mãos descontroladamente, apontando para o salão. *Eu acho* — murmurei as palavras, sem ousar falar — *que ela me viu*.

Os olhos de Coco se arregalaram em alarme.

Todos nós congelamos quando a voz dela se aproximou, abafada, mas audível através da parede fina. — Diga-me, *monsieur*... Onde está então?

Santo inferno. Coco e eu nos olhamos incrédulas. Embora eu não ousei voltar ao retrato, eu me pressionei mais perto da parede, com a respiração quente e desconfortável contra o meu próprio rosto. *Responda a ela,* implorei silenciosamente. *Diga-nos*.

Milagrosamente, Tremblay obedeceu, sua resposta veemente mais doce do que a mais doce das músicas. — Está trancado na minha casa, sua *salope ignorante*...

— Isso serve, monsieur Tremblay. — Quando a porta do salão se abriu, eu quase podia vê-la sorrir. Combinava com o meu sorriso. — Espero que, pelo bem da sua filha, você não esteja mentindo. Vou chegar à sua casa ao amanhecer com sua moeda. Não me deixe esperando.

The Chasseur

Lou

— Estou ouvindo.

Sentado na pastelaria lotada, Bas levou uma colher de *chocolat chaud* aos lábios, tomando cuidado para não derramar uma gota na gravata de seda. Eu resisti à vontade de jogar um pouco do meu nele. Pelo que tínhamos planejado, precisávamos dele de bom humor.

Ninguém poderia enganar um aristocrata como Bas.

— É assim, — eu disse, apontando minha colher para ele, — você pode embolsar tudo do cofre de Tremblay como pagamento, mas o anel é nosso.

Ele se inclinou para frente, olhos escuros pousando nos meus lábios. Quando eu irritadamente tirei o *chocolat* do meu bigode, ele sorriu. — Ah, sim. Um anel mágico. Eu tenho que admitir que estou surpreso que você esteja interessada em tal objeto. Pensei que você tivesse renunciado a toda magia?

— O anel é diferente.

Seus olhos encontraram meus lábios mais uma vez. — Claro que é.

— Bas. — Eu estalei meus dedos na frente de seu rosto intencionalmente. — Foco, por favor. Isso é importante.

Uma vez, ao chegar em Cesarina, eu achava que Bas era bonito. Bonito o suficiente para cortejar. Certamente bonito o suficiente para beijar. Do outro lado da mesa apertada, olhei para a linha escura de sua mandíbula. Ainda havia uma pequena cicatriz ali - logo abaixo da orelha, escondida na sombra de seus pêlos faciais - onde eu o mordi durante uma de nossas noites mais apaixonadas.

Suspirei tristemente com a memória. Ele tinha a mais linda pele âmbar. E uma bunda tão musculosa.

Ele riu como se estivesse lendo minha mente. — Tudo bem, Louey, tentarei organizar meus pensamentos, contanto que você faça o mesmo. — Mexendo com a colher no seu *chocolat*, ele recostou-se com um sorriso. — Então... Você deseja roubar um aristocrata e, obviamente, veio ao mestre para obter orientação.

Eu bufei, mas mordi minha língua. Como primo em terceiro grau, por duas vezes removido de um barão, Bas manteve a posição peculiar de fazer parte da aristocracia, enquanto também *não* fazia parte dela. A riqueza de seu parente permitiu que ele se vestisse da melhor maneira possível e participasse das festas mais extravagantes, mas os aristocratas não se

incomodavam em lembrar seu nome. Um desprezo útil, pois ele costumava comparecer a essas festas para aliviá-los de seus valores.

— Uma decisão sábia, — continuou ele, — já que homens como Tremblay utilizam camadas sobre camadas de segurança: portões e fechaduras, guardas e cães, só para citar alguns. Provavelmente mais, depois do que aconteceu com a sua filha. As bruxas a roubaram durante a calada da noite, não foi? Ele terá aumentado suas proteções.

Filippa estava se tornando uma verdadeira dor na minha bunda.

Carrancuda, olhei para a janela da pastelaria. Todos os tipos de doces empoleirados ali em uma exibição gloriosa: bolos gelados, pães de açúcar e tortinhas de *chocolat*, além de macarons e frutas de todas as cores. Éclairs de framboesa e uma *tarte tatin de* maçã completaram a exibição.

De todas essas decadências, no entanto, os enormes pães pegajosos - com canela e creme de leite - deixavam minha boca realmente aguada.

Como se fosse uma sugestão, Coco se jogou no assento vazio ao nosso lado. Ela jogou um prato de pães pegajosos em minha direção. — Aqui.

Eu poderia tê-la beijado. — Você é uma deusa. Você sabe disso, certo?

— Obviamente. Só não espere que eu segure seu cabelo quando estiver vomitando mais tarde - ah, e você me deve uma *couronne de* prata.

— O inferno que devo. É o meu dinheiro também...

— Sim, mas você pode tirar um pão pegajoso de Pan a qualquer momento. A *couronne* é uma taxa de serviço.

Olhei por cima do ombro para o homem baixo e rechonchudo atrás do balcão: Johannes Pan, pastelaria extraordinária. Mais importante, porém, ele era o amigo pessoal íntimo e confidente de mademoiselle Lucida Bretton.

Eu era a mademoiselle Lucida Bretton. Com uma peruca loira.

Às vezes eu não queria usar o terno - e eu rapidamente descobri que Pan tinha uma queda pelo sexo mais gentil. Na maioria dos dias eu só tinha que bater meus cílios. Outros eu tive que ficar um pouco mais... Criativa. Lancei um olhar secreto para Bas. Mal sabia ele, ele havia cometido todo tipo de atos hediondos com a pobre mademoiselle Bretton nos últimos dois anos.

Pan não conseguia lidar com as lágrimas de uma mulher.

— Estou vestida como homem hoje. — Peguei o primeiro pão, enfiando metade dele na boca sem decoro. — Além de tudo, — eu engoli em seco, com os olhos lacrimejando, — loiras.

O calor irradiava do olhar escuro de Bas enquanto ele me observava. — Então o cavalheiro tem um gosto ruim.

— *Eca*. —Coco engasgou, revirando os olhos. — Descanse, sim? Essa fixação não combina com você.

— Esse *terno* não combina com você...

Deixando eles brigarem, voltei minha atenção para os pães. Embora Coco tivesse conseguido o suficiente para alimentar cinco pessoas, aceitei o desafio. Três pães depois, no entanto, os dois haviam transformado até o meu apetite. Eu empurrei meu prato para longe.

— Nós não temos o luxo do tempo, Bas, — eu interrompi, exatamente quando Coco parecia querer saltar sobre a mesa até ele. — O anel desapareceu de manhã, então tem que ser hoje à noite. Você vai nos ajudar ou não?

Ele franziu a testa com o meu tom. — Pessoalmente, não vejo o motivo de toda essa confusão. Você não precisa de um anel de invisibilidade para segurança. Você sabe que eu posso protegê-la.

Pff. Promessas vazias. Talvez fosse por isso que eu parei de amá-lo.

Bas era muitas coisas - charmoso, astuto, cruel - mas ele não era protetor. Não, ele estava preocupado demais com coisas mais importantes, como salvar sua própria pele ao primeiro sinal de problema. Eu não jogava isso contra ele. Ele *era* um homem, afinal, e seus beijos tinham mais do que compensado por isso.

Coco olhou para ele. — Como já lhe disse - *diversas* vezes - ele concede ao usuário mais do que invisibilidade.

— Ah, *mon amie*, devo confessar que não estava ouvindo.

Quando ele sorriu, mandando um beijo para ela sobre a mesa, suas mãos se fecharam em punhos. —*Bordel!* Eu juro, um dia desses eu vou...

Eu intervim antes que ela pudesse estourar uma veia. — Ele torna o usuário imune ao encantamento. Mais ou menos como as Balisardas dos Chasseurs. — Meu olhar foi para Bas. — Certamente você entende como isso pode ser útil para mim.

Seu sorriso desapareceu. Lentamente, ele estendeu a mão para tocar minha gravata, dedos traçando minha cicatriz escondida. Calafrios surgiram na minha espinha. — Mas ela não encontrou você. Você ainda está segura.

— Por enquanto.

Ele olhou para mim por um longo momento, a mão ainda tocando minha garganta. Finalmente, ele suspirou. — E você está disposta a fazer o que for preciso para adquirir esse anel?

— Sim.

— Até... Magia?

Engoli em seco, passando os dedos pelos dele e assenti. Ele deixou cair nossas mãos entrelaçadas sobre a mesa. — Muito bem então. Eu a ajudarei. — Ele olhou pela janela e eu segui seu olhar. Mais e mais pessoas se reuniram para o desfile do príncipe. Embora a maioria risse e conversasse com excitação palpável, o mal-estar apodrecia logo abaixo da superfície - no aperto de suas bocas e nos movimentos agudos e rápidos de seus olhos. — Hoje à noite, — continuou ele, — o rei marcou um baile para receber seu filho em casa de Amandine. Toda a aristocracia foi convidada, incluindo Monsieur Tremblay.

— Conveniente, — Coco murmurou.

Todos nós ficamos tensos simultaneamente com uma comoção na rua, os olhos fixos nos homens que surgiram no meio da multidão. Vestindo casacos de azul royal, eles marcharam em fileiras de três - cada *baque*,

baque, *baque* de suas botas perfeitamente sincronizados - com punhais de prata sobre os corações. Os policiais os ladeavam de ambos os lados, gritando e arrastando pedestres para as calçadas.

Chasseurs.

Jurados à Igreja como caçadores, os Chasseurs protegem o reino de Belterra do ocultismo - ou seja, Dames Blanches, ou as bruxas mortais que assombraram os preconceitos mesquinhos de Belterra. Raiva abafada percorreu minhas veias enquanto eu observava os caçadores marcharem mais perto. Como se *nós* fôssemosos intrusos. Como se esta terra nunca tivesse pertencido a *nós*.

Não é sua luta. Erguendo meu queixo, me sacudi mentalmente. A antiga disputa entre a Igreja e as bruxas não me afetou mais - desde que eu deixei o mundo da bruxaria para trás.

— Você não deveria estar aqui, Lou. — Os olhos de Coco seguiram os Chasseurs enquanto eles alinhavam a rua, impedindo que alguém se aproximasse da família real. O desfile começaria em breve. — Devemos nos reunir novamente no teatro. Uma multidão desse tamanho é perigosa. Está destinada a atrair problemas.

— Estou disfarçada. — Lutando para falar em torno do pão pegajoso na minha boca, engoli em seco. — Ninguém vai me reconhecer.

— Andre e Grue reconheceram.

— Só por causa da minha voz...

— Não vou me reunir em nenhum lugar até depois do desfile. — Soltando minha mão, Bas se levantou e deu um tapinha no colete com um sorriso lascivo. — Uma multidão desse tamanho é uma fossa gloriosa de dinheiro, e pretendo me afogar nela. Se vocês me derem licença.

Ele tirou o chapéu e passou pelas mesas da pastelaria para longe de nós. Coco ficou de pé. — Esse bastardo renegará assim que estiver fora de vista. Provavelmente nos entregará ao posto policial - ou pior, aos Chasseurs. Não sei por que você confia nele.

Permaneceu um ponto de discórdia em nossa amizade quando eu revelei minha verdadeira identidade para Bas. Meu nome verdadeiro. Não importa o que aconteceu depois de uma noite de uísque e beijos demais. Rasgando o último pão em um esforço para evitar o olhar de Coco, tentei não me arrepender da minha decisão.

O arrependimento não mudou nada. Eu não tinha escolha a não ser confiar nele agora. Estávamos ligados irrevogavelmente.

Ela suspirou em resignação. — Eu o seguirei. Você sai daqui. Nos reunimos no teatro em uma hora?

— É um encontro.

Deixei a pastelaria apenas alguns minutos depois de Coco e Bas. Embora dezenas de garotas se amontoassem do lado de fora, quase histéricas, com a perspectiva de ver o príncipe, foi um homem que bloqueou a porta.

Verdadeiramente enorme, ele se elevou sobre mim pela cabeça e pelos ombros, suas costas largas e braços poderosos pressionando contra a lã marrom de seu casaco. Ele também encarou a rua, mas não parecia que ele estava assistindo o desfile. Ele mantinha os ombros rígidos, pés plantados no chão como se estivesse se preparando para uma luta.

Limpei minha garganta e cutuquei o homem pelas costas. Ele não se mexeu. Eu o cutuquei novamente. Ele se mexeu um pouco, mas ainda não o suficiente para eu me espremer por ele.

Certo. Revirando os olhos, joguei meu ombro para o lado dele e tentei me colocar entre sua cintura e o batente da porta. Parece que ele sentiu *esse* contato, porque ele finalmente se virou - e me bateu no nariz com o cotovelo.

— Merda! — Apertando meu nariz, eu tropecei para trás e caí de costas pela segunda vez naquela manhã. Lágrimas traiçoeiras surgiram nos meus olhos. — O que diabos há de *errado* com você?

Ele estendeu a mão rapidamente. — Minhas desculpas, *monsieur*. Eu não vi você.

— Claramente. — Eu ignorei sua mão e me levantei. Limpando minha calça, passei por ele, mas ele mais uma vez bloqueou meu caminho. Seu casaco surrado se abriu com o movimento, revelando uma bandoleira presa ao peito. Facas de todas as formas e tamanhos brilhavam para mim, mas foi a faca embainhada contra seu coração que fez o meu cair como uma pedra. Brilhante e prateada, estava adornada com uma grande safira que brilhava ameaçadoramente em seu punho.

Chasseur.

Eu abaixei minha cabeça. Merda.

Inspirando profundamente, me forcei a permanecer calma. Ele não apresentava nenhum perigo para mim no meu disfarce atual. Eu não fiz nada de errado. Eu cheirava a canela, não mágica. Além disso - todos os homens não compartilhavam algum tipo de camaradagem tácita? Uma compreensão mútua de sua própria importância coletiva?

— Você está ferido, *monsieur*?

Certo. Hoje eu era *homem*. Eu poderia fazer isso.

Eu me forcei a olhar para cima.

Além de sua altura obscena, as primeiras coisas que notei foram os botões de latão em seu casaco - combinavam com o cobre e o ouro de seus cabelos, que brilhavam ao sol como um farol. Combinado com o nariz reto e a boca cheia, o fez inesperadamente bonito para um Chasseur. *Irritantemente* bonito. Eu não pude deixar de olhar. Os cílios grossos emolduravam os olhos da cor exata do mar.

Olhos que atualmente me olhavam com choque descarado.

Merda. Minha mão disparou para o bigode, que pendia do meu rosto por causa da queda.

Bem, tinha sido um esforço valente. E, embora os homens possam ser orgulhosos, as mulheres sabiam quando sair de uma situação ruim.

— Eu estou bem. — Eu abaixei minha cabeça rapidamente e tentei passar por ele, ansiosa agora para colocar a maior distância possível entre nós. Embora eu ainda não tivesse feito nada errado, não havia sentido em cutucar o destino. Às vezes ele cutucava de volta. — Apenas preste atenção aonde você vai da próxima vez.

Ele não se mexeu. — Você é uma mulher.

— Bem observado. — Novamente, tentei passar por ele, desta vez com um pouco mais de força do que o necessário, mas ele pegou meu cotovelo.

— Por que você está vestida como um homem?

— Você já usou um espartilho? — Virei-me para encará-lo, recolocando meu bigode com tanta dignidade quanto pude reunir. — Duvido que você faria uma pergunta dessas, se tivesse usado. As calças são infinitamente mais libertadoras.

Ele olhou para mim como se tivesse brotado um braço da minha testa. Eu olhei de volta para ele, e ele balançou a cabeça levemente, como se quisesse limpá-la. — Eu... Minhas desculpas, *mademoiselle*.

As pessoas estavam nos observando agora. Puxei com força o meu braço, o início de pânico flutuando no meu estômago. — Deixe-me *ir*...

Seu aperto apenas ficou mais forte. — Eu te ofendi de alguma forma?

Perdendo minha paciência completamente, me afastei dele com todas as minhas forças. — Você quebrou meu osso da bunda!

Talvez tenha sido minha vulgaridade que o chocou, mas ele me soltou como se eu tivesse o mordido, olhando-me com um desgosto à beira da repulsa. — Nunca ouvi uma dama falar isso em toda a minha vida.

Ah. Os Chasseurs eram homens santos. Ele provavelmente me considerou o diabo.

Ele não estaria errado.

Eu ofereci a ele um sorriso de gato quando me afastei, batendo meus cílios na minha melhor impressão de Babette. Quando ele não fez nenhum movimento para me parar, a tensão no meu peito diminuiu. — Você está passando tempo com as damas erradas, Chass.

— Você é uma cortesã, então?

Eu teria me irritado se não conhecesse várias cortesãs perfeitamente respeitáveis - Babette não necessariamente entre elas. Maldita extorsionista. Em vez disso, suspirei dramaticamente. — Infelizmente, não, e corações por toda a Cesarina estão partindo por causa disso.

Sua mandíbula se apertou. — Qual o seu nome?

Uma onda de aplausos estridentes me poupou de responder. A família real finalmente dobrou a esquina da nossa rua. O Chasseur virou por apenas um segundo, mas era tudo o que eu precisava. Deslizando atrás de um grupo de meninas particularmente entusiasmadas - elas gritaram o nome do príncipe em um tom que só os cães deveriam ter ouvido - eu desapareci antes que ele se virasse.

Cotovelos me empurraram de todos os lados, no entanto, e logo percebi que era simplesmente pequena demais - baixa demais, leve demais - para abrir caminho pela multidão. Pelo menos sem cutucar alguém com minha faca. Voltando alguns cutucões com os meus, procurei um terreno mais alto para esperar a procissão. Em algum lugar fora de vista.

Ali.

Com um salto, peguei o parapeito da janela de um antigo prédio de arenito, subi rapidamente pelo cano de esgoto e me puxei para o telhado. Apoiando os cotovelos na balaustrada, examinei a rua abaixo. Bandeiras douradas com o brasão da família real tremulavam em cada porta e vendedores vendiam comida em cada esquina. Apesar do cheiro de *batatas fritas,* salsichas e croissants de dar água na boca, a cidade ainda cheirava a peixe. Peixe e fumaça. Eu torci o nariz. Um dos prazeres de viver em uma triste península cinza.

Cesarina era a personificação de cinza. Casas cinza sujas estavam empilhadas umas sobre as outras como sardinha em lata, e ruas em ruínas atravessavam mercados cinzentos sujos e portos cinzentos ainda mais sujos. Uma nuvem sempre presente de fumaça da chaminé abrangia tudo.

Era sufocante, o cinza. Sem vida. Maçante.

Ainda assim, havia coisas piores na vida do que maçante. E havia piores tipos de fumaça que de chaminé.

Os aplausos chegaram ao clímax quando a família Lyon passou por baixo do meu prédio.

O rei Auguste acenou da carruagem dourada, cachos dourados soprando no vento do final do outono. Seu filho, Beauregard, sentado ao lado dele. Os dois não poderiam ser mais diferentes. Onde o primeiro era claro nos olhos e pele, o outro tinha os olhos encobertos, a pele amarelada e o cabelo preto favoreciam sua mãe. Mas seus sorrisos - ambos eram quase idênticos em charme.

Muito charmosos, na minha opinião. A arrogância exalava de seus próprios poros.

A esposa de Auguste fazia uma careta atrás deles. Eu não a culpo. Eu também teria feito uma careta se meu marido tivesse mais amantes do que dedos das mãos e pés - não que eu planejasse ter um marido. Eu seria amaldiçoada antes de me acorrentar com alguém em casamento.

Eu tinha acabado de me virar, já entediada, quando algo mudou na rua abaixo. Era uma coisa sutil, quase como se o vento tivesse mudado de direção no meio do curso. Um zumbido quase imperceptível ecoou nos paralelepípedos, e todo som da multidão - todo cheiro, gosto e toque - desapareceu no éter. O mundo parou. Eu me arrastei para trás, longe da borda do telhado, enquanto os cabelos do meu pescoço se arrepiavam. Eu sabia o que viria a seguir. Eu reconheci o leve toque de energia contra a minha pele, o familiar zumbido nos meus ouvidos.

Magia.

Então vieram os gritos.

Wicked Are the Ways of Women

Reid

O cheiro sempre seguia as bruxas. Doce e ervas, mas nítido - muito nítido. Como o incenso que o arcebispo queimou durante a missa, porém mais pungente. Embora anos se passaram desde que eu recebi minhas ordens sagradas, nunca me acostumei a isso. Mesmo agora - com apenas uma pitada na brisa - queimou todo o caminho na minha garganta. Me sufocando. Me provocando.

Eu detestava o cheiro de magia.

Deslizando a faca Balisarda do seu lugar perto do meu coração, eu examinei os foliões ao nosso redor. Jean Luc me lançou um olhar cauteloso. — Problema?

— Você não consegue sentir o cheiro? — Eu murmurei de volta. — É fraco, mas está lá. Elas já começaram.

Ele puxou sua própria Balisarda da bandoleira no peito. Suas narinas dilataram. — Eu vou alertar os outros.

Ele deslizou pela multidão sem outra palavra. Embora ele também não usasse uniforme, a multidão ainda se separava para ele como o Mar Vermelho para Moisés. Provavelmente a safira em sua faca. Sussurros o seguiram enquanto ele passava, e alguns dos foliões mais astutos olharam para mim. Os olhos deles se arregalaram. Realização desencadeou.

Chasseurs.

Suspeitamos desse ataque. A cada dia que passava, as bruxas ficavam mais inquietas - e era por isso que metade dos meus irmãos alinhava a rua de uniforme, e a outra metade - a metade vestida como eu - se escondia à vista da multidão. Esperando. Assistindo.

Caçando.

Um homem de meia idade se aproximou de mim. Ele segurava a mão de uma menina. Mesma cor dos olhos. Estrutura óssea semelhante. Filha.

— Estamos em perigo aqui, senhor? — Mais pessoas se viraram com a sua pergunta. Sobrancelhas franzidas. Olhos arregalados. A filha do homem estremeceu, franzindo o nariz e deixando cair a bandeira. Ela ficou no ar por um segundo a mais antes de cair no chão.

— Minha cabeça dói, papai, — ela sussurrou.

— Silêncio, criança. — Ele olhou para a faca na minha mão, e os músculos tensos ao redor dos olhos relaxaram. — Esse homem é um Chasseur. Ele nos manterá seguros. Não é, senhor?

Ao contrário de sua filha, ele ainda não tinha sentido o cheiro da magia. Mas ele sentiria. Em breve.

— Vocês precisam desocupar a área imediatamente. — Minha voz saiu mais nítida do que eu pretendia. A garotinha estremeceu novamente, e seu pai passou um braço em volta dos seus ombros. As palavras do arcebispo surgiram na minha cabeça. *Acalme-os, Reid. Você deve instalar calma e confiança, além de proteger*. Eu balancei minha cabeça e tentei novamente. — Por favor, *monsieur*, volte para casa. Salgue suas portas e janelas. Não saia novamente até...

Um grito penetrante cortou o resto das minhas palavras.

Todo mundo congelou.

— VÁ! — Empurrei o homem e sua filha para a pastelaria atrás de nós. Ele mal tropeçou pela porta antes que outros corressem para segui-lo, sem prestar atenção em ninguém que estivesse em seus caminhos. Corpos colidiram em todas as direções. Os gritos ao nosso redor se multiplicaram e risos não naturais ecoaram de todos os lugares ao mesmo tempo. Coloquei minha faca ao meu lado e percorri os foliões em pânico, tropeçando em uma mulher idosa.

— Cuidado. — Cerrei os dentes, pegando seus ombros frágeis antes que ela caísse. Olhos leitosos piscaram para mim, e um sorriso lento e peculiar tocou seus lábios secos.

— Deus te abençoe, jovem, — ela resmungou. Então ela se virou com graça artificial e desapareceu na horda de pessoas que passavam correndo. Levou alguns segundos para eu registrar o odor chato e carbonizado que ela deixou em seu rastro. Meu coração caiu como uma pedra.

— Reid! — Jean Luc estava na carruagem da família real. Dezenas dos meus irmãos o cercavam, safiras brilhando enquanto dirigiam cidadãos frenéticos para trás. Comecei a avançar - mas a multidão diante de mim se moveu e finalmente as vi.

Bruxas.

Elas planavam na rua com sorrisos serenos, cabelos ondulando com um vento inexistente. Três delas. Rindo enquanto corpos caíam ao redor delas com os movimentos mais simples de seus dedos.

Embora eu rezasse para que suas vítimas não estivessem mortas, eu sempre me perguntava se a morte era o destino mais gentil. Os menos afortunados acordavam sem lembranças de seu segundo filho, ou talvez com um apetite insaciável por carne humana. No mês passado, uma criança foi encontrada sem os olhos. Outro homem havia perdido a capacidade de dormir. Ainda outro passou o resto de seus dias buscando uma mulher que ninguém mais podia ver.

Cada caso é diferente. Cada um mais perturbador que o anterior.

— REID! — Jean Luc acenou com os braços, mas eu o ignorei. O mal-estar bateu rapidamente além do pensamento consciente, enquanto eu observava as bruxas avançarem na família real. Lentamente, sem pressa, apesar do batalhão de Chasseurs correndo na direção delas. Corpos subiram

como marionetes, formando um escudo humano em torno das bruxas. Eu assisti horrorizado quando um homem pulou para frente e se empalou na Balisarda de um dos meus irmãos. As bruxas gargalharam e continuaram contorcendo os dedos de maneiras não naturais. A cada contração, um corpo indefeso se erguia. Marionetistas.

Não fazia sentido. As bruxas operavam em segredo. Elas atacavam das sombras. Tal consciência da parte delas - tal *exibição* - certamente era tolice. A menos que...

A menos que tivéssemos perdido de vista o quadro maior.

Eu corri em direção aos prédios de arenito à minha direita para ver um poleiro sobre a multidão. Agarrando a parede com dedos trêmulos, forcei meus membros a subirem. Cada pedra sem caroço parecia cada vez mais alta que a anterior - agora embaçada. Girando. Meu peito apertou. Sangue batia nos meus ouvidos. *Não olhe para baixo. Continue olhando para cima...*

Um rosto familiar de bigode apareceu por cima da borda do telhado. Olhos azul esverdeados. Nariz sardento. A garota da pastelaria.

— Merda, — disse ela. Então ela sumiu de vista.

Eu me concentrei no local onde ela desapareceu. Meu corpo se moveu com um propósito renovado. Em segundos, eu me puxei sobre a borda, mas ela já estava pulando para o próximo telhado. Ela apertou o chapéu com uma mão e levantou o dedo do meio com a outra. Eu fiz uma careta. A pequena pagã não era da minha conta, apesar de seu desrespeito descarado.

Eu me virei para olhar para baixo, segurando a borda de apoio quando o mundo se inclinou e girou.

Pessoas invadiram as lojas que ladeavam as ruas. Muitos. Demais. Os lojistas esforçavam-se para manter a ordem quando os mais próximos das portas eram pisoteados. O dono da pastelaria conseguiu bloquear sua própria porta. Os que ficaram do lado de fora gritavam e batiam nas janelas enquanto as bruxas se aproximavam.

Examinei a multidão em busca de qualquer coisa que perdemos. Mais de vinte corpos circulavam o ar ao redor das bruxas agora - alguns inconscientes, cabeças pendendo e outros dolorosamente acordados. Um homem estava pendurado de braços abertos, como se estivesse algemado a uma cruz imaginária. A fumaça subiu de sua boca, que se abria e fechava em gritos silenciosos. As roupas e os cabelos de outra mulher flutuavam ao redor dela como se ela estivesse debaixo d'água, e ela agarrava o ar impotente. Rosto ficando azul. Afogando.

A cada novo horror, mais Chasseurs avançavam.

Eu podia ver o desejo feroz de proteger em seus rostos, mesmo à distância. Mas, na pressa de ajudar os desamparados, haviam esquecido nossa verdadeira missão: a família real. Agora apenas quatro homens cercavam a carruagem. Dois Chasseurs. Dois guardas reais. Jean Luc segurou a mão da rainha quando o rei berrou ordens - para nós, para sua

guarda, para quem quisesse ouvir -, mas o barulho tumultuado engoliu cada palavra.

Nas costas deles, insignificante em todos os sentidos, rastejava a bruxa.

A realidade da situação passou por mim, roubando meu fôlego. As bruxas, as maldições - eram todas uma performance. Uma *distração*.

Sem parar para pensar, para reconhecer a distância aterradora do chão, peguei o cano de escoamento e saltei sobre a borda do telhado. O cano chiou e cedeu sob o meu peso. No meio do caminho, ele se separou completamente do arenito. Eu pulei com o coração firme na garganta e preparei-me para o impacto. Uma dor aguda irradiou nas minhas pernas quando eu bati no chão, mas não parei.

— Jean Luc! Atrás de você!

Ele girou para olhar para mim, os olhos pousando na bruxa no mesmo segundo que os meus. Compreensão desceu em mim. — Abaixe-se! — Ele derrubou o rei no chão da carruagem. Os Chasseurs restantes correram até a carruagem ao seu grito.

A bruxa olhou por cima do ombro curvado para mim, o mesmo sorriso peculiar se espalhando por seu rosto. Ela sacudiu o pulso e o cheiro enjoativo ao nosso redor se intensificou. Uma rajada de ar disparou de suas pontas dos dedos, mas a mágica não pôde nos tocar. Não com nossas Balisardas. Cada uma delas foram forjadas com uma gota fundida da relíquia sagrada original de São Constantino, tornando-nos imunes à magia das bruxas. Senti o ar doce e doentio passar correndo, mas não fez nada para me deter. Nada para deter meus irmãos.

Os guardas e cidadãos mais próximos de nós não tiveram tanta sorte. Eles voaram para trás, colidindo com a carruagem e as lojas que ladeavam a rua. Os olhos da bruxa brilharam com triunfo quando um dos meus irmãos abandonou seu posto para ajudá-los. Ela se moveu rapidamente - rápido demais para ser natural - em direção à porta da carruagem. O rosto incrédulo do príncipe Beauregard apareceu acima dela na comoção. Ela rosnou para ele, a boca torcendo. Eu a derrubei no chão antes que ela pudesse levantar as mãos.

Ela lutou com a força de uma mulher com metade da idade dela - de um *homem* com metade da idade dela - chutando, mordendo e atingindo cada centímetro de mim que ela pudesse alcançar. Mas eu era muito pesado. Eu a sufoquei com meu corpo, puxei suas mãos acima da cabeça o suficiente para deslocar seus ombros. Apertei minha faca na garganta dela.

Ela parou quando eu abaixei minha boca em sua orelha. A lâmina pressionou mais fundo. — Que Deus tenha piedade de sua alma.

Ela riu então - uma grande gargalhada que sacudiu todo o seu corpo. Eu fiz uma careta, inclinando-me para trás e congelei. A mulher abaixo de mim não era mais uma bruxa. Eu assisti horrorizado quando seu rosto antigo se transformou na pele lisa de porcelana. Enquanto seus cabelos quebradiços fluíam grossos e desciam pelos ombros.

Ela olhou para mim através dos olhos encapuzados, os lábios se abrindo enquanto ela levantava o rosto para o meu. Eu não conseguia pensar - não conseguia me mexer, nem sabia se eu *queria* - mas de alguma forma consegui me afastar antes que seus lábios roçassem os meus.

E foi quando eu senti.

A forma firme e arredondada de sua barriga pressionou no meu estômago.

Ah, Deus.

Todo pensamento esvaziou da minha cabeça. Eu pulei para trás - para longe dela, longe da *coisa* - e me levantei. Os gritos à distância vacilaram. Os corpos no chão se mexeram. A mulher levantou-se lentamente.

Agora vestida de vermelho-sangue profundo, ela colocou a mão em seu útero inchado e sorriu.

Seus olhos esmeraldas voaram para a família real, que se agachava na carruagem, pálidos e de olhos arregalados. Assistindo. — Nós *iremos* recuperar a nossa pátria, Majestades, — ela cantarolou. — Vez após vez, nós o avisamos. Vocês não deram ouvidos às nossas palavras. Em breve, dançaremos em cima de suas cinzas, assim como vocês fizeram nas de nossos ancestrais.

Os olhos dela encontraram os meus. A pele de porcelana cedeu mais uma vez, e os cabelos negros ressecaram em mechas finas de prata. Não era mais a linda mulher grávida. Novamente a bruxa. Ela piscou para mim. O gesto foi arrepiante em seu rosto abatido. — Deveríamos fazer isso novamente em breve, lindo.

Não consegui falar. Eu nunca tinha visto tanta magia negra antes - tanta profanação do corpo humano. Mas bruxas não eram humanas. Eles eram víboras. Demônios encarnados. E eu tinha quase...

Seu sorriso sem dentes se alargou como se ela pudesse ler minha mente. Antes que eu pudesse me mover - antes que eu pudesse desembainhar minha lâmina e mandá-la de volta para o Inferno, onde ela pertencia - ela girou nos calcanhares e desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Mas não antes de me mandar um beijo.

Um tapete verde grosso abafou meus passos no escritório do arcebispo horas depois. Painéis de madeira ornamentados cobriam as janelas das paredes da sala. Uma lareira lançava luz tremeluzente sobre os papéis espalhados sobre sua mesa. Já sentado atrás dela, o arcebispo fez um gesto para eu sentar em uma das cadeiras de madeira à sua frente.

Eu sentei. Me forcei a encontrar seu olhar. Ignorei a humilhação ardente em meu intestino.

Embora o rei e sua família tivessem escapado ilesos do desfile, muitos outros não tiveram a mesma sorte. Dois haviam morrido - uma garota na mão do irmão e outra na sua. Outras dezenas não sofreram ferimentos visíveis, mas estavam presas às camas dois andares acima. Gritando.

Falando em línguas. Olhando para o teto sem piscar. Vazios. Os padres fizeram o que podiam por eles, mas a maioria seria transportada para o asilo em quinze dias. Não havia muita coisa que a medicina humana poderia fazer por aqueles infligidos com bruxaria.

O arcebispo me examinou com dedos entremeados. Olhos de aço. Boca dura. Listras prateadas nas têmporas. — Você fez bem hoje, Reid.

Eu fiz uma careta, me mexendo na minha cadeira. — Perdão senhor?

Ele sorriu sombriamente e se inclinou para frente. — Se não fosse por você, as baixas teriam sido muito maiores. O rei Auguste está em dívida com você. Ele canta seus louvores. — Ele apontou para um envelope em sua mesa. — Na verdade, ele planeja fazer um baile em sua homenagem.

Minha vergonha ardia mais quente. Com pura força de vontade, consegui abrir os punhos. Eu não merecia elogios de ninguém - nem do rei, e principalmente do meu patriarca. Eu falhei com eles hoje. Quebrei a primeira regra de meus irmãos: *Não permitirás que uma bruxa viva*.

Eu permiti quatro.

Pior - na verdade - eu queria...

Estremeci na minha cadeira, incapaz de terminar o pensamento. — Eu não posso aceitar, senhor.

— E por que não? — Ele arqueou uma sobrancelha escura, recostando-se mais uma vez. Encolhi-me sob seu escrutínio. — Você sozinho se lembrou da sua missão. Você sozinho reconheceu a bruxa pelo que era.

— Jean Luc...

Ele acenou com a mão impaciente. — Sua humildade é notada, Reid, mas você não deve assumir falsa modéstia. Você salvou vidas hoje.

— Eu... Senhor, eu… — Engasgando com as palavras, eu olhei resolutamente para minhas mãos. Elas estavam em punhos no meu colo mais uma vez.

Como sempre, o arcebispo entendeu sem explicação. — Ah... Sim. — Sua voz ficou suave. Eu olhei para cima para encontrá-lo me olhando com uma expressão inescrutável. — Jean Luc me contou sobre o seu infeliz encontro.

Embora as palavras fossem leves, ouvi a decepção por trás delas. A vergonha cresceu e caiu dentro de mim mais uma vez. Eu abaixei minha cabeça. — Me desculpe senhor. Não sei o que aconteceu comigo.

Ele deu um grande suspiro. — Não se preocupe, filho. Amaldiçoados são os modos das mulheres - e especialmente uma bruxa. A artimanha delas não tem limites.

— Perdoe-me, senhor, mas nunca vi tanta magia antes. A bruxa - era uma velha, mas ela... Mudou. — Eu olhei para os meus punhos novamente. Determinado a divulgar as palavras. — Ela se transformou em uma mulher bonita. — Respirei fundo e olhei para cima, mandíbula cerrada. — Uma linda mulher grávida.

Os lábios dele se contraíram. — A mãe.

— Perdão, senhor?

Ele se levantou, cruzando as mãos atrás dele e começou a andar. — Você esqueceu os ensinamentos sacrílegos das bruxas, Reid?

Balancei minha cabeça bruscamente, com os ouvidos ardendo, e lembrei dos diáconos severos da minha infância. A escassa sala de aula perto do santuário. A Bíblia desbotada em minhas mãos.

As bruxas não adoram nosso Senhor e Salvador, nem reconhecem a santa trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. Elas glorificam outra trindade - uma trindade idólatra. A Deusa Tripla.

Mesmo se não tivesse crescido na Igreja, todo Chasseur aprendeu a má ideologia das bruxas antes de fazer seus votos.

— Donzela, Mãe e Anciã, — murmurei.

Ele assentiu com aprovação, e uma satisfação calorosa se espalhou por mim. — Uma personificação da feminilidade no ciclo de nascimento, vida e morte... Entre outras coisas. É uma blasfêmia, é claro. — Ele bufou e balançou a cabeça. — Como se Deus pudesse ser uma mulher.

Eu fiz uma careta, evitando os olhos dele. — Claro, senhor.

— As bruxas acreditam que sua rainha, La Dame des Sorcières, foi abençoada pelas deusas. Elas acreditam que ela - *aquilo* - pode se transformar nas formas da Trindade à vontade. — Ele fez uma pausa, boca apertada enquanto ele olhava para mim. — Hoje, acredito que você encontrou a La Dame des Sorcières.

Eu fiquei boquiaberto com ele. — Morgane Le Blanc?

Ele assentiu secamente. — A mesma.

— Mas senhor...

— Isso explica a tentação. Sua incapacidade de controlar sua natureza mais baixa. La Dame des Sorcières é incrivelmente poderosa, Reid, particularmente naquela forma. As bruxas afirmam que a Mãe representa fertilidade, satisfação e... Sexualidade. — Seu rosto se contorceu de nojo, como se a palavra deixasse um gosto amargo em sua boca. — Um homem menor do que você teria sucumbido.

Mas eu queria. Meu rosto queimava o suficiente para causar dor física quando o silêncio desceu entre nós. Passos soaram, e a mão do arcebispo caiu no meu ombro. — Tire isso da sua mente, para que a criatura não envenene seus pensamentos e corrompa seu espírito.

Engoli em seco e me forcei a olhá-lo. — Eu não vou falhar com você novamente, senhor.

— Eu sei. — Sem hesitação. Sem incerteza. O alívio inchou no meu peito. — Esta vida que escolhemos - a vida de autocontrole, de temperança - não é sem dificuldades. — Ele apertou meu ombro. — Nós somos humanos. Desde o início dos tempos, esse tem sido o sofrimento dos homens - ser tentado pelas mulheres. Mesmo dentro da perfeição do Jardim do Éden, Eva seduziu Adão ao pecado.

Quando eu não disse nada, ele soltou meu ombro e suspirou. Cansado, agora. — Leve esse assunto ao Senhor, Reid. Confesse, e Ele irá absorver

você. E se... Com o tempo... Você não conseguir superar essa aflição, talvez devamos procurar uma esposa para você.

Suas palavras atingiram meu orgulho - minha honra - como um golpe. A raiva passou por mim. Com força. Rápida. Doente. Apenas um punhado de meus irmãos havia tomado esposas desde que o rei havia encomendado nossa santa ordem, e a maioria finalmente abandonou suas posições e deixou a Igreja.

Ainda assim... Houve uma vez que eu considerei isso. Ansiava por isso, até. Mas não mais.

— Isso não será necessário, senhor.

Como se sentisse meus pensamentos, o arcebispo continuou cautelosamente. — Eu não preciso lembrá-lo de suas transgressões anteriores, Reid. Você sabe muito bem que a Igreja não pode forçar nenhum homem a prometer o celibato - nem mesmo um Chasseur. Como Pedro disse: 'Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo'. Se é seu desejo se casar, nem seus irmãos nem eu podemos impedi-lo. — Ele fez uma pausa, me observando de perto. — Talvez a jovem mademoiselle Tremblay ainda o tenha?

O rosto de Célie brilhou brevemente em minha mente com suas palavras. Delicado. Lindo. Seus olhos verdes se encheram de lágrimas. Eles encharcaram o tecido preto de seu vestido de luto.

Você não pode me dar seu coração, Reid. Eu não posso ter isso em minha consciência.

Célie, por favor...

Aqueles monstros que assassinaram Pip ainda estão lá fora. Elas devem ser punidas. Não vou distraí-lo do seu propósito. Se você deve doar seu coração, o entregue à sua irmandade. Por favor, por favor, esqueça-me.

Eu nunca poderia te esquecer.

Você deve.

Afastei a memória antes que ela me consumisse.

Não. Eu nunca me casaria. Após a morte de sua irmã, Célie deixou isso bem claro.

— 'Digo, porém, aos solteiros e às viúvas', — finalizei, minha voz baixa e uniforme: — ‘É bom que permaneçam como eu’. — Olhei atentamente para os punhos no meu colo, ainda de luto por um futuro - uma família - que eu nunca teria. — Por favor, senhor... Não pense que eu arriscaria meu futuro dentro dos Chasseurs, entrando no matrimônio. Não desejo nada além de agradar a Deus... E você.

Eu olhei para ele então, e ele me ofereceu um sorriso sombrio. — Sua devoção ao Senhor me agrada. Agora, pegue minha carruagem. Tenho que ir para o castelo para o baile do príncipe. Loucura, se você me perguntar, mas Auguste mima o filho...

Uma batida na porta fraca interrompeu o resto de suas palavras. Seu sorriso desapareceu com o som, e ele assentiu uma vez, me dispensando. Eu fiquei de pé enquanto ele andava em volta de sua mesa. — Entre.

Um iniciado jovem e rebelde entrou. Ansel. Dezesseis anos. Orfão desde bebê, como eu. Eu o conheci apenas brevemente durante a infância, embora nós dois tivéssemos sido criados na Igreja. Ele era jovem demais para fazer companhia para mim e Jean Luc.

Ele se curvou, seu punho direito cobrindo seu coração. — Desculpe interromper, Vossa Eminência. — Sua garganta tremeu quando ele estendeu uma carta. — Mas você tem uma correspondência. Uma mulher acabou de deixar na porta. Ela acredita que uma bruxa estará em West End hoje à noite, senhor, perto de Brindelle Park.

Eu congelo. Era onde Célie morava.

— Uma mulher? — O arcebispo franziu a testa e se inclinou para frente, pegando a carta. O selo foi pressionado na forma de uma rosa. Ele procurou em suas vestes uma faca fina para abri-la. — Quem?

— Eu não sei, Vossa Eminência. — Rosa tingiu as bochechas de Ansel. — Ela tinha cabelos ruivos brilhantes e era muito… — ele tossiu e olhou para as botas dele, — muito bonita.

A carranca do arcebispo se aprofundou quando ele abriu o envelope. — Não adianta insistir na beleza terrena, Ansel, — ele repreendeu, voltando sua atenção para a carta. — Espero vê-lo na confissão amanhã… — Seus olhos se arregalaram com o que ele leu.

Eu me aproximei. — Senhor?

Ele me ignorou, os olhos ainda fixos na folha. Dei outro passo em sua direção e sua cabeça se levantou. Ele piscou rapidamente. — Eu… — Ele balançou a cabeça e limpou a garganta, voltando o olhar para a carta.

— Senhor? — Eu repeti.

Ao som da minha voz, ele cambaleou até a lareira e jogou a carta nas chamas. — Eu estou bem, — ele retrucou, cruzando as mãos atrás das costas. Elas tremiam. — Não se preocupe.

Mas eu me preocupei. Eu conhecia o arcebispo melhor do que ninguém - e ele não tremia. Eu olhei para a lareira, onde a carta se desintegrou em cinzas negras. Minhas mãos se fecharam em punhos. Se uma bruxa tivesse alvejado Célie como fez com Filippa, eu a rasgaria no meio. Ela imploraria pelas chamas antes que eu terminasse com ela.

Como se sentisse meu olhar, o arcebispo se virou para mim. — Monte uma equipe, capitão Diggory. — Sua voz estava mais firme agora. Com mais coragem. Seu olhar voltou para a lareira e sua expressão endureceu. — Embora eu duvide sinceramente da validade da alegação dessa mulher, devemos manter nossos votos. Pesquise a área. Me informe imediatamente.

Eu coloquei um punho sobre o meu coração, fiz uma reverência e me movi em direção à porta, mas a mão dele serpenteou e pegou meu braço. Não tremia mais. — Se uma bruxa está de fato em West End, traga-a de volta *viva*.

Assentindo, me inclinei mais uma vez. Resoluto. Uma bruxa não precisava de todos os seus membros para continuar vivendo. Nem precisava da cabeça. Até serem queimadas, as bruxas poderiam se reanimar. Eu não

violaria nenhuma das regras do arcebispo. E se trazer de volta uma bruxa *viva* aliviaria a súbita angústia do arcebispo, eu traria de volta três. Para ele. Para Célie. Para *mim*.

— Considere isso feito.

The Heist

Lou

Vestimos nossas roupas às pressas no Soleil et Lune naquela noite. Nosso refúgio seguro, o sótão do teatro fornecia um repositório interminável de disfarces - vestidos, capas, perucas, sapatos e até roupas íntimas de todos os tamanhos, formas e cores. Hoje à noite, Bas e eu passeamos a luz da lua como um jovem casal apaixonado, vestidos com tecidos ricos e suntuosos de aristocratas - enquanto Coco seguia atrás como uma escolta.

Eu me aconcheguei em seu braço musculoso e o lancei um olhar de adoração. — Obrigada por nos ajudar.

— Ah, Louey, você sabe como eu não gosto dessa palavra. *A ajuda* implica que estou lhe fazendo um favor.

Eu sorri, revirando os olhos. — Deus não permita que você faça qualquer coisa pela bondade do seu coração.

— Não há bondade no meu coração. — Piscando maliciosamente, Bas me puxou para mais perto e se inclinou para sussurrar no meu ouvido. Sua respiração estava muito quente no meu pescoço. — Apenas ouro.

Certo. Eu lhe dei uma cotovelada em um gesto aparentemente inocente e me afastei. Após o desfile de pesadelos, passamos a maior parte da tarde traçando o caminho através das defesas de Tremblay, que confirmamos após uma rápida visita à sua casa. O primo de Bas morava perto de Tremblay, então, esperançosamente, nossa presença não despertou suspeita.

Foi exatamente como Bas descreveu: um gramado fechado com rotações de guarda a cada cinco minutos. Ele me garantiu que guardas adicionais seriam postados lá dentro, além de cães treinados para matar. Embora os funcionários de Tremblay provavelmente estivessem dormindo quando forçarmos a entrada, eles eram uma variável adicional sobre a qual não tínhamos controle. E havia a questão de localizar o cofre - um feito que poderia levar dias, e só tínhamos algumas horas antes de Tremblay voltar para casa.

Engolindo em seco, mexi na minha peruca - loira, em um coque alto cheio de pomada - e reajustei a fita de veludo na minha garganta. Sentindo minha ansiedade, Coco tocou sua mão nas minhas costas. — Não fique nervosa, Lou. Você vai ficar bem. As árvores de Brindelle vão mascarar a mágica.

Eu balancei a cabeça e forcei um sorriso. — Certo. Eu sei.

Ficamos em silêncio quando entramos na rua de Tremblay, e as árvores etéreas e finas do Brindelle Park brilhavam suavemente ao nosso lado.

Centenas de anos atrás, as árvores haviam servido como bosque sagrado para meus ancestrais. Quando a Igreja assumiu o controle de Belterra, no entanto, as autoridades tentaram queimá-las - e falharam espetacularmente. As árvores haviam crescido com força total. Em poucos dias, elas se elevavam acima da terra mais uma vez, e os colonos foram forçados a construir ao redor delas. A magia delas ainda ecoava no chão sob meus pés, antiga e inalterada.

Depois de um momento, Coco suspirou e tocou minhas costas novamente. Quase com relutância. — Mas você *precisa* ser cuidadosa.

Bas virou a cabeça para encará-la, franzindo as sobrancelhas. — Perdão?

Ela o ignorou. — Há algo... Esperando por você no Tremblay. Pode ser o anel, mas pode ser outra coisa. Não consigo ver direito.

— O quê? — Eu parei, girando para encará-la. — O que você quer dizer?

Ela me encarou com uma expressão de dor. — Eu te disse. Eu não consigo *ver*. Está tudo nebuloso e instável, mas algo definitivamente está lá. — Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça enquanto me estudava - ou melhor, enquanto ela estudava algo que eu não podia ver. Algo quente, molhado e fluindo logo abaixo da minha pele. — *Pode* ser malévolo, mas não acho que o que quer que seja irá prejudicá-la. Porém, é definitivamente poderoso.

— Por que você não me contou isso antes?

— Porque eu não podia ver isso antes.

— Coco, estamos planejando isso o *dia todo...*

— Eu não faço as regras, Lou, — ela retrucou. — Tudo o que posso ver é o que seu sangue me mostra.

Apesar dos protestos de Bas, Coco insistiu em espetar nossos dedos antes de sairmos. Eu não tinha me importado. Como Dame Rouge, Coco não canalizou sua magia através da terra como eu e os outros Dames Blanches. Não, sua magia vem de dentro.

Vem do sangue.

Bas passou uma mão agitada pelo cabelo. — Talvez devêssemos ter recrutado outra bruxa de sangue para a nossa causa. Babette poderia ter sido mais adequada...

— Como o inferno, — rosnou Coco.

— Podemos confiar em Babette tanto quanto podemos jogá-la, — acrescentei.

Ele nos olhou com curiosidade. — No entanto, você confiou a ela o conhecimento dessa missão crítica...

Eu bufei. — Só porque nós a pagamos.

— Além disso, ela me deve. — Com um olhar de nojo, Coco reorganizou sua capa contra a brisa fresca do outono. — Ajudei-a a se habituar em Cesarina quando ela deixou o clã de sangue, mas isso foi há mais de um ano. Não estou disposta a testar mais a lealdade dela.

Bas acenou para a brisa agradavelmente, esboçando um sorriso e falando entre dentes. — Sugiro que adiemos essa conversa. Não quero ser assado no

espeto hoje à noite.

— *Você* não assaria, — eu murmurei quando retomamos nosso passeio. — Você não é uma bruxa.

— Não, — ele admitiu, assentindo pensativamente, — embora fosse útil. Sempre achei injusto vocês, mulheres, se divertirem.

Coco chutou uma pequena pedra perdida em suas costas. — Porque a perseguição é um verdadeiro deleite.

Ele virou-se para fazer uma careta para ela, chupando a ponta do dedo indicador, onde a picada do alfinete ainda estava pouco visível. — Sempre a vítima, não é, querida?

Eu dei uma cotovelada nele novamente. Mais forte desta vez. — Cale a boca, Bas.

Quando ele abriu a boca para discutir, Coco deu um sorriso felino. — Cuidado. Eu ainda tenho seu sangue no meu sistema.

Ele olhou para ela com indignação. — Só porque você me forçou!

Ela deu de ombros, completamente sem vergonha. — Eu precisava ver se algo interessante aconteceria com você hoje à noite.

— E? — Bas olhou para ela com expectativa. — Acontecerá?

— Você não gostaria de saber, não é?

— Inacreditável! Por favor, diga, qual era o *sentido* de permitir que você sugasse meu sangue se você não estava pensando em compartilhar...

— Eu já te disse. — Ela revirou os olhos, fingindo tédio e examinando uma cicatriz no pulso. — Só vejo trechos e o futuro está sempre mudando. Adivinhação não é realmente o meu forte. Agora, minha tia, ela pode ver milhares de possibilidades com apenas um gostinho...

— Fascinante. Você não pode imaginar o quanto eu gosto dessas pequenas e aconchegantes conversas, mas prefiro *não* aprender as especificidades de adivinhar o futuro pelo sangue. Tenho certeza que você me entende.

— Foi você quem disse que seria útil ser uma bruxa, — apontei.

— Eu estava sendo cavalheiresco!

— Oh, por favor. — Coco bufou e chutou outra pedrinha para ele, sorrindo quando o atingiu diretamente no peito. — Você é a pessoa menos cavalheiresca que eu conheço.

Ele olhou com os olhos estreitos para nós, tentando e falhando em reprimir nossa risada. — Então essa é minha recompensa por ajudá-las. Talvez eu deva voltar para a casa de meu primo, afinal.

— Oh, cale a boca, Bas. — Eu belisquei seu braço, e ele virou seu olhar triste para mim. Eu mostrei minha língua para ele. — Você concordou em nos ajudar, e não é como se você não estivesse embolsando sua parte. Além disso, ela só teve uma gota. Logo estará fora do sistema dela.

— Acho bom.

Em resposta, Coco estalou um dedo, e Bas amaldiçoou e se sacudiu como se suas calças estivessem pegassem fogo. — Isso *não é engraçado*.

Eu ri de qualquer maneira.

Muito rápido, a casa de Tremblay apareceu à nossa frente. Construída com uma bela pedra pálida, pairava sobre as dos seus vizinhos ricamente criados, embora desse a nítida impressão de opulência perdida. O verde rastejava firmemente pela fundação, e o vento chicoteava folhas mortas pelo gramado fechado. Hortênsias e rosas marrons pontilhavam os canteiros - ao lado de uma laranjeira escandalosamente exótica. Os espólios de seu comércio no mercado negro.

Gostaria de saber se Filippa gostava de laranjas.

— Você tem o sedativo? — Bas sussurrou para Coco. Ela se aproximou de nós e assentiu, retirando um pacote de sua capa. — Que bom. Você está pronta, Lou?

Eu o ignorei e agarrei o braço de Coco. — Você tem *certeza* deque não matará os cães?

Bas rosnou impaciente, mas Coco o silenciou com outro movimento do dedo. Ela assentiu mais uma vez antes de tocar uma unha afiada no antebraço. — Uma gota do meu sangue no pó para cada cachorro. É apenas lavanda seca, — acrescentou ela, levantando o pacote. — Isso os fará dormir.

Soltei o braço dela, assentindo. — Certo. Vamos lá.

Levantando o capuz da minha capa, fui silenciosamente até a cerca de ferro que revestia a propriedade. Embora eu não pudesse ouvir os passos deles, eu sabia que os outros se arrastavam atrás de mim, mantendo-se perto das sombras dos arbustos.

A fechadura do portão era simples e forte, feita do mesmo ferro que a cerca. Eu respirei fundo. Eu poderia fazer isso. Fazia dois anos, mas certamente, *certamente*, eu poderia quebrar uma simples fechadura. Enquanto eu a examinava, um cordão de ouro cintilante subiu do chão e a envolveu. A corda pulsou por apenas um segundo antes de serpentear ao redor do meu dedo indicador também, nos ligando. Suspirei de alívio - depois respirei fundo para fortalecer meus nervos. Como se sentisse minha hesitação, mais dois cordões apareceram e flutuaram para onde Coco e Bas esperavam, desaparecendo em cada um de seus peitos. Eu fiz uma careta para as pequenas coisas diabólicas.

Você não pode conseguir em troco de nada, sabe, uma voz repugnante na parte de trás da minha cabeça sussurrou. *Uma quebra por uma quebra. Seu osso pela fechadura... ou talvez o seu relacionamento. A natureza exige equilíbrio.*

A natureza poderia ir pra merda.

— Algo está errado? — Bas avançou cautelosamente, seus olhos disparando entre mim e o portão, mas ele não podia ver os cordões dourados como eu. Os padrões existiam apenas dentro da minha mente. Eu me virei para olhá-lo, um insulto já subindo para a minha língua.

Seu covarde sem valor. Claro que eu não poderia te amar.

Você já se apaixonou por si mesmo.

E você é terrível na cama.

A cada palavra, o fio entre ele e a fechadura pulsava mais forte. Mas... não. Eu me movi antes que eu pudesse reconsiderar, torcendo meu dedo bruscamente. Dor atravessou minha mão. Por entre os dentes cerrados, vi os fios desaparecerem, retornando à terra em um turbilhão de poeira dourada. A satisfação selvagem me invadiu quando a fechadura se abriu em resposta.

Eu tinha feito isso.

A primeira fase do meu trabalho foi concluída.

Não parei para comemorar. Em vez disso, abri o portão às pressas - tomando cuidado para evitar meu dedo indicador, que agora estava em um ângulo estranho - e fui para o lado. Coco passou correndo por mim em direção à porta da frente, Bas seguindo de perto.

Antes, tínhamos determinado que Tremblay empregava seis guardas para patrulhar a casa. Três seriam postados lá dentro, mas Bas cuidaria deles. Ele tinha bastante habilidade com facas. Estremeci e me arrastei para o gramado. Meus alvos ao ar livre sofreriam um destino muito mais gentil. Esperançosamente.

Nem um momento se passou antes que o primeiro guarda contornasse a casa. Eu não me incomodei em me esconder, em vez disso joguei meu capuz para trás e capturei seu olhar. Ele viu o portão aberto primeiro e imediatamente pegou sua espada. Suspeita e pânico entraram em seu rosto quando ele examinou o quintal em busca de algo errado - e me viu. Enviando uma oração silenciosa, sorri.

— Olá. — Uma dúzia de vozes falaram dentro da minha, e a palavra saiu estranha e adorável, amplificada pela presença persistente das minhas ancestrais. Suas cinzas, há muito absorvidas pela terra até que elas *eram* a terra - e o ar e as árvores e as águas - vibravam debaixo de mim. Através de mim. Meus olhos brilhavam mais do que o habitual. Minha pele reluzia brilhante ao luar.

Uma expressão onírica cruzou o rosto do homem quando ele olhou para mim, e a mão em sua espada relaxou. Eu acenei para ele chegar mais perto. Ele obedeceu, caminhando em minha direção como se estivesse em transe. Apenas a alguns passos de distância, ele parou, ainda me encarando.

— Você vai esperar comigo? — Perguntei na mesma voz estranha. Ele assentiu. Seus lábios se separaram um pouco, e eu senti seu pulso acelerar sob o meu olhar. Cantando para mim. Me sustentando. Continuamos olhando um para o outro até o segundo guarda aparecer. Eu olhei para ele e repeti todo o processo delicioso. Quando o terceiro guarda apareceu, minha pele brilhava mais que a lua.

— Vocês foram tão gentis. — Estendi minhas mãos para eles em súplica. Eles me observaram avidamente. — Sinto muito pelo que estou prestes a fazer.

Fechei os olhos, concentrando-me e o ouro explodiu atrás das minhas pálpebras em uma teia infinita e intrincada. Peguei uma mecha e a segui até a memória do rosto de Bas - a cicatriz, a noite apaixonada que passamos juntos. Uma troca. Fechei minhas mãos em punhos, e a memória

desapareceu quando o mundo se inclinou para trás das minhas pálpebras. Os guardas caíram no chão, inconscientes.

Desorientada, abri meus olhos lentamente. A teia se dissipou. Meu estômago revirou e eu vomitei no ramo de rosas.

Eu provavelmente ficaria lá a noite toda - suando e vomitando com o ataque da minha magia reprimida - se não tivesse ouvido o gemido suave dos cães de Tremblay. Coco deve ter encontrado eles. Limpando a boca na manga, me sacudi mentalmente e me arrastei em direção à porta da frente. Esta noite não era a noite para sensibilidades.

O silêncio encobriu o interior da casa. Onde quer que Bas e Coco tivessem ido, eu não os ouvia. Rastejando mais para dentro do salão de entrada, fiz um balanço do meu entorno: as paredes escuras, os móveis finos, as inúmeras bugigangas. Grandes tapetes em padrões turvos cobriam o chão de mogno, e tigelas de cristal, travesseiros com borlas e pufes de veludo espalhavam-se por todas as superfícies. Tudo muito entediante, na minha opinião. Desordenado. Eu desejava rasgar as pesadas cortinas de suas hastes e deixar entrar a luz prateada da lua.

— *Lou*. —O assobio de Bas emanou da escada, e eu quase pulei para fora da minha pele. O aviso de Coco voltou à vida com uma clareza assustadora. *Há algo esperando por você no Tremblay*. — Pare de sonhar acordada e suba aqui.

— Tecnicamente, estou *pensando* acordada. — Ignorando o frio na espinha, eu meio que corri para me juntar a ele.

Para minha surpresa - e deleite - Bas encontrou uma alavanca na moldura de um grande retrato no escritório de Tremblay: uma jovem mulher com olhos verdes penetrantes e cabelos negros. Eu toquei seu rosto, me desculpando. — Filippa. Quão previsível.

— Sim. — Bas apertou a alavanca e o retrato girou para fora, revelando o cofre atrás. — A idiotice é frequentemente confundida com sentimentalismo. Este é o primeiro lugar que eu olhei. — Ele apontou para a fechadura. — Você pode abrir?

Suspirei, olhando para o meu dedo quebrado. — Será que você não pode?

— Apenas faça, — ele disse impaciente, — e rapidamente. Os guardas podem acordar a qualquer momento.

Certo. Eu atirei ao cordão dourado que se espalhava entre mim e a fechadura um olhar desagradável antes de trabalhar. Pareceu mais rápido desta vez, como se estivesse esperando por mim. Embora eu tivesse mordido meu lábio com força suficiente para tirar sangue, um pequeno gemido ainda escapou quando eu torci um segundo dedo. A fechadura clicou e Bas abriu o cofre.

Lá dentro, Tremblay havia empilhado uma série de itens tediosos. Afastando o selo, documentos legais, cartas e ações, Bas olhou para a pilha de jóias além deles, avidamente. Rubis e granadas, principalmente, embora

eu tivesse visto um colar de diamantes particularmente atraente. A caixa inteira brilhava com os *couronnes* dourados que *revestiam* suas paredes.

Deixei tudo de lado, impaciente, sem prestar atenção aos protestos de Bas. E se Tremblay estava mentindo, se ele *não* tivesse o anel...

No fundo do cofre havia um pequeno álbum de couro. Eu o abri - reconhecendo vagamente esboços de meninas que tinham que ser Filippa e sua irmã - antes que um anel de ouro caísse de dentro das páginas. Ele aterrissou no tapete sem um som, sem nenhuma observação, exceto o pulso tremeluzente, quase indiscernível, que puxou meu peito.

Com a respiração presa na minha garganta, agachei-me para pegá-lo. Era quente na minha mão. Real. Lágrimas encheram meus olhos, ameaçando transbordar. Agora ela nunca me encontraria. Eu estava… em segurança. Ou tão segura quanto eu ficaria. No meu dedo, o anel dissiparia encantamentos. Na minha boca, ele me tornaria invisível. Eu não sabia o porquê - uma peculiaridade da magia, talvez, ou da própria Angélica -, mas também não me importei. Eu quebraria meus dentes no metal se isso me mantivesse escondida.

— Você achou? — Bas colocou as últimas jóias e *couronnes* na bolsa e olhou para o anel com expectativa. — Não há muito o que olhar, né?

Três batidas agudas ecoaram do andar de baixo. Um aviso. Os olhos de Bas se estreitaram e ele foi até a janela para espiar o gramado. Coloquei o anel no meu dedo enquanto ele estava de costas. Pareceu emitir um suspiro suave ao contato.

— Merda! — Bas virou, olhos selvagens, e todos os pensamentos do anel fugiram da minha mente. — Temos companhia.

Eu corri para a janela. Os policiais invadiram o gramado em direção à mansão, mas não foi isso que fez um medo genuíno esfaquear meu estômago. Não, foram os casacos azuis que os acompanhavam.

Chasseurs.

Merda. Merda, merda, *merda*.

Por que *eles* estão aqui?

Tremblay, sua esposa e sua filha se amontoaram ao lado dos guardas que eu deixei inconsciente. Eu me amaldiçoei por não os esconder em algum lugar. Um erro desajeitado, mas eu estava desorientada com a magia. Sem prática.

Para meu horror, um dos guardas já havia começado a se mover. Eu tinha poucas dúvidas sobre o que eles diriam aos Chasseurs quando recuperassem sua consciência plena.

Bas já estava se movendo, fechando o cofre com força e colocando o retrato de volta no lugar. — Você pode nos tirar daqui? — Seus olhos ainda estavam arregalados de pânico - desesperados. Nós dois ouvíamos os policiais e os Chasseurs que cercavam a mansão. Todas as saídas serão bloqueadas em breve.

Eu olhei para as minhas mãos. Elas estavam tremendo, e não apenas por causa dos dedos quebrados. Eu estava fraca, *muito* fraca, pelo esforço da

noite. Como eu me deixei tornar tão inepta? O risco de descoberta, lembrei a mim mesma. O risco tinha sido muito grande...

— Lou! — Bas agarrou meus ombros e me sacudiu um pouco. — Você pode nos tirar daqui?

Lágrimas brotaram nos meus olhos. — Não, — eu respirei. — Eu não posso.

Ele piscou, o peito subindo e descendo rapidamente. Os Chasseurs gritaram algo abaixo, mas não importava. Tudo o que importava era a decisão tomada nos olhos de Bas enquanto nos encarávamos. — Certo. — Ele apertou meus ombros uma vez. — Boa sorte.

Então ele se virou e saiu correndo da sala.

A Man's Name

Reid

A casa de Tremblay cheirava a magia. Cobria o gramado, agarrava-se aos guardas propensos que Tremblay tentou reviver. Uma mulher alta e de meia-idade ajoelhou-se ao lado dele. Ruiva. Impressionante. Embora eu não a reconhecesse, os sussurros de meus irmãos confirmaram minhas suspeitas.

Madame Labelle. Cortesã notória e amante dos Bellerose.

Certamente ela não tinha negócios aqui.

— Capitão Diggory.

Eu me virei para a voz tensa atrás de mim. Uma loira nervosa estava com as mãos firmemente entrelaçadas, uma aliança de casamento cara brilhando em seu dedo anelar. As rugas marcavam os cantos dos olhos - olhos que atualmente queimavam buracos na parte de trás da cabeça de Madame Labelle.

A esposa de Tremblay.

— Olá, capitão Diggory. — A voz suave de Célie a precedeu enquanto ela passeava em torno de sua mãe. Engoli em seco. Ela ainda estava vestida com preto de luto, seus olhos verdes brilhavam à luz das tochas. Inchados. Vermelhos. Lágrimas brilhavam em suas bochechas. Eu desejava diminuir a distância entre nós e limpá-las. Para acabar com toda essa cena de pesadelo - como na noite em que encontramos Filippa.

— Mademoiselle Tremblay. — Em vez disso, inclinei a cabeça, ciente dos olhares dos meus irmãos. De Jean Luc. — Você parece... bem.

Uma mentira. Ela parecia infeliz. Receosa. Ela perdeu peso desde a última vez que a vi. Seu rosto estava magro, comprimido, como se ela não tivesse dormido há meses. Eu também não.

— Obrigada. — Um pequeno sorriso com a mentira. — Você também.

— Peço desculpas por essas circunstâncias, *mademoiselle*, mas garanto que, se uma bruxa for responsável, ela queimará.

Olhei para Tremblay. Ele e Madame Labelle estavam juntos e pareciam estar em uma conversa atormentada com os guardas. Franzindo a testa, eu cheguei mais perto. Madame Tremblay pigarreou e voltou os olhos indignados para mim.

— Garanto-lhe, senhor, que você e sua estimada ordem não são necessários aqui. Meu marido e eu somos cidadãos tementes a Deus e não toleramos bruxaria...

Ao meu lado, Jean Luc inclinou a cabeça. — Claro que não, madame Tremblay. Estamos aqui apenas por precaução.

— Embora seus guardas estivessem inconscientes, *madame*, — apontei. — E sua casa cheira a magia.

Jean Luc suspirou e me lançou um olhar irritado.

— *Sempre* cheira assim aqui. — Os olhos de Madame Tremblay se estreitaram e seus lábios pressionaram uma linha fina. Incomodada. — É aquele parque bestial. Envenena a rua inteira. Se não fosse pela vista do Doleur, nos mudaríamos amanhã.

— Minhas desculpas, *madame*. Todos os mesmos...

— Nós entendemos. — Jean Luc entrou na minha frente com um sorriso apaziguador. — E pedimos desculpas pelo alarme. Geralmente, os assaltos ficam sob a jurisdição da polícia, mas... — Ele hesitou, o sorriso vacilou. — Recebemos uma dica anônima de que uma bruxa estaria aqui hoje à noite. Vamos fazer uma rápida varredura nas instalações, e você e sua família podem voltar com segurança para sua casa...

— Capitão Diggory, Chasseur Toussaint. — A voz que interrompeu era quente. Suave. Íntima. Viramos como um só para ver Madame Labelle caminhando em nossa direção. Tremblay correu para segui-la, deixando para trás os guardas desorientados. — Acabamos de conversar com os guardas. — Ela sorriu, revelando dentes brancos e brilhantes. Eles quase brilhavam contra seus lábios escarlates. — Os pobres queridos não se lembram de nada, infelizmente.

— Se você não se importa que eu pergunte, Helene, — madame Tremblay disse com os dentes cerrados — que negócios você tem aqui?

Madame Labelle virou-se para ela com desinteresse educado. — Eu estava passando e vi um distúrbio, é claro.

— Passando? O que você estava fazendo *nesta* parte da cidade, querida? Pode-se esperar que você tenha, ahn, *negócios* para atender em sua própria rua a essa hora da noite.

Madame Labelle arqueou uma sobrancelha. — Você está certa. — O sorriso dela se alargou e ela olhou para Tremblay antes de devolver o olhar gelado de sua esposa. — Eu *tenho* negócios a tratar.

Célie ficou rígida, inclinando a cabeça, e Tremblay se apressou a intervir antes que sua esposa pudesse responder. — Vocês, é claro, são bem-vindos a questionar minha equipe, bons senhores.

— Não se preocupe, monsieur Tremblay. Nós iremos. — Olhando para ele pelo bem de Célie, levantei minha voz para a polícia e os caçadores. — Se espalhem e formem um perímetro. Bloqueiem todas as saídas. Policial, faça parceria com um Chasseur. Se isso *for* uma bruxa, não permita que ela o pegue indefeso.

— Não é uma bruxa, — insistiu Madame Tremblay, olhando em volta, ansiosa. As luzes das casas vizinhas começaram a acender. Um punhado de pessoas já apareceram pelo portão aberto. Alguns usavam roupas de dormir. Outros usavam roupas semelhantes às dos Tremblays. Todos usavam expressões familiares e cautelosas. — É apenas um ladrão. Isso é tudo...

Ela parou abruptamente, seus olhos passando rapidamente para a casa da cidade. Eu segui seu olhar para uma janela no andar de cima. Uma cortina se moveu e dois rostos espiaram.

Um deles era familiar, apesar da peruca. Olhos azul esverdeados - vívidos mesmo à distância - se arregalaram em pânico. A cortina se fechou.

A satisfação se espalhou pelo meu peito e eu permiti um sorriso. *Deixe a justiça rolar como um rio, e a integridade como um riacho que nunca falha*.

— O que é isso? — Jean Luc olhou em direção à janela também.

Justiça.

— Eles ainda estão aqui - um homem e uma mulher.

Ele puxou sua Balisarda falando: — Vou despachar a mulher rapidamente.

Eu fiz uma careta, lembrando do bigode da mulher. Suas calças largas, mangas de camisa enroladas e sardas. O jeito que ela cheirava quando ela bateu em mim no desfile - como baunilha e canela. Não magia. Eu balancei minha cabeça abruptamente. Mas as bruxas nem sempre *cheiram* mal. Somente quando elas estavam praticando. O arcebispo havia sido claro em nosso treinamento - toda mulher era uma ameaça em potencial. Mesmo assim... — Eu não acho que ela é uma bruxa.

Jean Luc levantou uma sobrancelha preta, as narinas dilatadas. — Não? Certamente não é coincidência que recebemos uma dica nessa noite em particular - antes que esses ladrões em particular roubassem esse lar em particular.

Carrancudo, olhei de volta para a janela. — Eu a conheci esta manhã. Ela… — Limpei minha garganta, o calor subindo pelas minhas bochechas. — Ela não parecia uma bruxa.

A desculpa saiu fraca, até para meus próprios ouvidos. Os olhos de Célie queimaram no meu pescoço.

— Ah. Ela não pode ser uma bruxa porque não *parecia* uma. Erro meu, é claro.

— Ela estava usando bigode, — murmurei. Quando Jean Luc zombou, resisti à vontade de esmagá-lo. Ele sabia que Célie estava assistindo. — Não podemos descontar Brindelle Park na porta mais próxima. É possível que o homem e a mulher sejam simplesmente ladrões, apesar das circunstâncias. Eles poderiam merecer prisão. Não a estaca.

— Muito bem. — Jean Luc revirou os olhos e marchou em direção à porta sem a minha ordem. — Vamos nos apressar, então, sim? Vamos interrogar os dois e decidir - prisão ou estaca.

Cerrando os dentes com a insolência dele, acenei com a cabeça para a polícia, e eles correram atrás dele. Eu não segui. Em vez disso, mantive meu olhar fixo na janela - e no telhado. Quando ela não reapareceu, eu me arrastei pela lateral da casa, esperando. Apesar da presença de Célie ser uma chama aberta nas minhas costas, eu fiz o meu melhor para ignorá-la. Ela queria que eu me concentrasse nos Chasseurs. Era isso que eu precisava fazer.

Outro momento se passou. E outro.

Uma pequena porta do porão obscurecida por hortênsias se abriu à minha direita. Jean Luc e um homem de pele âmbar saíam, facas brilhando ao luar. Eles rolaram uma vez antes de Jean Luc ficar por cima, a faca pressionada contra a garganta do homem. Três policiais irromperam da porta do porão atrás deles com algemas e corda. Em segundos, eles tinham os pulsos e tornozelos dele amarrados. Ele rosnou e torceu, gritando uma série de maldições. E mais uma palavra.

— Lou! — Ele puxou inutilmente seus laços, o rosto roxo de raiva. Um dos policiais se moveu para amordaçá-lo. — LOU!

Lou. O nome de um homem. Bem pensado.

Continuei, ainda procurando nas janelas e na linha do telhado. E como imaginei, logo vi uma leve sombra subindo pela parede. Lentamente. Eu olhei mais de perto. Desta vez, ela usava uma capa. Se afastou quando ela subiu, revelando um vestido tão bom quanto o de Madame Tremblay. Provavelmente roubado. Mas não era o vestido que parecia causar seus problemas.

Era a mão dela.

Cada vez que tocava a parede, ela a puxava bruscamente, como se sentisse dor. Eu olhei, tentando localizar a fonte do problema, mas ela estava muito alta. *Muito* alta. Como se em resposta ao meu medo, seu pé escorregou, e ela despencou vários metros antes de se segurar no parapeito de uma janela. Meu estômago caiu com ela.

— Ei! — Eu corri para frente. Passos soaram quando os Chasseurs e a polícia se fecharam atrás de mim. Jean Luc jogou o homem amarrado no chão aos meus pés. — Você está cercada! Nós já temos seu namorado! Desça agora antes de se matar!

Ela escorregou e se conteve novamente. Dessa vez, sua peruca caiu no chão, revelando longos cabelos castanhos. Inexplicavelmente furioso, eu avancei pra frente. — Desça AGORA...

O homem conseguiu tirar a mordaça da boca. — LOU, ME AJUDE...

Um policial lutou para amordaçá-lo mais uma vez. A mulher parou diante da voz dele, empoleirada na janela e olhou para nós. Seu rosto se iluminou com reconhecimento quando ela me viu, e ela levou a mão boa à testa em falsa saudação.

Eu olhei para ela, pasmo.

Ela realmente *me saudou*.

Minhas mãos se fecharam em punhos. — Suba e pegue ela.

Jean Luc fez uma careta para o comando, mas ele ainda assentiu. — Caçadores, comigo. — Meus irmãos avançaram, puxando suas Balisardas. — Polícia - no chão. Não a deixe escapar.

Se os outros caçadores questionaram por que eu permaneci no chão, eles não disseram nada. Sabiamente. Mas isso não impediu os olhares curiosos dos policiais.

— O quê? — Eu disse, olhando para eles. Eles rapidamente voltaram a olhar para o telhado. — Havia mais alguém lá dentro?

Após vários segundos, um deles deu um passo à frente. Eu vagamente o reconheci. Dennis. Não - Davide. — Sim, capitão. Geoffrey e eu encontramos alguém na cozinha.

— E?

Outro policial - presumivelmente Geoffrey - pigarreou. Os dois trocaram um olhar ansioso e Geoffrey engoliu em seco. — Ela escapou.

Eu expirei um suspiro pesado.

— Mas achamos que ela é sua bruxa, — acrescentou Davide, esperançoso. — Ela cheirava a magia, mais ou menos, e envenenou os cães. Eles tinham sangue na boca e cheiravam... estranho.

— Se isso ajuda, ela estava bem *cicatrizada*, — disse Geoffrey. Davide assentiu seriamente.

Eu me virei para o telhado sem outra palavra, forçando-me a abrir os punhos. Respirar.

Não foi culpa de Davide ou Geoffrey. Eles não foram treinados para lidar com bruxas. E, no entanto - talvez *eles* pudessem explicar sua incompetência ao arcebispo. Talvez eles pudessem aceitar o castigo. A vergonha. Outra bruxa livre. Outra bruxa saiu para atormentar as pessoas inocentes de Belterra. Para atormentar Célie.

Através de uma névoa de vermelho, eu foquei meus olhos na ladra.

Lou.

Ela me diria para onde a bruxa foi. Eu tiraria a informação dela, não importava o que fosse necessário. Eu *iria* corrigir isso.

Mesmo com a mão machucada, ela ainda conseguiu superar os Chasseurs. Ela alcançou a linha do telhado antes que os outros tivessem escalado a primeira parte. — Espalhem-se! — Eu rugi para os policiais. Eles se espalharam ao meu comando. — Ela tem que descer em algum lugar! Aquela árvore - a cubram! E os canos de esgoto! Encontre qualquer coisa que ela possa usar para escapar!

Eu esperei, andando e fervendo, enquanto meus irmãos escalavam cada vez mais. Suas vozes vieram até mim. Ameaçando-a. Que bom. Ela colaborava com bruxas. Ela merecia nos temer.

— Algum sinal? — Eu perguntei para um dos policiais.

— Não aqui, capitão!

— Aqui também não!

— Nenhum, senhor!

Mordi um rosnado impaciente. Finalmente - depois do que pareceu uma eternidade - Jean Luc se levantou sobre o telhado atrás dela. Três dos meus irmãos o seguiram. Eu esperei. E esperei.

E esperei.

Davide gritou atrás de mim e eu me virei para ver o ladrão amarrado a meio caminho da estrada. De alguma forma, ele removeu as cordas de seus pés. Embora os policiais tenham corrido em sua direção, eles se espalharam

pelo pátio por minhas ordens. Reprimindo uma maldição, pulei atrás dele, mas o grito de Jean Luc me fez vacilar.

— Ela não está aqui! — Ele apareceu de volta na linha do telhado, o peito arfando. Mesmo à distância, eu podia ver a raiva em seus olhos. Combinava com os meus. — Ela se foi!

Com um grunhido de frustração, procurei na rua pelo homem.

Mas ele também desapareceu.

Angelica's Ring

Lou

Eu ainda podia ouvir os Chasseurs enquanto corria pela rua, olhando para o lugar onde meus pés - minhas pernas e meu *corpo* - deveriam estar. Eles não conseguiam entender para onde eu fui. Eu mesma não entendi.

Um segundo, eu estava presa no telhado, e no próximo, o Anel de Angélica tinha queimado quente no meu dedo. *Claro*. No meu pânico, eu tinha esquecido o que o anel poderia *fazer*. Sem parar para pensar, eu deslizei o anel do meu dedo e o coloquei na boca.

Meu corpo desapareceu.

Escalar a casa com uma platéia e dois dedos quebrados tinha sido difícil. Descer com uma platéia, dois dedos quebrados e um anel apertado entre os dentes - invisível - era quase impossível. Por duas vezes eu quase engoli a coisa, e uma vez quase tive certeza de que um Chasseur me ouviu quando apertei meus dedos quebrados.

Ainda assim, eu tinha conseguido.

Se os Chasseurs não tinham pensado que eu era uma bruxa antes - se por algum milagre, os guardas não tinham contado - eles certamente suspeitavam disso agora. Eu precisaria ter cuidado. O Chass de cabelos cor de cobre conhecia meu rosto e, graças à idiotice de Bas, ele também sabia meu nome. Ele procuraria por mim.

Outros muito mais perigosos podem ouvir e começar a procurar por mim também.

Quando eu estava longe o suficiente para me sentir relativamente segura, cuspi o anel da minha boca. Meu corpo reapareceu imediatamente quando eu deslizei de volta no meu dedo.

— Truque legal, — disse Coco.

Eu girei com o som da sua voz. Ela se apoiou no tijolo sujo do beco, sobrancelha arqueada e acenou com a cabeça para o anel. — Vejo que você encontrou o cofre de Tremblay. — Quando olhei para a rua, hesitando, ela riu. — Não se preocupe. Nossos musculosos amigos de azuis estão atualmente revirando a casa de Tremblay tijolo por tijolo. Eles estão muito ocupados procurando você para realmente te encontrar.

Eu ri, mas parei rapidamente, olhando para o anel com reverência. — Não acredito que realmente o encontramos. As bruxas se revoltariam se soubessem que eu o tenho.

Coco seguiu meu olhar, as sobrancelhas franzindo um pouco. — Eu sei o que o anel pode fazer, mas você nunca me disse por que seus parentes o

reverenciam. Certamente há outros objetos mais - eu não sei - poderosos?

— Este é o Anel de Angélica.

Ela olhou para mim sem entender.

— Você é uma bruxa. — Voltei seu olhar confuso. — Você não ouviu a história de Angélica?

Ela revirou os olhos. — Sou uma vermelha, caso você tenha esquecido. Me perdoe por não aprender suas superstições cultas. Ela era sua parente ou algo assim?

— Bem, sim, — eu disse impaciente. — Mas esse não é o ponto. Ela era realmente apenas uma bruxa solitária que se apaixonou por um cavaleiro.

— Parece elegante.

— Ele era. Ele deu a ela esse anel como promessa de casamento... então ele morreu. Angélica ficou tão arrasada que suas lágrimas inundaram a terra e criaram um novo mar. L'Eau Mélancolique, como eles chamavam.

— A Água Melancólica. — Coco levantou minha mão, desprezo dando lugar a uma admiração relutante enquanto examinava o anel. Eu deslizei do meu dedo e estendi para ela na minha palma. Ela não pegou. — Que nome bonito e terrível.

Eu assenti sombriamente. — É um lugar bonito e terrível. Quando Angélica chorou todas as lágrimas, jogou o anel nas águas e depois se jogou. Ela se afogou. Quando o anel ressurgiu, ele estava infundido com todo tipo de magia...

Vozes estridentes soaram da rua e eu parei de falar abruptamente. Um grupo de homens passou, cantando uma música do pub em voz alta e desafinada. Nos encolhemos mais nas sombras.

Quando suas vozes desapareceram, eu relaxei. — Como você escapou?

— Através de uma janela. — Ao meu olhar expectante, ela sorriu. — O capitão e seus subordinados estavam muito preocupados com você para me notar.

— Ok, então. — Eu franzi meus lábios e me inclinei contra a parede ao lado dela. — Suponho que de nada. Como você conseguiu me encontrar?

Ela levantou a manga. Uma teia de cicatrizes marcava seus braços e pulsos, e um novo corte no antebraço ainda escorria. Uma marca para cada pedaço de magia que ela já havia feito. Pelo pouco que Coco me ensinou sobre Dames Rouges, eu sabia que o sangue delas era um ingrediente poderoso na maioria dos encantamentos, mas não o entendi. Ao contrário de Dames Blanches, elas não estavam sujeitas a nenhuma lei ou regra. A magia delas não exigia equilíbrio. Pode ser selvagem, imprevisível... e alguns dos meus parentes até a chamavam de perigosa.

Mas eu já tinha visto o que as próprias Dames Blanches podiam fazer. Hipócritas imundas.

Coco arqueou uma sobrancelha com a minha avaliação e esfregou um pouco de sangue entre os dedos. — Você realmente quer saber?

— Eu acho que posso adivinhar. — Suspirei e deslizei pela parede para me sentar na rua, fechando os olhos.

Ela se juntou a mim, sua perna descansando amigavelmente contra a minha. Depois de alguns segundos de silêncio, ela me cutucou com o joelho, e eu forcei um olho a abrir. Os dela estavam estranhamente sérios. — O policial me viu, Lou.

— O quê? — Eu me arrastei para frente, olhos totalmente abertos agora. — Como?

Ela encolheu os ombros. — Eu esperei para ter certeza de que você havia escapado. Tive sorte de ter sido o policial, na verdade. Eles quase se mijaram nas calças quando perceberam que eu era uma bruxa. Tornou mais fácil sair pela janela.

Merda. Meu coração afundou miseravelmente. — Então os Chasseurs também sabem. Eles provavelmente já estão procurando por você. Você precisa sair da cidade o mais rápido possível - hoje à noite. Agora. Envie uma mensagem para sua tia. Ela vai encontrar você.

— Eles estarão procurando por *você* agora também. Mesmo que você não tivesse desaparecido sem deixar vestígios, eles sabem que você se relacionou com uma bruxa. — Ela se inclinou para frente e passou os braços em volta dos joelhos, sem prestar atenção no sangue em seu braço. Manchava sua saia de vermelho. — Qual é o seu plano?

— Eu não sei, — admiti calmamente. — Eu tenho o Anel de Angélica. Vai ter que ser o suficiente.

— Você precisa de proteção. — Suspirando, ela pegou minha mão boa na sua. — Venha comigo. Minha tia vai...

— Me matar.

— Eu não vou deixar. — Ela balançou a cabeça ferozmente, e os cachos ao redor do rosto balançaram. — Você sabe como ela se sente sobre La Dame des Sorcières. Ela nunca ajudaria as Dames Blanches.

Eu sabia que não devia discutir, em vez disso suspirei profundamente.

— Outras podem. Seria apenas uma questão de tempo até que uma de seu clã me apunhalasse durante o sono ou me entregasse a *ela*.

Os olhos de Coco brilharam. — Eu rasgaria a garganta dela.

Eu sorri tristemente. — É com a minha própria garganta que estou preocupada.

— E agora? — Ela soltou minha mão e se levantou. — Você está voltando para Soleil et Lune?

— Por enquanto. — Dei de ombros como se não estivesse preocupada, mas o movimento parecia rígido demais para ser convincente. — Ninguém, exceto Bas, sabe que eu moro lá, e ele conseguiu escapar.

— Eu vou ficar com você.

— Não. Não vou deixar você queimar por mim.

— Lou...

— Não.

Ela bufou impaciente. — Bem. É o seu próprio pescoço. Apenas... deixe-me consertar seus dedos, pelo menos.

— Sem mais mágica. Não essa noite.

— Mas...

— Coco. — Levantei-me e peguei sua mão gentilmente, lágrimas pinicando meus olhos. Nós duas sabíamos que ela estava enrolando. — Eu vou ficar bem. São apenas alguns dedos quebrados. *Vá*. Se cuida.

Ela fungou, inclinando o rosto para trás em um esforço sem sucesso para conter as lágrimas. — Só se você se cuidar.

Nos abraçamos brevemente, nenhuma de nós querendo dizer adeus. Adeus eram finais e nos veríamos novamente algum dia. Embora eu não soubesse quando ou onde, eu me certificaria disso.

Sem outra palavra, ela me soltou e derreteu nas sombras.

Eu nem tinha saído do beco quando duas grandes figuras entraram no meu caminho. Eu amaldiçoei quando eles me empurraram não muito gentilmente contra a parede do beco. Andre e Grue. Claro. Embora eu lutasse contra eles, seria inútil. Eles eram mais pesados que eu em várias dezenas de quilos.

— Como você está, coisa doce? — Andre riu. Ele era mais baixo que Grue, com um nariz comprido e estreito e dentes demais. Eles lotavam sua boca, amarelos, lascados e irregulares. Engasgando com a respiração dele, eu me inclinei, mas Grue enterrou o nariz no meu cabelo.

— Hummm. Você cheira bem, Lou Lou. — Eu bati minha cabeça em seu rosto em resposta. O nariz dele rangeu e ele cambaleou para trás, xingando violentamente, antes de avançar para a minha garganta. — Sua putinha...

Eu chutei seu joelho, dando uma cotovelada no estômago de Andre simultaneamente. Quando o aperto dele afrouxou, corri para a rua, mas ele pegou minha capa no último segundo. Meus pés voaram debaixo de mim e eu caí nas pedras com um baque doloroso. Ele me chutou de bruços, prendendo-me lá com uma bota na espinha.

— Nos dê o Anel, Lou.

Embora eu torci embaixo dele para perturbar seu equilíbrio, ele apenas empurrou com mais força. Dor aguda irradiava pelas minhas costas. — Eu não tenho… — Ele se abaixou antes que eu pudesse terminar, esmagando meu rosto no chão. Meu nariz estalou e o sangue jorrou na minha boca. Engasguei com ele, estrelas piscando nos meus olhos e lutei para permanecer consciente. — A polícia nos prendeu, seu imbecil! — Uma realização desagradável ocorreu. — Foi *você*? Seus bastardos, vocês nos deduraram?

Grue rosnou e ficou de pé, ainda segurando o joelho. Seu nariz bulboso sangrava livremente pelo queixo. Apesar da dor ofuscante, um prazer vingativo me invadiu. Eu sabia que não devia sorrir, mas era *difícil - tão difícil* - me conter.

— Eu não sou nenhum dedo duro. Procure nela, Andre.

— Se você me tocar de novo, eu juro que vou arrancar seus malditos olhos...

— Acho que você não pode fazer ameaças, Lou Lou. — Andre puxou meu cabelo para trás, estendendo minha garganta e acariciou minha mandíbula com sua faca. — E acho que vou levar um tempo procurando em você. Todo canto e recanto. Você pode estar escondendo ele em qualquer lugar.

Uma memória surgiu com foco cristalino.

Minha garganta sobre uma bacia. Tudo branco.

Então vermelho.

Eu explodi embaixo dele em um borrão de membros, unhas e dentes, arranhando e mordendo e chutando cada pedaço dele que eu podia alcançar. Ele tropeçou para trás com um grito - sua lâmina cutucando meu queixo - mas eu não senti a picada quando a joguei de lado. Não senti nada - a respiração nos meus pulmões, o tremor das minhas mãos, as lágrimas no meu rosto. Não parei até meus dedos encontrarem seus olhos.

— Espera! Por favor! — Ele tentou fechá-los, mas eu continuei pressionando, enrolando meus nós sob as pálpebras e nas cavidades oculares. — Eu sinto muito! Eu acredito em você!

— Pare! — Os passos de Grue bateram atrás de mim. — Pare, ou eu vou...

— Se você me tocar, eu o cego.

Seus passos pararam abruptamente e eu o ouvi engolir. — Você... apenas nos dê algo para o nosso silêncio, Lou. Algo para o nosso problema. Eu sei que você pegou mais do que um anel dessa coisa toda.

— Eu não tenho que lhe dar nada. — Andando de costas para a rua lentamente, mantive uma mão pressionada firmemente contra o pescoço de Andre. A outra permaneceu alojada em seu globo ocular. A cada passo, a sensação voltava aos meus membros. Para minha mente. Meus dedos quebrados gritaram. Eu pisquei rapidamente, engolindo a bile na minha garganta. — Não me sigam, ou vou terminar o que comecei aqui.

Grue não se mexeu. Andre na verdade choramingou.

Quando cheguei à rua, não hesitei. Empurrando Andre em direção aos braços estendidos de Grue, eu me virei e fugi para Soleil et Lune.

Não parei para estancar o sangramento ou ajeitar meus dedos até estar a salva nas vigas do teatro. Embora eu não tivesse água para lavar meu rosto, espalhei um pouco de sangue até que a maior parte estivesse no meu vestido e não na minha pele. Meus dedos já estavam rígidos, mas mordi minha capa e pus os ossos de qualquer maneira, usando um pedaço de ferro de um espartilho descartado como uma tala.

Embora exausta, não consegui dormir. Todo barulho me fazia estremecer, e o sótão estava escuro demais. Uma única janela quebrada - meu único meio de entrada - deixava entrar a luz da lua. Eu me enrolei embaixo e tentei ignorar o latejar no meu rosto e mão. Por um breve momento, pensei em subir até o telhado. Passei muitas noites lá em cima, acima da cidade, desejando estrelas nas bochechas e o vento nos cabelos.

Mas não esta noite. Os caçadores e a polícia ainda estavam me procurando. Pior, Coco se foi e Bas me abandonou ao primeiro sinal de problema. Fechei os olhos na miséria. Que bagunça podre.

Pelo menos eu tinha adquirido o anel - e *ela* ainda não havia me encontrado. Só esse pensamento me deu conforto suficiente para eventualmente cair em um sono inquieto.

Two Named Wrath and Envy

Reid

Os barulhos das espadas se chocando encheram o pátio de treinamento. O sol do fim da manhã desceu sobre nós - afugentando o frio do outono - e o suor escorreu na minha testa. Ao contrário dos outros caçadores, eu não tinha descartado minha camisa. Ela se agarrava ao meu peito, tecido molhado irritando minha pele. Me punindo.

Eu deixei outra bruxa escapar, distraído demais com a ladra de sardas para perceber que um demônio estava esperando lá dentro. Célie ficou arrasada. Ela não tinha sido capaz de olhar para mim quando seu pai finalmente a levou para dentro. O calor tomou conta de mim com a lembrança. Outra falha.

Jean Luc foi o primeiro a descartar a camisa. Estávamos brigando por horas, e sua pele marrom brilhava com suor. Vergões cobriam seu peito e braços - um para cada vez que ele abria a boca. — Ainda pensando em suas bruxas, capitão? Ou talvez na Mademoiselle Tremblay?

Eu bati minha espada de madeira em seu braço em resposta. Bloqueei o contra-ataque e dei uma cotovelada no seu estômago. Com força. Mais dois vergões se juntaram aos outros. Eu esperava que eles deixassem hematomas.

— Vou tomar isso como um sim. — Dobrando-se para apertar seu estômago, ele ainda conseguiu sorrir para mim. Eu obviamente não tinha batido nele com força suficiente. — Eu não me preocuparia. Todo mundo vai esquecer o fiasco da casa em breve.

Apertei minha espada até meus dedos ficarem brancos. Um tique começou na minha mandíbula. Não seria bom atacar meu amigo mais velho. Mesmo se esse amigo fosse um infeliz...

— Você salvou a família real, no final de tudo. — Ele se endireitou, ainda segurando seu lado, e sorriu mais. — Para ser justo, você também se humilhou com aquela bruxa. Não posso dizer que entendo. A paternidade não é particularmente do meu gosto - mas a ladra de ontem à noite? Agora *ela* era uma coisinha bonita...

Eu avancei para frente, mas ele bloqueou meu avanço, rindo e socando meu ombro. — Paz, Reid. Você sabe que eu estou brincando.

Suas brincadeiras ficaram menos engraçadas desde a minha promoção.

Jean Luc havia chegado à porta da igreja quando tínhamos três anos. Toda lembrança que eu tinha incluía ele de uma forma ou de outra. A nossa foi uma infância conjunta. Nós compartilhamos o mesmo quarto. Os mesmos conhecimentos. A mesma raiva.

Nosso respeito também já foi mútuo. Mas isso foi antes.

Eu me afastei, e ele fez uma demonstração de limpar meu suor nas calças. Alguns de nossos irmãos riram. Eles pararam abruptamente quando viram a minha expressão. — Toda brincadeira tem um pouco de verdade.

Ele inclinou a cabeça, ainda sorrindo. Olhos verdes pálidos sem perder nada. — Talvez... mas nosso Senhor não ordena que deixemos de lado a falsidade? — Ele não faz uma pausa para eu responder. Ele nunca faz. — 'Falar a verdade ao seu próximo', diz ele, 'pois todos somos membros de um mesmo corpo.'

— Eu conheço as escrituras.

— Então por que silenciar minha verdade?

— Você fala demais.

Ele riu mais forte, abrindo a boca para nos deslumbrar mais uma vez, mas Ansel interrompeu, respirando pesadamente. O suor emaranhava seus cabelos rebeldes e o sangue corava suas bochechas. — Só porque algo *pode* ser dito não significa que *deveria*. Além disso, — ele disse, arriscando um olhar para mim. — Reid não era o único no desfile ontem. Ou na casa da cidade.

Eu olhei para o chão resolutamente. Ansel deveria saber que não deveria intervir. Jean Luc examinou nós dois com interesse descarado, enfiando a espada no chão e apoiando-se nela. Passando os dedos pela barba. — Sim, mas ele parece estar levando isso particularmente a sério, não é?

— Alguém deveria. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las. Eu cerrei os dentes e me virei antes que eu pudesse fazer ou dizer qualquer outra coisa da qual eu me arrependesse.

— Ah. — Os olhos de Jean Luc se iluminaram e ele se endireitou ansiosamente, a espada e a barba esquecidas. — Aí está o problema, não é? Você decepcionou o arcebispo. Ou foi Célie?

Um.

Dois.

Três.

Ansel olhou entre nós nervosamente. — Todos nós decepcionamos.

— Talvez. — O sorriso de Jean Luc desapareceu e seus olhos afiados brilhavam com uma emoção que eu não citaria. — No entanto, Reid é o nosso capitão. Somente Reid desfruta dos privilégios do título. Talvez seja justo somente Reid suportar as consequências.

Joguei minha espada na prateleira.

Quatro.

Cinco.

Seis.

Eu respirei fundo, desejando que a raiva no meu peito se dissipasse. O músculo da minha mandíbula ainda tremia.

Sete.

Você está no controle. A voz do arcebispo voltou para mim da infância. *Essa raiva não pode governar você, Reid. Respire fundo. Conte até dez.*

Domine a si mesmo.

Eu obedeci. Lentamente, a tensão em meus ombros diminuiu. O calor no meu rosto esfriou. Minha respiração ficou mais calma. Apertei o ombro de Jean Luc e seu sorriso vacilou. — Você está certo, Jean. Foi minha culpa. Eu assumo total responsabilidade.

Antes que ele pudesse responder, o arcebispo entrou no pátio de treinamento. Seus olhos de aço encontraram os meus, e eu imediatamente coloquei minha mão sobre meu coração e me curvei. Os outros seguiram.

O arcebispo inclinou a cabeça em resposta. — Fiquem à vontade, Chasseurs. — Nós levantamos como um. Quando ele fez um sinal para eu me aproximar, a testa de Jean Luc se franziu mais. — A notícia espalhou-se por toda a Torre sobre seu mau humor esta manhã, capitão Diggory.

— Me desculpe, senhor.

Ele acenou com a mão. — Não peça desculpas. Seu trabalho não é em vão. Pegaremos as bruxas e queimaremos sua praga da terra. — Ele franziu o cenho levemente. — A noite passada não foi sua culpa. — Os olhos de Jean Luc brilharam, mas o arcebispo não percebeu. — Sou obrigado a assistir a uma performance de matinê nesta manhã com um dos dignitários estrangeiros do rei. Embora eu não apoie o teatro - pois é uma prática vil condizente apenas com vagabundos e patifes - você vai me acompanhar.

Limpei o suor da minha testa. — Senhor...

— Não foi um pedido. Se lave. Esteja pronto para sair dentro de uma hora.

— Sim, senhor.

A emoção sem nome nos olhos de Jean Luc penetrou nas minhas costas enquanto eu seguia o arcebispo para dentro. Foi apenas mais tarde - sentado na carruagem do lado de fora de Soleil et Lune - que me permiti dar um nome. Permiti-me sentir a picada amarga do arrependimento.

Nosso respeito já foi mútuo. Mas isso foi antes da inveja.

A Mutually Beneficial Arrangement

Lou

Quando acordei na manhã seguinte, raios de sol empoeirados brilhavam através da janela do sótão. Eu pisquei lentamente, perdida no momento agradável entre dormir e acordar onde não há memória. Mas meu subconsciente me perseguiu. Barulhos ecoaram do teatro abaixo quando o elenco e a equipe se uniram e vozes empolgadas vieram da janela. Eu fiz uma careta, ainda me agarrando aos restos do sono.

O teatro estava bastante barulhento esta manhã.

Eu me levantei. Soleil et Lune realizavam matinê todos os sábados. Como eu poderia ter esquecido?

Meu rosto palpitou dolorosamente quando me joguei na nossa cama. Ah, certo - é por isso. Meu nariz foi quebrado em pedaços, e eu fui forçada a fugir pela minha vida.

O barulho no andar de baixo aumentou quando a abertura começou.

Eu gemi. Agora eu ficaria presa aqui até que a apresentação terminasse, e eu precisava desesperadamente fazer xixi. Normalmente, não era um problema se esgueirar para o banheiro antes do elenco e da equipe chegarem, mas eu dormi demais. Ficando de pé, estremecendo com a dor nas minhas costas, avaliei o dano rapidamente. Meu nariz estava definitivamente quebrado e meus dedos haviam aumentado duas vezes de tamanho da noite para o dia. Mas eu usava um vestido fino o suficiente para passar despercebido pelos frequentadores... exceto pelas manchas de sangue. Lambi meus dedos bons e esfreguei as manchas furiosamente, mas o tecido permaneceu irrevogavelmente vermelho.

Com um suspiro impaciente, olhei entre as prateleiras de roupas empoeiradas e o baú ao lado da cama que compartilhei com Coco. Calças de lã, lenços, luvas e xales derramaram-se, juntamente com alguns cobertores mofados que encontramos no lixo na semana passada. Toquei o lado da cama de Coco com cuidado.

Eu esperava que ela tivesse chegado à tia com segurança.

Balançando a cabeça, voltei para a prateleira de roupas e escolhi uma roupa aleatoriamente. Coco poderia cuidar de si mesma. Eu, por outro lado...

Desisti de me despir depois de três tentativas torturantes. Meus dedos quebrados se recusavam a funcionar corretamente, e meu corpo simplesmente não conseguia se contorcer para alcançar os botões entre meus ombros. Peguei um chapéu *bergère* e óculos de arame de uma lixeira

próxima e os coloquei. A fita de veludo da noite passada ainda escondia minha cicatriz e minha capa cobria a pior das manchas de sangue. Teria que funcionar.

Minha bexiga insistia em alívio imediato, e eu me recusei a fazer xixi no canto como um cachorro.

Além disso, eu sempre poderia colocar o Anel de Angélica na minha boca se eu achasse necessário fazer uma fuga rápida. Suspeitei que o saguão estivesse lotado demais para ser manobrado estando invisível, ou teria esquecido completamente o disfarce. Nada despertava suspeita como um espectro pisando nos dedos.

Inclinando o chapéu sobre o rosto, desci as escadas que levavam aos bastidores. A maioria dos atores me ignorou, exceto...

— Você não deveria estar aqui atrás, — disse uma garota altiva e com nariz pontudo. Ela tinha um rosto redondo e cabelos da cor e textura da seda de milho. Quando me virei para ela, ela ofegou. — Bom Deus, o que aconteceu com o seu rosto?

— Nada. — Eu abaixei minha cabeça às pressas, mas o estrago estava feito.

Sua arrogância se transformou em preocupação quando ela se aproximou. — Alguém te machucou? Devo ligar para a polícia?

— Não, não. — Eu dei a ela um sorriso envergonhado. — Só me perdi a caminho para o banheiro, só isso!

— É no lobby. — Ela estreitou os olhos para mim. — Isso é *sangue* no seu vestido? Tem certeza de que está bem?

— Perfeita. — Eu balancei a cabeça como uma maníaca. — Obrigada!

Eu me afastei um pouco rápido demais para parecer inocente. Embora eu mantivesse minha cabeça baixa, eu podia sentir outros olhos em mim quando passei. Meu rosto deve ter parecido verdadeiramente medonho. Talvez o Anel de Angélica tivesse sido mais sábio, afinal.

O saguão era infinitamente pior que os bastidores. Ricos nobres e comerciantes que ainda não encontraram seus assentos amontoados ao redor. Fiquei nos arredores da sala, inclinando-me para as paredes para evitar atenção indesejada. Felizmente, os espectadores estavam muito interessados um no outro para notar minha espreita. Soleil et Lune era, afinal, muito mais popular por suas fofocas do que por suas peças.

Ouvi um casal sussurrando que o próprio arcebispo participaria dessa matinê - outro excelente motivo para voltar ao sótão o mais rápido possível.

Como pai dos Chasseurs, o arcebispo guiou a guerra espiritual contra o mal de Belterra, proclamando que ele recebeu um mandato de Deus para erradicar o oculto. Ele havia queimado dezenas de bruxas - mais do que qualquer outro - e ainda assim não descansou. Eu o vi apenas uma vez, de longe, mas reconheci a luz cruel em seus olhos pelo que era: obsessão.

Entrei no banheiro antes que alguém mais pudesse me notar. Depois de me aliviar, tirei o chapéu ridículo da cabeça e fiquei na frente do espelho. Revelou imediatamente por que a equipe havia me olhado. Meu rosto estava

em frangalhos. Hematomas roxos profundos haviam se infiltrado sob meus olhos, e sangue seco respingou em minhas bochechas. O limpei com a água fria da torneira, esfregando minha pele até ficar rosada e crua. Fez pouco para melhorar o efeito geral.

Uma batida educada soou na porta.

— Desculpe! — Eu falei timidamente. — Problemas no estômago!

As batidas cessaram imediatamente. Os murmúrios chocados e desaprovadores da mulher passaram pela porta enquanto ela se afastava. Que bom. Eu precisava esperar a multidão diminuir, e um banheiro trancado era um lugar tão bom quanto qualquer outro. Franzindo o cenho para o meu reflexo, comecei a tirar o sangue do meu vestido.

As vozes do lado de fora diminuíram gradualmente à medida que a música ficou mais alta, sinalizando o início da apresentação. Abrindo a porta, olhei para o saguão. Apenas três arrumadores permaneceram. Eles acenaram para mim quando eu passei, alheios ao meu rosto machucado no escuro.

Minha respiração ficou mais calma quando me aproximei da porta dos bastidores. Eu estava a poucos passos de distância quando uma porta do auditório se abriu atrás de mim.

— Posso ajudar, senhor? — Perguntou um arrumador.

Quem quer que fosse, murmurou uma resposta, e os cabelos do meu pescoço se arrepiaram. Eu deveria ter ido ao sótão. Eu deveria ter corrido - todo instinto gritava para eu fugir, fugir, *fugir* - mas não fiz isso. Em vez disso, olhei de volta para o homem parado na porta. O homem alto, de cabelos cobre, com um casaco azul.

— *Você,* —ele disse.

Antes que eu pudesse me mover, ele atacou. Suas mãos agarraram meus braços - como um torniquete - e ele me jogou ao redor, posicionando-se na frente da saída. Eu soube imediatamente que nenhuma quantidade de luta me libertaria. Ele era simplesmente muito forte. Muito *grande*. Havia apenas um caminho a seguir.

Eu bati meu joelho direto na virilha dele.

Ele se dobrou com um gemido, afrouxando o aperto.

Me livrando - e jogando meu chapéu em seu rosto por uma boa medida - eu corri para as profundezas do teatro. Havia outra saída nos bastidores. Os membros da equipe ficaram boquiabertos enquanto eu passava correndo, derrubando caixas e outros adereços atrás de mim. Quando ele pegou a borda da minha capa, eu abri o fecho na minha garganta, nunca vacilando um passo. Isso não importava. O Chasseur ainda corria atrás de mim, seus passos quase três vezes maiores que os meus.

Ele agarrou meu pulso enquanto eu via a garota de nariz pontudo de antes. Embora eu tentasse me afastar dele - meus óculos caíram no chão enquanto eu lutava em direção a ela - ele apenas pressionou seu aperto. Lágrimas escorreram pelo meu rosto arruinado. — Por favor, me ajude!

Os olhos da garota de nariz pontudo se arregalaram. — Deixe ela ir!

As vozes no palco vacilaram com o grito dela, e todos nós congelamos.

Merda. Não, não, *não*.

Aproveitando sua hesitação, eu me virei para me libertar, mas sua mão inadvertidamente encontrou meu peito. Ele afrouxou o aperto, claramente horrorizado, mas se lançou para frente quando eu me afastei, seus dedos pegando meu decote. Horrorizada, observei em câmera lenta o tecido delicado rasgar, enquanto seus pés se enroscavam na minha saia. Enquanto nos enrolamos, tentando e não conseguindo recuperar o equilíbrio.

Enquanto passávamos pela cortina e caiamos no palco.

A platéia deu um suspiro coletivo - depois ficou em silêncio. Ninguém ousou respirar. Nem mesmo eu.

O Chasseur, que ainda me segurava em cima dele desde a nossa queda, olhou para mim com os olhos arregalados. Eu assisti, entorpecida, dezenas de emoções passarem pelo rosto dele. Choque. Pânico. Humilhação. Raiva.

A garota de nariz pontudo derrapou atrás de nós, e o feitiço foi quebrado. — Seu porco nojento!

O Chasseur me jogou para longe como se eu o tivesse mordido, e caí de costas. Com força. Gritos de raiva da platéia explodiram quando meu vestido se abriu. Eles pegaram meu rosto machucado, meu corpete rasgado e tiraram suas próprias conclusões. Mas eu não me importei. Olhando para a platéia, o horror penetrou em mim enquanto eu imaginava quem poderia estar olhando de volta. O sangue escorria pelo meu rosto.

A garota de nariz pontudo passou os braços em volta de mim, gentilmente me ajudando a levantar e me levando aos bastidores. Dois membros da equipe corpulentos apareceram e apreenderam o Chasseur também. A multidão gritou em aprovação enquanto eles marchavam atrás de nós. Eu olhei para trás, surpresa que ele não estava lutando, mas seu rosto estava tão branco quanto o meu.

A garota pegou um lençol de uma das caixas e colocou em volta de mim. — Você está bem?

Eu ignorei sua pergunta ridícula. Claro que não estava bem. O que acabara de *acontecer*?

— Espero que eles o joguem na prisão. — Ela olhou para o Chasseur, que estava parado no meio da equipe em transe. A platéia ainda gritava sua indignação.

— Eles não vão, — eu disse sombriamente. — Ele é um Chasseur.

— Todos daremos nossas declarações. — Ela esticou o queixo e apontou para a equipe. Eles pairavam desajeitadamente, sem saber o que fazer. — Vimos a coisa toda. Você tem muita sorte de estar aqui. — Ela olhou para o meu vestido rasgado, os olhos brilhando. — Quem sabe o que poderia ter acontecido?

Eu não a corrigi. Eu precisava sair daqui. Todo esse fiasco tinha sido uma tentativa de fuga de má qualidade, e essa era minha última chance. O Chasseur não podia me parar agora, mas a polícia chegaria em breve. Eles não se importariam com o que o público pensava ter visto. Eles me levariam

para a prisão, independentemente do meu vestido rasgado e machucados, e seria muito fácil para os caçadores me pegarem assim que essa bagunça fosse resolvida.

Eu sabia onde isso levaria. Uma estaca e um fósforo.

Acabei de decidir jogar a precaução aos ventos e correr - talvez deslizar o Anel de Angélica entre os dentes quando chegasse à escada - quando a porta do palco se abriu.

Meu coração parou quando o arcebispo entrou.

Ele era mais baixo do que eu pensava, embora ainda mais alto que eu, com cabelos grisalhos e olhos azuis de aço. Eles brilharam brevemente quando ele me estudou - o rosto machucado, o cabelo amassado, o lençol enrolado em volta dos meus ombros - depois se estreitaram na devastação ao meu redor. Os lábios dele se curvaram.

Ele apontou a cabeça para a saída. — Nos deixem.

A equipe não precisou ser avisada duas vezes - e nem eu. Quase tropecei em um esforço para desocupar as instalações o mais rápido possível. A mão do Chasseur serpenteou e pegou meu braço.

— Você não, — ordenou o arcebispo.

A garota de nariz pontudo hesitou, seus olhos disparando entre nós três. Um olhar do arcebispo, no entanto, a fez sair correndo pela porta.

O Chasseur me soltou no segundo em que ela desapareceu e curvou-se para o arcebispo, cobrindo o coração com o punho. — Esta é a mulher da casa de Tremblay, Vossa Eminência.

O arcebispo assentiu bruscamente, seus olhos voltando aos meus. Mais uma vez eles procuraram meu rosto, e novamente endureceram - como se meu valor tivesse sido calculado e encontrado vazio. Ele apertou as mãos duras atrás das costas. — Então você é nossa ladra que escapou.

Eu concordei, não ousando respirar. Ele disse *ladra*. Não bruxa.

— Você colocou todos nós nessa situação, minha querida.

— Eu...

— Silêncio.

Minha boca se fechou. Não era estúpida o suficiente para discutir com o arcebispo. Se alguém habitava acima da lei, era ele.

Ele caminhou em minha direção lentamente, as mãos ainda cruzadas atrás das costas. — Você é uma ladra inteligente, não é? Muito talentosa em captura ilusória. Como você escapou do telhado na noite passada? O capitão Diggory me garantiu que a casa estava cercada.

Engoli em seco. Havia aquela palavra novamente. Ladra - não bruxa. A esperança vibrou no meu estômago. Olhei para o Chasseur de cabelos cobre, mas o rosto dele não revelou nada.

— Minha... minha amiga me ajudou, — eu menti.

Ele levantou uma sobrancelha. — Sua amiga, a bruxa.

O medo percorreu minha espinha. Mas Coco estava a quilômetros de distância agora - segura e escondida dentro de La Forêt des Yeux. A floresta

dos olhos. Os Chasseurs nunca seriam capazes de segui-la até lá. Mesmo se conseguissem, seu clã a protegeria.

Eu mantive contato visual, cuidando para não estremecer, mexer ou me entregar. — Ela é uma bruxa, sim.

— Como?

— Como ela é uma bruxa? — Embora eu soubesse que não deveria irritá-lo, também não pude evitar. — Eu acredito que quando uma bruxa e um homem se amam muito...

Ele me atingiu no rosto. O tapa ecoou no silêncio do auditório vazio. De alguma forma, a platéia foi afastada tão rapidamente quanto a equipe. Apertando minha bochecha, olhei para ele em fúria silenciosa. O Chasseur se mexeu desconfortavelmente ao meu lado.

— Você é uma criança nojenta. — Os olhos do arcebispo se arregalaram alarmante. — Como ela ajudou você a escapar?

— Eu não vou trair os segredos delas.

— Você se atreve a esconder informações?

Uma batida soou do palco à direita e um policial se aproximou. — Vossa Santidade, uma multidão se formou do lado de fora. Vários dos atendentes e equipe - eles se recusam a sair até saber sobre o destino da garota e do capitão Diggory. Eles estão começando a atrair... atenção.

— Estaremos lá em breve. — O arcebispo se endireitou e ajeitou as vestes corais, respirando fundo. O policial curvou-se e se afastou mais uma vez.

Ele voltou sua atenção para mim. Um longo momento de silêncio passou enquanto nos olhamos. — O que eu vou fazer com você?

Não ousei falar novamente. Meu rosto só aguentava um certo número de hematomas.

— Você é uma criminosa que convive com *demônios*. Você incriminou publicamente um Chasseur por abuso, entre... *outras* coisas. — Os lábios dele se curvaram e ele me olhou com um nojo palpável. Eu tentei e falhei em ignorar a vergonha agitada no meu estômago. Foi um acidente. Eu não o tinha incriminado intencionalmente. E ainda assim... se a má compreensão do público me ajudou a escapar da estaca...

Eu nunca afirmei ser honrosa.

— A reputação do capitão Diggory será arruinada, — continuou o arcebispo. — Serei forçado a dispensá-lo de seus deveres, para que a santidade dos caçadores não seja questionada. Para que *minha* santidade não seja questionada. — Seus olhos queimaram nos meus. Organizei minhas feições em uma expressão contrita, para que seu punho não ficasse tremendo de novo. Apaziguado pelo meu arrependimento, ele começou a andar. — O que eu vou fazer com você? O que eu vou *fazer*?

Embora eu claramente o repugnasse, seus olhos de aço continuavam voltando para mim. Como uma mariposa atraída pelo fogo. Eles percorreram meu rosto como se procurassem algo, permanecendo nos meus olhos, meu nariz, minha boca. Minha garganta.

Para minha consternação, percebi que a fita havia deslizado durante a minha briga com o Chasseur. Eu a apertei apressadamente. A boca do arcebispo se contraiu e ele voltou a me encarar.

Levou toda a minha força de vontade para não revirar os olhos diante de sua absurda luta interior. Eu não estaria indo para a prisão hoje e não estaria indo para a estaca, também. Por alguma razão, o arcebispo e seu animal de estimação decidiram que eu não era uma bruxa. Eu certamente não questionaria a supervisão deles.

Mas a questão permaneceu... o *que* o arcebispo queria? Porque ele definitivamente queria *alguma coisa*. A fome em seus olhos era inconfundível, e quanto mais cedo eu descobrisse, mais cedo eu poderia usá-la em meu proveito. Demorou alguns segundos para eu perceber que ele continuara seu monólogo.

— ...graças ao seu pequeno truque de mão. — Ele girou nos calcanhares para me encarar, um tipo peculiar de triunfo em sua expressão. — Talvez um arranjo mutuamente benéfico possa ser feito.

Ele fez uma pausa, olhando entre nós com expectativa.

— Estou ouvindo, — murmurei. O Chasseur assentiu rigidamente.

— Excelente. É muito simples, na verdade... casamento.

Eu olhei para ele, a boca aberta.

Ele riu, mas o som era sem alegria. — Como sua esposa, Reid, essa criatura desagradável pertenceria a você. Você teria todo o direito de persegui-la, de discipliná-la, especialmente depois das indiscrições dela na noite passada. Seria esperado. Necessário, até. Não teria havido nenhum crime cometido, nenhuma impureza à depreciação. Você continuaria sendo um Chasseur.

Eu ri. Saiu um som estrangulado e desesperado. — Eu não vou me casar com ninguém.

O arcebispo não compartilhou minha risada. — Você fará isso se quiser evitar uma prisão e um castigo público. Embora eu não seja o chefe da polícia, ele é um amigo querido.

Eu fiquei boquiaberta com ele. — Você não pode me chantagear...

Ele acenou com a mão como se estivesse golpeando uma mosca irritante. — É a sentença que aguarda um ladrão. Aconselho você a pensar com muito cuidado sobre isso, criança.

Eu apelei para o Chasseur, determinada a manter a cabeça nivelada, apesar do pânico arranhando minha garganta. — Você não pode querer isso. Por favor, diga a ele para encontrar outro caminho.

— Não há outro caminho, — interveio o arcebispo.

O Chasseur ficou realmente parado. Ele parecia ter parado de respirar.

— Você é como um filho para mim, Reid. — O arcebispo estendeu a mão para agarrar o ombro do caçador - um rato confortando um elefante. Alguma parte desconectada da minha mente queria rir. — Não jogue fora sua vida - sua carreira promissora, seu juramento a *Deus* - por causa dessa pagã. Uma vez que ela se tornar sua esposa, você pode trancá-la no armário

e nunca mais pensar nela. Você teria o direito legal de fazer o que quiser com ela. — Ele lançou um olhar significativo para ele. — Esse arranjo também resolveria.. . outros assuntos.

Finalmente, o sangue voltou ao rosto do Chasseur - não, *inundou* seu rosto. Ele correu por sua garganta e em suas bochechas, queimando mais forte nos seus olhos. Sua mandíbula apertou. — Senhor, eu...

Mas eu não o ouvi. A saliva cobriu minha boca e minha visão se estreitou. Casamento. Com um Chasseur. Tinha que haver outra maneira, *qualquer* outra maneira...

A bile subiu na minha garganta e, antes que eu pudesse detê-la, levantei um espetacular arco de vômito nos pés do arcebispo. Ele pulou para longe de mim com um grito de nojo.

— Como você *ousa*! — Ele ergueu o punho para me acertar mais uma vez, mas o Chasseur se moveu com uma rapidez relâmpago. Sua mão pegou o pulso do arcebispo.

— *Se* esta mulher for minha esposa, — disse ele, engolindo em seco, — você não a tocará novamente.

O arcebispo arreganhou os dentes. — Você concorda, então?

O Chasseur soltou o pulso e olhou para mim, um rubor mais profundo subindo pela garganta. — Só se ela concordar.

Suas palavras me lembraram Coco.

Se cuida.

Somente se você se cuidar.

Coco disse que eu precisava encontrar proteção. Eu olhei para o Chasseur de cabelos cor de cobre, depois para o arcebispo ainda esfregando o pulso. Talvez a proteção tivesse me encontrado.

Andre, Grue, o policial, *ela*... nenhum deles poderia me prejudicar se eu tivesse um Chasseur como marido. Até os próprios caçadores deixariam de ser uma ameaça - se eu pudesse continuar o ato. Se eu pudesse evitar fazer mágica perto deles. Eles nunca saberiam que eu era uma bruxa. Eu estaria escondida à vista de todos.

Mas... Eu também teria um marido.

Eu não queria um marido. Não queria ser algemada a ninguém em casamento, especialmente alguém tão rígido e hipócrita quanto esse Chasseur. Mas se o casamento era minha única alternativa a passar a vida na prisão, talvez fosse a opção mais agradável. Certamente era a única opção que me tiraria desse teatro sem ser acorrentada.

Afinal, eu ainda tinha o Anel de Angélica. Eu sempre conseguiria escapar *depois que* a certidão de casamento for assinada.

Certo. Endireitei meus ombros e levantei meu queixo. — Eu vou fazer isso.

The Ceremony

Reid

Gritos escalaram do lado de fora do teatro, mas eu mal os ouvi. Sangue rugiu em meus ouvidos. Abafou todos os outros sons: os pedidos de justiça, a simpatia do arcebispo.

Mas não os passos dela. Eu ouvi cada um deles.

Leves. Mais leves que os meus. Porém mais erráticos. Menos medidos.

Eu me concentrei neles, e o rugido nos meus ouvidos gradualmente se acalmou. Eu podia ouvir o gerente do teatro e a polícia agora, tentando acalmar a multidão.

Resisti ao desejo de puxar minha Balisarda quando o arcebispo abriu as portas. Minhas pernas travaram e minha pele estava de algum modo quente e fria ao mesmo tempo - e muito pequena. Muito pequena. Ela coçou e pinicou quando todos os olhos na rua se voltaram para nós. Uma mão pequena e quente descansou no meu braço.

Palmas das mãos calejadas. Dedos delgados - dois curativos. Eu olhei para baixo. Quebrados.

Não deixei meus olhos seguirem seus dedos pelo braço. Porque o braço dela levaria ao seu ombro, e o ombro dela levaria ao seu rosto. E eu sabia o que encontraria lá. Dois olhos machucados e um hematoma fresco se formando em sua bochecha. Uma cicatriz acima da sobrancelha. Outra na garganta. Ainda espreitava por baixo da fita preta, apesar de sua tentativa de escondê-la.

O rosto de Célie surgiu em minha mente. Imaculada e pura.

Oh, Deus. *Célie*.

O arcebispo deu um passo à frente e a multidão imediatamente se acalmou. Com uma carranca, ele me puxou na frente dele. A mulher - a *pagã* - não abandonou seu domínio. Eu ainda não a olhei.

— Irmãos! — A voz do arcebispo soou do outro lado da rua agora silenciosa, atraindo ainda mais atenção. Cada cabeça virou na nossa direção, e ela se encolheu em mim. Eu olhei para ela então, franzindo a testa. Os olhos dela estavam arregalados, as pupilas dilatadas. Assustada.

Eu me virei.

Você não pode me dar seu coração, Reid. Eu não posso ter isso em minha consciência.

Célie, por favor...

Aqueles monstros que assassinaram Pip ainda estão lá fora. Elas devem ser punidos. Não vou distraí-lo do seu propósito. Se você deve doar seu

coração, entregue-o à sua irmandade. Por favor, por favor, esqueça-me.

Eu nunca poderia te esquecer.

O desespero quase me derrubou de joelhos. Ela nunca me perdoaria.

— A preocupação de vocês por esta mulher foi vista e apreciada por Deus. — O arcebispo abriu bem os braços. Suplicando. — Mas não se deixem enganar. Depois de tentar roubar um aristocrata como vocês ontem à noite, ela teve a má vontade de fugir do marido dela enquanto ele tentava discipliná-la esta manhã. Não tenham pena dela, amigos. *Rezem* por ela.

Uma mulher na frente da multidão encarou o arcebispo com ódio descarado. Magra. Cabelos claros. Nariz empinado. Eu fiquei tenso, reconhecendo a mulher dos bastidores.

Seu porco nojento!

Como se ela sentisse meu olhar, seus olhos se voltaram para mim e se estreitaram. Eu olhei para ela, tentando e falhando em esquecer sua condenação sussurrada. *Espero que eles o joguem na prisão. Quem sabe o que poderia ter acontecido?*

Engoli em seco e desviei o olhar. Claro que era assim que parecia. A pequena pagã sabia os truques que tinham, e eu tornei isso ridiculamente fácil. Caindo direto em sua armadilha. Eu me amaldiçoei, desejando puxar meu braço de suas mãos. Mas isso não daria certo. Muitas pessoas nos observavam, e o arcebispo havia sido claro em suas ordens.

— Devemos confessar nossa duplicidade assim que voltarmos para casa, — ele disse, franzindo a testa enquanto andava. — As pessoas devem acreditar que você já é casado. — Ele se virou para ela abruptamente então. — Estou certo ao assumir que sua alma não é salva? — Quando ela não respondeu, ele fez uma careta. — Como eu pensei. Nós remediaremos ambas as situações imediatamente e iremos direto ao Doleur para o batismo. Você deve agir como marido dela até formalizarmos a união, Reid. Pegue esse anel da mão direita e mova-o para a esquerda. Ande ao lado dela. A farsa pode terminar no segundo em que a multidão se dispersar. E, pelo amor de Deus, recupere a capa dela.

A pagã torce o anel em questão agora. Move os pés. Estende a mão para tocar um pedaço de cabelo no rosto. Ela fixou o resto em um coque em sua nuca, selvagem e indomável. Igual a ela. Eu detestei.

— Eu imploro que vocês vejam os ensinamentos de Deus nesta mulher. — A voz do arcebispo se elevou. — Aprendam com a maldade dela! Esposas, *obedeçam aos* seus maridos. *Arrependam-se de* sua natureza pecaminosa. Somente então vocês poderão se unir verdadeiramente a Deus!

Vários membros da multidão assentiram, murmurando seu acordo.

É verdade. Eu sempre disse isso.

Atualmente, as mulheres são tão más quanto as bruxas.

O que todos elas precisam é de madeira - a vara ou a estaca.

A mulher dos bastidores parecia querer infligir danos corporais ao arcebispo. Ela arreganhou os dentes, punhos cerrados, antes de se virar.

A pagã ficou tensa ao meu lado, seu aperto pressionando dolorosamente meu braço. Eu estreitei os olhos para ela, mas ela não me soltou. Foi quando eu senti o cheiro - fraco, sutil, quase leve demais para detectar. Mas ainda lá, persistindo na brisa. Magia.

O arcebispo gemeu.

Eu me virei quando ele se dobrou e apertou seu estômago. — Senhor, você está...

Parei abruptamente quando ele soltou uma respiração chocantemente alta. Seus olhos se abriram e suas bochechas queimaram em vermelho. Murmúrios irromperam na multidão. Chocados. Com nojo. Ele se levantou às pressas, tentando ajeitar as vestes, mas se dobrou novamente no último segundo. Outro ataque destruiu seu sistema. Coloquei a mão nas costas dele, incerto.

— Senhor...

— Me deixe, — ele rosnou.

Afastei-me rapidamente e olhei para a pagã, que tremia de tanto rir. — Pare de rir.

— Eu não poderia nem se quisesse. — Ela apertou a mão ao lado, tremendo, e um bufo escapou de seus lábios. Eu olhei para ela com crescente aversão, curvando-me para inalar seu perfume. Canela. Não é magia. Eu me afastei rapidamente, e ela riu mais.

— Isso bem aqui, esse exato momento, é o que faz valer a pena casar com você, Chass. Vou apreciá-lo para sempre.

O arcebispo insistiu que a pagã e eu andássemos até a Doleur para seu batismo. Ele foi em sua carruagem.

Ela bufou quando ele desapareceu na rua, chutando uma pedra em uma lata de lixo próxima. — A cabeça desse homem está tão dentro da própria bunda que ele poderia usá-la como um chapéu.

Minha mandíbula flexionou. *Não se exalte. Fique calmo.* — Você não o desrespeitará.

Ela sorriu, inclinando a cabeça para me examinar. Então, incrivelmente, ela ficou na ponta dos pés e me deu um tapinha no nariz. Eu cambaleei para trás, assustado. Meu rosto ficou vermelho. Ela sorriu mais e começou a andar. — Eu farei o que eu quiser, Chass.

— Você deve ser minha esposa. — Alcançando-a em dois passos, estendi a mão para agarrar seu braço, mas parei antes de tocá-la. — Isso significa que você vai me obedecer.

— Significa? — Ela ergueu as sobrancelhas, ainda sorrindo. — Suponho que isso significa que você vai me honrar e me proteger, então? Se estamos aderindo aos velhos papéis empoeirados do seu patriarcado?

Eu diminuí meu ritmo para combinar com o dela. — Sim.

Ela bateu palmas. — Excelente. Pelo menos isso será divertido. Eu tenho muitos inimigos.

Eu não pude evitar. Olhei para os hematomas profundos que coloriam seus olhos. — Imagino.

— Eu não imaginaria, se eu fosse você. — Seu tom era de conversação. Leve. Como se estivéssemos discutindo o clima. — Você terá pesadelos por semanas.

Perguntas queimaram minha garganta, mas eu me recusei a expressá-las. Ela parecia contente no silêncio. Seus olhos se moveram por toda parte ao mesmo tempo. Para os vestidos e chapéus nas vitrines das lojas. Para os damascos e avelãs enchendo as carroças dos comerciantes. Às janelas sujas de um pequeno pub, os rostos manchados de fuligem das crianças perseguindo pombos na rua. A cada momento, uma nova emoção esvoaçava em seu rosto. Apreciação. Saudade. Deleite.

Observá-la era estranhamente exaustivo.

Depois de alguns minutos, eu não aguentava mais. Eu limpei minha garganta. — Um deles te deu essas contusões?

— Quem?

— Seus inimigos.

— Ah, — ela disse brilhantemente. — Sim. Bem... dois, na verdade.

Dois? Eu a encarei, incrédulo. Tentei imaginar a pequena criatura diante de mim lutando contra duas pessoas ao mesmo tempo - depois lembrei dela me prendendo nos bastidores, levando a platéia a acreditar que eu havia agredido-a. Eu fiz uma careta. Ela era mais do que capaz.

As ruas alargaram quando chegamos aos arredores de East End. O Doleur logo brilhou no sol da tarde à nossa frente. O arcebispo esperou ao lado de sua carruagem. Para minha surpresa, Jean Luc também.

Claro. Ele seria a testemunha.

A realidade da situação caiu sobre mim como um saco de tijolos ao ver meu amigo. Eu ia me casar com essa mulher. Essa - essa *criatura*. Essa pagã que escalava telhados e roubava aristocratas, que brigava e se vestia como um homem e tinha um nome para combinar.

Ela não era Célie. Ela era a coisa mais distante de Célie que Deus poderia ter criado. Célie era gentil e bem-educada. Delicada. Adequada. Amável. Ela nunca me envergonharia, nunca se apresentaria como um espetáculo.

Eu olhei para a mulher que deveria ser minha esposa. Vestido rasgado e manchado de sangue. Rosto machucado e dedos quebrados. Garganta marcada. E um sorriso que deixou pouca dúvida sobre como ela havia recebido cada lesão.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Viu algo que você gosta?

Eu desviei o olhar. Célie ficaria de coração partido quando soubesse o que eu tinha feito. Ela merecia algo melhor que isso. Melhor que eu.

— Venham agora. — O arcebispo nos indicou a margem deserta do rio. Um peixe morto era a nossa única audiência - e o bando de pombos que se deleitavam com ele. Sua espinha se projetava através de carne apodrecida, e um único olho estava aberto para o céu claro de novembro. — Vamos acabar

com isso. A pagã deve ser batizada primeiro por ordem de nosso Senhor Deus. Pois não sereis desiguais. A luz não tem comunhão com as trevas.

Meus pés estavam com chumbo, cada passo um esforço incrível na areia e lama. Jean Luc seguiu de perto. Eu podia sentir o sorriso dele no meu pescoço. Eu não queria imaginar o que ele pensava de mim agora - disso.

O arcebispo hesitou antes de entrar na água cinzenta. Ele olhou de volta para a pagã, a primeira sugestão de incerteza em seu rosto. Como se não tivesse certeza se ela o seguiria. *Por favor, mude de ideia*, eu rezei. *Por favor, esqueça essa loucura e envie-a para a prisão onde ela pertence.*

Mas então eu perderia minha Balisarda. Minha vida. Meus votos. Meu propósito.

Uma voz pequena e feia no fundo da minha mente zombou. *Ele poderia perdoar você, se ele quisesse. Ninguém questionaria seu julgamento. Você pode continuar sendo um Chasseur sem se casar com uma criminosa.*

Então, por que ele não fez isso?

Desgosto passou por mim só de pensar. Claro que ele não podia me perdoar. As pessoas acreditavam que eu havia abordado-a. Não importava que eu não eu houvesse. Eles *pensaram* queeu tinha. Mesmo que o arcebispo explique - mesmo que ela confesse - as pessoas ainda sussurrariam. Eles duvidariam. Eles questionariam a integridade dos caçadores. Pior ainda - poderiam questionar o próprio arcebispo. Suas motivações.

Nós já nos enredamos na mentira. As pessoas acreditavam que ela era minha esposa. Se a notícia se espalhasse de outra maneira, o arcebispo seria considerado um mentiroso. Isso não poderia acontecer.

Goste ou não, essa pagã se tornaria minha esposa.

Ela saiu em disparada atrás do arcebispo como se quisesse reafirmar o fato. Ele fez uma careta, limpando as manchas de água que ela jogou em seu rosto.

— Que reviravolta interessante. — Os olhos de Jean Luc dançaram de rir enquanto observava a pagã. Ela parecia estar discutindo com o arcebispo sobre algo. Claro que estava.

— Ela... me enganou. — A confissão doeu.

Quando não elaborei, ele se virou para mim. O riso em seus olhos diminuiu. — E Célie?

Eu forcei as palavras, me odiando por elas. — Célie sabia que não nos casaríamos.

Eu não tinha dito a ele sobre sua rejeição. Eu não tinha sido capaz de suportar sua zombaria. Ou pior - sua pena. Ele perguntou uma vez, após a morte de Filippa, sobre minhas intenções com ela. Vergonha queimou no meu intestino. Eu menti por entre os dentes, dizendo que meus votos significavam muito. Dizendo a ele que nunca me casaria.

No entanto, aqui estava eu.

Ele apertou os lábios, olhando para mim astutamente. — Ainda assim, eu... sinto muito. — Ele olhou para a pagã, que apontava um dedo quebrado

para o nariz do arcebispo. — O casamento com uma criatura assim não será fácil.

— O casamento alguma vez é fácil?

— Talvez não, mas ela parece particularmente intolerável. — Ele me deu um sorriso sem entusiasmo. — Suponho que ela precise se mudar para a torre, não é?

Não consegui devolver o sorriso dele. — Sim.

Ele suspirou. — Pena.

Observamos em silêncio o rosto do arcebispo ficar cada vez mais pedregoso. Quando ele finalmente perdeu a paciência e a puxou em sua direção pela nuca. Quando ele a jogou debaixo d'água e a segurou lá um segundo a mais.

Eu não o culpo. Sua alma levaria mais tempo para limpar do que a de uma pessoa normal.

Dois segundos a mais.

O arcebispo parecia estar em guerra consigo mesmo. Seu corpo tremia com o esforço de mantê-la debaixo, e seus olhos estavam arregalados - enlouquecidos. Certamente ele não ia...?

Três segundos a mais.

Mergulhei na água. Jean Luc seguiu atrás de mim. Nós nos jogamos para a frente, mas nosso pânico era infundado. O arcebispo a soltou no momento em que os alcançamos, e ela saltou da água como um gato zangado e sibilante. A água caía em cascata pelos cabelos, rosto e vestido. Estendi a mão para segurá-la, mas ela me afastou. Dei um passo enquanto ela girava, resmungando, em direção ao arcebispo.

— *Fils de pute!* —Antes que eu pudesse me mover para detê-la, ela pulou nele. Os olhos dele se abriram quando ele perdeu o equilíbrio e caiu para trás na água, membros agitando. Jean Luc correu para ajudá-lo. Eu a agarrei, prendendo seus braços ao lado do corpo antes que ela pudesse jogá-lo de volta na água.

Ela não pareceu notar.

— *Connard! Salaud!* — Ela se debateu nos meus braços, chutando água por toda parte. — Eu vou te matar! Vou arrancar essas vestes dos seus ombros e estrangular você com elas, seu pedaço de *merda* deformada e fétida...

Nós três ficamos boquiabertos para ela - olhos arregalados, bocas abertas. O arcebispo se recuperou primeiro. Seu rosto roxo e um som estrangulado escapou de sua garganta. — Como você *ousa* falar comigo assim? — Ele se afastou de Jean Luc, acenando com um dedo na cara dela. Eu percebi o erro dele uma fração de segundo antes que ela se lançasse. Segurando-a mais forte, consegui puxá-la para longe antes que ela pudesse afundar os dentes no dedo dele.

Eu estava prestes a me casar com um animal selvagem.

— Me… solte... Seu cotovelo afundou profundamente no meu estômago.

— Não. — Mais um suspiro do que uma palavra. Mas ainda assim eu a segurei.

Ela soltou um ruído frustrado - algo entre um grunhido e um grito - e ficou misericordiosamente quieta. Enviei uma oração silenciosa de agradecimento antes de arrastá-la de volta à beira do rio.

O arcebispo e Jean Luc se juntaram a nós logo depois. — Obrigado, Reid. — O arcebispo fungou, torceu as vestes e reajustou a cruz em volta do pescoço. O desprezo escorreu de suas feições quando ele finalmente se dirigiu a gata do inferno. — Devemos acorrentá-la para a cerimônia? Talvez adquirir uma focinheira?

— Você tentou me *matar*.

Ele olhou para ela por cima do nariz. — Acredite em mim, criança, se eu quisesse te matar, você estaria morta.

Os olhos dela brilharam. — Igualmente.

Jean Luc engasgou com uma risada.

O arcebispo deu um passo à frente, estreitando os olhos em fendas. — Liberte-a, Reid. Eu gostaria de deixar todo esse assunto sórdido para trás.

De bom grado.

Para minha surpresa - e decepção - ela não fugiu quando eu a soltei. Ela apenas cruzou os braços e plantou os pés no chão, encarando cada um de nós. Obstinadamente. De mau humor. Um desafio silencioso.

Mantivemos nossa distância.

— Faça isso rápido, — ela resmungou.

O arcebispo inclinou a cabeça. — Dê um passo à frente, vocês dois, e dêem as mãos.

Nós nos encaramos. Nenhum dos dois se mexeu. — Oh, apressem-se. — Jean Luc me empurrou bruscamente por trás, e eu avancei um passo. Observei em fúria silenciosa enquanto ela se recusava a fechar a distância restante. Esperei.

Depois de vários segundos, ela revirou os olhos e deu um passo à frente. Quando estendi minhas mãos, ela olhou para elas como se estivessem manchadas pela lepra.

Um.

Eu me forcei a respirar. Inspirando pelo nariz. Soltando pela minha boca.

Dois.

As sobrancelhas dela se franziram. Ela me observou com uma expressão confusa - obviamente questionando minha capacidade mental.

Três.

Quatro.

Ela pegou minhas mãos. Fazendo uma careta como se estivesse com dor.

Cinco.

Percebi um segundo tarde demais, ela *estava* com dores físicas. Eu imediatamente afrouxei meu aperto em seus dedos quebrados.

Seis.

O arcebispo pigarreou. — Vamos começar. — Ele se virou para mim. — Reid Florin Diggory, quer que essa mulher seja sua esposa, para viverem juntos após a ordenança de Deus no estado do sagrado matrimônio? Você vai amá-la, confortá-la, honrá-la e protegê-la na saúde e na doença, abandonando todas as outras, guardará-te somente para ela, enquanto vocês viverem?

Minha visão se estreitou para uma mancha branca entre os pombos - uma pomba. Minha cabeça girou. Todos eles me encararam, esperando eu falar, mas minha garganta se contraiu. Me sufocando.

Eu não podia me casar com essa mulher. Não podia. Uma vez reconhecido, o pensamento se trancou profundamente, afundando suas garras em cada fibra do meu ser. Tinha que haver outra maneira - *qualquer* outra maneira...

Dedos pequenos e quentes apertaram os meus. Meus olhos dispararam e encontraram olhos verde-azulados penetrantes. Não - mais azul que verde agora. Aço. Refletindo a água de ferro do Doleur atrás dela. Ela engoliu em seco e assentiu quase imperceptivelmente.

Nesse breve movimento, eu entendi. A dúvida, a hesitação, o luto de um futuro que eu nunca teria - pertencia a ela também. Foi-se a gata do inferno. Agora, havia apenas uma mulher. E ela era pequena. E ela estava assustada. E ela era forte.

E ela estava me pedindo para ser o mesmo.

Eu não sei por que fiz isso. Ela era uma ladra, uma criminosa, e eu não lhe devia nada. Ela arruinou minha vida quando me arrastou naquele palco. Se eu concordasse, tinha certeza de que ela faria o possível para continuar fazendo isso.

Mas retornei a pressão de qualquer maneira. Senti as duas pequenas palavras subirem aos meus lábios, espontaneamente. — Eu vou.

O arcebispo virou-se para ela. Eu mantive a pressão entre nossas mãos, tomando cuidado com os dedos quebrados dela. — Qual é o seu nome? — Ele perguntou abruptamente. — Seu nome completo?

— Louise Margaux Larue.

Eu fiz uma careta. *Larue*. Era um sobrenome bastante comum entre os criminosos de East End, mas geralmente era um pseudônimo. Literalmente significava *ruas*.

— Larue? — O arcebispo a olhou desconfiado, ecoando minhas próprias dúvidas. — Você deve saber, se esse nome for falso, seu casamento com o capitão Diggory será anulado. Não preciso lembrá-la do seu destino, caso isso aconteça.

— Eu conheço a lei.

— Tudo bem. — Ele acenou com a mão. — Louise Margaux *Larue*, quer que esse homem seja seu esposo, para viverem juntos após a ordenança de Deus no estado do sagrado matrimônio? Você o obedecerá e o servirá, irá amá-lo, honrá-lo e protegê-lo na saúde e na doença e, abandonando todos os outros, guardará-te somente para ele, enquanto vocês viverem?

Eu podia ver o bufar subindo em seu rosto, mas ela resistiu, chutando um pedaço de areia nos pássaros. Eles se espalharam com gritos de alarme. Um nó se formou na minha garganta quando a pomba voou.

— Eu vou.

O arcebispo continuou sem parar. — Pelo poder investido em mim, eu os declaro marido e mulher em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. — Ele fez uma pausa, e todos os músculos do meu corpo ficaram tensos, esperando a próxima fala. Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele me lançou um olhar ameaçador. Minhas bochechas queimaram mais uma vez.

— Pois como o Senhor Deus diz, — ele apertou as mãos e inclinou a cabeça — 'melhor é serem dois do que um... Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.'

Ele se endireitou com um sorriso sombrio. — Está feito. Portanto, o que Deus uniu, que ninguém separe. Assinaremos a certidão de casamento quando voltarmos, e o assunto será resolvido.

Ele se moveu em direção à carruagem que esperava, mas parou bruscamente, virando-se para fazer uma careta para mim. — É claro que o casamento deve ser consumado para ser juridicamente vinculativo.

Ela ficou rígida ao meu lado, olhando resolutamente para o arcebispo - sua boca apertada, seus olhos tensos. O calor tomou conta de mim. Mais quente e mais feroz do que antes. — Sim, Sua Eminência.

Ele assentiu satisfeito e entrou na carruagem. Jean Luc subiu atrás dele, piscando. Se possível, minha humilhação se espalhou.

— Bom. — O arcebispo fechou a porta da carruagem. — Veja se pode ser consumado rapidamente. Uma testemunha deve visitar seu quarto mais tarde para confirmar.

Meu estômago despencou quando ele desapareceu na rua.

Parte II

Petit à petit, l'oiseau fait son nid.
Pouco a pouco, o pássaro faz seu ninho.
—Provérbio francês

Consummation

Lou

A Catedral Saint-Cécile d'Cesarine ergueu-se diante de mim, um espectro sinistro de pináculos, torres e contrafortes voadores. Janelas em tons de jóias espreitavam à luz do sol. As portas de pau-rosa - esculpidas e embutidas em pedra branca - se abriram quando subimos os degraus, e um punhado de Chasseurs saíram.

—Comporte-se, — meu novo marido murmurou. Eu sorri, mas não disse nada.

Um Chasseur parou na minha frente. — Identificação.

— Er...

Meu marido baixou a cabeça rigidamente. — Esta é minha esposa, Louise.

Eu olhei para ele, espantada pelas palavras terem conseguido escapar por entre os dentes cerrados. Como sempre, ele me ignorou.

O Chasseur na minha frente piscou. Piscou novamente. — Sua... sua esposa, capitão Diggory?

Ele fez um aceno quase imperceptível, e eu realmente temia por seus pobres dentes. Eles certamente quebrariam se ele continuasse a triturá-los. — Sim.

O Chasseur arriscou um olhar para mim. — Isto é... altamente incomum. O arcebispo está ciente...

— Ele está nos esperando.

— Claro. — O Chasseur virou-se para o pajem que acabara de aparecer. — Informe o arcebispo que o capitão Diggory e a... esposa dele chegaram. — Ele lançou outro olhar furtivo em minha direção enquanto o menino se afastava. Eu pisquei de volta para ele. Meu marido fez um barulho impaciente e segurou meu braço, me guiando com força em direção à porta.

Puxei meu braço para longe. — Não há necessidade de me aleijar.

— Eu disse para você se *comportar*.

— Ah, por favor. Eu *pisquei*. Não é como se eu tivesse me despido e cantado 'Big Titty Liddy'...

Uma comoção surgiu atrás de nós, e nos viramos como um. Mais caçadores marcharam pela rua, carregando o que parecia ser um corpo entre eles. Embora eles o tivessem embrulhado em pano por motivos de propriedade, não havia como confundir a mão que pendia sob o lençol.

Ou as videiras que cresceram entre os dedos. Ou a casca que manchava sua pele.

Inclinei-me para mais perto - apesar de meu marido me puxar para trás - e inalei a doçura familiar que emana do corpo. Interessante.

Um dos caçadores se apressou em esconder a mão. — Nós o encontramos nos arredores da cidade, Capitão.

Meu marido apontou a cabeça para o beco ao lado da igreja sem dizer uma palavra, e os caçadores se afastaram apressadamente.

Embora meu marido tenha me levado para dentro, estiquei o pescoço para vê-los partir. — O que foi aquilo?

— Não importa.

— Para onde eles estão levando ele?

— Eu disse que não...

— Chega. — O arcebispo apareceu na entrada, olhando a lama e a água que se acumulavam aos meus pés com desgosto. Ele já havia se trocado em roupões de coral frescos, é claro, e lavado as manchas de lama e areia do rosto. Resisti à vontade de mexer no meu vestido rasgado ou pentear com o dedo os cabelos emaranhados. Não importava a minha aparência. O arcebispo podia ir pastar. — A certidão de casamento está esperando no meu escritório. De onde devemos recuperar seus pertences?

Fingindo desinteresse, torci meu cabelo molhado. — Eu não tenho nenhum.

— Você... não tem nenhum, — ele repetiu lentamente, me olhando com desaprovação.

— Foi o que eu disse, sim - a menos que você e seus companheiros gostassem de revistar o sótão do Soleil et Lune. Tenho pegado roupas emprestadas há anos.

Ele fez uma careta. — Eu esperava pouco mais. No entanto, procuraremos encontrar roupas mais apresentáveis para você. Não desonrarei Reid fazendo com que sua noiva pareça uma pagã, mesmo que ela seja uma.

— Como você se atreve? — Eu agarrei a frente do meu vestido arruinado em falsa afronta. — Eu sou uma mulher cristã temente a Deus agora...

Meu marido me levou embora antes que eu pudesse pronunciar outra palavra.

Eu jurei que ouvi um dos dentes dele estalar.

Depois de assinar a certidão de casamento às pressas, meu marido me conduziu por um corredor estreito e empoeirado, claramente tentando evitar a entrada lotada. Deus não permita que alguém visse sua nova esposa. Provavelmente, já estavam circulando rumores na Torre sobre o escândalo.

Uma escada em espiral escondida nos fundos do corredor chamou minha atenção. Ao contrário das escadas arcaicas de pau-rosa, aninhadas em toda a catedral, esta era metálica e claramente construída após a construção

original. E havia algo lá... no ar da escada... Puxei meu braço do seu aperto e expirei secretamente. — Onde essa escada leva?

Ele se virou, seguindo o meu olhar, antes de balançar a cabeça bruscamente. — A nenhum lugar que você estará visitando. O acesso além dos dormitórios é restrito. Somente pessoal aprovado é permitido nos andares superiores.

Bem, então. Conte comigo.

Eu não disse mais nada, no entanto, permitindo que ele me levasse vários lances diferentes de escadas até uma porta de madeira comum. Ele abriu sem olhar para mim. Parei do lado de fora, encarando as palavras inscritas acima da porta:

NÃO DEIXARÁS UMA BRUXA VIVER.

Eu estremeci. Então essa era a infame Torre Chasseur. Embora nenhuma mudança visível marcasse o corredor, havia algo... austero sobre o lugar. Faltava calor, benevolência - a atmosfera tão sombria e rígida quanto os homens que residiam no interior.

Meu marido enfiou a cabeça pela porta um segundo depois, olhando entre a inscrição terrível e eu. — O que há de errado?

— Nada. — Corri atrás dele, ignorando o fio frio de pavor na minha espinha quando cruzei o limiar. Não havia como voltar agora. Eu estava na barriga da fera.

Logo estaria na *cama* da fera.

Como o inferno.

Ele me levou pelo corredor, tomando cuidado para não me tocar. — Por aqui. — Ele apontou para uma das muitas portas que ladeavam o corredor, e eu passei por ele no quarto - e parei.

Era uma caixa de fósforos. Uma caixinha de fósforos dolorosamente simples e miserável, sem características definidoras. As paredes eram brancas, as tábuas do chão escuras. Apenas uma cama e mesa preenchiam o espaço. Pior, ele não tinha nada pessoal. Sem bugigangas. Sem livros. Nem mesmo uma cesta de roupa suja. Quando avistei a janela estreita - muito alta na parede para assistir o pôr do sol - eu realmente morri um pouco por dentro.

Meu marido deve ter sido a pessoa mais insípida que já nasceu.

A porta se fechou atrás de mim. Parecia final - como uma cela de prisão se fechando.

Ele se moveu na minha visão periférica e eu girei, mas ele apenas levantou as mãos lentamente, como se estivesse aplacando um gato selvagem. — Só estou tirando minha jaqueta. — Ele tirou o casaco encharcado e o jogou sobre a mesa antes de começar a soltar o bandoleiro.

— Você pode parar por aí, — eu disse. — Não, sem mais roupas saindo.

Sua mandíbula se apertou. — Eu não vou me forçar em você, — seu nariz enrugou de nojo, — Louise.

— E Lou. — Ele se contraiu visivelmente com o nome. — Meu nome é ofensivo para você?

— Tudo sobre você é ofensivo para mim. — Ele puxou a cadeira da mesa e sentou-se, dando um grande suspiro. — Você é uma criminosa.

— Não há necessidade de soar tão moralista, Chass. Você está aqui por causa de *você*, não de mim.

Ele fez uma careta. — Isto é culpa sua.

Dando de ombros, me mexi para sentar em sua cama imaculadamente feita. Ele se encolheu quando meu vestido molhado sujou a colcha. — Você deveria ter me deixado ir, no teatro.

— Eu não sabia que você ia - que você ia me *incriminar*...

— Eu sou uma criminosa, — eu raciocinei, sem me preocupar em corrigi-lo. Agora não importava. — Eu me comportei criminalmente. Você deveria saber melhor.

Ele apontou com raiva para o meu rosto machucado e dedos quebrados. — E como o comportamento criminoso a tratou?

— Estou viva, não estou?

— Você está? — Ele arqueou uma sobrancelha cor de cobre. — Parece que alguém quase te matou.

Acenei com a mão e sorri. — Perigos do trabalho.

— Não mais.

— Perdão?

Os olhos dele brilharam. — Você é minha esposa agora, gostemos ou não. Ninguém jamais tocará em você dessa maneira novamente.

A tensão - esticada e pesada - se estabeleceu entre nós com suas palavras.

Inclinei a cabeça e caminhei em direção a ele, um sorriso lento se espalhando pelo meu rosto. Ele olhou para mim, mas sua respiração parou quando eu me inclinei sobre ele. Seus olhos foram para a minha boca. Mesmo sentado, ele era quase mais alto que eu.

— Que bom. — Enrolei minha mão em torno de uma das facas em sua bandoleira. Levando-o à sua garganta antes que ele pudesse reagir, afundei a ponta com força o suficiente para tirar sangue. Sua mão desceu no meu pulso - esmagando-o - mas ele não me forçou a sair. Eu me inclinei para mais perto. Nossos lábios estavam separados por apenas um fio de cabelo. — Mas você deveria saber, — eu respirei, — que se um homem me tocar de *qualquer* maneirasem a minha permissão, eu o abrirei no meio. — Fiz uma pausa para fazer efeito, arrastando a faca da sua garganta até o umbigo e além. Ele engoliu em seco. — Mesmo que esse homem seja meu marido.

— Temos que consumar o casamento. — Sua voz era baixa, bruta - com raiva. — Nenhum de nós pode pagar uma anulação.

Eu me afastei dele bruscamente, levantando minha manga para revelar a pele do meu braço. Olhos nunca deixando os dele, eu enfiei a ponta da faca e cortei. Ele se moveu para me parar, mas já era tarde demais. Sangue

jorrou. Rasguei o cobertor da cama e deixei o sangue pingar em seus lençóis.

— Pronto. — Eu andei até a câmara de banho, ignorando sua expressão chocada. — Casamento consumado.

Eu saboreei a dor no meu braço. Parecia real, diferente de tudo neste dia miserável. O limpei devagar, deliberadamente, antes de cobrir com um pano do armário no canto.

Casada.

Se alguém me dissesse esta manhã que eu me casaria ao pôr do sol, eu teria rido. Rido e provavelmente cuspido na cara deles.

O Chasseur bateu na porta. — Você está bem?

— Deus, me deixe em paz.

A porta se abriu. — Você está decente?

— Não, — eu menti.

— Estou entrando. — Ele enfiou a cabeça primeiro, estreitando os olhos ao ver todo o sangue. — Isso foi necessário?

— Eu não sou nada se não minuciosa.

Ele puxou o curativo para examinar o corte, forçando-me a olhar diretamente para o peito dele. Ele ainda não havia trocado de roupa e sua camisa ainda estava molhada do rio. Agarrava-se ao peito de uma maneira particularmente perturbadora. Eu me forcei a olhar para a banheira, mas meus pensamentos continuavam voltando para ele. Ele realmente era alto demais. Anormalmente alto. Inteiramente grande demais para esse espaço pequeno. Eu me perguntei se ele tinha algum tipo de doença. Meus olhos voltaram ao seu peito. Provavelmente.

— Eles irão achar que eu te matei. — Ele substituiu o curativo e abriu o pequeno armário novamente, pegando outro pano para limpar o chão e a bacia. Eu terminei de envolver meu braço e me juntei a ele.

— O que fazemos com as evidências? — Limpei minhas mãos ensanguentadas na minha bainha.

— Nós queimamos. Há uma fornalha no andar de baixo.

Meus olhos se iluminaram. — Sim! Eu coloquei fogo em um armazém uma vez. Um fósforo, e a coisa toda acendeu como uma chaminé.

Ele me olhou horrorizado. — Você incendiou um prédio?

Essas pessoas obviamente tinham problemas auditivos. — Foi o que eu disse, não foi?

Ele balançou a cabeça e pegou a toalha. — Seu vestido, — disse ele sem olhar para mim. Eu olhei para ele.

— O que tem ele?

— Está coberto de sangue. Precisa ir também.

— Certo. — Eu bufei, revirando os olhos. — Eu não tenho nenhuma outra roupa.

—Isso é problema seu. Entregue.

Eu estreitei os olhos para ele. Ele estreitou de volta. — Eu não tenho nenhuma outra roupa, — repeti lentamente. Definitivamente deficiência auditiva.

— Você deveria ter pensado nisso antes de abrir seu braço. — Ele estendeu a mão insistentemente.

Outro segundo se passou.

— Tudo bem, então. — Uma risadinha selvagem escapou da minha garganta. — Muito bem! — Dois poderiam jogar este jogo. Tentei empurrar meu vestido por cima da cabeça, mas meus dedos - ainda rígidos e dolorosos - me impediram de ter sucesso. O tecido molhado pegou em volta do meu pescoço, me estrangulando, e eu quase quebrei o resto dos meus dedos em uma tentativa desesperada de arrancá-lo.

Mãos fortes logo se estenderam para me ajudar. Eu pulei por instinto, e meu vestido rasgou tão facilmente quanto havia feito no teatro.

Aturdida, joguei na cara dele.

Eu não estava nua. Roupas de baixo macias e flexíveis cobriam minhas partes sensíveis, mas era o suficiente. Quando ele se livrou do meu vestido, seu rosto estava queimando. Ele desviou os olhos rapidamente.

— Tem uma camisa lá dentro. — Ele acenou para o armário antes de olhar a ferida no meu braço. — Vou pedir para uma empregada trazer uma camisola para você. Não deixe ela ver seu braço.

Revirei os olhos novamente quando ele saiu, vestindo uma de suas camisas absurdamente grandes. Caia além dos meus joelhos.

Quando eu tive certeza que ele tinha ido, eu me arrastei de volta para o quarto. A luz dourada do pôr do sol brilhava através da janela solitária. Eu arrastei a mesa até ela, empilhando a cadeira em cima, antes de subir. Equilibrando meus cotovelos na borda, descansei meu queixo nas mãos e suspirei.

O sol ainda estava bonito. E apesar de tudo, ainda estava se pondo. Fechei os olhos e me deliciei com o calor.

Uma empregada logo entrou para verificar os lençóis manchados de sangue. Satisfeita, ela os tirou sem dizer uma palavra. Meu estômago afundou lentamente no chão enquanto eu a observava rígida. Ela não olhou para mim.

— Você tem uma camisola? — Eu perguntei esperançosamente, incapaz de suportar o silêncio por mais tempo.

Ela fez uma reverência, educada e adequada, mas ainda assim evitou meus olhos. — O mercado não abre até de manhã, *madame*.

Ela saiu sem outra palavra. Eu a observei sair com uma sensação de mau presságio. Se eu esperava por um aliado nesta miserável torre, eu estava sendo grosseiramente otimista. Até os funcionários sofreram lavagem cerebral. Mas se eles pensavam que poderiam me quebrar em silêncio - com isolamento - eles terão uma surpresa divertida.

Deslizando da minha torre de móveis, rondei a sala por algo que eu poderia usar contra o meu captor. Chantagem. Uma arma. Qualquer coisa.

Eu revirei meu cérebro, lembrando os truques que eu tinha usado em Andre e Grue ao longo dos anos. Depois de abrir a gaveta da mesa, vasculhei seu conteúdo com toda a cortesia que meu marido merecia. Não havia muito o que inspecionar: um par de penas, um pote de tinta, uma velha Bíblia desbotada e... um caderno de couro. Quando o peguei, folheando ansiosamente as páginas, vários papéis soltos caíram no chão. Cartas. Inclinei-me para mais perto, um sorriso lento se espalhando pelo meu rosto.

Cartas de *amor*.

Um Chasseur muito confuso e de cabelos cor de cobre me acordou naquela noite. Eu estava enrolada na banheira - enrolada em sua camisa ridícula - quando ele invadiu e empalou minha costela com o dedo.

— O quê? — Eu o afastei, zangada, fazendo uma careta com a luz repentina nos meus olhos.

— O que você está fazendo? — Ele se recostou, ainda agachado sobre os joelhos e colocou a vela no chão. — Quando você não estava na cama, pensei que talvez - talvez você...

— Tivesse ido embora? — Eu disse astutamente. — Ainda está na agenda.

O rosto dele endureceu. — Isso seria um erro.

— É tudo relativo. — Eu bocejei, me enrolando mais uma vez.

— Por que você está na banheira?

— Bem, eu certamente não ia dormir na sua cama, ia? Esta parecia a melhor alternativa.

Houve uma pausa. — Você não... você não precisa dormir aqui, — ele finalmente murmurou. — Pegue a cama.

— Não, obrigado. Não é que eu não confie em você, mas... bem, é exatamente isso.

— E você acha que a banheira pode protegê-la?

— Humm, não. — Suspirei, pálpebras tremendo. Elas estavam impossivelmente pesadas. — Eu posso trancar a porta...

Espera.

Eu me levantei desperta então. — Eu *tranquei* a porta. Como você está aqui?

Ele sorriu e eu amaldiçoei meu coração traiçoeiro por gaguejar um pouco. O sorriso transformou seu rosto inteiro, como - como o sol. Eu fiz uma careta, cruzando os braços e me aconchegando mais fundo em sua camisa. Não queria fazer *essa* comparação, mas agora não conseguia tirar a imagem da minha cabeça. Seus cabelos acobreados - despenteados, como se ele também tivesse adormecido em algum lugar que não deveria - não ajudaram.

— Onde você estava? — Eu disse.

Seu sorriso vacilou. — Adormeci no santuário. Eu... precisava de espaço.

Eu fiz uma careta, e o silêncio entre nós aumentou. Depois de um longo momento, perguntei: — Como *foi* que você entrou aqui?

— Você não é a única que pode arrombar uma fechadura.

— Sério? — Eu me sentei, o interesse despertado. — Onde um santo Chasseur aprenderia esse truque?

— O arcebispo.

— Claro. Ele é um idiota tão hipócrita.

A frágil camaradagem entre nós desmoronou instantaneamente. Ele se levantou. — Nunca o desrespeite. Não na minha frente. Ele é o melhor homem que eu já conheci. O mais corajoso. Quando eu tinha três anos, ele...

Eu parei de ouvir o que ele estava falando, revirando os olhos. Estava rapidamente se tornando um hábito ao seu redor. — Olha, Chass, você é meu marido, então eu sinto que devo ser honesta com você ao dizer que matarei de bom grado o arcebispo na primeira oportunidade.

— Ele mataria você antes mesmo de você levantar um dedo. — Um brilho fanático brilhou em seus olhos, e eu levantei uma sobrancelha educadamente cética. — Estou falando sério. Ele é o líder mais talentoso da história dos Chasseurs. Ele matou mais bruxas do que qualquer outro homem vivo. Sua habilidade é uma lenda. *Ele* é uma lenda.

— Ele é *velho.*

— Você o subestima.

— Parece ser um tema comum por aqui. — Eu bocejei e me afastei dele, me mexendo para encontrar um ponto mais suave na banheira. — Olha, isso tem sido divertido, mas é hora do meu sono de beleza. Preciso estar no meu melhor para amanhã.

— Amanhã?

— Eu vou voltar para o teatro, — murmurei, os olhos já fechando. — O que eu peguei da apresentação esta manhã parecia fascinante.

Houve outra pausa, muito mais tempo do que antes. Eu olhei para ele por cima do ombro. Ele mexeu na vela por alguns segundos antes de respirar fundo. — Agora que você é minha esposa, é melhor se você ficar na Torre Chasseur.

Eu me levantei, o sono instantaneamente esquecido. — Eu não acho que isso seja o melhor.

— As pessoas viram seu rosto no teatro, — a ansiedade explodiu no meu estômago, — e agora eles sabem que você é minha esposa. Tudo o que você faz será monitorado. Tudo o que você diz vai refletir em mim - nos Chasseurs. O arcebispo não confia em você. Ele acha melhor você ficar aqui até aprender a se comportar. — Ele me deu um olhar duro. — Eu concordo com ele.

— Isso é lamentável. Pensei que você tivesse mais juízo do que o arcebispo. — Eu disse, com raiva. — Você não pode me manter trancada neste *trou à merde*.

Eu poderia ter rido de sua expressão horrorizada se não estivesse com tanta raiva. — Cuidado com a boca. — A boca dele se apertou e as narinas

se dilataram. — Você é minha esposa...

— Sim, você mencionou isso! Sua *esposa*. Não sua escrava, nem sua *propriedade*. Eu assinei aquele pedaço de papel estúpido para *evitar a* prisão.

— Não podemos confiar em você. — Sua voz se elevou sobre a minha. — Você é uma criminosa. Você é impulsiva. Deus me ajude se que você *abrir* a boca fora deste quarto...

— Merda! Droga! Po...

— Pare com isso! — O sangue subiu pela sua garganta, e seu peito subiu e desceu pesadamente enquanto ele lutava para controlar sua respiração. — Deus, mulher! Como você pode falar isso? Você não tem vergonha?

— Eu não vou ficar aqui, — fervi.

— Você vai fazer o que for mandado. — As palavras finais foram vagas.

Como o inferno. Abri minha boca para dizer exatamente isso, mas ele já havia saído do quarto, batendo a porta com força suficiente para chocalhar meus dentes.

The Interrogation

Reid

Eu acordei muito antes da minha esposa. Rígido. Dolorido. Doendo de uma noite agitada no chão. Embora eu tivesse discutido comigo mesmo - argumentando veementemente que ela havia *escolhido* sofrer na banheira - eu não tinha conseguido subir na cama. Não quando ela estava ferida. Não quando ela pode acordar à noite e mudar de ideia.

Não. Eu ofereci a cama para ela. A cama era dela.

Eu me arrependi do meu cavalheirismo no momento em que entrei no pátio de treinamento. A notícia da minha nova circunstância obviamente varreu a Torre. Homem após homem levantou-se para me encarar, cada um com um brilho determinado nos olhos. Cada um esperando impacientemente sua vez. Cada um atacando com beligerância incomum.

— Boa noite, hein, Capitão? — Meu primeiro parceiro zombou depois de cortar meu ombro.

O próximo conseguiu bater nas minhas costelas. Ele estreitou os olhos pra mim. — Não está certo. Uma criminosa dormindo a três quartos de mim.

Jean Luc sorriu. — Eu não acho que eles estavam dormindo muito.

— Ela poderia cortar nossas gargantas.

— Ela é amiga de bruxas.

— Não está certo.

— Não é justo.

— Ouvi dizer que ela é uma prostituta.

Bati o punho da minha espada na cabeça do último e ele se esparramou no chão. Estendendo meus braços, me virei em um círculo lento. Desafiando quem ousasse me confrontar. O sangue escorria de um corte na minha testa. — Alguém mais tem algum problema com a minha nova situação?

Jean Luc uivou de tanto rir. Ele em particular parecia gostar da minha triagem, julgamento e execução - até que ele entrou no ringue. — Dê-me o seu melhor, velho.

Eu era mais velho que ele três meses.

Mas, mesmo desgastado, mesmo exausto e *velho*, eu morreria antes de me render a Jean Luc.

A luta durou apenas alguns minutos. Embora ele fosse rápido e ágil, eu era mais forte. Depois de um bom golpe, ele também se esparramou no chão, apertando as costelas. Esfreguei o sangue do meu lábio recém-cortado antes de ajudá-lo.

— Precisamos interromper sua felicidade conjugal para interrogá-la sobre Tremblay, você sabe. Goste ou não, os homens estão certos. — Ele tocou um nó sob os olhos cuidadosamente. — Ela tem contato com bruxas. O arcebispo acha que ela pode nos levar até elas.

Eu quase revirei os olhos. O arcebispo já havia me confidenciado suas esperanças, mas eu não contei isso a Jean Luc. Ele gostava de se sentir superior. — Eu sei.

Espadas de madeira ainda estalavam e corpos batiam juntos enquanto nossos irmãos continuavam ao nosso redor. Ninguém se aproximou, mas eles me lançaram olhares secretos entre as rodadas. Homens que antes me respeitavam. Homens que já riram, brincaram e me chamaram de amigo. Em apenas algumas horas, eu me tornei objeto da rejeição de minha esposa e do desprezo de meus irmãos. Ambos doeram mais do que eu queria admitir.

O café da manhã tinha sido pior. Meus irmãos não me permitiram comer nada. Metade estava ansiosa demais para ouvir sobre a minha noite de núpcias e os outros me ignoraram estudiosamente.

Como foi?

Você gostou?

Não conte ao arcebispo, mas... Eu tentei uma vez. O nome dela era Babette.

Claro que eu realmente não *queria* consumar. Com *ela*. E meus irmãos - eles se acostumariam. Uma vez que eles percebessem que eu não estava indo a lugar algum. O que eu não estava.

Atravessando o quintal, joguei minha espada na prateleira. Os homens se abriram para mim em ondas. Seus sussurros morderam e estalaram nas minhas costas. Para minha irritação, Jean Luc não tinha tais escrúpulos. Ele me seguiu como uma praga de gafanhotos.

— Devo confessar que estou ansioso para vê-la novamente. — Ele garantiu que sua espada pousasse em cima da minha. — Depois da performance na praia, acho que nossos irmãos vão adorar.

Eu teria preferido os gafanhotos.

— Ela não é isso, — eu discordei em voz baixa.

Jean Luc continuou como se não tivesse me ouvido. — Faz muito tempo desde que uma mulher esteve na torre. Quem foi a última - Esposa do capitão do Barre? Ela não era nada para olhar. A sua é muito melhor...

— Eu vou te agradecer se não falar da minha esposa. — Os sussurros surgiram atrás de nós quando nos aproximamos da Torre. Risos desinibidos ecoaram pelo quintal quando entramos. Cerrei os dentes e fingi que não podia ouvi-los. — O que ela é ou não é não é da sua conta.

As sobrancelhas dele se ergueram. — O que é isso? Isso é possessividade que eu detecto? Certamente você não esqueceu o amor da sua vida tão facilmente?

Célie. O nome dela me cortou como uma faca serrilhada. Ontem à noite, eu escrevi uma carta final para ela. Ela merecia ouvir o que tinha acontecido

comigo. E agora estávamos... acabados. Realmente acabados desta vez. Eu tentei e não consegui engolir o nó na garganta.

Por favor, por favor, esqueça-me.

Eu nunca poderia te esquecer.

Você deve.

A carta saiu com o correio à primeira luz.

— Você já contou a ela? — Jean Luc continuou firme nos meus calcanhares, apenas rápido o suficiente para combinar com o meu passo. — Você foi a ela ontem à noite? Um último encontro com sua dama?

Eu não respondi.

— Ela não ficará satisfeita, né? Quero dizer, você *escolheu* não se casar com ela...

— Chega, Jean Luc.

— … agora você se casou com uma rata de rua imunda que o levou a uma posição comprometedora. Ou ela levou? — Os olhos dele brilharam e ele pegou meu braço. Eu fiquei tenso, desejando quebrar seu aperto. Ou o nariz dele. — Não se pode deixar de pensar... por que o arcebispo o forçou a se casar com uma criminosa se você é inocente?

Afastei meu braço. Lutei para controlar a raiva que ameaçava explodir. — Eu *sou* inocente.

Ele tocou o nó em seus olhos novamente, os lábios curvando em um sorriso. — Claro.

— Aí está você! — A voz curta do arcebispo o precedeu no vestíbulo. Como um, levamos nossos punhos aos nossos corações e nos curvamos. Quando nos levantamos, o olhar do arcebispo caiu sobre mim. — Jean Luc me informou que você estará interrogando sua esposa hoje sobre a bruxa do Tremblay.

Eu assenti rigidamente.

— É claro que você me comunicará quaisquer desenvolvimentos diretamente. — Ele apertou meu ombro com uma camaradagem fácil que provavelmente deixou Jean Luc louco. — Devemos ficar de olho nela, capitão Diggory, para que ela não se destrua - e você no processo. Eu mesmo participaria do interrogatório, mas...

Embora sua voz tenha sumido, seu significado soou claro. *Mas eu não a suporto*. Eu compreendia.

— Sim, senhor.

— Vá buscá-la, então. Estarei em meu escritório, me preparando para a missa da noite.

Ela não estava no nosso quarto.

Ou no banheiro.

Ou na torre.

Ou na catedral inteira.

Eu ia estrangulá-la.

Eu disse para ela ficar. Eu apresentei as razões - as razões perfeitamente racionais e facilmente compreensíveis - e ainda assim ela desobedeceu. Ainda tinha saído. E agora quem sabia que palhaçadas tolas ela estava tramando - palhaçadas tolas que refletiriam sobre mim. Um marido que não podia controlar sua própria esposa.

Furioso, sentei-me na minha mesa e esperei. Recitei mentalmente todos os versos que pude com paciência.

Descansa no Senhor, e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos.

Claro que ela foi embora. Por que ela não iria? Ela era uma criminosa. Um juramento não significava nada para ela. Minha *reputação* não significava nada para ela. Eu me sentei na minha cadeira. Pressionei as palmas das mãos contra os olhos para aliviar a pressão crescente na minha cabeça.

Evite a ira e rejeite a fúria; não se irrite: isso só leva ao mal. Pois os maus serão eliminados, mas os que esperam no Senhor receberão a terra por herança.

Mas o rosto dela. Os machucados dela.

Eu tenho muitos inimigos.

Certamente ser minha esposa não poderia ser pior que *isso*? Ela seria cuidada aqui. Protegida. Tratada melhor do que ela merecia. E ainda... uma voz pequena e sombria no fundo da minha mente sussurrou que talvez fosse bom que ela tivesse ido embora. Talvez isso tenha resolvido um problema. Talvez...

Não. Eu fiz uma promessa a essa mulher. A Deus. Eu não abandonaria isso. Se ela não voltasse em mais uma hora, eu a encontraria - saquearia a cidade, se fosse necessário. Se eu não tivesse minha honra, eu não tinha nada. Ela não tiraria isso de mim. Eu não permitiria isso.

— Bem, isso é uma surpresa divertida.

Eu levantei minha cabeça com a voz familiar. Um alívio inesperado tomou conta de mim. Porque ali, encostada no batente da porta e sorrindo, estava minha esposa. Os braços dela estavam cruzados contra o peito e, por baixo da capa, ela usava - usava...

— O que você está vestindo? — Eu levantei da minha cadeira. Olhei com determinação para o rosto dela e não… para outro lugar.

Ela olhou para as coxas - suas coxas muito visíveis e bem torneadas - e separou a capa ainda mais com o toque da mão. Casualmente. Como se ela não soubesse o que estava fazendo. — Eu acredito que elas são chamadas de calças. Certamente você já ouviu falar delas...

— Eu… — Balançando a cabeça, eu me forcei a me concentrar, a olhar para *qualquer lugar,* menos as pernas dela. — Espere, que surpresa?

Ela caminhou mais para dentro do quarto, passando um dedo pelo meu braço enquanto passava. — Você é meu marido agora, *querido*. Que tipo de esposa eu seria se não pudesse falar sua língua?

— Minha língua?

— Silêncio. Você é bem versado nisso. — Depois de jogar de lado a capa, ela se jogou na cama e enfiou uma perna no ar para examiná-la. Eu estreitei os olhos para o chão. — Sou uma aprendiz rápida. Conheço você há apenas alguns dias, mas já posso interpretar o silêncio muito zangado, um pouco duvidoso e francamente *preocupado* em que você está a manhã inteira. Estou emocionada.

Evite a ira. Eu amoleci minha mandíbula e olhei para a mesa. — Onde você estava?

— Fui buscar um pão.

Evite a ira. Segurei as costas da cadeira. Muito forte. A madeira mordeu as pontas dos meus dedos e minhas juntas ficaram brancas. — Um pão?

— Sim, um pão. — Ela tirou as botas. Elas atingiram o chão com dois baques surdos. — Eu dormi demais na matinê - provavelmente porque *alguém* me acordou cedo pra ca...

— Tome cuidado com o que você diz...

— ...ramba. — Ela se espreguiçou vagarosamente e caiu contra os travesseiros. Dores agudas dispararam em meus dedos do meu aperto na cadeira. Respirei fundo e soltei. — Um pajem me trouxe um vestido bastante infeliz hoje de manhã - de uma das criadas, com um decote até os ouvidos - para usar até que alguém pudesse ir ao mercado. Ninguém fez exatamente disso uma prioridade, então eu convenci o garoto a me dar a moeda que o arcebispo deixou para meu guarda-roupa e tomei a liberdade de comprá-lo eu mesmo. O resto será entregue hoje à noite.

Vestidos. Comprar *vestidos* - não essa criação profana. Este par de calças não se parecia em nada com o par imundo que ela usava antes. Obviamente, ela as comprou com a moeda do arcebispo. Elas se encaixam nela como uma segunda pele.

Eu limpei minha garganta. Mantive meu olhar na mesa. — E os guardas - eles deixaram você...

— Sair? Claro. Ficamos com a impressão de que não era uma sentença de prisão.

Evite a ira. Eu me virei lentamente. — Eu disse para você ficar na torre.

Eu arrisquei um olhar para ela então. Erro meu. Ela levantou os joelhos, chutando um sobre o outro. Exibindo cada curva em sua parte inferior do corpo. Engoli em seco e forcei meu olhar de volta ao chão.

Ela sabia o que estava fazendo também. Diabo.

— E você esperava que eu ouvisse? — Ela riu. Não - gargalhou. — Honestamente, Chass, foi um pouco fácil de sair. Os guardas na porta quase me pediram para ir. Você deveria ter visto o rosto deles quando voltei...

— Por que você voltou? — As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las. Eu me encolhi internamente. Não era como se eu me *importasse.* E não importava, de qualquer maneira. Tudo o que importava era que ela me desobedeceu. Quanto aos meus irmãos... Eu precisaria conversar com eles.

Claramente. Ninguém detestava mais a presença da pagã do que eu, mas o arcebispo havia ordenado.

Ela ficou. Na riqueza ou na pobreza. Na saúde e na doença.

— Eu te disse, Chass. — Sua voz ficou estranhamente calma, e eu arrisquei outro olhar. Ela rolou para o lado e agora me olhava nos olhos. Queixo apoiado na mão dela. Braço envolto em sua cintura. — Eu tenho muitos inimigos.

O olhar dela não vacilou. O rosto dela permaneceu impassível. Pela primeira vez desde que a conheci, a emoção não irradiava de seu próprio ser. Ela estava... em branco. Cuidadosamente, habilmente em branco. Ela arqueou uma sobrancelha com a minha avaliação. Uma pergunta silenciosa.

Mas não havia necessidade de perguntar - para que ela confirmasse o que eu já suspeitava. Por mais estúpido que fosse acreditar em uma ladra, não havia uma explicação melhor para o motivo de ela ter retornado. Eu não quero admitir, mas ela era inteligente. Magistral na arte da fuga. Provavelmente impossível de encontrar uma vez escondida.

O que significava que ela estava aqui porque queria estar. Porque ela precisava estar. Quem quer que fossem seus inimigos, eles devem ser perigosos.

Eu quebrei nosso contato visual para encarar a cabeceira da cama. *Foco*. — Você me desobedeceu, — repeti. — Eu disse para você ficar na torre, e você não ficou. Você quebrou a minha confiança. — Ela revirou os olhos, a máscara rachando. Tentei ressuscitar minha raiva anterior, mas não estava tão quente agora. — Os guardas ficarão mais vigilantes, principalmente depois que o arcebispo souber de suas indiscrições. Ele não ficará satisfeito...

— Bônus inesperado...

— E você permanecerá confinada nos andares inferiores, — eu terminei com os dentes cerrados. — Os dormitórios e comissário.

Ela se sentou, a curiosidade brilhando em seus olhos verde-azulados. — O que há nos andares superiores, novamente?

— Não é da sua conta. — Andei até a porta sem olhar para trás, suspirando de alívio quando uma empregada passou por ela. — Bridgette! Minha esposa pode pegar um vestido emprestado? Vou devolvê-lo amanhã de manhã. — Quando ela assentiu, corando e se afastou, me virei para Louise. — Você precisará trocar de roupa. Estamos indo para a sala do conselho e você não pode usar isso na frente dos meus irmãos.

Ela não se mexeu. — Seus irmãos? O que eles poderiam querer comigo?

Deve ser fisicamente impossível para essa mulher se submeter ao marido. — Eles querem fazer algumas perguntas sobre sua amiga bruxa.

A resposta dela veio imediatamente. — Eu não estou interessada.

— Não foi um pedido. Assim que você estiver vestida adequadamente, partimos.

— Não.

Eu olhei para ela por um segundo inteiro - esperando que ela admitisse, esperando que ela demonstrasse a mansidão apropriada para uma mulher - antes de perceber quem era.

Lou. Uma ladra com o nome de um homem. Eu dei meia volta. — Tudo bem. Vamos lá.

Não esperei que ela seguisse. Honestamente, eu não sabia o que faria se ela não seguisse. A lembrança do arcebispo atingindo-a despertou em minha mente e o calor que fluía através de mim ardeu mais quente. Isso nunca aconteceria novamente. Mesmo que ela me amaldiçoasse - mesmo que ela se recusasse a ouvir uma única palavra que eu dissesse - eu nunca levantaria meu punho para ela.

Nunca.

O que me deixou fervorosamente esperando que ela me seguisse.

Depois de alguns segundos, passos suaves ecoaram atrás de mim no corredor. Graças a Deus. Reduzi meus passos, para que ela pudesse me alcançar. — Por aqui, — eu murmurei, levando-a escada abaixo. Com cuidado para não tocá-la. — Para a masmorra.

Ela olhou para mim alarmada. — A masmorra?

Eu quase ri. Quase. — A sala do conselho está lá embaixo.

Eu a conduzi por outro corredor. Descendo um lance de escada menor e mais íngreme. Vozes concisas se aproximaram de nós enquanto descíamos. Empurrei a porta rústica de madeira na base da escada e fiz sinal para ela entrar.

Uma dúzia de meus irmãos estavam discutindo em torno de uma enorme mesa circular no meio da sala. Pedaços de pergaminho estavam espalhados. Recortes de jornal. Esboços de carvão. Debaixo de tudo, estendia-se um enorme mapa de Belterra. Toda cordilheira - todo pântano, floresta e lago - fora coberta com cuidado e precisão. Cada cidade e ponto de referência.

— Bem, bem, se não é a pequena ladra. — Os olhos de Jean Luc a percorreram com grande interesse. Ele caminhou ao redor da mesa para examiná-la mais de perto. — Veio nos dar a graça da sua presença, finalmente.

Os outros logo seguiram, me ignorando completamente. Meus lábios pressionaram juntos em uma irritação inesperada. Eu não sabia quem me incomodava: minha esposa por usar calças, meus irmãos por encarar ou a mim mesmo por me importar.

— Paz, Jean Luc. — Eu me aproximei, elevando-me atrás dela. — Ela está aqui para ajudar.

— Ela está? Eu pensei que os ratos de rua valorizavam a lealdade.

— Nós valorizamos, — disse ela categoricamente.

Ele levantou uma sobrancelha. — Você se recusa a nos ajudar então?

Comporte-se, implorei silenciosamente. *Coopere.*

Ela não fez isso, é claro. Em vez disso, ela se dirigiu para a mesa, olhando para os pedaços de papel. Eu sabia sem olhar quem ela viu. Um

rosto desenhado uma dúzia de vezes. Uma dúzia de maneiras. Zombando de nós.

La Dame des Sorcières. A senhora das bruxas.

Até o nome irritou. Ela não se parecia em nada com a bruxa no desfile. Nada como a mãe de cabelos negros também. Seu cabelo não era nem preto em sua forma natural, mas um tom peculiar de loiro. Quase branco. Ou prata.

Jean Luc seguiu o olhar dela. — Você conhece Morgane le Blanc?

— Todo mundo conhece ela. — Ela levantou o queixo e lançou-lhe um olhar sombrio. — Até ratos de rua.

— Se você nos ajudasse a colocá-la na estaca, tudo seria perdoado, — disse Jean Luc.

— Perdoado? — Ela arqueou uma sobrancelha e se inclinou para frente, plantando os dedos enfaixados no nariz de Morgane le Blanc. — Pelo que exatamente?

— Por humilhar publicamente Reid. — Jean Luc refletiu seu gesto, sua expressão endurecendo. — Por forçá-lo a desonrar seu nome, sua *honra* como Chasseur.

Meus irmãos concordaram, murmurando baixinho.

— Isso é o suficiente. — Para meu horror, minha mão desceu sobre o ombro dela. Eu encarei ela - grande e estranha em seu corpo esbelto. Pisquei uma vez. Duas vezes. Então a peguei de volta e tentei ignorar o olhar peculiar no rosto de Jean Luc enquanto ele nos observava. Eu limpei minha garganta. — Minha esposa está aqui para testemunhar contra a bruxa na casa de Tremblay. Nada mais.

Jean Luc ergueu as sobrancelhas - educadamente cético, talvez divertido - antes de estender a mão para ela. — Por todos os meios, então, Madame Diggory, por favor, nos ilumine.

Madame Diggory.

Engoli em seco e fui até a mesa ao lado dela. Eu ainda não tinha ouvido o título em voz alta. Ouvir as palavras... pareceu estranho. Real.

Ela fez uma careta e afastou a mão dele. — É Lou.

E lá estava ela de novo. Eu olhei para o teto, tentando e falhando em ignorar os sussurros indignados dos meus irmãos.

— O que você sabe das bruxas? — Jean Luc perguntou.

— Não muito. — Ela arrastou o dedo ao longo da série de *Xs* e círculos marcando a topografia do mapa. A maioria estava concentrada em La Fôret des Yeux. Um círculo para cada dica que recebemos sobre as bruxas que moram nas cavernas de lá. Um *X* para cada missão de reconhecimento que não resultou em nada.

Um sorriso sombrio surgiu na boca de Jean Luc. — Seria do seu interesse cooperar, *madame*. De fato, é apenas pela intervenção do arcebispo que você está aqui, intacta, em vez de espalhada pelo reino como cinzas. Ajudar e incentivar uma bruxa é *ilegal*.

Um silêncio tenso desceu quando ela olhou de rosto em rosto, decidindo claramente se ela concordava. Estava prestes a abrir minha boca para cutucá-la na direção certa quando ela suspirou. — O que vocês querem saber?

Eu pisquei, chocado com sua súbita prudência, mas Jean Luc não parou para saborear o momento. Em vez disso, ele atacou.

— Onde elas estão localizadas?

— Como se ela tivesse me dito.

— Quem é *ela*?

Ela sorriu. — Uma bruxa.

— O *nome* dela.

— Alexandra.

— O sobrenome dela?

— Eu não sei. Operamos com sigilo em East End, mesmo entre amigas.

Eu recuei com a palavra, nojo escoando através de mim. — Você - você realmente considera a bruxa uma *amiga*?

— Eu considero.

— O que aconteceu? — Jean Luc perguntou.

Ela olhou em volta, subitamente amotinada. — *Vocês* aconteceram.

— Explique.

— Quando você nos flagrou no Tremblay, todos nós fugimos, — ela retrucou. — Não sei para onde ela foi. Não sei se a verei novamente.

Jean Luc e eu trocamos um olhar. Se ela estava dizendo a verdade, este era um beco sem saída. Desde o pouco tempo que passei com ela, porém, eu sabia que ela *não* falava a verdade. Provavelmente nem era capaz disso. Mas talvez houvesse outra maneira de obter as informações que precisávamos. Eu sabia que não devia perguntar sobre o homem do trio deles - aquele que havia escapado, o que os policiais procuravam até agora -, mas esses inimigos dela...

Se eles conhecessem minha esposa, eles também poderiam conhecer a bruxa. E quem conhecia a bruxa valia a pena interrogar.

— Seus inimigos, — eu disse cuidadosamente. — Eles também são inimigos dela?

— Talvez.

— Quem são eles?

Ela olhou para o mapa. — Eles não sabem que ela é uma bruxa, se é isso que você está pensando.

— Eu ainda teria o nome deles.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros - imediatamente entediada - e começou a marcar nomes em seus dedos. — Há Andre e Grue, madame Labelle...

— Madame Labelle? — Eu fiz uma careta, lembrando a familiaridade da mulher com Tremblay na noite do assalto. Ela alegou que sua presença tinha sido coincidência, mas... Eu fiquei tenso com a realização.

O selo na dica do arcebispo - a carta que ele jogara no fogo - tinha a forma de uma rosa. E a descrição gaguejada do informante de Ansel tinha sido clara: *ela tinha cabelos ruivos e brilhantes e era muito... muito bonita.*

Talvez a presença de madame Labelle não tivesse sido coincidência, afinal. Talvez ela *tinha* conhecimento que a bruxa estaria lá. E se sim...

Eu compartilhei um olhar significativo com Jean Luc, que apertou os lábios e assentiu enquanto ele também desenhava a conexão. Nós estaríamos conversando com Madame Labelle muito em breve.

— Sim. — A pagã parou para arranhar os olhos de Morgane le Blanc com uma unha. Fiquei surpreso que ela não tenha traçado um bigode no carvão. — Ela tenta nos atrair a viver com as Bellerose faz poucas semanas. Continuamos recusando. Ela nos deixa louca.

Jean Luc quebrou o silêncio chocado, parecendo genuinamente divertido. — Então você é realmente uma prostituta.

Longe demais.

— *Não*, — eu rosnei, a voz baixa, — chame minha esposa de prostituta.

Ele levantou as mãos em desculpas. — Claro. Que grosseiro da minha parte. Continue o interrogatório, capitão, a menos que pense que precisaremos dos parafusos de dedo?

Ela o encarou com um sorriso de aço. — Isso não será necessário.

Eu dei a ela um olhar aguçado. — Não será?

Ela estendeu a mão e deu um tapinha na minha bochecha. — Eu ficarei mais do que feliz em continuar... contanto que você diga por favor.

Se eu não soubesse melhor, o gesto seria carinhoso. Mas eu sabia melhor. E isso não era carinho. Isso foi paternalismo. Mesmo aqui agora - cercada por meus irmãos - ela se atreveu a me irritar. Me humilhar. Minha esposa.

Não... *Lou*. Eu não podia mais negar que o nome lhe convinha. O nome de um homem. Baixo. Forte. Ridículo.

Eu peguei a mão dela e apertei - um aviso mitigado pelas minhas bochechas ardentes. — Vamos despachar homens para interrogar esses inimigos, mas primeiro precisamos saber tudo o que aconteceu naquela noite. — Fiz uma pausa a contragosto, ignorando os murmúrios furiosos de meus irmãos. — Por favor.

Um sorriso verdadeiramente assustador dividiu seu rosto.

The Forbidden Infirmary

Lou

Minha língua estava grossa e pesada de falar quando meu *querido* marido me acompanhou de volta para o nosso quarto. Eu lhes dera uma versão abreviada do conto - de como Coco e eu havíamos escutado Tremblay e Madame Labelle, e como tínhamos planejado roubá-lo naquela noite. Como roubamos o cofre dele, mas Bas - eu não me incomodei em esconder o nome dele, como o idiota não se incomodou em esconder o meu - havia embolsado tudo quando os caçadores chegaram. Como Andre e Grue haviam me encurralado naquele beco. Como eles quase me *mataram*.

Eu realmente enfatizei esse ponto.

Eu *não* mencionei o Anel de Angélica. Ou o interesse de Madame Labelle. Ou o tráfico de Tremblay. Ou qualquer coisa que possa me conectar ainda mais às bruxas. Eu andava numa linha fina como era, e não precisava dar outro motivo para me amarrar à estaca.

Eu sabia que Madame Labelle e Tremblay não arriscariam se incriminar ao mencionar o anel. Eu esperava que Andre e Grue fossem inteligentes o suficiente para seguirem o exemplo. Mesmo que não soubessem, mesmo que eles estupidamente revelassem que sabiam sobre o Anel de Angélica sem denunciá-lo, seria nossa palavra contra a deles. A honra de monsieur Tremblay, o *vicomte* do rei, certamente valia mais do que a honra de dois criminosos.

Também não doeu que meu marido estivesse apaixonado pela filha dele.

De qualquer maneira - a julgar pelo brilho furioso nos olhos do meu marido - Andre e Grue mal podiam esperar pelo que vinha pela frente.

Você é minha esposa agora, gostemos ou não. Nenhum homem jamais tocará em você dessa maneira novamente.

Eu quase gargalhei. Em suma, não tinha sido uma tarde ruim. Meu marido ainda era o idiota mais pomposo de toda uma torre de idiotas pomposos, mas de alguma forma isso tinha sido fácil de ignorar na masmorra. Ele realmente... me defendeu. Ou pelo menos chegou o mais perto que ele foi capaz sem implodir sua virtude.

Quando chegamos ao nosso quarto, fui direto para a banheira, desejando tempo para pensar. Planejar. — Eu estou indo tomar um banho.

Se minhas suspeitas estavam corretas - e geralmente estavam - o homem árvore de ontem desapareceu nos andares superiores proibidos. Talvez para uma enfermaria? Um laboratório? Uma fornalha?

Não. Os caçadores nunca matariam pessoas inocentes, embora queimar mulheres e crianças inocentes na estaca parecia que *deveria* sequalificar. Mas eu ouvira o argumento cansado dos caçadores: havia uma diferença entre matar e assassinar. O assassinato era injustificado. O que eles fizeram com as bruxas... bem, nós merecemos.

Liguei a torneira e me empoleirei na beira da banheira. Intolerância à parte, eu nunca havia considerado onde as vítimas das bruxas realmente *foram*, por que não havia corpos espalhados pelas ruas após cada ataque. Todos aqueles ataques. Todas aquelas vítimas...

Se tal lugar existia, certamente estava *mergulhado* em magia.

Apenas o tipo de cobertura que eu precisava.

— Espere. — Seus passos pesados pararam logo atrás de mim. — Temos coisas a discutir.

Coisas. A palavra nunca soou tão entediante. Eu não me virei. — Tal como?

— Seus novos arranjos.

— Arranjos? — Agora eu me virei, com o estômago afundando. — Você quer dizer o meu novo carcereiro.

Ele inclinou a cabeça. — Se você quiser chamar assim. Você me desobedeceu esta manhã. Eu disse para você não deixar a torre.

Merda. Sendo vigiada... isso não funciona para mim. Não funciona para mim nem um pouco. Eu tinha planos para esta noite - ou seja, um pequeno passeio pelos andares superiores proibidos - e eu estaria condenada se outro idiota pomposo estivesse no meu caminho. Se eu estivesse certa, se a Torre mantivesse magia, era uma visita que eu precisava fazer *sozinha*.

Levei um tempo meditando sobre uma resposta, desamarrando meticulosamente minhas botas e colocando-as ao lado da porta do banheiro. Amarrando meu cabelo em cima da minha cabeça. Desembrulhando o curativo no meu braço.

Ele esperou pacientemente que eu terminasse. Maldito seja. Esgotando todas as minhas opções, eu finalmente me virei. Talvez eu pudesse... detê-lo. Certamente ele não *queria* quesua nova noiva passasse muito tempo com outro homem? Eu trabalhei sem ilusões que ele gostava de mim, mas os homens da Igreja tendiam a ser possessivos com suas coisas.

— Vá em frente, então. — Eu sorri agradavelmente. — Traga-o. Pelo seu bem, é melhor que ele seja bonito.

Seus olhos endureceram, e ele andou ao meu redor para fechar a torneira. — Por que ele precisaria ser bonito?

Fui até a cama e caí, rolando de bruços e apoiando um travesseiro embaixo do queixo. Eu bati meus cílios para ele. — Bem, nós *vamos* passar um pouco de tempo juntos... sem acompanhamento.

Ele apertou a mandíbula com tanta força que parecia provável que se partisse em duas. — Ele *é* seu acompanhante.

— Certo, certo. — Acenei com a mão. — Continue.

— O nome dele é Ansel. Ele tem dezesseis anos.

— Oooh. — Eu balancei minhas sobrancelhas, sorrindo. — Um pouco jovem, não é?

— Ele é perfeitamente capaz...

— Eu gosto deles jovens, no entanto. — Ignorei seu rosto corado e toquei meu lábio, pensativa. — Mais fácil de treinar dessa maneira.

— ...e ele mostra uma grande promessa como potencial...

— Talvez eu dê a ele seu primeiro beijo, — pensei. — Não, eu farei melhor a ele - eu darei a ele sua primeira foda.

Meu marido articulado engasgou com o resto de suas palavras, os olhos arregalados. — O-*o* que você acabou de dizer?

Deficiência auditiva. Estava ficando alarmante.

— Oh, não seja tão puritano, Chass. — Eu pulei e atravessei o quarto, abrindo a gaveta da mesa e arrebatando o caderno de couro que eu encontrei - um diário, cheio de cartas de amor de ninguém menos que Mademoiselle Célie Tremblay. Eu bufei com a ironia. Não é à toa que ele me odiava. — '12 de fevereiro - Deus teve um cuidado especial em formar Célie.'

Seus olhos ficaram incrivelmente arregalados e ele se lançou para o diário. Eu me esquivei - gargalhando - e corri para o banheiro, trancando a porta atrás de mim. Seus punhos batiam contra a madeira. — Me dê isso!

Eu sorri e continuei lendo. — 'Anseio olhar para o rosto dela novamente. Certamente não há nada mais bonito em todo o mundo que seu sorriso - exceto, é claro, seus olhos. Ou a risada dela. Ou os lábios dela. — Meu, meu, Chass. Certamente pensar na boca de uma mulher é impuro? O que diria nosso querido arcebispo?

— Abra... essa...porta. — A madeira fez barulho enquanto ele bateu contra ela. — Agora mesmo!

— 'Mas temo ser egoísta. Célie deixou claro que meu objetivo é com minha irmandade.'

— ABRA ESSA PORTA...

— 'Embora admire a falta de egoísmo dela, não consigo concordar. Qualquer solução que nos separa não é uma solução.'

— ESTOU TE AVISANDO...

— Você está me *avisando*? O que você vai fazer? Quebrar a porta? — Eu ri mais. — Na verdade, faça isso. Eu te desafio. — Voltando minha atenção para o diário dele, continuei a ler. — 'Devo confessar, ela ainda assombra meus pensamentos. Dias e noites se misturam como um só, e luto para me concentrar em qualquer coisa, menos na memória dela. Meu treinamento sofre. Não consigo comer. Eu não consigo dormir. Existe apenas ela.' Bom Deus, Chass, isso está ficando deprimente. Romântico, é claro, mas ainda um pouco melodramático para o meu gosto...

Algo pesado bateu na porta e a madeira lascou. O braço do meu lívido marido esmagou - de novo e de novo - até que um buraco considerável revelou seu brilhante rosto vermelho. Eu ri, jogando o diário através das lascas antes que ele pudesse alcançar meu pescoço. Ricocheteou no nariz dele e derrapou no chão.

Se ele não fosse tão desagradavelmente virtuoso, acho que ele teria xingado. Depois de esticar um braço para destrancar a porta, ele entrou para recolher o diário.

— Pegue. — Eu quase quebrei uma costela por tentar não rir. — Eu já li o suficiente. Coisas bastante tocantes, realmente. Se possível, as cartas dela eram ainda piores.

Ele rosnou e avançou em mim. — Você... você leu meu... pessoal... meu… *particular...*

— De que outra forma eu poderia te conhecer? — Perguntei docemente, dançando em volta da banheira enquanto ele se aproximava. Suas narinas alargaram, e ele parecia mais perto de respirar fogo do que qualquer um que eu já conheci. E eu conheci alguns personagens dragonescos.

— Seu… Seu...

As palavras pareciam falhar com ele. Eu me preparei, esperando o inevitável.

— ...seu *demônio*.

E aí estava. O pior que alguém como meu marido honesto poderia inventar. O *demônio*. Eu falhei em esconder meu sorriso.

— Viu? Você me conheceu sozinho. — Eu pisquei para ele enquanto circulávamos a banheira. — Você é muito mais inteligente do que parece. — Inclinei minha cabeça, franzindo os lábios em consideração. — Embora você tenha sido estúpido o suficiente para deixar suas correspondências mais íntimas por aí para qualquer um ler - *e* você mantém um diário. Talvez você não seja tão inteligente, afinal.

Ele estreitou os olhos para mim, o peito arfando a cada respiração. Depois de mais alguns segundos, seus olhos se fecharam. Eu assisti fascinada quando seus lábios subconscientemente formaram as palavras *um,dois*, *três...*

Ai meu Deus.

Eu não pude evitar. De verdade, eu não pude. Caí na gargalhada.

Seus olhos se abriram e ele agarrou o diário com tanta força que quase o rasgou ao meio. Girando nos calcanhares, ele voltou furiosamente para o quarto. — Ansel estará aqui a qualquer momento. Ele vai consertar a porta.

— Espere... o quê? — Minha risada cessou abruptamente, e corri atrás dele, tomando cuidado com a madeira lascada. — Você ainda quer me deixar com um guarda? Eu vou corrompê-lo!

Ele pegou o casaco e enfiou os braços dentro. — Eu te disse, — ele rosnou. — Você quebrou a confiança. Eu não posso assistir você o tempo todo. Ansel fará isso por mim. — Abrindo a porta do corredor, ele gritou, — Ansel!

Em segundos, um jovem Chasseur enfiou a cabeça. Cabelo castanho selvagem encaracolado caiu em seus olhos, e seu corpo parecia estar esticado de alguma forma, como se tivesse crescido muito em pouco tempo. Além de seu corpo desgrenhado, no entanto, ele era realmente muito bonito - quase andrógino com sua pele lisa e clara e cílios longos e ondulados.

Curiosamente, ele usava uma camada de azul pálido, em vez do azul royal profundo típico dos caçadores. — Sim, Capitão?

— Você está de guarda agora. — O olhar *enfurecedo*r do meu marido era como uma faca quando ele olhou para mim. — Não a deixe sair de sua vista.

Os olhos de Ansel ficaram suplicantes. — Mas e os interrogatórios?

— Você é necessário aqui. — Suas palavras não abriram espaço para discussão. Eu quase senti pena do garoto - ou teria sentido, se a presença dele não tivesse frustrado minha noite inteira. — Volto em algumas horas. Não ouça uma palavra do que ela disser, e tenha certeza que ela *permaneça aqui*.

Nós o observamos fechar a porta em um silêncio sombrio.

Certo. Isso foi bom. Eu não era nada se não fosse adaptável. Afundando de volta na cama, eu gemi teatralmente e murmurei: — Isso deve ser divertido.

Com minhas palavras, Ansel endireitou os ombros. — Não fale comigo.

Eu bufei. — Isso vai ser muito chato se eu não puder falar.

— Bem, você não pode, então... Pare.

Encantador.

O silêncio desceu entre nós. Chutei meus pés contra a armação da cama. Ele olhou para qualquer lugar, menos para mim. Depois de alguns longos momentos, perguntei: — Há algo a fazer aqui?

A boca dele se afinou. — Eu disse para parar de falar.

— Talvez uma biblioteca?

— Pare de falar!

— Eu adoraria ir lá fora. Um pouco de ar fresco, um pouco de sol. — Fiz um gesto para sua pele bonita. — Porém, você pode querer usar um chapéu.

— Como se eu fosse te levasse para fora, — ele zombou. — Eu não sou idiota, sabe.

Sentei-me seriamente. — E eu também não. Olha, eu sei que nunca poderia passar por *você*. Você é muito, er, alto. Grandes pernas longas como as suas me atropelariam em um instante. — Ele franziu a testa, mas eu lhe mostrei um sorriso vencedor. — Se você não quer me levar para fora, por que não me mostra a Torre...

Mas ele já estava balançando a cabeça. — Reid me disse que você era ardilosa.

— Pedir para me mostrar a Torre dificilmente é ser ardilosa, Ansel...

— Não, — ele disse com firmeza. — Nós não vamos a lugar nenhum. E você vai me chamar de Iniciado Diggory.

Meu sorriso desapareceu. — Somos primos de vários graus, então?

As sobrancelhas dele se franziram. — Não.

— Você acabou de dizer que seu sobrenome é Diggory. Esse também é o sobrenome do meu infeliz marido. Vocês dois são parentes?

— Não. — Ele desviou o olhar rapidamente para olhar suas botas. — Esse é o sobrenome que todos os filhos indesejados recebem.

— Indesejados? — Eu perguntei, curiosa apesar de tentar evitar.

Ele fez uma careta para mim. — Órfãos.

Por alguma razão insondável, meu peito se contraiu. — Ah. — Fiz uma pausa em busca das palavras certas, mas não encontrei nenhuma - nenhuma, exceto... — Ajudaria se eu lhe dissesse que não tenho o melhor relacionamento com minha própria mãe?

Sua carranca apenas se aprofundou. — Pelo menos você *tem* uma mãe.

— Eu gostaria de não ter.

— Você não pode dizer isso.

— Eu posso. — Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas. Todos os dias dos últimos dois anos - todo momento, todo *segundo* - eu desejei que ela fosse embora. Queria ter nascido outra pessoa. Qualquer outra pessoa. Eu ofereci a ele um pequeno sorriso. — Eu trocaria de lugar com você em um instante, Ansel - apenas os progenitores, não a roupa horrível. Esse tom de azul realmente não é a minha cor.

Ele endireitou o casaco na defensiva. — Eu disse para você parar de falar.

Caí na cama em resignação. Agora que eu ouvi a confissão dele, a próxima parte do meu plano - a parte *humilhante* - deixou um gosto amargo na minha boca. Mas isso não importava.

Para aborrecimento de Ansel, comecei a cantarolar.

— Sem zumbidos também.

Eu o ignorei. — 'Big Titty Liddy não era muito bonita, mas seu peito era grande como um celeiro', — cantei. — 'Seus melões suculentos deixavam os homens loucos, mas ela era cega aos encantos deles…'

— Pare! — O rosto dele queimava tão escarlate que competia com o do meu marido. — O que você está fazendo? Isso é indecente!

— Claro que é. É uma música de pub!

— Você já esteve em um pub? — Ele perguntou, pasmo. — Mas você é uma *mulher*.

Levou cada gota da minha força de vontade para não revirar os olhos. Quem quer que tenha ensinado esses homens sobre mulheres, estava *horripilantemente* fora de contato com a realidade. Era quase como se nunca tivessem conhecido uma mulher. Uma mulher de *verdade* - não um sonho ridículo como Célie.

Eu tinha um dever a fazer com esse pobre garoto.

— Há *muitas* mulheres em bares, Ansel. Nós não somos como você pensa. Podemos fazer qualquer coisa que você possa fazer - e provavelmente melhor. Existe um *mundo* inteiro fora desta igreja, sabe. Eu poderia te mostrar, se você quisesse.

Sua expressão endureceu, embora rosa ainda florescesse em suas bochechas. — Não. Não fale mais. Sem mais zumbido. Sem mais cantos. Só... pare de ser você por um tempo, está bem?

— Não posso fazer promessas, — eu disse seriamente. — Mas se você me mostrasse o lugar...

— Não está acontecendo.

Tudo bem.

— 'Big Willy Billy falava meio mau, — berrei, — 'mas a maçaneta dele era tão comprida quanto o seu...'

— Pare, pare. — Ansel acenou com as mãos, as bochechas em chamas novamente. — Vou levá-la para conhecer o lugar… apenas, por favor, *por favor* pare de cantar sobre… aquilo!

Levantei-me, juntando as mãos e sorrindo.

Voilà.

Infelizmente, Ansel começou nossa tour pelos vastos salões de Saint-Cécile. Mais lamentável ainda - ele sabia uma quantidade absurda sobre cada característica arquitetônica da catedral, bem como a história de cada relíquia, efígie e vitral. Depois de ouvir suas proezas intelectuais pelos primeiros quinze minutos, fiquei levemente impressionada. O garoto era claramente inteligente. Depois de ouvi-lo pelas próximas quatro horas, no entanto, eu desejava quebrar a monstruosidade em sua cabeça. Foi um alívio quando ele terminou a tour para o jantar, prometendo continuar amanhã.

Mas ele quase pareceu… esperançoso. Como se em algum momento da nossa tour, ele tivesse começado a se divertir. Como se ele não estivesse acostumado a ter a atenção total de alguém, ou talvez alguém a ouvi-lo. Essa esperança em seus olhos de corça anulou meu desejo de infligir danos corporais.

No entanto, não podia me distrair do meu propósito.

Quando Ansel bateu na minha porta na manhã seguinte, meu marido nos deixou sem dizer uma palavra, desaparecendo para onde quer que fosse durante o dia. Depois que o resto do meu guarda-roupa foi entregue, passamos uma noite tensa e silenciosa juntos antes de eu me retirar para a banheira. Seu diário - e as cartas de Célie - haviam desaparecido misteriosamente.

Ansel virou-se para mim hesitante. — Você ainda quer terminar sua tour?

— Sobre isso. — Eu endireitei meus ombros, determinada a *não* perder mais um dia aprendendo sobre um osso que poderia ter pertencido a Saint Constantin. — Por mais *emocionante* que nossa excursão tenha sido ontem, quero ver a Torre.

— A Torre? — Ele piscou em confusão. — Mas não há nada aqui que você ainda não tenha visto. Os dormitórios, masmorra, comissário...

— Absurdo. Tenho certeza de que não vi *tudo*.

Ignorando sua carranca, empurrei-o para fora da porta antes que ele pudesse protestar.

Demorou mais uma hora - depois de fingir interesse nos estábulos da Torre, no pátio de treinamento e nos 23 armários de limpeza - até que finalmente consegui arrastar Ansel de volta à escada em espiral de metal.

— O que há lá em cima? — Perguntei, plantando meus pés quando ele tentou me levar de volta aos dormitórios.

— Nada, — ele disse rapidamente.

— Você é um péssimo mentiroso.

Ele puxou meu braço com mais força. — Você não está autorizada a ir lá em cima.

— Por quê?

— Porque você não está.

— Ansel. — Fiz um beicinho, envolvendo meus braços em torno de seu bíceps magro e batendo meus cílios. — Eu vou me comportar. Eu prometo.

Ele estreitou os olhos para mim. — Eu não acredito em você.

Soltei o braço dele e fiz uma careta. Eu *não* tinha acabado de desperdiçar a última hora andando na Torre com um garoto na puberdade - por mais adorável que fosse - para tropeçar na linha de chegada. — Bem. Então você não me deixa escolha.

Ele me olhou com cautela. — O que você está....

Ele parou quando eu me virei e subi correndo a escada. Embora ele fosse mais alto, eu adivinhei corretamente: ele ainda não estava acostumado com sua altura de gancho, e seus membros eram uma bagunça de constrangimento. Ele tropeçou atrás de mim, mas não foi muito uma perseguição. Eu já tinha corrido vários degraus antes que ele descobrisse como usar as pernas.

Parando rapidamente no topo, espiei consternada o Chasseur sentado do lado de fora da porta - não, *dormindo* do lado de fora. Apoiado em uma cadeira precária, ele roncava baixinho, o queixo caído no peito e a baba umedecendo o casaco azul claro. Eu corri em volta dele para a porta, o coração pulando quando a maçaneta girou. Mais portas ladeavam as paredes do corredor em intervalos regulares, mas não foi o que me fez parar.

Não. Era o ar. Ele rodou ao meu redor, fazendo cócegas no meu nariz. Doce e familiar... com apenas uma pitada de algo mais escuro por baixo. Algo podre.

Você está aqui, você está aqui, você está aqui, respirou.

Eu sorri. Magia.

Mas meu sorriso rapidamente vacilou. Se eu achava que os dormitórios eram frios, eu estava errada. Este lugar era pior. Muito pior. Quase... proibido. O ar adocicado anormalmente imóvel.

Dois conjuntos de passos desajeitados quebraram o silêncio sinistro.

— Pare! — Ansel passou pela porta atrás de mim, perdeu o equilíbrio e bateu nas minhas costas. O guarda do lado de fora da porta - finalmente acordado e muito mais jovem do que eu imaginara - seguiu o exemplo. Caímos em um turbilhão de maldições e corpos emaranhados.

— Saia de *cima*, Ansel...

— Estou *tentando*...

— Quem *é* você? Você não deveria estar aqui em cima...

— Perdão! — Nós olhamos para cima em direção à voz minúscula. Pertencia a um velho frágil e vacilante, de manto branco e óculos grossos. Ele segurava uma Bíblia em uma mão e um dispositivo curioso na outra: pequeno e metálico, com uma pena afiada no final de um cilindro.

Empurrando os dois para longe e me levantando, procurei freneticamente algo para dizer, alguma explicação razoável sobre por que estávamos lutando no meio... do que quer que isso fosse, mas o guarda me derrotou.

— Sinto muito, sua reverência. — O garoto nos lançou um olhar ressentido. O colarinho havia marcado a bochecha durante a soneca e um pouco da baba secara no queixo. — Eu não tenho ideia de quem é essa garota. *Ansel* adeixou entrar aqui.

— Eu não deixei! — Ansel corou indignado, ainda sem fôlego. — *Você* estava dormindo!

— Oh, querido. — O velho empurrou os óculos pela ponte do nariz para nos olhar. — Isso não serve. Isso não serve de jeito nenhum.

Jogando cautela ao vento, abri minha boca para explicar, mas uma voz suave e familiar interrompeu.

— Eles estão aqui para me ver, Padre.

Eu congelei, surpresa sacudindo através de mim. Eu conhecia aquela voz. Eu conhecia ela melhor do que a minha. Mas não deveria estar *aqui* - no coração da Torre Chasseur - quando deveria estar a centenas de quilômetros de distância.

Olhos escuros e desonestos se fixaram em mim. — Olá, Louise.

Eu sorri em resposta, balançando a cabeça em descrença. *Coco*.

— Isso é incomum, mademoiselle Perrot, — o padre chiou, franzindo a testa. — Cidadãos particulares não são permitidos na enfermaria sem aviso prévio.

Coco fez sinal para eu me aproximar. — Mas Louise não é uma cidadã particular, padre Orville. Ela é a esposa do Capitão Reid Diggory.

Ela virou-se para o guarda, que estava boquiaberto. Ansel tinha uma expressão semelhante, os olhos comicamente arregalados e a mandíbula aberta. Estupefato. Eu resisti ao desejo de enfiar a língua de volta em sua boca. Não era como se eles pudessem ver sua figura debaixo de seu enorme manto branco. De fato, o tecido engomado de seu decote subia logo abaixo do queixo e as mangas pendiam quase até as pontas dos dedos, onde luvas brancas escondiam o resto. Um uniforme inconveniente se eu já tivesse visto um - mas um disfarce mais conveniente.

— Como você pode ver, — ela continuou, espetando o guarda com um olhar aguçado, — sua presença não é mais necessária. Posso sugerir a retomada do seu posto? Não gostaríamos que os caçadores soubessem dessa horrível falta de comunicação, não é?

O guarda não precisou ser avisado duas vezes. Ele voltou apressadamente a porta, parando apenas quando cruzou o limiar. — Apenas - apenas certifique-se de que ela assine o registro. — Então ele fechou a porta com um *clique* bastante aliviado.

— Capitão Reid Diggory, você disse? — O padre se aproximou, inclinando a cabeça para trás para me examinar através dos óculos. Eles ampliaram seus olhos para um tamanho alarmante. — Oho, eu ouvi tudo sobre Reid Diggory e sua nova noiva. Você deveria ter vergonha, *madame*. Enganando um homem santo no matrimônio! É ímpio...

— Padre. — Coco colocou a mão em seu braço e o encarou com um sorriso de aço. — Louise está aqui para me ajudar hoje... como penitência.

— Penitência?

— Ah, sim, — acrescentei, entendendo e assentindo com entusiasmo. Ansel olhou entre nós com uma expressão confusa. Eu pisei no pé dele. O padre Orville nem sequer piscou, o velho morcego cego. — Você deve me permitir reparar meus pecados, pai. Sinto-me absolutamente infeliz com o meu comportamento e orei muito sobre a melhor forma de me punir.

Tirei a última moeda do arcebispo do meu bolso. Graças a Deus, o padre Orville ainda não havia notado minhas calças. Ele provavelmente teria um ataque e morreria. Coloquei a moeda na palma da mão dele. — Rezo para que você aceite essa indulgência para aliviar minha sentença.

Ele murmurou, mas deslizou em suas vestes. — Suponho que cuidar dos doentes *é* uma busca digna...

— Fantástico. — Coco sorriu e me guiou para longe antes que ele pudesse mudar de ideia. Ansel seguiu atrás como se não tivesse certeza para onde deveria ir. — Vamos ler Provérbios.

— Lembre-se de seguir o protocolo. — O padre Orville apontou para o banheiro próximo à saída, onde dois pedaços de pergaminho foram afixados na parede. O primeiro era claramente um registro de nomes. Eu me aproximei para ler o pequeno script do segundo.

PROCEDIMENTOS DA ENFERMARIA - ENTRADA OCIDENTAL

Como decretado por SUA EMINÊNCIA, O ARCEBISPO DE BELTERRA, todos os convidados da enfermaria da catedral devem apresentar seu nome e identificação ao iniciado de plantão. Não fazer isso resultará na remoção das instalações e ação legal.

Representantes do asilo em Feuillemort -
Faça o check-in no escritório do Padre Orville. Os pacotes são distribuídos a partir da entrada leste.
Clérigos e curandeiros -
Utilize o formulário de registro e inspeção localizado na entrada leste.

Os seguintes procedimentos devem ser observados o tempo todo:

1. A enfermaria deve permanecer limpa e livre de detritos.
2. Linguagem e comportamento irreverentes não são tolerados.

3. *Todos os hóspedes devem permanecer com um membro da equipe. Os hóspedes encontrados desacompanhados serão tirado das instalações. Ações legais podem ser tomadas.*
4. *Todos os convidados devem usar roupas adequadas. Ao entrar, os curandeiros distribuem vestes brancas para vestir sobre as roupas dos leigos. Essas vestes devem ser devolvidas a um funcionário antes da partida das instalações. Essas vestes ajudam a controlar o odor em toda a Catedral Saint-Cécile d'Cesarine e Torre Chasseur. Elas são obrigatórias. O não uso das vestes resultará na remoção permanente das instalações.*
5. *Todos os hóspedes devem lavar-se cuidadosamente antes da partida das instalações. O formulário de inspeção de hóspedes está localizado no banheiro próximo à entrada ocidental. A não aprovação na inspeção resultará na remoção permanente das instalações.*

Santo inferno. Este lugar era uma prisão.

— É claro, padre Orville. — Coco pegou minha mão e me afastou da placa. — Vamos ficar longe. Você nem notará que estamos aqui. E você, — ela olhou por cima do ombro para Ansel — vai correr e brincar. Não precisamos de mais assistência.

— Mas Reid...

— Venha agora, Ansel. — O padre Orville tentou apertar no ombro de Ansel e encontrou o cotovelo. — Deixe as jovens cuidarem dos leitos doentes. Você e eu nos uniremos em comunhão de oração até que terminem. Realizei tudo o que posso com as pobres almas nesta manhã. Lamento que dois estejam indo para Feuillemort na manhã, já que suas almas não respondem à minha mão de cura...

Sua voz parou quando ele levou Ansel pelo corredor. Ansel lançou um olhar suplicante por cima do ombro antes de desaparecer na curva.

— Feuillemort? — Perguntei curiosamente.

— Shh... ainda não, — sussurrou Coco.

Ela abriu uma porta aleatoriamente e me empurrou. Ao som de nossa entrada, a cabeça do homem girou em nossa direção - e continuou girando. Nós assistimos horrorizadas, congeladas, enquanto ele se arrastava da cama em membros invertidos, as articulações dobradas e estalando de suas órbitas de maneira não natural. Um brilho animalesco iluminou seus olhos, e ele assobiou, correndo em nossa direção como uma aranha.

— O que no...

— Fora, fora, *fora*! — Coco me empurrou da sala e bateu a porta. O corpo do homem bateu contra ela, e ele soltou um gemido estranho. Ela respirou fundo, alisando as vestes de curandeira. — Ok, vamos tentar de novo.

Eu olhei apreensivamente para a porta. — Devemos?

Ela abriu outra porta e olhou para dentro. — Dessa vez deve dar certo.

Espiei por cima do ombro e vi uma mulher lendo em silêncio. Quando ela olhou para nós, eu me afastei, levantando um punho na minha boca. Sua pele *se moveu* - como se milhares de pequenos insetos rastejassem logo abaixo da superfície.

— Não. — Balançando a cabeça, eu me afastei rapidamente. — Eu não posso lidar com insetos.

A mulher levantou a mão suplicante. — Fique, por favor… — um enxame de gafanhotos brotou de sua boca aberta, sufocando-a, e lágrimas de sangue escorreram por suas bochechas.

Fechamos a porta com seus soluços.

— *Eu* escolho a próxima porta. — Peito arfando inexplicavelmente, considerei minhas opções, mas as portas eram todas idênticas. Quem sabia que novos horrores estavam além? Vozes masculinas vieram em nossa direção a partir de uma porta no final do corredor, unidas pelo tinido suave do metal. Curiosamente mórbida, eu me aproximei, mas Coco me parou com um breve balançar de cabeça. — Que lugar *é* esse, afinal? — Perguntei.

— Inferno. — Ela me guiou pelo corredor, lançando um olhar furtivo por cima do ombro. — Você não quer ir lá. É onde os padres... fazem os experimentos.

— Experimentos?

— Eu tropecei lá na noite passada enquanto eles estavam dissecando o cérebro de um paciente. — Ela abriu outra porta, examinando a sala com cuidado antes de empurrá-la para abrir mais. — Eles estão tentando entender de onde vem a magia.

Lá dentro, um senhor idoso estava acorrentado a um poste de ferro. Ele olhava fixamente para o teto.

Clink.

Pausa.

Clink.

Pausa.

Clink.

Eu olhei mais perto e ofeguei. Seus dedos estavam com pontas pretas, as unhas alongadas e afiadas. Ele batia no antebraço com o dedo indicador ritmicamente. A cada batida, uma gota de sangue escorria, escura demais para ser natural. Venenosa. Centenas de outras marcas já descoloriram todo o seu corpo - até o rosto. Nenhuma havia se curado. Todas vazavam sangue preto.

Podridão metálica se misturava com o doce aroma da magia no ar.

Clink.

Pausa.

Clink.

A bile subiu na minha garganta. Agora ele parecia menos um homem e mais uma criatura de pesadelos e sombras.

Coco fechou a porta atrás de nós e seus olhos leitosos encontraram os meus. Os cabelos do meu pescoço se arrepiaram.

— É apenas monsieur Bernard. — Coco atravessou a sala e pegou uma das algemas. — Ele deve ter deslizado suas correntes novamente.

— Santo inferno. — Eu me aproximei quando ela gentilmente apertou a algema de volta em torno da mão livre do homem. Ele continuou me olhando com aqueles olhos vazios. Sem piscar. — O que aconteceu com ele?

— A mesma coisa que aconteceu com todo mundo aqui em cima. — Ela alisou o cabelo caído para fora do rosto dele. — Bruxas.

Engoli em seco e caminhei até a cabeceira da cama, onde uma Bíblia estava em cima de uma cadeira de ferro solitária. Olhando para a porta, abaixei minha voz. — Talvez possamos ajudá-lo.

Coco suspirou. — É inútil. Os Chasseurs o trouxeram cedo esta manhã. Encontraram-no vagando do lado de fora de La Forêt des Yeux. — Ela tocou o sangue na mão dele e o levou ao nariz, inalando. — Suas unhas estão envenenadas. Ele estará morto em breve. É por isso que os padres o mantiveram aqui em vez de mandá-lo para o asilo.

O peso se instalou no meu peito enquanto eu olhava para o moribundo. — E qual era o dispositivo de tortura que o padre Orville estava carregando?

Ela sorriu. — Você quer dizer a Bíblia?

— Muito engraçada. Não... eu quis dizer a coisa de metal. Parecia... afiado.

O sorriso dela desapareceu. — É afiado. É chamada de seringa. Os padres as usam para injeções.

— Injeções?

Coco recostou-se na parede e cruzou os braços. O branco de suas vestes quase se misturou à pedra pálida, dando a ilusão de uma cabeça flutuante olhando para mim através do corpo de Monsieur Bernard. Estremeci novamente. Este lugar me dava arrepios.

— É assim que eles estão chamando. — Os olhos dela escureceram. — Mas eu vi o que eles podem fazer. Os padres estão mexendo com veneno. Hemlock, especificamente. Eles estão testando nos pacientes para aperfeiçoar a dosagem. Eu acho que eles estão criando uma arma para usar contra as bruxas.

O medo percorreu minha espinha. — Mas a Igreja acha que apenas a chama pode realmente matar uma bruxa.

— Embora eles possam nos chamar de demônios, eles sabem que somos mortais. Sangramos como humanos. Sentimos dor como seres humanos. Mas as injeções não foram feitas para nos matar. Elas causam paralisia. Os caçadores terão que chegar perto o suficiente para nos injetar, e nós estaremos tão mortas quanto se realmente estivessemos.

Um momento se passou enquanto eu tentava entender esse desenvolvimento perturbador. Olhei para Monsieur Bernard, um sabor amargo cobrindo minha boca. Me lembrei dos insetos rastejando sob a pele

de uma mulher apenas algumas portas abaixo, as lágrimas sangrentas em suas bochechas. Talvez os padres não tenham sido os únicos culpados.

A paralisia - ou até mesmo a estaca - era preferível a alguns destinos.

— O que você está fazendo aqui, *mademoiselle Perrot*? — Perguntei finalmente. Pelo menos ela não tinha usado seu nome verdadeiro. A família Monvoisin tinha uma certa... notoriedade. — Você deveria estar se escondendo com sua tia.

Ela realmente teve a ousadia de fazer beicinho. — Eu poderia te perguntar a mesma pergunta. Como você pôde não me convidar para o seu casamento?

Uma bolha de riso escapou dos meus lábios. Parecia misterioso no silêncio. A unha do monsieur Bernard bateu contra sua algema agora.

Clink.

Clink.

Clink.

Eu o ignorei. — Confie em mim, se eu tivesse alguma opinião na lista de convidados, você estaria lá.

— Dama de honra?

— Claro.

Um pouco satisfeita, Coco suspirou e balançou a cabeça. — Casada com um Chasseur... Quando ouvi a notícia, não acreditei. — Um pequeno sorriso tocou seus lábios. — Você tem bolas do tamanho de pedras.

Eu ri mais alto dessa vez. — Você é tão *depravada*, Coco…

— E o que dizer das bolas do seu marido? — Ela balançou as sobrancelhas diabolicamente. — Como elas se comparam às do Bas?

— O que você sabe sobre as bolas do Bas? — Minhas bochechas doem de tanto sorrir. Eu sabia que era errado - com o amaldiçoado e moribundo monsieur Bernard deitado ao meu lado - mas o peso no meu peito diminuiu gradualmente quando Coco e eu caímos de volta em nossa brincadeira fácil. Era bom ver um rosto amigável depois de atravessar um mar de pessoas hostis por dois dias seguidos - e saber que ela estava segura. Por agora.

Ela suspirou dramaticamente e dobrou o cobertor em cima de Monsieur Bernard. Ele não parou de bater. — Você fala enquanto dorme. Eu tive que viver indiretamente. — Seu sorriso desapareceu quando ela olhou para mim. Ela assentiu para as minhas contusões. — Seu marido fez isso?

— Cortesia de Andre, infelizmente.

— Eu me pergunto como Andre se sairia sem *as bolas dele*. Talvez eu faça uma pequena visita a ele.

— Não se preocupe. Coloquei os Chasseurs nele, nos dois.

— O quê? — Seus olhos se arregalaram de prazer quando eu contei o interrogatório. — Sua bruxinha diabólica! — Ela cantou quando eu terminei.

— Shhh! — Eu fui até a porta e pressionei meu ouvido contra a madeira, tentando ouvir por sinais de movimento lá fora. — Você quer que eles nos

peguem? Falando nisso… — Voltei a encará-la quando tinha certeza de que ninguém pairava lá fora. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para resgatá-la, é claro.

Revirei os olhos. — Claro.

— Uma das curandeiras renunciou ao cargo para se casar na semana passada. Os padres precisavam de uma substituta.

Eu dei-lhe um olhar duro. — E você sabe disso como?

— Fácil. — Ela se afundou no final da cama. Monsieur Bernard continuou batendo a unha, embora felizmente voltou seu olhar perturbador para ela agora. — Esperei que a substituta dela aparecesse ontem de manhã e a convenci de que eu seria a melhor candidata.

— O que? Como?

— Pedi com carinho, é claro. — Ela me encarou com um olhar aguçado antes de revirar os olhos. — Como você acha? Eu roubei sua carta de recomendação e a enfeiticei para esquecer seu próprio nome. A *verdadeira* Brie Perrot está de férias em Amaris e ninguém jamais saberá a diferença.

— Coco! Que risco estúpido...

— Eu tenho tentado encontrar uma maneira de falar com você o dia todo, mas os padres são implacáveis. Estive em *treinamento*. — Ela apertou os lábios com a palavra antes de tirar um pedaço de pergaminho amassado de suas vestes. Não reconheci a caligrafia cravada, mas reconheci a mancha escura de sangue. O cheiro forte da magia do sangue. — Enviei uma carta para minha tia, e ela concordou em protegê-la. Você pode voltar comigo. O clã está acampado perto da cidade, mas elas não permanecerão lá por muito tempo. Elas estão indo para o norte dentro de duas semanas. Podemos sair daqui antes que alguém saiba que você se foi.

Meu estômago se afundou. — Coco, eu... — Suspirando, olhei em volta da sala austera em busca de uma explicação. Eu não podia dizer a ela que não confiava em sua tia - ou em ninguém, exceto nela, nesse caso. Não na verdade. — Acho que esse pode ser o lugar mais seguro para mim agora. Um Chasseur literalmente fez um *juramento* para me proteger.

— Eu não gosto disso. — Ela balançou a cabeça fervorosamente e se levantou. — Você está brincando com fogo aqui, Lou. Mais cedo ou mais tarde, você *vai* se queimar.

Eu sorri sem entusiasmo. — Vamos torcer para ser mais tarde, então.

Ela estreitou os olhos para mim. — Isso não tem graça. Você está deixando sua segurança - sua *vida* - para homens que vão queimar você se descobrirem o que você é.

Meu sorriso desapareceu. — Não, não estou. — Quando ela parecia pronta para discutir, eu falei antes. — Eu não estou. Eu juro que não estou. É por isso que vim aqui hoje - por que continuarei aqui todos os dias até que ela venha me buscar. Porque ela *virá* atrás de mim, Coco. Não poderei me esconder para sempre.

Fiz uma pausa, respirando fundo.

— E quando ela vier, eu vou estar pronta. Não mais dependendo de truques e roupas. Ou do reconhecimento de Babette ou da linhagem de Bas. Ou de você. — Dei a ela um sorriso de desculpas e torci o Anel de Angélica no meu dedo. — É hora de começar a ser proativa. Se este anel não estivesse no cofre de Tremblay, eu estaria em uma merda séria. Eu me deixei ficar fraca. O risco de descoberta fora deste corredor é muito grande, mas aqui... aqui eu posso praticar, e ninguém nunca saberá.

Ela sorriu, lenta e largamente, e enlaçou o braço no meu. — É melhor assim. Exceto que você está errada sobre uma coisa. Você vai continuar dependendo de mim, porque eu não vou a lugar nenhum. Vamos praticar juntas.

Eu fiz uma careta, dividida entre implorar para ela ficar e forçá-la a ir. Mas não era minha decisão, e eu já sabia o que ela me diria se tentasse forçá-la a fazer alguma coisa. Eu aprendi meus palavrões favoritos com ela, afinal. — Será perigoso. Mesmo com o cheiro disfarçando a magia, os caçadores ainda poderiam nos descobrir.

— Nesse caso, você *precisará* demim aqui, — ela apontou, — para que eu possa drenar todo o sangue de seus corpos.

Eu a encarei. — Você pode fazer isso?

— Não tenho certeza. — Ela piscou e se despediu de monsieur Bernard. — Talvez devêssemos descobrir.

The Escape

Lou

Bolhas com cheiro de lavanda e água morna estavam lambendo minhas costelas quando meu marido voltou mais tarde naquele dia. Sua voz ecoou através das paredes. — Ela está aí?

— Sim, mas...

O *tête carrée* não parou para ouvir ou questionar por que Ansel estava no corredor, em vez de no quarto. Eu sorri em antecipação. Embora ele fosse estragar meu banho, a expressão em seu rosto compensaria isso.

Com certeza, ele invadiu o quarto um segundo depois. Eu assisti enquanto seus olhos varriam o quarto, procurando por mim.

Ansel havia retirado a porta do banheiro na tentativa de consertar o buraco que meu marido havia perfurado antes, mas eu não esperava que ele terminasse. A moldura agora estava gloriosamente vazia, uma vitrine perfeita para minha pele ensaboada e nua. E sua humilhação. Não demorou muito para ele me encontrar. Aquele mesmo, maravilhoso e sufocante ruído irrompeu de sua garganta, e seus olhos se arregalaram.

Eu dei um aceno alegre. — Olá.

— Eu... o que você... Ansel! — Ele quase colidiu com o batente da porta em seu esforço para fugir. — Eu pedi para você consertar a porta!

A voz de Ansel subiu histericamente. — Não houve tempo...

Com um grunhido de impaciência, meu marido bateu a porta do quarto fechada.

Imaginei uma bolha como seu rosto e dei um peteleco. Então outra. E outra. — Você é muito rude com ele, você sabe.

Ele não respondeu. Provavelmente tentando controlar o sangue correndo em seu rosto. Porém, eu ainda podia ver. Rastejou pelo pescoço e misturou-se aos cabelos acobreados. Inclinando-me para a frente, cruzei os braços sobre a borda da banheira. — Onde você estava?

Suas costas ficaram rígidas, mas ele não se virou. — Nós não os pegamos.

— Andre e Grue?

Ele assentiu.

— Então o que acontece agora?

— Temos caçadores monitorando East End. Com alguma sorte, vamos prendê-los em breve, e cada um deles passará vários anos na prisão por agressão.

— Depois que eles te derem informações sobre minha amiga.

— Depois que eles me derem informações sobre a bruxa.

Revirei os olhos, jogando água na parte de trás da cabeça dele. Encharcou os cabelos de cobre e caiu em cascata na gola da camisa. Ele girou indignado, punhos cerrados - depois parou, fechando os olhos com força.

— Você pode colocar algo? — Ele acenou com a mão na minha direção, a outra firmemente pressionada contra os olhos. — Eu não posso falar com você quando você está sentada aí... sentada aí...

— Nua?

Seus dentes se apertaram com um *estalo* audível. — Sim.

— Lamento, mas não. Ainda não terminei de lavar o cabelo. — Deslizei de volta para debaixo das bolhas com um suspiro irritado. A água bateu na minha clavícula. — Mas você pode olhar agora. Todos os meus pedaços divertidos estão cobertos.

Ele abriu um olho. Ao me ver em segurança sob a espuma, ele relaxou - ou relaxou tanto quanto alguém como ele era capaz. Ele tinha um permanente pau na bunda, esse meu marido.

Ele se aproximou com cautela e encostou-se no batente da porta vazio. Eu o ignorei, jogando mais sabão de lavanda na palma da minha mão. Nós dois ficamos em silêncio enquanto ele me observava ensaboar meu cabelo.

— Onde você conseguiu essas cicatrizes? — Ele perguntou.

Não parei. Embora as minhas não fossem nada comparadas às de Coco e Babette, eu ainda tinha muitas. Um risco de viver nas ruas. — Quais?

— Todas elas.

Eu arrisquei um olhar para ele então, e meu coração despencou quando percebi que ele estava olhando para minha garganta. Eu o direcionei para o meu ombro, apontando para a longa linha irregular ali. — Esbarrei na ponta errada de uma faca. — Eu levantei meu cotovelo para mostrar a ele outra mancha de cicatrizes. — Enrolada com uma cerca de arame farpado. — Bati embaixo da minha clavícula. — Outra faca. Essa doeu como uma vadia também.

Ele ignorou minha linguagem, olhos inescrutáveis enquanto olhava para mim. — Quem fez isso?

— Andre. — Eu mergulhei meu cabelo de volta na água, sorrindo quando ele desviou os olhos. Cabelo limpo, passei meus braços em volta das minhas canelas e descansei meu queixo nos joelhos. — Ele me deu um pulo quando cheguei na cidade.

Ele suspirou profundamente, como se de repente estivesse cansado. — Me desculpe por nós não os encontrarmos.

— Vocês irão.

— Oh?

— Eles não são os mais brilhantes. Eles provavelmente aparecerão aqui de manhã, exigindo saber por que você está procurando por eles.

Ele riu e esfregou o pescoço, enfatizando a curva do bíceps. Ele arregaçou as mangas da camisa desde o interrogatório, e eu não pude deixar

de traçar a longa linha do seu antebraço até a mão. Para os dedos calejados. Para os finos cabelos de cobre, espanando sua pele.

Ele limpou a garganta e deixou cair o braço às pressas. — Eu devo ir. Estaremos interrogando Madame Labelle em breve. Depois o outro - o ladrão na casa de Tremblay. Bastien St. Pierre.

Meu coração parou e eu me joguei para frente, jogando bolhas e água em todas as direções. — Não o Bas? — Ele assentiu, estreitando os olhos. — Mas - mas ele escapou!

— Nós o encontramos espreitando do lado de fora de uma entrada dos fundos de Soleil et Lune. — Desaprovação irradiava dele. — Tudo bem. Os policiais o teriam prendido mais cedo ou mais tarde. Ele matou um dos guardas de Tremblay.

Santo inferno. Recostei-me, apertando o peito quando o pânico arranhou minha garganta e lutei para controlar minha respiração. — O que vai acontecer com ele?

As sobrancelhas dele se juntaram em surpresa. — Ele vai ser enforcado.

Merda.

Merda, merda, *merda*.

Claro queBas havia sido preso. É *claro* que ele matou um guarda em vez de deixá-lo inconsciente. Por que o idiota esteve em Soleil et Lune em primeiro lugar? Ele sabia que eles estavam procurando por ele. Ele *sabia*. Por que ele não fugiu? Por que ele não estava no meio do mar? Por que ele não estava, ein, *Bas*?

Apesar da água quente do banho, arrepio subiu na minha pele. Ele poderia... ele poderia ter voltado por mim? A esperança e o desespero guerrearam no meu peito, igualmente hediondos, mas o pânico logo conquistou os dois.

— Você tem que me deixar vê-lo.

— Isso está fora de questão.

— Por favor. — Eu detestava a palavra, mas se ele recusasse - se implorar não funcionasse - eu teria apenas uma opção. A magia do lado de fora da enfermaria era um risco enorme, mas eu precisava correr.

Porque Bas sabia sobre Coco, sim - mas ele também sabia sobre mim.

Eu me perguntava quanta informação sobre duas bruxas valia. A vida dele? Sua sentença de prisão? Um comércio justo aos olhos dos caçadores, e um que Bas certamente faria. Mesmo se ele *tivesse* voltado por mim, ele não hesitaria com sua vida em risco.

Eu me amaldiçoei por confiar nele. Eu conhecia o caráter dele. Eu sabia quem ele era, mas ainda assim me permiti relaxar, derramar meus segredos mais profundos. Bem, um deles de qualquer maneira. E agora eu pagaria o preço, assim como Coco.

Estúpida. Tão, tão *estúpida*.

— Por favor, — repeti.

Meu marido piscou com a palavra, claramente atordoado. Mas seu choque logo deu lugar a suspeita. Ele fez uma careta. — Por que você está

tão preocupada com ele?

— Ele é um amigo. — Eu não me importei que minha voz soasse desesperada. — Um amigo querido.

— É claro que ele é. — Na minha expressão de dor, ele olhou para o teto e acrescentou, quase com relutância: — Ele terá uma chance de se salvar.

— Como assim?

Embora eu já soubesse a resposta, prendi a respiração, temendo suas próximas palavras.

— A bruxa ainda é nossa prioridade, — ele confirmou. — Se ele nos der informações que levem à sua captura, sua sentença será reavaliada.

Agarrei a borda da banheira em busca de apoio, forçando-me a permanecer calma. Minha outra mão se levantou para acariciar a cicatriz na minha garganta - um gesto instintivo e agitado.

Depois de um longo momento, sua voz flutuou em minha direção em um sussurro. — Você está bem? Você parece... pálida.

Quando eu não respondi, ele atravessou o banheiro e se agachou ao lado da banheira. Não me importei que as bolhas estivessem diminuindo. Aparentemente, ele também não. Ele estendeu a mão e tocou uma mecha de cabelo na minha orelha. Sabão saiu em seus dedos. — Você deixou passar uma mecha.

Eu não disse nada quando ele juntou água na palma da mão e deixou escorrer pelos meus cabelos, mas minha respiração ficou presa quando seus dedos pairaram acima da minha garganta. — Como você conseguiu essa? — Ele murmurou.

Engolindo em seco, procurei uma mentira e não a encontrei. — Essa é uma história para outro dia, Chass.

Ele se recostou nos calcanhares, olhos azuis procurando meu rosto.

Cobri a cicatriz instintivamente e olhei para o meu reflexo na água e sabão. Depois de tudo que eu tinha passado - depois de tudo que eu tinha sofrido - eu não queimaria por Bas. Eu não seria o sacrifício de ninguém. Não antes. Não agora. Nunca.

Só havia uma coisa a fazer.

Eu teria que salvá-lo.

Meu marido me deixou alguns momentos depois para retornar à sala do conselho. Saltando da banheira, apressei-me a encontrar a vela que havia escondido dentro do armário de linho. Eu a tinha pegado do santuário durante a turnê de Ansel ontem. Com movimentos rápidos e praticados, acendi a cera e a coloquei na mesa. A fumaça das ervas imediatamente dominou a sala e eu suspirei aliviada. O cheiro não estava certo, mas estava perto o suficiente. Quando ele voltasse, a magia já teria desaparecido. Esperançosamente.

Depois de andar freneticamente pelo quarto por vários minutos, forcei-me a sentar na cama. Esperei com impaciência que Ansel retornasse.

Ele era jovem. Facilmente manipulado, talvez. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma.

Depois de uma eternidade e um dia, ele bateu na porta.

— Entre!

Ele entrou na sala com cautela, os olhos correndo para o banheiro. Verificando claramente para ter certeza de que eu estava vestida adequadamente.

Levantei-me e respirei fundo, me preparando para o que estava por vir. Eu só esperava que Ansel não estivesse usando sua Balisarda.

Sorrindo timidamente, tranquei os olhos nos dele quando ele entrou mais no quarto. Minha pele formigava em antecipação. — Senti sua falta.

Ele piscou com a minha voz estranha, as sobrancelhas franzidas. Andando mais perto, coloquei a mão em seu antebraço. Ele se afastou, mas parou no último segundo, piscando novamente.

Me encolhi contra seu peito e bebi seu perfume - sua essência. Minha pele brilhava contra o azul pálido de seu casaco. Nós olhamos para o brilho juntos, os lábios se separando. — Tão forte, — eu respirei. As palavras fluíram profundas e ressonantes dos meus lábios. — Tão digno. Eles cometeram um erro ao subestimar você.

Uma gama de emoções passou por seu rosto com as minhas palavras - com o meu toque.

Confusão. Pânico. Desejo.

Eu arrastei um dedo pela bochecha dele. Ele não se afastou do contato. — Eu vejo a grandeza em você, Ansel. Você vai matar muitas bruxas.

Seus cílios tremeram suavemente, e então - nada. Ele era meu. Coloquei meus braços em volta de sua cintura estreita, brilhando ainda mais. — Você vai me ajudar? — Ele assentiu, os olhos arregalados enquanto olhava para mim. Eu beijei sua palma e fechei meus olhos, respirando profundamente. — Obrigada, Ansel.

O resto foi fácil.

Eu permiti que ele me levasse à masmorra. Em vez de continuar descendo as escadas estreitas até a sala do conselho, no entanto, viramos à direita, para as celas onde eles mantinham Bas. Os Chasseurs - inclusive meu marido - ainda questionavam Madame Labelle, e apenas dois guardas estavam do lado de fora das celas. Eles usavam casacos azuis pálidos como Ansel.

Eles se viraram para nós perplexos quando nos aproximamos, suas mãos imediatamente pegando armas - mas não Balisardas. Eu sorri enquanto padrões dourados cintilantes se materializavam entre nós. Eles pensaram que estavam seguros dentro de sua torre. Tão tolos. Tão descuidados.

Pegando uma rede de padrões, cerrei os punhos e suspirei quando minhas lembranças afetuosas de Bas - o amor que eu já senti, o calor que ele me trouxe uma vez - caíram no esquecimento. Os guardas caíram no chão e os cordões desapareceram em uma explosão de poeira cintilante. *Memória por memória,* a voz na minha cabeça cantou. *Um preço digno. É melhor assim.*

Os olhos de Bas brilhavam triunfantes quando ele me viu. Eu me aproximei da cela, inclinando minha cabeça para o lado enquanto o examinava. Eles rasparam sua cabeça e barba na prisão para evitar piolhos. Não combinava com ele.

— Lou! — Ele apertou as barras e pressionou o rosto entre elas. O pânico brilhou em seus olhos. — Graças a Deus você está aqui. Meu primo tentou pagar minha fiança, mas eles não quiseram ouvir. Eles vão me enforcar, Lou, se eu não contar a eles sobre Coco... — Ele interrompeu, o verdadeiro medo distorcendo suas feições no olhar distante e sobrenatural no meu rosto. Minha pele brilhava mais. Ansel caiu de joelhos atrás de mim.

— O que você está fazendo? — Bas apertou as palmas das mãos contra os olhos, na tentativa de combater o charme que emanava de mim. — Não faça isso. Lamento ter deixado você na casa de Tremblay. Você sabe que eu não sou tão corajoso, ou tão - tão esperto quanto você e Coco. Foi errado da minha parte. Eu deveria ter ficado - eu deveria ter ajudado...

Um arrepio sacudiu seu corpo quando me aproximei e dei um sorriso, pequeno e frio. — Lou, por favor! — Ele implorou. Outro tremor - mais forte desta vez. — Eu não teria contado nada sobre você. Você sabe disso! Não, por favor, não!

Seus ombros caíram e, quando suas mãos caíram para os lados mais uma vez, seu rosto estava alegremente vazio.

— Tão esperto, Bas. Tão esperto. Você sempre teve palavras tão bonitas. — Eu segurei seu rosto através da porta da cela. — Vou lhe dar uma coisa, Bas, e em troca você vai me dar uma coisa. Como isso soa? — Ele assentiu e sorriu. Eu me inclinei mais perto e beijei seus lábios. Senti sua respiração. Ele suspirou satisfeito. — Vou te libertar. Tudo o que peço em troca são suas memórias.

Apertei meus dedos em sua bochecha - no ouro rodopiando em torno de seu belo rosto. Ele não lutou quando minhas unhas morderam sua pele, picando a pequena cicatriz de prata em sua mandíbula. Eu me perguntei brevemente como ele conseguiu.

Quando terminei - quando a névoa dourada havia roubado todas as lembranças do meu rosto e de Coco da mente dele - Bas caiu no chão. Seu rosto sangrou devido às minhas unhas, mas, caso contrário, ele se recuperaria. Inclinei-me para recuperar as chaves do cinto do guarda e as deixei cair ao lado dele. Então me virei para Ansel.

— Sua vez, precioso. — Ajoelhei-me ao lado dele e envolvi minha mãos ao redor de seus ombros, roçando meus lábios contra sua bochecha. — Isso pode doer um pouco.

Concentrando-me na cena diante de nós, roubei a memória da mente de Ansel. Levou apenas alguns segundos antes que ele também caísse no chão.

Eu lutei para permanecer consciente, mas o preto penetrou nas bordas da minha visão enquanto eu repetia o processo nos guardas. Eu tive que pagar o preço. Eu tinha tomado, e agora devo dar. A natureza exigia equilíbrio.

Balançando levemente, tombei sobre Ansel e me rendi à escuridão.

Eu pisquei acordada pouco tempo depois. Minha cabeça latejava, mas eu a ignorei, levantando rapidamente nos meus pés. A porta da cela estava aberta e Bas sumira. Ansel, no entanto, não mostrou sinais de agitação.

Mordi meu lábio, deliberando. Ele seria punido se encontrado fora da cela vazia de um prisioneiro, especialmente com dois guardas inconscientes a seus pés. Pior, ele não teria lembrança de como chegara lá e não havia como se defender.

Carrancuda, massageei minhas têmporas e tentei formular um plano. Eu precisava me apressar - precisava de alguma forma lavar o cheiro da magia da minha pele antes que os Caçadores me alcançassem - mas eu não podia simplesmente deixá-lo. Não vendo outra alternativa, eu o levantei sob as axilas e o arrastei para longe. Nós só damos alguns passos quando meus joelhos começaram a dobrar. Ele era mais pesado do que parecia.

Vozes zangadas me alcançaram quando me aproximei da escada. Embora Ansel estivesse finalmente começando a se mexer, eu não era forte o suficiente para subir cada degrau com ele. As vozes ficaram mais altas. Amaldiçoando silenciosamente, eu o empurrei pela primeira porta que vi e a fechei atrás de nós.

Minha respiração me deixou em um aliviado *whoosh* quando eu me endireitei e olhei em volta. Uma biblioteca. Nós estávamos em uma biblioteca. Pequena e sem adornos - como tudo mais neste lugar miserável - mas ainda uma biblioteca.

Passos invadiram o corredor, e mais vozes foram acrescentadas à cacofonia.

— Ele se foi!

— Revistem a torre!

Mas a porta da biblioteca permaneceu - milagrosamente - fechada. Rezando para que continuasse assim, joguei Ansel em uma das cadeiras de leitura. Ele piscou para mim, seus olhos lutando para se concentrar, antes de murmurar: — Onde estamos?

— Na biblioteca. — Eu me joguei na cadeira ao lado dele e puxei um livro aleatoriamente da prateleira. *Doze tratados de extermínio oculto*. Claro. Minhas mãos tremiam com o esforço de não arrancar as páginas hediondas da encadernação. — Estávamos na enfermaria com o padre Orville e com Co- er, a mademoiselle Perrot. Você me trouxe aqui para... para… — joguei os *Doze Tratados* na mesa mais próxima e peguei a Bíblia encadernada em couro ao lado. — Para me educar. É isso aí.

— O quê?

Eu gemi quando a porta se abriu, e meu marido e Jean Luc entraram.

— Foi você, não foi? — Jean Luc avançou em minha direção com assassinato nos olhos.

Meu marido deu um passo à frente, mas Ansel já estava lá. Ele balançou um pouco, mas seus olhos se afiaram com a aproximação de Jean Luc. — Do que você está falando? O que aconteceu?

— O prisioneiro escapou, — Jean Luc rosnou. Ao lado dele, meu marido parou, suas narinas dilatadas. Merda. O cheiro. Ele ainda se agarrava a Ansel e a mim como uma segunda pele, saindo da cela vazia diretamente para nós. — A cela dele está vazia. Os guardas ficaram inconscientes.

Eu estava condenada. Bela e verdadeiramente condenada desta vez. Agarrando a Bíblia com mais força para impedir que minhas mãos tremessem, eu encontrei cada um de seus olhares com calma forçada. Pelo menos os caçadores me queimariam. Nem uma gota do meu sangue seria derramada. Saboreei aquela pequena vitória.

Meu marido me olhou através dos olhos estreitados. — O que... é esse cheiro?

Mais passos bateram lá fora, e Coco derrapou na sala antes que eu pudesse responder. Uma nova onda de ar doce e doentio tomou conta de nós quando ela chegou, e meu coração se alojou firmemente na minha garganta.

— Eu ouvi os padres falando sobre a fuga do prisioneiro! — Sua respiração saiu em ventos curtos, e ela agarrou o lado dela. Quando seus olhos encontraram os meus, no entanto, ela assentiu tranquilizadoramente e se endireitou, garantindo que as vestes branca de curandeira ainda cobrissem cada centímetro de sua pele. — Eu vim para ver se poderia ajudar.

O nariz de Jean Luc enrugou com repugnância ao cheiro que emanava dela. — Quem é você?

— Brie Perrot. — Ela fez uma reverência, rapidamente recuperando a compostura. — Eu sou a nova curandeira da enfermaria.

Ele franziu a testa, não convencido. — Então você sabe que as curandeiras não são permitidas livremente na torre. Você não deveria estar aqui embaixo, especialmente com um prisioneiro vagando livre.

Coco o espetou com um olhar aguçado antes de apelar para o meu marido. — Capitão Diggory, sua esposa me acompanhou mais cedo enquanto eu lia os Provérbios dos pacientes. Ansel a acompanhou. Não é mesmo, Ansel?

Deus, ela era brilhante.

Ansel piscou para nós, confusão nublando seus olhos mais uma vez. — Eu... sim. — Ele franziu a testa e balançou a cabeça, obviamente tentando explicar a lacuna em suas memórias. — Você tomou banho, mas nós... fomos à enfermaria. — Seus olhos se estreitaram em concentração. — Eu... Rezei com o padre Orville.

Soltei um suspiro de alívio, esperando que as memórias de Ansel ficassem confusas.

— Ele pode confirmar? — Meu marido perguntou.

— Sim, senhor.

— Encantador. No entanto, isso não explica por que a cela cheirava a magia. — Claramente irritado com a intromissão de Coco, Jean Luc olhou com raiva entre nós três. — *Ou* os guardas inconscientes.

Coco o encarou com um sorriso nítido. — Infelizmente, fui chamada para atender um paciente antes que eu pudesse instruir Madame Diggory a se lavar adequadamente. Ela e Ansel foram embora logo depois.

Os olhos do meu marido quase queimaram meu rosto. — Naturalmente, você veio aqui em vez de voltar para o nosso quarto.

Desejei parecer arrependida, devolvendo a Bíblia à mesa. Com alguma sorte, talvez consigamos sobreviver a essa bagunça. — Ansel queria me ensinar alguns versículos, e eu... Eu fui vê-lo em sua cela. Bas. — Mexendo com uma mecha de cabelo, olhei para ele através dos cílios abaixados. — Você disse que ele poderia ser enforcado, e eu queria falar com ele... antes. Uma última vez. Eu sinto muito.

Ele não disse nada. Apenas olhou para mim.

— E os guardas? — Jean Luc perguntou.

Eu me levantei e gesticulei para o meu pequeno corpo. — Você realmente acha que eu poderia deixar dois homens crescidos inconscientes?

A resposta do meu marido veio instantaneamente. — Sim.

Sob circunstâncias diferentes, eu ficaria lisonjeada. Agora, no entanto, sua fé inabalável em minhas habilidades era extremamente inconveniente.

— Eles estavam inconscientes quando cheguei, — eu menti. — E Bas já tinha saído.

— Por que você não nos informou de uma vez? Por que fugir? — Os olhos pálidos de Jean Luc se estreitaram e ele foi para frente até que fui forçada a olhá-lo para manter contato visual. Eu fiz uma careta.

Bem. Se ele quisesse me intimidar, eu poderia brincar junto.

Eu quebrei nosso olhar e olhei para minhas mãos, queixo tremendo. — Confesso que às vezes sou inibida pelas fraquezas do meu sexo, *monsieur*. Quando vi que Bas havia escapado, entrei em pânico. Eu sei que não é desculpa.

— Bom Deus. — Revirando os olhos para as minhas lágrimas, Jean Luc lançou um olhar exasperado para o meu marido. — Você pode explicar isso para Sua Eminência, *capitão*. Tenho certeza de que ele ficará encantado com outro fracasso. — Ele caminhou em direção à porta, nos dispensando. — Volte à enfermaria, mademoiselle Perrot, e lembre-se de seu lugar no futuro. Os curandeiros têm acesso apenas aos locais contidos - a enfermaria, seus dormitórios e a escada dos fundos. Se você deseja visitar qualquer outra área da Torre, deverá se lavar e passar por uma inspeção. Como você é nova na Torre, eu vou ignorar o seu passo em falso desta vez, mas eu *vou* falar com os sacerdotes. Eles garantirão que não repitamos essa pequena aventura.

Se Coco pudesse ter exsanguinado alguém, eu tinha certeza que ela teria feito isso naquele momento. Apressei-me a intervir. — Isso é minha culpa. Não dela.

Jean Luc levantou uma sobrancelha escura, inclinando a cabeça. — Que bobo da minha parte. Você está certa, é claro. Se você não tivesse desobedecido a Reid, tudo isso poderia ter sido evitado.

Embora eu tenha assumido a culpa, ainda me irritei com a censura. Claramente, meu marido *não era* o mais pomposo de todos os idiotas; o título pertence inequivocamente a Jean Luc. Eu tinha acabado de abrir minha boca para dizer isso quando meu marido inoportuno o interrompeu.

— Venha aqui, Ansel.

Ansel engoliu em seco e deu um passo à frente, apertando as mãos trêmulas atrás das costas. Inquietação passou por mim.

— Por que você a deixou na enfermaria?

— Eu te disse, eu *convidei…* — Coco começou, mas ela parou abruptamente com o olhar no rosto do meu marido.

As bochechas de Ansel tingiram de rosa, e ele olhou para mim, os olhos implorando. — Eu... eu só levei Madame Diggory lá em cima porque... porque...

— Porque temos uma obrigação com essas pobres almas. Os curandeiros estão sobrecarregados - sobrecarregados e com falta de pessoal. Eles dificilmente tem tempo para atender às necessidades básicas dos pacientes e muito menos nutrir seu bem-estar espiritual. — Quando ele não ficou convencido, acrescentei: — Além disso, estava cantando uma música obscena e me recusei a parar até que ele me levasse. — Mostrei meu dentes em uma tentativa de sorrir. — Você gostaria de ouvir? É sobre uma mulher adorável chamada Big Titty...

— Chega. — Raiva brilhava em seus olhos - raiva verdadeira, desta vez. Não humilhação. Não irritação. Raiva. Ele olhou entre nós três devagar, deliberadamente. — Se eu descobrir que algum de vocês está mentindo, não mostrarei piedade. Todos vocês serão punidos em toda a extensão da lei.

— Senhor, eu juro...

— Eu disse que a enfermaria era proibida. — Sua voz era dura e implacável quando ele olhou para Ansel. — Eu esperava que minha esposa me desobedecesse. Eu não esperava isso de você. Você está demitido.

Ansel abaixou a cabeça. — Sim, senhor.

A indignação tomou conta de mim enquanto eu o observava arrastar-se desanimadamente para a porta. Eu me mexi para segui-lo - ansiando por abraçá-lo ou de alguma forma consolá-lo - mas meu marido cabeça de porco pegou meu braço. — Fique. Eu gostaria de ter uma palavra com você.

Afastei meu braço e acendi imediatamente. — E eu gostaria de uma palavra com *você*. Como se atreve a culpar Ansel? Como se tudo isso fosse culpa dele!

Jean Luc deu um longo suspiro. — Vou acompanhá-la até a enfermaria, mademoiselle Perrot. Ele estendeu o braço para ela, claramente entediado com a direção que a conversa havia tomado. O olhar de resposta dela foi mortal. Carrancudo, ele se virou para sair sem ela, mas Ansel havia parado no limiar, bloqueando o caminho. Lágrimas grudaram em seus cílios quando ele olhou para mim, os olhos arregalados - chocado que alguém tivesse falado por ele. Jean Luc cutucou suas costas impacientemente, murmurando algo que eu não conseguia ouvir. Meu sangue ferveu.

— Ele foi designado a observar você. — Os olhos do meu marido brilharam, alheios a todos, menos a mim. — Ele falhou em seu dever.

— Oh, *ta gueule*! — Cruzei os braços para não envolver as mãos em sua garganta. — Sou uma mulher crescida e sou perfeitamente capaz de fazer minhas próprias escolhas. Isso não é culpa de ninguém, além de minha. Se você vai intimidar *alguém*, deveria ser eu, não Ansel. O pobre garoto não pode dar uma dentro com você...

O rosto dele quase ficou roxo. — Ele não é um garoto! Ele está treinando para se tornar um Chasseur, e se isso acontecer, ele deve aprender a assumir a responsabilidade...

— Ansel, mexa-se, — Jean Luc disse categoricamente, interrompendo nosso discurso. Ele finalmente conseguiu empurrar Ansel pela porta. — Por mais divertido que seja isso, alguns de nós têm trabalho a fazer, prisioneiros a encontrar, bruxas a queimar... esse tipo de coisa. Mademoiselle Perrot, você é esperada na enfermaria em dez minutos. Eu *estarei*verificando. — Ele nos deu um olhar irritado uma última vez antes de pisar fora da sala. Coco revirou os olhos e seguiu em frente, mas ela hesitou no limiar. Os olhos dela tinham uma pergunta silenciosa.

— Está tudo bem. — eu murmurei.

Ela assentiu uma vez, lançando um olhar irritado ao meu marido antes de fechar a porta atrás dela.

O silêncio entre nós era intenso. Eu meio que esperava que os livros pegassem fogo. Seria apropriado, dado que todo livro neste lugar infernal era mau. Eu olhei os *Doze Tratados de Extermínio Oculto* com um interesse recente, o pegando enquanto os padrões dourados brilhavam à minha volta. Se eu não estivesse tão furiosa, teria me assustado. Fazia muito tempo que padrões espontâneos apareceram nos meus olhos. Eu já podia sentir minha magia despertando, desesperada por liberdade depois de anos de repressão.

Seria apenas uma faísca, persuadiu. *Libere sua raiva. Coloque a página em chamas*.

Mas eu não queria liberar minha raiva. Eu queria estrangular meu marido com ela.

— Você mentiu para nós. — Sua voz cortou bruscamente através do silêncio. Embora eu continuasse encarando o livro, eu conseguia imaginar claramente a veia em sua garganta, os músculos tensos de sua mandíbula. — Madame Labelle nos disse que o nome da bruxa é Cosette Monvoisin, não Alexandra.

Sim, e ela está nesse momento pensando em como drenar todo o sangue do seu corpo. Talvez eu deva ajudá-la. Em vez disso, joguei *Doze Tratamentos de Extermínio Oculto* na cabeça dele. — Você sabia que eu era uma cobra quando você me pegou.

Ele pegou antes que pudesse quebrar seu nariz, jogando de volta para mim. Eu me esquivei e ele caiu no chão onde pertencia. — Isso não é um jogo! — Ele gritou. — Somos encarregados de manter este reino *seguro*. Você viu a enfermaria! Bruxas são *perigosas*...

Minhas mãos se fecharam em punhos, e os padrões ao meu redor tremeram loucamente. — Como se os Chasseurs fossem menos.

— Estamos tentando *protegê*-la!

— Não me faça pedir desculpas, porque eu não vou! — Um zumbido começou em meus ouvidos quando eu fui em direção a ele - enquanto eu colocava as duas mãos em seu peito e o empurrava. Quando ele não se mexeu, um rosnado rasgou minha garganta. — *Sempre* protegerei aqueles que são queridos para mim. Você entendeu? *Sempre*.

Eu o empurrei novamente, desta vez com mais força, mas suas mãos pegaram as minhas e as prenderam contra seu peito. Ele se inclinou, erguendo uma sobrancelha de cobre. — É mesmo? — Sua voz era suave novamente. Perigosa. — É por isso que você ajudou seu amante a escapar?

Amante? Confusa, levantei meu queixo para encará-lo. — Eu não sei do que você está falando.

— Você nega, então? Que ele é seu amante?

— Eu *disse*, — eu repeti, olhando fixamente para as mãos dele em volta das minhas. — Eu não sei do que você está falando. Bas não é meu amante, e ele nunca foi. Agora me *solte*.

Para minha surpresa, ele me soltou - apressadamente, como se assustado por ter me tocado em primeiro lugar - e recuou. — Eu não posso protegê-la se você mentir para mim.

Eu corri para a porta sem olhar para ele. — *Va au diable.*

Vá para o inferno.

Lord, Have Mercy

Lou

Vozes silenciosas vieram do santuário em nossa direção, e a luz do fogo projetava sombras nos rostos dos ícones ao nosso redor. Bocejando, olhei para a pessoa mais próxima de mim - uma mulher simples com uma expressão de supremo tédio no rosto. Eu compreendia.

— Ainda me lembro da minha primeira tentativa. Eu acertei na mosca imediatamente. — O arcebispo riu, olhando para o nada como os velhos costumam fazer ao reviver histórias do passado. — Veja bem, eu era de rua - tinha acabado de completar sete anos - sem um *couronne* no bolso ou qualquer experiência em meu nome. Nem sequer *segurei* um arco, muito menos disparei uma flecha. O velho bispo proclamou isso um ato de Deus.

Os lábios do meu marido se curvaram em resposta. — Eu acredito nisso.

Eu bocejei novamente. O oratório era sufocante, e o vestido de lã que eu usava - recatado, monótono e deliciosamente quente - não ajudava. Minhas pálpebras caíram.

Seria um ato de Deus se eu passasse pela missa sem roncar.

Depois do fiasco da biblioteca, eu pensei que era *prudente* aceitar o convite do meu marido para a missa da noite. Embora eu não soubesse se ele acreditava na história de Ansel e na minha história sobre o aprendizado das escrituras, ele se apegou à ideia e eu passei o restante do dia memorizando versículos. O mais diabólico de todos os castigos.

— 'A esposa briguenta é como o gotejar constante num dia chuvoso', — ele recitou, olhando-me irritado e esperando que eu repetisse o verso. Ainda furioso com o argumento anterior.

— Chuva e homens são dois pés no saco.

Ele fez uma careta, mas continuou. — 'Tentar moderá-la será como deter o vento, ou como conter o óleo dentro da sua mão direita.'

— Tentar moderá-la será como deter... algo sobre óleo e uma mão... — Eu balancei minhas sobrancelhas diabolicamente. — *Quel risque!* Que tipo de livro é...

Ele interrompeu antes que eu pudesse impugnar ainda mais sua honra, a voz endurecendo. — 'Como o ferro com ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo.'

— Como o ferro com ferro se aguça, então você está sendo um idiota porque eu também sou um pedaço de metal.

E foi assim por diante.

Honestamente, o convite para a missa fora um alívio bem-vindo.

O arcebispo apertou seu ombro com outra risada calorosa. — Eu errei o alvo completamente na minha segunda tentativa, é claro.

— Você ainda fez melhor do que eu. Levei uma semana para acertar o alvo.

— Bobagem! — O arcebispo balançou a cabeça, ainda sorrindo com a lembrança. — Lembro-me claramente do seu talento natural. Na verdade, você era muito mais habilidoso do que os outros iniciados.

O barulho da torre do sino me poupou de pular na lareira.

— Ah. — Parecendo lembrar-se de si mesmo, o arcebispo deixou cair a mão, endireitando e reorganizando o pano no pescoço. — A missa está prestes a começar. Se você me der licença, devo me juntar aos outros atendentes. — Ele parou no limiar, a expressão endurecida quando se virou. — E lembre-*se* do que discutimos esta tarde, capitão Diggory. É necessário um olhar mais atento.

Meu marido assentiu, as bochechas corando. — Sim, senhor.

Eu o contornei assim que o arcebispo foi embora.

— Um olhar mais atento? Que diabos isso significa?

— Nada. — Limpando a garganta às pressas, ele estendeu o braço. — Devemos?

Passei por ele até o santuário. — Um olhar mais atento, minha bunda.

Iluminado por centenas de velas, o santuário de Saint-Cécile parecia algo saído de um sonho - ou de um pesadelo. Mais da metade da cidade havia se reunido na vasta sala para ouvir o sermão do arcebispo. Os ricos o bastante para conseguir assentos usavam roupas elegantes em tons de jóia: vestidos e ternos de borgonha, ametista e esmeralda com guarnições douradas e mangas de renda, regatas de pele e gravatas de seda. Pérolas brilhavam luminescentes em seus ouvidos, e diamantes brilhavam ostensivamente em suas gargantas e pulsos.

Nos fundos do santuário, a seita mais pobre da congregação estava de pé, com rosto solene e sujo. Mãos entrelaçadas. Vários Chasseurs de casaco azul também estavam, incluindo Jean Luc. Ele acenou para nós.

Amaldiçoei silenciosamente quando meu marido obedeceu. — *Ficaremos de pé* portoda a missa?

Ele me olhou desconfiado. — Você nunca participou da missa?

— Claro que sim, — eu menti, cavando nos meus calcanhares enquanto ele continuava me guiando para frente. Eu gostaria de ter usado um capuz. Havia mais pessoas aqui do que eu jamais imaginei. Presumivelmente, nenhuma delas era bruxa, mas nunca se sabe... *Eu* estava aqui, afinal. — Uma ou duas vezes.

Com a sua expressão incrédula, gesticulei o comprimento do meu corpo. — Criminosa, lembra? Perdoe-me por não memorizar todos os provérbios e aprender todas as regras.

Revirando os olhos, ele me empurrou os últimos passos. — Os caçadores ficam em pé como um ato de humildade.

— Mas *eu* não *sou* um Chasseur...

— E graças a Deus por isso. — Jean Luc se afastou para dar espaço para nós, e meu marido *dominador* me forçou entre eles. Eles apertaram os antebraços com sorrisos tensos. — Eu não sabia se você se juntaria a nós, dado o fiasco desta tarde. Como Sua Eminência lidou com as notícias?

— Ele não nos culpou.

— Quem ele culpou, então?

Os olhos do meu marido se voltaram para mim por um breve segundo antes de retornar aos de Jean Luc. — Os iniciados em serviço. Eles foram aliviados de suas posições.

— Com razão.

Eu sabia que não deveria corrigi-lo. Felizmente, a conversa terminou quando a congregação se levantou e começou a cantar. Meu marido e Jean Luc se uniram perfeitamente quando o arcebispo e seus assistentes entraram no santuário, subiram pelo corredor e se curvaram em direção ao altar. Confusa - e incapaz de compreender uma palavra da balada sombria deles - criei minhas próprias letras.

Elas podem ou não ter envolvido uma garçonete chamada Liddy.

Meu marido fez uma careta e me deu uma cotovelada enquanto o silêncio descia mais uma vez. Embora eu não tivesse certeza, os lábios de Jean Luc se contraíram como se ele estivesse tentando não rir.

O arcebispo se virou para cumprimentar a congregação. — Que o Senhor esteja convosco.

— E também convosco, — eles murmuraram em uníssono.

Eu assisti com um mórbido fascínio o arcebispo levantar os braços. — Irmãos, vamos reconhecer nossos pecados, e assim nos preparamos para celebrar os mistérios sagrados.

Um padre ao lado dele levantou a voz. — Senhor, tenha piedade!

— Você foi enviado para curar os contritos do coração, — continuou o arcebispo. — Senhor, tenha piedade!

A congregação se uniu. — Senhor, tenha piedade!

— Você veio reunir as nações na paz do reino de Deus. Senhor, tenha piedade!

Na paz do reino de Deus? Eu zombei, cruzando os braços. Meu marido me deu uma cotovelada novamente, balbuciando, *pare com isso*. Seus olhos azuis penetraram nos meus. *Estou falando sério*. Jean Luc definitivamente sorria agora.

— Senhor, tenha piedade!

— Você vem em palavra e sacramento para nos fortalecer em santidade. Senhor, tenha piedade!

— Senhor, tenha piedade!

— Você virá em glória com salvação para o seu povo. Senhor, tenha piedade!

— Senhor, tenha piedade!

Incapaz de me segurar, eu murmurei, — Hipócrita.

Meu marido parecia que ia explodir. Seu rosto estava vermelho de novo e uma veia pulsava em sua garganta. Os caçadores à nossa volta ou estreitaram os olhos em mim ou riram. Os ombros de Jean Luc tremiam de tanto rir, mas não achei a situação tão engraçada quanto antes. Onde estava a salvação de meus parentes? Onde estava *nossa* misericórdia?

— Que Deus Todo-Poderoso tenha piedade de nós, perdoe nossos pecados e leve-nos à vida eterna.

— Amém.

A congregação imediatamente começou outro canto, mas eu parei de ouvir. Em vez disso, observei o arcebispo levantar os braços para o céu, fechando os olhos e se perdendo na música. Quando Jean Luc sorriu, cutucando meu marido quando ambos cantaram as palavras erradas. Quando meu marido riu de má vontade e o afastou.

— Você tira os pecados do mundo, tem piedade de nós, — cantou o garoto à nossa frente. Ele apertou a mão do Padre, balançando com a cadência de suas vozes. — Você tira os pecados do mundo, tem piedade de nós. Você tira os pecados do mundo, receba nossa oração.

Tenha piedade de nós.

Receba nossa oração.

No final da minha sessão de tortura de Provérbios, havia um verso que eu não havia entendido.

Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem.

— O que isso significa?

— Isso significa… que a água é como um espelho, — explicou meu marido, franzindo a testa levemente. — Ele reflete nossos rostos de volta para nós. E nossas vidas, a maneira como vivemos, as coisas que fazemos... — Ele olhou para suas mãos, subitamente incapaz de encontrar meus olhos. — Elas refletem nossos corações.

Fazia sentido, explicado assim. E ainda... Olhei em volta para os adoradores mais uma vez - os homens e mulheres que pediam misericórdia e choraram pelo meu sangue no mesmo fôlego. Como os dois poderiam estar em seus corações?

— Lou, eu… — Ele limpou a garganta e se forçou a olhar para mim. Aqueles olhos azuis brilhavam com sinceridade. Com arrependimento. — Eu não deveria ter gritado antes. Na Biblioteca. Eu... Sinto muito.

Nossas vidas refletem nossos corações.

Sim, fazia sentido, explicado assim, mas eu ainda não entendi. Eu não entendi meu marido. Não entendi o arcebispo. Ou o garoto dançando. Ou o pai dele. Ou Jean Luc ou os Chasseurs ou as bruxas ou *ela*. Eu não entendia nenhum deles.

Consciente dos olhos dos caçadores em mim, forcei um sorriso e bati no quadril do meu marido, fingindo que tudo tinha sido um show. Uma risada. Que eu estava apenas provocando ele para obter uma reação. Que eu não era

uma bruxa na missa, estando entre meus inimigos e adorando o deus de outra pessoa.

Nossas vidas refletem nossos corações.

Eles podem ter sido todos hipócritas, mas eu era a maior de todas.

Madame Labelle

Reid

A noite seguinte foi a primeira queda de neve do ano.

Sentei-me no chão, escovando meus cabelos suados para trás e vi os flocos passarem pela janela. Apenas o treinamento trabalhava nos nós das minhas costas. Depois de tropeçar em mim no chão na noite passada, Lou reivindicou a cama. Ela não tinha me convidado para me juntar a ela.

Eu não reclamei. Embora minhas costas doessem, o exercício manteve minha irritação sob controle. Eu aprendi rapidamente que contar até dez não funcionava com Lou... ou seja, depois que ela começou a contar comigo.

Ela bateu o livro que estava lendo sobre a mesa. — Isso é bobagem absoluta.

— O quê?

— O único livro que eu pude encontrar naquela biblioteca miserável sem as palavras *santo* ou *extermínio* no título. — Ela ergueu o livro para que eu visse. *Pastor.* Eu quase ri. Foi um dos primeiros livros que o arcebispo me permitiu ler - uma coleção de poemas pastorais sobre a arte de Deus na natureza.

Ela voou para a minha cama - *sua* cama - com uma expressão descontente. — Como alguém pode escrever sobre grama por doze páginas está além de mim. Esse é o verdadeiro pecado.

Eu me levantei e me aproximei. Ela me olhou com cautela. — O que você está fazendo?

— Mostrando-lhe um segredo.

— Não, não, não. — Ela se arrastou para trás. — Eu não estou interessada em seu *segredo*...

— Por favor. — Franzindo a testa e balançando a cabeça, passei por ela até minha cabeceira. — Pare de falar.

Para minha surpresa, ela concordou, seus olhos estreitos me observando tirar a estrutura da cama da parede. Ela se inclinou curiosamente quando eu revelei o pequeno buraco áspero por trás dela. Meu cofre. Aos dezesseis anos - quando Jean Luc e eu tínhamos compartilhado este quarto, quando éramos mais próximos do que irmãos - eu tinha arrancado a argamassa, desesperado por um lugar meu. Um lugar para esconder as partes de mim que eu prefiro que ele não encontre.

Talvez nunca estivéssemos mais perto do que irmãos, afinal.

Lou esticou o pescoço para ver o interior, mas eu bloqueei sua visão, vasculhando os itens até meus dedos roçarem o livro familiar. Embora a

lombada tivesse começado a se separar das folhas, o fio prateado do título continuava intocado. Imaculado. Eu entreguei a ela. — Aqui.

Ela aceitou com cautela, o segurando entre dois dedos como se estivesse esperando que a mordesse. — Bem, isso é inesperado. *La Vie Éphémère*… — Ela levantou os olhos da capa, os lábios contraídos. — *A vida passageira*. É sobre o quê?

— É... uma história de amor.

As sobrancelhas dela se ergueram e ela examinou a capa com um novo interesse. — Oh?

— Oh. — Eu balancei a cabeça, mordendo o interior da minha bochecha para não sorrir. — É feito com bom gosto. Os personagens são de reinos em guerra, mas são forçados a trabalhar juntos quando descobrem um plano para destruir o mundo. Eles se detestam inicialmente, mas com o tempo conseguem deixar de lado suas diferenças e...

— É um estripador de corpete, não é? — Ela balançou as sobrancelhas diabolicamente, folheando as páginas até o fim. — Geralmente, as cenas de amor ficam na parte de trás...

— O quê? — Minha vontade de sorrir desapareceu, e eu puxei o livro de seu alcance. Ela puxou de volta. — Claro que não é. — eu disse, lutando por ele. — É uma história que examina a construção social da humanidade, interpreta as nuances do bem contra o mal e explora a paixão da guerra, amor, amizade, morte...

— Morte?

— Sim. Os amantes morrem no final. — Ela recuou, e eu peguei o livro. Minhas bochechas queimaram. Eu nunca deveria ter compartilhado com ela. Claro que ela não iria gostar. Ela não gostava de nada. — Isso foi um erro.

— Como você pode valorizar um livro que termina com morte?

— Não acaba com morte. Os amantes morrem, sim, mas os reinos superam sua inimizade e forjam uma aliança. Isso termina com esperança.

Ela franziu a testa, não convencida. — Não há nada de esperançoso na morte. Morte é morte.

Suspirei e me virei para colocar o livro de volta no meu cofre. — Tudo bem. Não leia. Eu não ligo.

— Eu nunca disse que não queria ler. — Ela estendeu a mão, impaciente. — Só não espere que eu desenvolva seu zelo estranhamente evangélico. A trama parece sombria, mas não pode ser pior que *Pastor*.

Agarrei *La Vie Éphémère* com ambas as mãos, hesitante. — Não descreve grama.

— Um ponto decisivo a seu favor.

Relutantemente, entreguei a ela. Desta vez, ela aceitou com cuidado, examinando o título com novos olhos. A esperança cintilou no meu peito. Limpei a garganta e olhei atrás dela para uma fenda na cabeceira da cama. — E... tem uma cena de amor.

Ela gargalhou, folheando as páginas ansiosamente.

Eu não pude evitar. Eu também sorri.

Uma batida soou uma hora depois. Parei no banheiro, a camisa na metade da minha cabeça. A banheira meio cheia. Lou fez um ruído exasperado do quarto. Puxando minha camisa de volta, abri a porta do banheiro recém-consertada quando ela jogou *La Vie Éphémère* na colcha e balançou as pernas para fora da cama. Elas mal alcançavam o chão. — Quem é?

— É o Ansel.

Com uma maldição resmungada, ela pulou para baixo. Eu cheguei na porta primeiro e a abri. — O que foi?

Lou estreitou os olhos para ele. — Gosto de você, Ansel, mas é melhor que seja algo bom. Emilie e Alexandre acabaram de ter um *momento*, e eu juro que se eles não se beijarem logo, eu literalmente morrerei.

Na confusão de Ansel, balancei minha cabeça, lutando contra um sorriso. — Ignore-a.

Ele assentiu, ainda confuso, antes de se curvar apressadamente. — Madame Labelle está lá embaixo, Capitão. Ela... ela exige falar com Madame Diggory.

Lou se contorceu debaixo do meu braço. Eu me afastei antes que ela pudesse pisar no meu dedo do pé. Ou me morder. Uma experiência aprendida do nosso tempo no rio. — O que ela quer?

Lou cruzou os braços e encostou-se ao batente da porta. — Você disse a ela para se catar?

— Lou, — eu avisei.

— Ela se recusa a sair. — Ansel se mexeu desconfortavelmente. — Ela diz que é importante.

— Bem então. Suponho que Emilie e Alexandre terão que esperar. Trágico. — Lou passou por mim para pegar sua capa. Então ela parou abruptamente, franzindo o nariz. — Além disso, Chass - você fede.

Eu bloqueei o caminho dela. Resistindo ao desejo de sorrir. Ou cheirar a mim mesmo. — Você não vai a lugar nenhum.

— Claro que vou. — Ela me contornou, franzindo o rosto e acenando com a mão na frente do nariz. Eu me irritei. Certamente eu não cheirava *tão* mal. — Ansel acabou de dizer que ela não vai sair até que me veja.

Deliberadamente, estiquei minha mão atrás dela, escovando minha pele suada contra sua bochecha e peguei meu casaco. Ela não se mexeu. Meramente virou a cabeça para me encarar, olhos estreitos. Nossos rostos a centímetros de distância, lutei contra o desejo de me inclinar e inspirar. Não para me cheirar, mas para cheirá- *la*. Quando ela não estava passeando na enfermaria, ela tinha um cheiro... Bom. Como canela.

Limpando a garganta, enfiei os braços no casaco. Minha camisa, ainda úmida de suor, rolou e amontoou-se contra a minha pele. Desconfortável. — Ela não deveria estar aqui. Terminamos nosso interrogatório ontem.

E muito bem isso nos fez. Madame Labelle era tão escorregadia quanto Lou. Depois de revelar acidentalmente o verdadeiro nome da bruxa, ela

permaneceu de boca fechada e cautelosa. Suspeita. O arcebispo ficou furioso. Ela teve sorte de ele não a ter detido na estaca - ela e Lou.

— Talvez ela queira fazer outra oferta, — disse Lou, alheia à precariedade de sua situação.

— Outra oferta?

— Para me comprar para o Bellerose.

Eu fiz uma careta. — A compra de seres humanos como propriedade é ilegal.

— Ela não vai te dizer que está *me* comprando. Ela dirá que está comprando uma escritura - para me treinar, me embelezar, me fornecer alojamento e alimentação. É como pessoas como ela escorregam pelas rachaduras. East End funciona assim. — Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça. — Mas isso é provavelmente um ponto discutível agora que estamos casados. A menos que você não se importe em compartilhar?

Abotoei meu casaco em um silêncio tenso. — Ela não quer comprar você.

Ela passou por mim com um sorriso travesso, limpando uma gota de suor da minha testa. — Vamos descobrir?

Madame Labelle esperou no vestíbulo. Dois dos meus irmãos estavam ao lado dela. Expressões cautelosas, pareciam inseguros se ela era bem-vinda a essa hora. A Torre - e o reino - impuseram toques de recolher estritos. Ela ficou calmamente entre eles, no entanto. Queixo erguido. Seu rosto - talvez uma vez excepcionalmente bonito, mas agora envelhecido, com linhas finas ao redor dos olhos e da boca - abriu um sorriso largo ao ver Lou.

— Louise! — Ela estendeu os braços, como se esperasse que Lou a abraçasse. Eu quase ri. — Que esplêndido vê-la em tão boa saúde - embora esses hematomas no seu rosto pareçam horríveis. Espero que nossos anfitriões gentis não sejam os responsáveis?

Toda vontade de rir morreu na minha garganta. — Nós nunca a machucamos.

Seus olhos caíram para mim e ela juntou as mãos em fingida alegria. — Que bom vê-lo novamente, Capitão Diggory! É claro, é claro. Eu deveria saber melhor. Você é muito nobre, não é? — Ela sorriu, revelando aqueles dentes anormalmente brancos. — Peço desculpas pela hora, mas preciso falar com Louise imediatamente. Espero que você não se importe se eu roubá-la por um momento.

Lou não se mexeu. — O que você quer?

— Eu preferia discutir isso em particular, querida. A informação é bastante... sensível. Eu tentei falar com você ontem após o interrogatório, mas minha escolta e eu a encontramos ocupada na biblioteca. — Ela olhou entre nós dois com um sorriso conhecedor, inclinando-se para a frente e sussurrando: — Eu nunca interrompo uma briga de amantes. É uma das poucas regras pelas quais vivo.

Os olhos de Lou se arregalaram. — Aquilo *não* foiuma briga de amantes.

— Não? Então talvez você possa reconsiderar minha oferta?

Eu resisti à vontade de ficar entre elas. — Você precisa sair.

— Fique tranquilo, Capitão. Não tenho planos de levar sua noiva embora... ainda. — Com a minha expressão, ela piscou e riu. — Mas eu insisto em falar em particular. Existe um quarto que Madame Diggory e eu possamos usar? Em algum lugar menos, — ela apontou para os Chasseurs, que estavam atentos à nossa volta, — congestionado?

Naquele momento, porém, o arcebispo invadiu o vestíbulo em sua roupa de dormir. — O que é toda essa comoção? Nem todos vocês têm deveres a cumprir… — Os olhos dele se arregalaram quando viram Madame Labelle. — Helene. Que surpresa desagradável.

Ela fez uma reverência. — Igualmente, Sua Eminência.

Apressei-me a me curvar, colocando a mão sobre o coração. — Madame Labelle está aqui para falar com minha esposa, senhor.

— Ela está? — Seu olhar não vacilou. Ele olhou para Madame Labelle com uma intensidade ardente, os lábios pressionados em uma linha dura. — Que pena, então, que a igreja tranque suas portas em aproximadamente, — ele puxou um relógio do bolso, — três minutos.

Seu sorriso de resposta era frágil. — Certamente a igreja não deveria trancar suas portas?

— São tempos perigosos, *madame*. Nós devemos fazer o que pudermos para sobreviver.

— Sim. — Seus olhos foram para Lou. — Nós devemos.

O silêncio desceu quando todos nos entreolhamos. Tenso e constrangedor. Lou se mexeu inquieta, e eu pensei em remover Madame Labelle a força. O que quer que ela afirmasse de outra forma, a mulher havia deixado seu objetivo perfeitamente claro, e eu queimaria o Bellerose até o chão antes de Lou se tornar uma cortesã. Goste ou não, ela fez um juramento para mim primeiro.

— Dois minutos, — disse o arcebispo bruscamente.

O rosto de madame Labelle se contorceu. — Eu não vou embora.

O arcebispo apontou a cabeça para meus irmãos, e eles se aproximaram. Sobrancelhas franzidas. Divididos entre seguir ordens e remover uma mulher das instalações. Não sofri tais escrúpulos. Eu também dei um passo à frente, protegendo Lou da vista. — Sim, você vai.

Algo cintilou nos olhos de Madame Labelle quando ela olhou para mim. Seu desdém vacilou. Antes que eu pudesse jogá-la da Torre, Lou tocou meu braço e murmurou: — Vamos.

Então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Um brilho enlouquecido entrou nos olhos de Madame Labelle com as palavras de Lou, e ela se lançou para frente. Mais rápida que o golpe de uma cobra, ela esmagou Lou em seus braços. Os lábios dela se moveram rapidamente na orelha de Lou.

Furioso, afastei Lou no mesmo momento em que Ansel saltou para dominar Madame Labelle. Meus irmãos se juntaram a ele. Eles prenderam seus braços atrás das costas enquanto ela lutava para retornar a Lou.

— Espera! — Lou bateu nos meus braços, lutando em direção a ela. Olhos selvagens. Rosto pálido. — Ela estava dizendo algo - *espere!*

Mas a sala havia caído no caos. Madame Labelle gritou quando os caçadores tentaram arrastá-la para fora do prédio. O arcebispo fez um gesto em direção a Lou antes de avançar. — Tire-a daqui.

Eu obedeci, apertando meu braço em volta da cintura de Lou e puxando-a para trás. Longe da louca. Longe do pânico e da confusão da sala - dos meus pensamentos.

— Pare! — Lou chutou e bateu contra meus braços, mas eu apenas segurei mais forte. — Eu mudei de ideia! Deixe-me falar com ela! Deixe-me *ir*!

Mas ela fez um juramento.

E ela não estava indo a lugar algum.

Chill in My Bones

Lou

Minha garganta está chorando.

Não com lágrimas. Algo mais grosso, mais escuro. Algo que banha minha pele de escarlate, escorre pelo meu peito e encharca meu cabelo, meu vestido, minhas mãos. Minhas mãos. Elas se mexem na fonte de onde está saindo, dedos sondando, procurando, sufocando - desesperados para conter o fluxo, desesperados para fazê-lo parar, parar, *parar...*

Gritos ecoam ao meu redor através dos pinheiros. Eles me desorientam. Não consigo pensar. Mas preciso pensar, *fugir*. E ela está atrás de mim, em algum lugar, me perseguindo. Eu posso ouvir sua voz, sua risada. Ela me chama, e meu nome em seus lábios soa mais alto que tudo.

Louise... Estou indo atrás de você, querida.

Indo atrás de você, querida

Indo atrás de você, querida... querida... querida...

Terror cego. Ela não pode me encontrar aqui. Não posso voltar, ou - ou algo terrível acontecerá. O ouro ainda pisca. Permanece nas árvores, no chão, no céu, espalhando meus pensamentos como o sangue nos pinheiros. Me avisando. *Saia, saia, saia*. *Você não pode voltar aqui. Nunca mais*.

Agora estou me lançando no rio, esfregando minha pele, lavando a trilha de sangue que me segue. Frenética. Febril. O corte na minha garganta se fecha, a dor aguda recuando quanto mais eu corro de casa. Quanto mais eu corro dos meus amigos. Minha família. Dela.

Nunca mais nunca mais nunca mais

Não posso ver nenhum deles novamente.

Uma vida por uma vida.

Ou eu vou morrer.

Eu acordei assustada, meus olhos correndo para a janela. Corada e agitada, eu a deixei aberta ontem à noite. A neve cobria a borda em pó fino, e rajadas ocasionais de vento sopravam flocos de neve em nosso quarto. Eu os assisti rodopiar no ar, tentando ignorar o medo gelado que se instalara na boca do meu estômago. Cobertores não foram suficientes para aquecer o frio nos meus ossos. Meus dentes bateram.

Embora eu não tivesse ouvido todas as palavras frenéticas de Madame Labelle, seu aviso tinha sido claro.

Ela está vindo.

Sentei-me, esfregando os braços contra o frio. Quem era Madame Labelle, realmente? E como ela sabia sobre mim? Fui ingênua em pensar que realmente poderia desaparecer. Eu menti para mim mesma quando vesti meus disfarces - quando me casei com um Chasseur.

Eu nunca estaria segura.

Minha mãe me encontraria.

Embora eu tivesse praticado novamente esta manhã, não foi suficiente. Eu precisava treinar mais. Todo dia. Duas vezes ao dia. Eu precisava ser mais forte quando ela chegasse - ser capaz de lutar. Uma arma também não faria mal. De manhã, eu procuraria por uma. Uma faca, uma espada. Qualquer coisa.

Incapaz de suportar meus pensamentos por mais tempo, eu me levantei da cama e caí no chão ao lado de meu marido. Sua respiração estava lenta e rítmica. Pacífica. Pesadelos não atormentavam *seu* sono. Deslizando por baixo dos cobertores, me pressionei perto dele. Descansei minha bochecha contra suas costas e saboreei seu calor enquanto ele penetrava em minha pele. Meus olhos se fecharam e minha respiração diminuiu para combinar com a dele.

De manhã. Eu lidaria com tudo de manhã.

Sua respiração vacilou um pouco quando eu adormeci.

A Clever Little Witch

Lou

O pequeno espelho acima da bacia foi cruel na manhã seguinte. Eu fiz uma careta para o meu reflexo. Bochechas pálidas, olhos inchados. Lábios secos. Eu parecia a morte. Eu *me sentia* como a morte.

A porta do quarto se abriu, mas continuei me olhando, perdida em pensamentos. Pesadelos sempre atormentaram meu sono, mas a noite passada - a noite passada tinha sido a pior. Acariciei a cicatriz na base da minha garganta suavemente, lembrando.

Era meu décimo sexto aniversário. Uma bruxa virava mulher aos dezesseis anos. Minhas companheiras bruxas estavam empolgadas com os aniversários delas, ansiosas para receber seus rituais como Dames Blanches.

Eu tinha sido diferente. Eu sempre soube que meu décimo sexto aniversário seria o dia em que eu morreria. Eu tinha aceitado - acolhido até, quando minhas irmãs me banharam com amor e louvor. Meu propósito desde o nascimento tinha sido morrer. Somente minha morte poderia salvar meu povo.

Mas quando eu deitei naquele altar, a lâmina pressionando minha garganta, algo tinha mudado.

Eu tinha mudado.

— Lou? — A voz do meu marido ecoou pela porta. — Você está decente?

Eu não respondi. A humilhação ardeu no meu estômago com a fraqueza da noite passada. Eu apertei a bacia, olhando para mim mesma. Eu realmente dormi no chão para estar perto dele. *Fraca*.

— Lou? — Quando eu ainda não respondi, ele abriu a porta. — Estou entrando.

Ansel pairava atrás dele, o rosto cansado e preocupado. Revirei os olhos para o meu reflexo.

— O que há de errado? — Os olhos do meu marido procuraram meu rosto. — Algo aconteceu?

Eu forcei um sorriso. — Eu estou bem, obrigada.

Eles trocaram olhares e meu marido apontou a cabeça para a porta. Eu fingi não perceber quando Ansel saiu, enquanto um silêncio constrangedor descia.

— Eu estive pensando, — disse ele finalmente.

— Um passatempo perigoso.

Ele me ignorou, engolindo em seco. Ele tinha o ar de alguém prestes a arrancar um curativo - partes iguais determinadas e aterrorizadas. — Há um show em Soleil et Lune hoje à noite. Talvez possamos ir?

— Que show é esse?

— *La Vie Éphémère*.

Claro que é. Eu ri sem humor, encarando as sombras embaixo dos meus olhos. Após a visita de Madame Labelle, fiquei acordada até tarde da noite terminando a história de Emilie e Alexandre para me distrair. Eles viveram, amaram e morreram juntos - e para quê?

Não acaba com a morte. Isso acaba em esperança.

Esperança.

Uma esperança que eles nunca veriam, nunca sentiriam, nunca tocariam. Tão evasivo quanto a fumaça. Como chamas tremeluzentes.

A história era mais apropriada do que meu marido jamais saberia. O universo - ou Deus, ou a Deusa, ou *quem* quer que *fosse* - parecia estar zombando de mim. E ainda... Olhei em volta para as paredes de pedra. Minha jaula. Seria bom escapar deste lugar miserável, mesmo que por pouco tempo.

— Está bem.

Eu fui passar por ele para ir ao quarto, mas ele bloqueou a porta. — Alguma coisa está incomodando você?

— Nada para se preocupar.

— Bem, eu estou preocupado. Você não está sendo você mesma.

Consegui bufar, mas foi muito difícil de manter. Eu bocejei então. — Não finja que me conhece.

— Eu sei que se você não está xingando ou cantando sobre empregadas domésticas bem-dotadas, algo está errado. — Sua boca se torceu e ele timidamente tocou meu ombro, os olhos azuis brilhando. Como o sol no oceano. Afastei o pensamento irritadamente. — O que houve? Você pode me dizer.

Não posso. Eu me afastei do seu toque. — Eu disse que estou bem.

Ele largou a mão, os olhos fechados. — Certo. Vou deixar você em paz então.

Eu o observei sair com uma pontada do que parecia estranhamente arrependimento.

Eu enfiei minha cabeça pela porta depois de alguns momentos, esperando que ele ainda estivesse lá, mas ele se foi. Meu mau humor só piorou quando vi Ansel sentado à mesa. Ele me observou apreensivo, como se esperasse que eu crescesse chifres e vomitasse fogo - o que, nesse caso, era exatamente o que eu sentia vontade de fazer.

Eu avancei em sua direção, e ele se levantou. Um tipo selvagem de satisfação me invadiu com seu nervosismo - depois culpa. Nada disso foi culpa de Ansel, e ainda... Eu não conseguia forçar meu ânimo a se levantar. Meu sonho ainda persistia. Infelizmente, Ansel também.

— Po-posso te ajudar com alguma coisa?

Eu o ignorei, passando por sua forma esbelta e abrindo a gaveta da mesa. O diário e as cartas ainda estavam sumidos, deixando apenas uma Bíblia gasta dentro. Sem facas. Droga. Eu sabia que tinha sido um tiro no escuro, mas a irritação - ou talvez o medo - me deixou irracional. Eu me virei e pisei em direção à cama.

Ansel sombreava meus passos, perplexo. — O que você está fazendo?

— Procurando por uma arma. — Eu arranhei a cabeceira da cama, tentando e não conseguindo arrancá-la da parede.

— Uma arma? — Sua voz engatou incrédula. — Para que você precisa de uma arma?

Joguei meu peso contra a coisa destruída, mas estava muito pesada. — No caso de Madame Labelle ou... ou alguém voltar. Me ajude com isso.

Ele não se mexeu. — Alguém?

Mordi um rosnado de impaciência. Isso não importava. Ele provavelmente não teria escondido uma faca em seu pequeno buraco de qualquer maneira. Não depois que ele me mostrou.

Caindo de barriga para baixo, me contorci sob o estrado da cama. As tábuas do piso estavam impecáveis. Praticamente limpas o suficiente para comer nelas. Gostaria de saber se eram as empregadas ou meu marido com as tendências obsessivas. Provavelmente meu marido. Ele parecia o tipo que fazia isso. Controlado. Estranhamente arrumado.

Ansel repetiu sua pergunta, mais perto desta vez, mas eu o ignorei, procurando no chão uma costura escondida ou uma tábua solta. Não havia nada. Sem me deixar abater, comecei a bater em intervalos regulares, ouvindo um baque oco.

Ansel enfiou a cabeça debaixo da cama. — Não há armas aqui embaixo.

— É exatamente o que eu esperaria que você dissesse.

— Madame Diggory...

— Lou.

Ele se encolheu em uma imitação perfeita do meu marido. — Louise, então...

— *Não.* —Virei minha cabeça para encará-lo no espaço escuro, batendo minha cabeça contra a moldura e xingando violentamente. — *Não* vai serLouise. Agora se mexa. Eu estou saindo.

Ele piscou confuso com a repreensão, mas se afastou de qualquer maneira. Eu me arrastei atrás dele.

Houve uma pausa embaraçosa.

— Não sei por que você tem tanto medo de madame Labelle, — ele disse finalmente, — mas garanto a você...

Pfff. — Não tenho medo de madame Labelle.

— Da - da outra pessoa, então? — Suas sobrancelhas se afundaram enquanto ele tentava entender o meu humor. Minha carranca suavizou, mas apenas infinitesimalmente. Embora Ansel tivesse tentado permanecer distante após o nosso desastre na biblioteca dois dias atrás, seus esforços se

mostraram inúteis. Principalmente porque eu não permitiria. Além de Coco, ele era a única pessoa nessa miserável torre que eu gostava.

Mentirosa.

Cale-se.

— Não há mais ninguém, — eu menti. — Mas cuidado nunca é o bastante. Não que eu não confie em suas habilidades *superiores* decombate, Ansel, mas prefiro não deixar minha segurança, bem... na mão de vocês.

Sua confusão mudou para magoa - depois raiva. — Eu consigo me virar.

— Concordo em discordar.

— Você não está recebendo uma arma.

Eu me levantei e escovei um grão inexistente de sujeira das minhas calças. — Vamos ver sobre isso. Para onde meu infeliz marido fugiu? Eu preciso falar com ele.

— Ele não vai te dar uma também. Ele é quem as escondeu em primeiro lugar.

— Aha! — Joguei um dedo triunfante no ar, e seus olhos se arregalaram enquanto eu avançava sobre ele. — Então ele *as* escondeu! Onde elas estão, Ansel? — Eu cutuquei seu peito com o dedo. — Conte-me!

Ele bateu na minha mão e tropeçou para trás. — Eu não sei onde ele as colocou, então não me *cutuque*… — Eu o cutuquei novamente, só para o irritar. — Ai! — Ele esfregou o local com raiva. — Eu disse que não sei! Ok? Eu não sei!

Eu deixei cair meu dedo, de repente me sentindo muito melhor. Eu ri apesar de tudo. — Certo. Eu acredito em você agora. Vamos encontrar meu marido.

Sem outra palavra, dei meia-volta e saí pela porta. Ansel suspirou em resignação antes de seguir o exemplo.

— Reid não vai gostar disso, — ele resmungou. — Além disso, eu nem sei onde ele está.

— Bem, o que vocês costumam fazer durante o dia? — Fui abrir a porta da escada, mas Ansel a pegou e a abriu para mim. Ok, eu não apenas gostava dele - eu o *adorava*. — Suponho que isso envolva chutar filhotes ou roubar as almas das crianças.

Ansel olhou em volta ansiosamente. — Você não pode *dizer* coisas assim. É inapropriado. Você é a esposa de um Chasseur agora.

— Oh, por favor. — Eu dei um revirar os olhos exagerado. — Eu pensei que já tinha deixado claro que não dou a mínima em ser *apropriada*. Devo lembrá-lo? Existem mais dois versos em 'Big Titty Liddy'.

Ele empalideceu. — Por favor, não.

Eu sorri em aprovação. — Então me diga onde posso encontrar meu marido.

Uma breve pausa se seguiu enquanto Ansel considerava se eu estava falando sério sobre continuar minha música sobre seios grandes. Ele deve ter decidido que eu estava - sabiamente - porque ele logo balançou a cabeça e murmurou: — Ele provavelmente está na sala do conselho.

— Excelente. — Passei meu braço pelo dele e bati no quadril de brincadeira. Ele ficou tenso com o contato. — Lidere o caminho.

Para minha frustração, meu marido não estava na sala do conselho. Em vez disso, outro Chasseur virou-se para me cumprimentar. Seus cabelos pretos cortados brilhavam à luz das velas e seus pálidos olhos verdes - lindos contra seu rosto cor de bronze - se estreitaram quando encontraram os meus. Eu lutei contra uma careta.

Jean Luc.

— Bom dia, ladra. — Ele recuperou a compostura rapidamente, curvando-se profundamente. — O que posso fazer por você?

Jean Luc exibia suas emoções tão claramente quanto a barba, por isso tinha sido fácil reconhecer sua fraqueza. Embora ele se disfarçasse sob pretexto de amizade, reconheci o ciúme quando o vi. Especialmente do tipo purulento.

Infelizmente, não tenho tempo de jogar hoje.

— Estou procurando meu marido, — eu disse, já saindo da sala, — mas vejo que ele não está aqui. Se você me der licença...

— Bobagem. — Ele afastou os papéis que estava examinando e se esticou sem pressa. — Fique um pouco. Eu preciso de uma pausa, pelo menos.

— E como exatamente posso ajudar com isso?

Ele se recostou na mesa e cruzou os braços. — O que você precisa do nosso querido Capitão?

— Uma faca.

Ele riu, passando a mão pela mandíbula. — Por mais persuasiva que você seja, é altamente improvável que *você* consiga adquirir uma arma aqui. O arcebispo parece pensar que você é perigosa. Reid, como sempre, interpreta a opinião de Sua Eminência como a palavra de Deus.

Ansel se moveu para mais dentro da sala. Os olhos dele se estreitaram. — Você não deveria falar assim sobre o Capitão Diggory.

Jean Luc inclinou a cabeça com um sorriso zombador. — Eu falo somente a verdade, Ansel. Reid é meu amigo mais próximo. Ele também é o animal de estimação do arcebispo. — Ele revirou os olhos, os lábios se curvando como se a palavra deixasse um gosto rançoso em sua boca. — O nepotismo é *impressionante*.

— Nepotismo? — Eu arqueei uma sobrancelha, olhando entre os dois. — Eu pensei que meu marido era órfão.

— Ele era. — Ansel olhou furioso para Jean Luc. Eu não tinha percebido que ele podia parecer... antagônico. — O arcebispo o encontrou no...

— Nos poupe da história triste, tudo bem? Todos nós temos uma. — Jean Luc abaixou a mão e se afastou da mesa abruptamente. Ele olhou para mim antes de retornar aos seus papéis. — O arcebispo pensa que se vê em Reid. Ambos eram órfãos, ambos diabinhos quando crianças. Mas é aí que as semelhanças terminam. O arcebispo se criou do nada. Sua obra de vida, seu título, sua influência - ele lutou por tudo isso. Sangrou por tudo isso. —

Ele bufou, amassando um de seus papéis e jogando-o na lixeira. — E ele planeja dar tudo a Reid por nada.

— Jean Luc, — perguntei astutamente, — *você* é órfão?

O olhar dele se afiou. — Por quê?

— Eu... por nada. Não importa.

E não importava. Sério. Eu não dava a mínima para os problemas de Jean Luc. Mas para alguém ser tão *cego* a suas próprias emoções... não é de admirar que ele estivesse amargo. Amaldiçoando-me por minha curiosidade, redirecionei meus pensamentos para o meu propósito. Adquirir uma arma era mais importante - e francamente, mais interessante - do que o triângulo amoroso distorcido desses três.

— Você está certo, a propósito. — Dei de ombros como se estivesse entediada, andando para frente para rastrear meu dedo ao longo do mapa. Ele me olhou desconfiado. — Meu marido não merece nada disso. É patético, na verdade, a maneira como ele espera a disposição do arcebispo. — Ansel me lançou um olhar perplexo, mas eu o ignorei, examinando um pouco de poeira no meu dedo. — Como um bom garoto - implorando por restos.

Jean Luc deu um sorriso, um pequeno e sombrio. — Oh, você é diabólica, não é? — Quando eu não respondi, ele riu. — Embora eu simpatize com você, Madame Diggory, não sou tão facilmente manipulado.

— Você não é? — Eu inclinei minha cabeça para ele. — Você tem certeza?

Ele assentiu e se inclinou para a frente nos cotovelos. — Tenho certeza. Embora todas as falhas de Reid, ele tem boas razões para esconder suas armas de você. Você é uma criminosa.

— Certo. Claro. É que... pensei que poderia ser benéfico para nós dois.

Ansel tocou meu braço. — Lou...

— Estou ouvindo. — Os olhos de Jean Luc brilhavam com diversão agora. — Você quer uma faca. O quê tem pra mim?

Dei de ombros para afastar a mão de Ansel e retornei seu sorriso. — É simples. Me dar uma faca irritaria muito meu marido.

Ele riu então. Jogou a cabeça para trás e bateu na mesa, espalhando seus papéis. — Oh, você realmente é uma bruxinha inteligente, não é?

Eu enrijeci, meu sorriso deslizando infinitesimalmente, antes de rir um segundo tarde demais. Ansel não pareceu notar, mas Jean Luc, com seus olhos afiados, parou de rir abruptamente. Ele inclinou a cabeça para me observar, como um cão cheirando a trilha de um coelho. Droga. Eu forcei um sorriso antes de me virar para sair. — Já perdi bastante tempo, Chasseur Toussaint. Se você me der licença, preciso encontrar meu marido esquivo.

— Reid não está aqui. — Jean Luc ainda me observava com um foco enervante. — Ele saiu mais cedo com o arcebispo. Foi relatada uma infestação de lutin fora da cidade. — Confundindo meu cenho com preocupação, ele acrescentou: — Ele voltará em algumas horas. Lutins são

dificilmente perigosos, mas os policiais não estão equipados para lidar com o sobrenatural.

Imaginei os pequenos duendes com quem brincava quando criança. — Eles não são perigosos. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las. — Quero dizer... o que ele fará com eles?

Jean Luc arqueou uma sobrancelha. — Ele os exterminará, é claro.

— Por quê? — Eu ignorei os insistentes puxões de Ansel no meu braço, o calor subindo para o meu rosto. Eu sabia que deveria parar de falar. Eu reconheci a faísca nos olhos de Jean Luc pelo que era - uma suspeita. Um instinto. Uma ideia que pode se transformar em algo mais se eu não ficar de boca fechada. — Eles são inofensivos.

— Eles são incômodos para os agricultores e não são naturais. É nosso trabalho eliminá-los.

— Eu pensei que seu trabalho era proteger os inocentes?

— E lutins são inocentes?

— Eles são inofensivos, — repeti.

— Eles não deveriam existir. Eles nasceram de barro reanimado e bruxaria.

— Adão não foi esculpido do barro?

Ele inclinou a cabeça lentamente, me considerando. — Sim... pela mão de Deus. Você está sugerindo que as bruxas possuem a mesma autoridade?

Hesitei, finalmente percebendo o que estava dizendo - e onde estava. Jean Luc e Ansel me encararam, esperando minha resposta. — Claro que não. — Eu me forcei a encontrar o olhar curioso de Jean Luc, o sangue rugindo em meus ouvidos. — Não era isso que eu estava dizendo.

— Que bom. — Seu sorriso era pequeno e perturbador quando Ansel me arrastou para a porta. — Então estamos de acordo.

Ansel continuou me lançando olhares ansiosos enquanto caminhávamos para a enfermaria, mas eu o ignorei. Quando ele finalmente abriu a boca para me questionar, eu fiz o que faço de melhor - desviei

— Acho que mademoiselle Perrot estará aqui hoje de manhã.

Ele se iluminou visivelmente. —Ela estará?

Eu sorri e cutuquei seu braço com meu ombro. Ele não ficou tenso dessa vez. — Há uma boa chance.

— E - e ela vai me deixar visitar os pacientes com você hoje?

— Menos chance.

Ele ficou de mau humor o resto do caminho pelas escadas. Eu não pude deixar de rir.

O aroma familiar e suave da magia nos cumprimentou quando entramos na enfermaria.

Venha brincar, venha brincar, venha brincar.

Mas eu mal estava lá para brincar. Um fato que Coco comprovou quando nos encontrou na porta. — Olá, Ansel, — disse ela alegremente, passando o

braço pelo meu e me guiando para o quarto do monsieur Bernard.

— Olá, mademoiselle Perr...

— Adeus, Ansel. — Ela fechou a porta em seu rosto apaixonado.

Eu fiz uma careta para ela. — Ele gosta de você, sabe. Você deveria ser mais gentil com ele.

Ela se jogou na cadeira de ferro. — É por isso que não estou encorajando-o. Aquele pobre garoto é bom demais para mim.

— Talvez você devesse deixá-lo decidir isso.

— Humm… — Ela examinou uma cicatriz particularmente desagradável no pulso antes de puxar a manga de volta para baixo. — Talvez eu deva.

Revirei os olhos e fui cumprimentar monsieur Bernard.

Embora tivessem passado dois dias, o pobre homem ainda não havia morrido. Ele não dormia. Ele não comia. O padre Orville e os curandeiros não tinham ideia de como ele continuava vivo. Seja qual for o motivo, fiquei feliz. Eu tinha gostado bastante do seu olhar misterioso.

— Eu ouvi sobre Madame Labelle, — disse Coco. Fiel à sua palavra, Jean Luc havia falado com os padres, e fiel à *sua* palavra, eles mantiveram um olhar muito mais atento à sua mais nova curandeira após a interferência dela na biblioteca. Ela não ousará deixar a enfermaria novamente. — O que ela queria?

Afundei no chão ao lado da cama de Bernie e cruzei as pernas. Seus olhos brancos, parecidos com orbes, me seguiram até o fim, seu dedo batendo nas correntes.

Clink.

Clink.

Clink.

— Me dar um aviso. Ela disse que minha mãe está vindo.

— Ela disse isso? — O olhar de Coco se afiou, e eu rapidamente contei o que aconteceu ontem à noite. Quando terminei, ela estava andando de um lado para o outro. — Isso não significa nada. Sabemos que ela está atrás de você. Claro que ela está vindo. Isso não significa que ela sabe que você está *aqui*...

— Você está certa. Não significa. Mas ainda quero estar pronta.

— Claro. — Ela assentiu vigorosamente, os cachos saltando. — Vamos começar então. Encante a porta. Um padrão que você não usou antes.

Levantei-me e caminhei em direção à porta, esfregando as mãos contra o frio no quarto. Coco e eu decidimos encantá-lo contra os bisbilhoteiros durante nossas sessões de treinos. Não seria bom alguém ouvir nossas conversas sussurradas sobre magia.

Ao me aproximar, desejei que os familiares padrões dourados aparecessem. Eles se materializaram à minha chamada, nebulosos e onipresentes. Contra a minha pele. Dentro da minha mente. Eu caminhei através deles, procurando por algo novo. Algo diferente. Depois de vários minutos infrutíferos, joguei minhas mãos para cima em frustração. — Não há nada novo.

Coco veio parar ao meu lado. Como uma Dame Rouge, ela não conseguia ver os padrões que eu via, mas tentou mesmo assim. — Você não está pensando sobre isso corretamente. Examine todas as possibilidades.

Fechei os olhos, forçando-me a respirar fundo. Uma vez, visualizar e manipular padrões tinha sido algo fácil de fazer - tão fácil quanto respirar. Mas não mais. Eu estava escondida por muito tempo. Reprimindo minha magia por muito tempo. Havia muitos perigos à espreita na cidade: bruxas, caçadores e até cidadãos reconheciam o cheiro peculiar da magia. Embora fosse impossível discernir uma bruxa por sua aparência, mulheres desacompanhadas sempre levantavam suspeitas. Quanto tempo antes de alguém me cheirar depois de um encantamento? Quanto tempo antes de alguém me ver contorcer os dedos e me seguir para casa?

Eu usei magia no Tremblay e olhe onde isso me levou.

Não. Era mais seguro parar de praticar magia completamente.

Expliquei a Coco que era como exercitar um músculo. Quando usados rotineiramente, os padrões surgiam de forma rápida, clara, geralmente por vontade própria. Se deixada sem vigilância, no entanto, essa parte do meu corpo - a parte conectada aos meus ancestrais, às cinzas na terra - ficava fraca. E a cada segundo necessário para desembaraçar um padrão, uma bruxa podia atacar.

Madame Labelle tinha sido clara. Minha mãe estava na cidade. Talvez ela soubesse onde eu estava, ou talvez não. De qualquer maneira, eu não podia permitir fraqueza.

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, o pó dourado parecia se aproximar mais, e as bruxas no desfile se ergueram nos olhos da minha mente. Seus sorrisos enlouquecidos. Os corpos flutuando desamparados acima delas. Eu reprimi um arrepio, e uma onda de desesperança caiu em mim.

Não importa quantas vezes eu praticasse - não importa o quão qualificada eu fique - eu nunca seria tão poderosa quanto algumas. Porque bruxas como as do desfile - bruxas dispostas a sacrificar tudo pela causa - não eram apenas poderosas.

Elas eram perigosas.

Embora uma bruxa não pudesse ver os padrões de outras, feitos como afogar ou queimar uma pessoa viva exigiam enormes ofertas para manter o equilíbrio: talvez uma emoção específica, talvez um ano de memórias. A cor dos olhos delas. A capacidade de sentir o toque de outra pessoa.

Tais perdas poderiam... mudar uma pessoa. Transformá-la em algo mais sombrio e estranho do que era antes. Eu já tinha visto isso acontecer uma vez.

Mas isso foi há muito tempo atrás.

Mesmo que eu não pudesse esperar ficar mais poderosa que minha mãe, eu me recusava a *não* fazer *nada*.

— Se eu dificultar a capacidade dos curandeiros e padres de nos ouvir, estou prejudicando-os. Estou tirando deles. — Afastei o ouro grudado na

minha pele, endireitando meus ombros. — Eu tenho que me prejudicar também, de alguma forma. Um dos meus sentidos... audição é o negócio óbvio, mas eu já fiz isso. Eu *poderia* dar outro sentido, como toque, visão ou paladar.

Fiz uma pausa e examinei os padrões. — Paladar não é suficiente - o equilíbrio ainda está inclinado a meu favor. A visão é demais, pois eu ficaria ineficaz. Então... tem que ser toque. Ou talvez olfato? — Concentrei-me no nariz, mas nenhum novo padrão surgiu.

Clink.

Clink.

Clink.

Eu olhei para Bernie, minha concentração diminuindo. Os padrões desapareceram. — Eu amo você, Bernie, mas você poderia, por favor, calar a boca? Você está dificultando isso.

Clink .

Coco me cutucou na bochecha, voltando minha atenção para a porta. — Continue. Tente uma perspectiva diferente.

Afastei a mão dela. — É fácil para você dizer. — Cerrando os dentes, olhei para a porta com tanta força que temi que meus olhos pudessem explodir. Talvez isso seria *equilíbrio* suficiente. — Talvez... talvez eu não esteja tirando deles. Talvez eles estejam me dando alguma coisa.

— Como segredos? — Coco solicitou.

— Sim. O que significa... o que significa...

— Talvez você possa tentar contar um segredo.

— Não seja idiota. Não funciona assim...

Um fino cordão dourado serpenteou entre minha língua e a orelha dela. Merda.

Esse era o problema com a magia. Era subjetiva. Para todas as possibilidades que considerei, outra bruxa consideraria cem diferentes. Assim como não havia duas mentes trabalhando da mesma forma, também não havia magia de duas bruxas. Todas nós vimos o mundo de maneira diferente.

Ainda assim, não preciso dizer isso a Coco.

Ela deu um sorriso presunçoso e levantou uma sobrancelha, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Parece-me que não existem regras rígidas e rápidas para essa sua magia. É intuitiva. — Ela bateu no queixo, pensativa. — Para ser sincera, isso me lembra a magia do sangue.

Passos ecoaram no corredor do lado de fora e paramos. Quando eles não passaram - quando pararam em frente à porta - Coco se retirou para o canto, e eu deslizei na cadeira de ferro ao lado da cama de Bernie. Abri a Bíblia e comecei a ler um verso aleatoriamente.

O padre Orville entrou mancando pela porta.

— Oh! — Ele apertou o peito quando nos viu, seus olhos se formando círculos perfeitos por trás de seus óculos. — Caro eu! Vocês me deram um susto.

Sorrindo, levantei-me quando Ansel entrou na sala. Farelos salpicavam seus lábios. Obviamente ele invadiu a cozinha dos curandeiros. — Está tudo bem?

— Sim, claro. — Voltei minha atenção ao padre Orville. — Minhas desculpas, Padre. Eu não quis te assustar.

— Nem um pouco, criança, nem um pouco. Estou um pouco exausto esta manhã. Tivemos uma noite estranha. Nossos pacientes estão estranhamente... agitados. — Ele acenou com a mão, revelando uma seringa de metal, e se juntou a mim ao lado da cama de Bernie. Meu sorriso congelou no lugar. — Vejo que você também está preocupada com o Monsieur Bernard. Ontem à noite, um dos meus curandeiros o encontrou tentando pular uma janela!

— O quê? — Tranquei os olhos com Bernie, franzindo a testa, mas seu rosto mutilado não revelou nada. Nem mesmo um piscar de olhos. Ele ficou... em branco. Eu balancei minha cabeça. A dor dele deve ter sido terrível.

O padre Orville deu um tapinha no meu ombro. — Não se preocupe, criança. Isso não vai acontecer novamente. — Ele levantou uma mão fraca para me mostrar a seringa. — Aperfeiçoamos a dosagem desta vez. Estou certo disso. Esta injeção acalmará sua agitação até que ele se junte ao Senhor.

Ele puxou uma adaga fina de suas vestes e cortou uma pequena incisão no braço de Bernie. Coco deu um passo à frente, os olhos estreitados, enquanto o sangue preto escorria. — Ele ficou pior.

O padre Orville mexeu na seringa. Eu duvidava que ele pudesse ver o braço de Bernie, mas ele finalmente conseguiu mergulhar a agulha profundamente no corte preto. Eu me encolhi quando ele apertou o gatilho, injetando o veneno, mas Bernie não se mexeu. Ele apenas ficou olhando para mim.

— Pronto. — O padre Orville tirou a agulha do braço. — Ele deverá cair no sono momentaneamente. Posso sugerir que o deixemos em paz?

— Sim, padre, — disse Coco, inclinando a cabeça. Ela me lançou um olhar significativo. — Vamos Lou. Vamos ler alguns provérbios.

La Vie Éphémère

Lou

Uma multidão alinhava a rua do lado de fora de Soleil et Lune. Os aristocratas conversavam do lado de fora das bilheterias, enquanto suas esposas se cumprimentavam com sorrisos sentimentais. Carruagens elegantes iam e vinham. Os guardas tentaram levar os convidados a seus lugares, mas esse era o verdadeiro entretenimento da noite. *Esse* foi o motivo pela qual os ricos e abastados vieram ao teatro... para se enfeitarem e politizar em uma complexa dança social.

Eu sempre comparava ao ritual de acasalamento de um pavão.

Meu marido e eu certamente estávamos adequados para o papel. Se foram o meu vestido e calça manchados de sangue. Quando ele voltou ao nosso quarto mais cedo com um novo vestido de noite - quase cheio de orgulho e antecipação - eu não tinha sido capaz de recusá-lo. Ouro polido, tinha um corpete justo e mangas cônicas bordadas com pequenas flores metálicas. Elas brilhavam à luz do sol, mudando suavemente para uma cauda de seda champanhe. Eu até apaguei alguns dos meus hematomas na enfermaria com magia. O pó cobria o resto.

Meu marido usava seu melhor casaco. Embora ainda fosse azul Chasseur, filigrana dourada decorava a gola e os punhos. Resisti à vontade de sorrir, visualizando a imagem que fizemos subindo os degraus do teatro. Ele combinou nossas roupas. Eu deveria estar chocada, mas com a mão dele firmemente envolvida na minha, eu não conseguia sentir nada além de emoção.

Eu *tinha* insistido em usar minha capa, no entanto. E uma linda fita de renda para esconder minha cicatriz. Se meu marido tinha notado, ele sabia que não devia comentar.

Talvez ele não fosse tão ruim.

A multidão se afastou quando entramos no teatro. Eu duvidava que alguém se lembrasse de nós, mas as pessoas tendiam a ficar desconfortáveis - embora outros o chamassem de *reverentes* - aoredor de Chasseurs. Ninguém estragava uma boa festa como um Chasseur. Especialmente se aquele Chasseur fosse tão arrogante quanto meu marido.

Ele me guiou para o meu lugar. Pela primeira vez, não me ressenti da mão dele nas minhas costas. Pareceu até mesmo... legal. Caloroso. Forte. Até que ele tentou tirar minha capa. Quando eu a tirei de seu alcance, recusando a me separar dela, ele franziu a testa, pigarreando com o

constrangimento que se seguiu. — Eu nunca perguntei... você gostou do livro?

O cavalheiro no banco ao meu lado pegou minha mão antes que eu pudesse responder.

— *Enchanté, mademoiselle,* —ele cantarolou, beijando meus dedos.

Não pude evitar a risadinha que escapou dos meus lábios. Ele era bonito de uma maneira oleosa, com cabelos escuros e lisos e um bigode fino.

Meu marido ficou vermelho. — *Agradecerei* setirar sua mão da minha esposa, *monsieur*.

Os olhos do homem se arregalaram, e ele olhou para o meu dedo anelar vazio. Eu ri mais. Eu comecei a usar o Anel de Angélica na minha mão direita, apenas para irritar meu marido. — Sua esposa? — Ele largou minha mão como se fosse uma aranha venenosa. — Eu não sabia que os caçadores se casavam.

— Este se casou. — Ele se levantou e apontou a cabeça em minha direção. — Troque de lugar comigo.

— Não quis ofender, *monsieur*, é claro. — O homem oleoso me lançou um olhar arrependido quando me afastei dele. — Embora você seja realmente um homem de sorte.

Meu marido olhou zangado, silenciando efetivamente o homem pelo resto da noite.

As luzes diminuíram e eu finalmente empurrei meu capuz. — Você é um pouco territorial, não é? — Eu sussurrei, sorrindo novamente. Ele era tão bruto. Um idiota pomposo, um tanto adorável, bruto.

Ele não olhou para mim. — A apresentação está começando.

A sinfonia começou a tocar, e homens e mulheres voaram para o palco. Reconheci a nariz pontudo imediatamente, rindo com a lembrança de como ela humilhara o arcebispo na frente de seus admiradores. Engenhosa. E lançar tal encantamento bem debaixo do nariz de meu marido e do arcebispo...

Nariz pontudo era uma Dame Blanche destemida.

Embora ela tenha desempenhado apenas um papel menor no refrão, eu a assisti dançar ansiosamente junto com os atores que interpretam Emilie e Alexandre.

Meu entusiasmo rapidamente diminuiu, no entanto, à medida que a música progredia. Havia algo familiar na maneira como ela se controlava - algo que eu não tinha notado ao conhecê-la. O desconforto gradualmente se instalou no meu estômago enquanto ela girava e dançava, desaparecendo por trás da cortina.

Quando a segunda música começou, meu marido se inclinou para mais perto. Sua respiração fez cócegas na pele do meu pescoço. — Jean Luc disse que você estava me procurando esta manhã.

— É rude falar durante uma apresentação.

Ele estreitou os olhos, indiferente. — O que você queria?

Voltei minha atenção para o palco. Nariz pontudo acabara de aparecer, seus cabelos de seda ondulando sobre os ombros. O movimento despertou uma lembrança, mas quando tentei agarrá-la completamente, ela se afastou novamente, como água entre meus dedos.

— Lou? — Ele timidamente tocou minha mão. A dele era quente, grande e calejada, e eu não conseguia me afastar.

— Uma faca, — eu admiti, os olhos nunca saindo do palco.

Ele respirou fundo. — O que?

— Eu queria uma faca.

— Você não pode estar falando sério.

Eu olhei para ele. — Estou falando sério. Você viu Madame Labelle ontem. Eu preciso de proteção.

Ele agarrou minha mão com mais força. — Ela não vai tocar em você. — O homem oleoso ao nosso lado tossiu, mas nós o ignoramos. — Ela não poderá entrar na Torre Chasseur novamente. O arcebispo deu sua palavra.

Eu fiz uma careta. — Isso deveria me fazer sentir melhor?

Sua expressão endureceu e sua mandíbula apertou com força. — Deveria. O arcebispo é um homem poderoso e prometeu protegê-la.

— A palavra dele não significa nada para mim.

— E a minha palavra, então? Jurei protegê-la também.

Era ridículo, na verdade, sua dedicação a proteger uma bruxa. Ele seria capaz de parir filhotes se soubesse a verdade.

Eu arqueei uma sobrancelha irônica. — Assim como eu prometi te obedecer?

Ele me deu um olhar sombrio, mas o homem oleoso não era o único que olhava abertamente agora. Recostei-me no meu lugar com uma arrogante jogada do meu cabelo. Ele era muito empertigado para discutir na frente de uma platéia.

— Essa conversa não acabou, — ele murmurou, mas ele também se recostou, olhando de mau humor para os artistas. Para minha surpresa - e deleite relutante - ele manteve minha mão sob a dele. Depois de vários longos momentos, ele casualmente roçou o polegar ao longo dos meus dedos. Eu me contorci no meu lugar. Ele me ignorou, olhando fixamente para o palco enquanto a performance prosseguia. Mas seu polegar continuou se movendo, desenhando pequenos padrões nas costas da minha mão, circulando meus dedos, traçando as pontas das minhas unhas.

Eu lutei para me concentrar na apresentação. Formigamentos deliciosos se espalharam pela minha pele com cada varredura de seu polegar... até que lentamente, gradualmente, seu toque subiu e seus dedos roçaram as veias do meu pulso, o interior do meu cotovelo. Ele acariciou minha cicatriz lá, e eu tremi, me pressionando de volta no meu assento e tentando me concentrar na apresentação. Minha capa deslizou pelos meus ombros.

O primeiro ato terminou cedo demais e o intervalo começou. Nós dois permanecemos sentados, nos tocando silenciosamente - mal respirando - enquanto a platéia conversava ao nosso redor. Quando as velas se apagaram

novamente, eu me virei para olhá-lo, o calor subindo da minha barriga até minhas bochechas.

— Reid, — eu respirei.

Ele olhou para mim, sua própria expressão corada e em pânico espelhando a minha. Eu me inclinei para mais perto, o olhar caindo em seus lábios separados. Sua língua saiu para umedecê-los, e minha barriga se contraiu.

— Sim?

— Eu...

Na minha visão periférica, Nariz pontudo girou em uma pirueta, com os cabelos soltos. Algo estalou na minha memória com o movimento. Uma celebração do solstício. Cabelo de seda de milho trançado com flores. O poste.

Merda.

Estelle. O nome dela era Estelle, e eu a conheci uma vez - na minha infância no Chateau le Blanc. Ela obviamente não tinha me reconhecido antes com meu rosto recém esmagado, mas se ela me visse novamente, se ela de alguma forma se lembrasse...

O calor na minha barriga congelou.

Eu tinha que sair daqui.

— Lou? — A voz de Reid ecoou de longe, como se ele chamasse do fim de um túnel e não do assento ao meu lado. — Você está bem?

Inspirei profundamente, desejando que meu coração se acalmasse. Certamente ele podia o ouvir. Trovejava por todo o meu corpo, condenando-me a cada batida traiçoeira. Sua mão parou no meu pulso. Merda. Afastei-o, torcendo meus dedos no meu colo. — Estou bem.

Ele se recostou no banco, confusão e mágoa brilhando em seu rosto. Eu amaldiçoei silenciosamente novamente.

No momento em que a música final terminou, eu pulei de pé, colocando minha capa de volta. Garanti que o capuz cobrisse meus cabelos e sombreasse meu rosto. — Pronto?

Reid olhou em volta, perplexo. O resto da platéia permaneceu sentado - alguns sem fôlego, outros chorando pelas trágicas mortes de Emilie e Alexandre - quando a cortina caiu. Os aplausos ainda não começaram. — Algo está errado?

— Não! — A palavra explodiu rápido demais para ser convincente. Limpei minha garganta, forçando um sorriso, e tentei novamente. — Apenas cansada, só isso.

Não esperei pela resposta dele. Puxando a mão dele, eu o conduzi pelos corredores, passando pelos expectadores finalmente se levantando e aplaudindo, e indo até a entrada do teatro - e derrapei até parar. Os atores e atrizes já haviam formado uma fila junto às portas. Antes que eu pudesse mudar de direção, o olhar de Estelle encontrou Reid. Ela fez uma careta antes de olhar para a minha forma encapuzada ao lado dele, os olhos se estreitando enquanto olhava por baixo do meu capuz. Reconhecimento

acendendo. Puxei a mão de Reid, desesperada para fugir, mas ele não se moveu quando Estelle caminhou propositadamente em nossa direção.

— Como você está? — Seus olhos eram gentis, genuínos, enquanto ela empurrava meu capuz para avaliar meus vários ferimentos. Enraizada no lugar, eu estava impotente para detê-la. Ela sorriu. — Parece que você está se curando bem.

Engoli o nó na garganta. — Eu estou bem, obrigada. Perfeita.

— Sério? — Ela arqueou uma sobrancelha em descrença, e seus olhos gentis endureceram quando ela olhou para Reid, que parecia ainda menos satisfeito por vê-la do que ela por vê-lo. Os lábios dela se curvaram. — E como vai *você*? Ainda escondido atrás daquele casaco azul?

Ela era muito corajosa, provocando um Chasseur em público. Os frequentadores riram em desaprovação ao nosso redor. Reid fez uma careta e apertou mais meus dedos trêmulos. — Vamos lá, Lou.

Eu me encolhi com a palavra, coração afundando miseravelmente, mas o estrago estava feito.

— Lou? — O corpo inteiro de Estelle ficou tenso e ela inclinou a cabeça, arregalando os olhos lentamente enquanto reexaminava meu rosto. — Como... Louise?

— Prazer em vê-la novamente! — Antes que ela pudesse responder, arrastei Reid em direção à saída. Ele seguiu sem esforço, embora eu pudesse sentir suas perguntas não ditas no meu pescoço.

Andamos pela multidão do lado de fora do teatro. Quando não consegui abrir um caminho, ele entrou na minha frente. Seja sua altura imponente ou seu casaco azul royal, algo nele fazia as pessoas se afastarem, abaixando seus chapéus. Nossa carruagem esperava a vários quarteirões abaixo da fila - bloqueada por frequentadores misturados - então eu o puxei na direção oposta, correndo o mais longe e mais rápido do teatro que meu vestido permitia.

Quando finalmente nos separamos da multidão, ele me guiou por uma rua lateral vazia.

— O que foi aquilo?

Eu ri nervosamente, saltando nas pontas dos meus pés. Precisávamos seguir em frente. — Não é nada, de verdade. Eu só... — Algo se moveu atrás dele, e meu estômago despencou quando Estelle apareceu entre as sombras.

— Eu não posso acreditar que é você. — Sua voz saiu em um sussurro sem fôlego, e ela olhou para mim com admiração. — Eu não te reconheci antes com as contusões. Você parece tão... diferente.

Era verdade. Além dos ferimentos anteriores, meu cabelo estava mais comprido e mais claro do que quando ela me conhecia, minha pele mais escura e sardenta devido a muitos dias ao sol.

— Vocês duas se conhecem? — Reid perguntou, franzindo a testa.

— Claro que não, — eu disse apressadamente. — Apenas - apenas do teatro. Vamos, Reid. — Virei-me para ele, e ele passou um braço

tranquilizador em volta da minha cintura, inclinando-se levemente na minha frente.

Os olhos de Estelle se arregalaram. — Você não pode ir! Não agora que...

— Ela pode, — disse Reid com firmeza. Embora estivesse claro que ele não tinha ideia do que estava acontecendo, seu desejo de me proteger parecia anular sua confusão - e sua intensa aversão a Estelle. Sua mão era gentil nas minhas costas quando ele me levou para longe. — Boa noite, *mademoiselle*.

Estelle nem sequer piscou. Ela simplesmente sacudiu o pulso como se estivesse golpeando uma mosca enfadonha, e a placa da loja acima de nós foi arrancada de suas dobradiças e bateu na parte de trás do crânio de Reid. O forte cheiro de magia varreu o beco quando ele caiu de joelhos. Ele alcançou debilmente sua Balisarda.

— Não! — Agarrei seu casaco, tentando puxá-lo de pé - para protegê-lo com o meu corpo de alguma forma - mas Estelle torceu os dedos antes que qualquer um de nós pudesse contrariar.

Quando a placa o golpeou pela segunda vez, ele voou para trás. Sua cabeça bateu na parede do beco com um estalo doentio, e ele caiu no chão, imóvel.

Um rosnado rasgou minha garganta, e eu me posicionei entre os dois, levantando minhas mãos.

— Não torne isso difícil, Louise. — Ela se aproximou, com um brilho fanático nos olhos e o pânico contraiu meus pensamentos. Embora o ouro dançasse na minha visão periférica, eu não conseguia focar em um padrão - não conseguia focar em nada. Era como se o mundo estivesse em silêncio, esperando.

Exceto...

Reid se mexeu atrás de mim.

— Eu não irei com você. — Recuei para trás, levantando minhas mãos mais para atrair seus olhos. — Por favor, pare com isso.

— Você não entende? Isso é uma *honra*...

Uma faixa azul passou por mim.

Estelle não conseguiu reagir com rapidez suficiente, e Reid bateu em seus braços estendidos. Por um momento, pareceu um abraço doentio. Então Reid a virou para que suas costas estivessem no peito dele - esmagando os braços e as mãos dela entre eles - e passou um braço em volta da garganta dela. Eu assisti horrorizada enquanto ela lutava contra ele. O rosto dela ficou roxo lentamente.

— Me ajude… — Ela se estremeceu de terror, seus olhos selvagens procurando os meus. — Por favor...

Eu não me mexi.

Acabou em menos de um minuto. Com um tremor final, o corpo de Estelle caiu nos braços de Reid, e o aperto dele afrouxou.

— Ela está... morta? — Eu sussurrei.

— Não. — Seu rosto estava branco, suas mãos tremiam quando ele deixou Estelle cair no chão. Quando ele finalmente olhou para mim, tropecei sob a ferocidade de seu olhar. — O que ele queria com você?

Incapaz de suportar esse olhar, desviei o rosto - olhando para longe dele, longe de Estelle, longe de toda a cena de pesadelo - e olhei para as estrelas. Estavam escuras esta noite, recusando-se a brilhar para mim. Me acusando.

Depois de um longo momento, me forcei a responder. Lágrimas brilhavam nas minhas bochechas. — Ela me queria morta.

Ele me observou por um longo momento antes de puxar o corpo flácido de Estelle por cima do ombro.

— O que você vai fazer com ela? — Eu perguntei com medo.

— É uma bruxa. — Ele começou a subir a rua sem olhar para trás, ignorando os olhares alarmados dos transeuntes. — Vai queimar na terra e depois no inferno.

Witch Killer

Lou

Reid se recusou a falar comigo no caminho de volta à Torre Chasseur. Eu lutei para acompanhar, cada passo uma faca no meu coração.

Assassina de bruxa assassina de bruxa assassina de bruxa.

Eu não conseguia olhar para Estelle, não conseguia processar o jeito que sua cabeça pendia nas costas de Reid. A maneira como seus cabelos de seda de milho ondulavam a cada passo.

Assassina de bruxa.

Quando Reid irrompeu na Torre, os guardas hesitaram por apenas um segundo, chocados, antes de entrar em ação. Eu os odiava. Odiava que eles tivessem se preparado para esse momento a vida inteira. Com os olhos brilhando de antecipação, entregaram uma seringa de metal a Reid.

Uma injeção.

Minha visão se estreitou. Náusea rolou pelo meu estômago.

— Os Padres estavam ansiosos para testar em uma bruxa. — O Chasseur mais próximo de Reid se inclinou para a frente ansiosamente. — Hoje é o dia de sorte.

Reid não hesitou. Ele jogou Estelle para frente, mergulhando a agulha na garganta dela com força brutal. O sangue escorreu por seu ombro e manchou o branco de seu vestido.

Poderia muito bem ter sido minha alma.

Ela caiu dos braços de Reid como uma pedra. Ninguém se incomodou em pegá-la e ela caiu de cara no chão. Imóvel. Seu peito mal subia e descia. Um segundo Chasseur riu, cutucando a bochecha dela com a bota. Ela ainda não se mexeu. — Acho que isso responde a pergunta. Os padres ficarão satisfeitos.

As algemas vieram a seguir - mais grossas e enferrujadas de sangue. Eles as colocaram nos pulsos e tornozelos antes de puxá-la pelos cabelos e arrastá-la para a escada. As correntes tilintaram a cada passo quando ela desapareceu, descendo, descendo - para a boca do inferno.

Reid não olhou para mim enquanto caminhava atrás deles.

Naquele momento - deixada apenas com uma seringa vazia e o sangue de Estelle como lembrete do que eu havia feito - eu realmente me odiava.

Assassina de bruxa.

Chorei amargamente.

Como se sentisse minha traição, o sol não nasceu adequadamente na manhã seguinte. Permaneceu escuro e ameaçador, o mundo inteiro envolto em um cobertor grosso de preto e cinza. Trovões retumbaram ao longe. Eu assisti da janela do meu quarto, olhos vermelhos e vidrados.

O arcebispo não perdeu tempo em abrir as portas da igreja para gritar os pecados de Estelle aos céus. Ele a puxou de dentro acorrentada e a jogou no chão a seus pés. A multidão gritou obscenidades, atirando pedaços de lama e pedra para ela. Freneticamente, ela balançou a cabeça para frente e para trás em busca de alguém.

Em busca de mim.

Como se fosse atraída pelo meu olhar, ela levantou a cabeça e olhos azuis pálidos encontraram os meus. Eu não precisava ouvir as palavras para ver a forma que seus lábios se formaram - para ver o veneno que derramava de sua própria alma.

Assassina de bruxa.

Foi a desonra final.

Reid estava na frente da multidão, seus cabelos soprando loucamente ao vento. Uma plataforma elevada havia sido construída da noite para o dia. A estaca de madeira bruta sobre ela perfurou o céu, derramando as primeiras gotas geladas de chuva.

Nessa estaca, eles amarraram minha irmã. Ela ainda usava seu traje da apresentação - um simples vestido branco que escovava seus tornozelos - embora estivesse ensanguentado e sujo de quaisquer horrores que os Caçadores infligiram a ela na masmorra. Ontem à noite, ela estava cantando e dançando no Soleil et Lune. Agora, ela enfrentava a morte.

Foi tudo minha culpa.

Eu tinha sido uma covarde, com muito medo de enfrentar a morte para salvar Estelle. Para salvar meu povo. Centenas de bruxas - mortas. Apertei a mão em volta da minha garganta - bem acima da minha cicatriz - e engoli um soluço.

Ansel se mexeu desconfortavelmente atrás de mim. — É difícil ver a primeira vez, — disse ele em uma voz tensa. — Você não precisa assistir.

— Sim, eu preciso. — Minha respiração parou quando ele ficou ao lado da minha torre de móveis. Lágrimas corriam livremente pelas minhas bochechas, formando uma piscina no peitoril. — Isso é minha culpa.

— É uma bruxa, — disse Ansel suavemente.

— *Ninguém* merece morrer assim.

Ele se assustou com a minha veemência. — Bruxas merecem.

— Diga-me, Ansel. — Virei-me para ele, de repente urgente, desesperada para ele entender. — Você já conheceu uma bruxa?

— Claro que não.

— Sim, você já conheceu. Elas estão por toda parte, por toda a cidade. A mulher que remendou seu casaco na semana passada pode ter sido uma, ou a empregada lá embaixo que fica vermelha toda vez que você olha para ela. Sua própria *mãe* poderia ter sido uma, e você nunca saberia. — Ansel

balançou a cabeça, arregalando os olhos. — Elas não são todas más, Ansel. Algumas são gentis, atenciosas e boas.

— Não, — ele insistiu. — Elas são más.

— Não somos todos? Não é isso que seu próprio deus ensina?

O rosto dele caiu. — É diferente. Elas são... antinatural.

Antinatural. Apertei as palmas das mãos nos olhos para conter as lágrimas. — Você está certo. — Gesticulei abaixo, onde os gritos da multidão aumentaram. Uma mulher de cabelos escuros na parte de trás da multidão soluçou. — Eis o caminho natural das coisas.

Ansel franziu a testa quando Reid entregou uma tocha ao arcebispo.

Estelle tremeu. Ela manteve os olhos fixos no céu quando o arcebispo abaixou a tocha em um arco arrebatador, acendendo os pedaços de feno abaixo dela. A multidão rugiu em aprovação.

Lembrei-me de uma faca indo em direção a minha própria garganta. Eu senti o beijo da lâmina na minha pele.

Eu conhecia o terror no coração de Estelle.

O fogo se espalhou rapidamente. Embora as lágrimas nublassem minha visão, eu me forcei a assistir as chamas lambendo o vestido de Estelle. Eu me forcei a ouvir seus gritos. Cada um destruiu minha própria alma e logo agarrei a borda da janela em busca de apoio.

Eu não aguentava mais. Eu queria morrer. Eu *merecia* morrer - me contorcer e queimar em um lago sem fim de fogo negro.

Eu sabia o que tinha que fazer.

Sem pensar - sem parar para considerar as consequências - fechei os punhos.

O mundo estava pegando fogo.

Eu gritei, caindo no chão. Ansel se aproximou de mim, mas suas mãos não conseguiram segurar meu corpo se debatendo. Eu convulsionei, mordendo minha língua para parar os gritos quando o fogo rasgou através de mim, enquanto empolava minha pele e arrancava músculos dos ossos. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia pensar. Havia apenas agonia.

Abaixo, os gritos de Estelle pararam abruptamente. Seu corpo relaxou nas chamas, e um sorriso feliz cruzou seu rosto enquanto ela flutuava pacificamente na vida após a morte.

Soul Ache

Lou

Acordei com um pano frio na testa. Piscando com relutância, permiti que meus olhos se acostumassem à escuridão. O luar banhava o quarto de prata, iluminando uma figura curvada na cadeira ao lado da minha cama. Embora a lua descorasse seus cabelos acobreados, não havia como confundi-lo.

Reid.

Sua testa descansava contra a beira do colchão, não tocando muito meu quadril. Seus dedos estavam a centímetros dos meus. Meu coração se contraiu dolorosamente. Ele deve ter segurado minha mão antes de adormecer.

Eu não sabia como me sentia sobre isso.

Tocando seu cabelo timidamente, lutei contra o desespero no meu peito. Ele queimou Estelle. Não... *eu* tinha queimado Estelle. Eu sabia o que ele faria se eu esperasse que ele acordasse naquele beco. Eu sabia que ele a mataria.

Era o que eu queria.

Eu retirei minha mão, enojada comigo mesma. Enojada com Reid. Por um momento, eu tinha esquecido por que estava aqui. Quem eu era. Quem *ele* era.

Uma bruxa e um caçador de bruxas ligados em santo matrimônio. Só havia uma maneira de que essa história pudesse terminar - uma estaca e uma tocha. Eu me amaldiçoei por ser tão estúpida - por permitir me aproximar tanto.

Uma mão tocou meu braço. Eu me virei para encontrar Reid olhando para mim. O começo de uma barba sombreava sua mandíbula e círculos escuros coloriram seus olhos, como se ele não dormisse há muito tempo.

— Você está acordada, — ele respirou.

— Sim.

Ele suspirou aliviado e fechou os olhos, apertando minha mão. — Graças a Deus.

Após um segundo de hesitação, retornei o aperto. — O que aconteceu?

— Você desmaiou. — Ele engoliu em seco e abriu os olhos. Eles estavam sofrendo. — Ansel correu para a mademoiselle Perrot. Ele não sabia o que fazer. Ele disse... ele disse que você estava gritando. Ele não conseguiu fazer com que você parasse. Mademoiselle Perrot também não conseguiu acalmá-la. — Ele acariciou minha palma distraidamente, olhando para ela sem realmente vê-la.

— Quando cheguei, você estava... doente. Muito doente. Você gritou quando eles te tocaram. Você só parou quando eu... — Ele pigarreou e desviou o olhar, a garganta balançando. — Então você... você ficou quieta. Nós pensamos que você poderia estar morta. Mas você não estava.

Eu olhei para a mão dele na minha. — Não, eu não estou.

— Eu tenho te alimentado com lascas de gelo, e as empregadas estão mudando os lençóis a cada hora para mantê-la confortável.

Com as palavras dele, notei a umidade da minha camisola e lençóis. Minha pele também estava pegajosa de suor. Eu devo estar parecendo um inferno. — Quanto tempo eu fiquei apagada?

— Três dias.

Eu gemi e me sentei, esfregando meu rosto úmido. — Merda.

— Isso já aconteceu antes? — Ele procurou em meu rosto enquanto eu jogava os cobertores e tremia com o ar frio da noite.

— Claro que não. — Embora eu tentasse permanecer civilizada, as palavras saíram fortes e sua expressão endureceu.

— Ansel acha que a queima fez isso. Ele disse que falou para você não assistir.

A queima. Isso foi tudo o que Reid disse. Seu mundo não tinha pegado fogo naquela fogueira. Ele não havia traído seu povo. A raiva reacendeu na minha barriga. Ele provavelmente nem sabia o nome de Estelle.

Fui para o banheiro, recusando-me a encontrar seus olhos. — Eu raramente faço o que me dizem.

Minha raiva ardeu mais quente quando Reid me seguiu. — Por que? Por que assistir quando isso te incomoda tanto?

Abri a torneira e observei a água fumegante encher a banheira. — Porque nós a matamos. Era o mínimo que podíamos fazer, ver isso acontecer. Ela merecia isso.

— Ansel disse que você estava chorando.

— Eu estava.

— Aquilo era uma *bruxa*, Lou.

— *Ela*, — rosnei, me virando para ele. — *Ela* era uma bruxa - e uma *pessoa*. O nome dela era Estelle, e nós a queimamos.

— Bruxas não são *pessoas*, — disse ele, impaciente. — Isso é fantasia de criança. Também não são pequenas criaturas de fadas que usam flores e dançam sob a lua cheia. Elas são demônios. Você viu a enfermaria. Elas são malévolas. Elas vão *machucá*-la se for dada a chance. — Ele passou uma mão agitada pelo cabelo, olhando para mim. — Eles merecem a estaca.

Eu apertei minhas mãos na banheira para me impedir de fazer algo que eu me arrependeria. Eu queria - não, *precisava* - me enfurecer com ele. Eu precisava envolver minhas mãos em sua garganta e sacudi-lo - para fazê-lo ver o sentido. Eu estava meio tentada a cortar meu braço novamente, para que ele pudesse ver o sangue que corria lá. O sangue que era da mesma cor que o dele.

— E se eu fosse uma bruxa, Reid? — Eu perguntei suavemente. — A estaca seria o que eu mereço?

Fechei a torneira e o silêncio absoluto encheu a câmara. Eu podia sentir seus olhos nas minhas costas... cauteloso, avaliando. — Sim, — ele disse cuidadosamente. — Se você fosse uma bruxa.

A pergunta não dita pairou no ar entre nós. Eu encontrei seus olhos por cima do meu ombro, desafiando-o a perguntar. Rezando para que não perguntasse. Rezando para que ele perguntasse. Incerta de como eu responderia se ele fizesse isso.

Um longo segundo se passou enquanto nos encarávamos. Finalmente, quando ficou claro que ele não perguntaria - ou talvez *não pudesse* - eu voltei para a água e sussurrei: — Nós dois merecemos a estaca pelo que fizemos com ela.

Ele pigarreou, obviamente desconfortável com a nova direção da conversa. — Lou...

— Apenas me deixe em paz. Preciso de tempo.

Ele não discutiu e eu não o vi sair. Quando a porta se fechou, entrei na água quente. O vapor estava quase fervendo, mas ainda era uma carícia fria em comparação com a estaca. Deslizei por baixo da superfície, lembrando a agonia das chamas na minha pele.

Passei anos me escondendo de La Dame des Sorcières. Da minha mãe. Eu tinha feito coisas terríveis para me proteger, para garantir minha sobrevivência. Porque acima de tudo, *isso* é tudo o que eu fiz: eu sobrevivi.

Mas a que custo?

Eu reagi instintivamente com Estelle. Tinha sido a vida dela ou a minha. O caminho a seguir parecia claro. Havia apenas uma escolha. Mas... Estelle tinha sido uma das minhas. Uma bruxa. Ela não me queria morta - apenas se libertar da perseguição que assolava nosso povo.

Infelizmente, esses dois eram mutuamente exclusivos agora.

Pensei em seu corpo, no vento levando suas cinzas - e todas as outras cinzas que foram levadas ao longo dos anos.

Pensei em Monsieur Bernard, apodrecendo numa cama no andar de cima - e em todos os outros que esperam a morte atormentados.

Bruxas e pessoas. Um e o mesmo. Todos inocentes. Todos culpados.

Todos mortos.

Mas eu não.

Quando eu tinha dezesseis anos, minha mãe tentou me sacrificar - sua única filha. Mesmo antes de minha concepção, Morgane já havia visto um padrão que nenhuma outra Dame des Sorcières tinha visto antes, estava disposta a *fazer o* que nenhuma de suas antecessoras jamais sonhara: matar sua linhagem. Com a minha morte, a linhagem do rei também teria morrido. Todos os seus herdeiros, legítimos e bastardos, teriam parado de respirar comigo. Uma vida para terminar cem anos de perseguição. Uma vida para acabar com o reinado de tirania dos Lyon.

Mas minha mãe não queria apenas matar o rei. Ela queria *machucá*-lo. *Destruí-lo*. Eu ainda podia lembrar do padrão dela no altar, brilhando ao redor do meu coração e se ramificando na escuridão. Em direção aos filhos dele. As bruxas planejavam atacar em meio a sua dor. Elas planejavam eviscerar o que restava da família real... e todos que os seguiram.

Eu emergi na superfície da água, ofegando.

Durante todos esses anos, menti para mim mesma, convencida de que havia fugido do altar porque não podia tirar a vida de inocentes. No entanto, aqui estava eu com sangue inocente em minhas mãos.

Eu era uma covarde.

A dor da realização foi além da minha pele sensível, além da agonia das chamas. Desta vez, eu tinha estragado algo importante. Algo irrevogável. Doía profundamente dentro de mim.

Assassina de bruxa.

Pela primeira vez na minha vida, me perguntei se tinha feito a escolha certa.

Coco chegou mais tarde naquele dia, com o rosto sem expressão quando ela se sentou ao meu lado na cama. Ansel ficou muito interessado nos botões do casaco.

— Como você está se sentindo? — Ela levantou a mão para acariciar meu cabelo. Ao seu toque, todas as minhas emoções miseráveis voltaram à superfície. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Enxuguei-a, fazendo uma careta.

— Como o inferno.

— Nós pensamos que você era um caso perdido.

— Eu gostaria de ser.

A mão dela parou. — Não diga isso. Você acabou de sentir dor de alma, só isso. Nada que alguns pães pegajosos não consigam consertar.

Meus olhos se abriram. — Uma dor de alma?

— Mais ou menos como uma dor de cabeça ou dor de estômago, mas muito pior. Eu costumava ter o tempo todo quando morava com minha tia. — Ela afastou meu cabelo do meu rosto e se inclinou, escovando outra lágrima da minha bochecha. — Não foi sua culpa, Lou. Você fez o que precisava.

Eu olhei para as minhas mãos por um longo momento. — Por que me sinto tão merda sobre isso, então?

— Porque você é uma boa pessoa. Eu sei que nunca é bonito tirar uma vida, mas Estelle forçou sua mão. Ninguém pode culpar você pelo que você fez.

— Tenho certeza que Estelle se sentiria diferente.

— Estelle fez sua escolha quando confiou em sua mãe. Ela escolheu errado. A única coisa que você pode fazer agora é seguir em frente. Não é

mesmo? — Ela assentiu para Ansel, que corou escarlate no canto. Eu desviei o olhar apressadamente.

Ele sabia agora, é claro. Ele teria cheirado a magia. No entanto, aqui estava eu... viva. Mais lágrimas caíram dos meus olhos. *Pare com isso,* eu repreendi. *Claro que ele não contou sobre você. Ele é o único homem decente em toda a torre. Que vergonha por pensar de outra forma.*

Com uma contração na garganta, eu brinquei com o Anel de Angélica, incapaz de encontrar os olhos de alguém.

— Eu tenho que avisá-la, — continuou Coco, — o reino está louvando Reid como um herói. Esta é a primeira queima em meses, e com o clima atual também... tem sido uma celebração. O rei Auguste convidou Reid para jantar com ele ontem, mas Reid recusou. — Ao meu olhar interrogativo, ela apertou os lábios em desaprovação. — Ele não queria te deixar.

De repente, quente demais, chutei meus cobertores. — Não havia nada de *heróico* no que ele fez.

Ela e Ansel trocaram um olhar. — Como esposa dele, — ela disse cuidadosamente, — você deveria pensar o contrário.

Eu a encarei.

— Ouça, Lou. — Ela sentou-se, soltando um suspiro impaciente. — Eu só estou cuidando de você. As pessoas ouviram seus gritos durante a execução. Muitos estão *muito* interessados em saber por que uma bruxa queimando a deixou histérica - incluindo o rei. Reid finalmente aceitou o convite para jantar esta noite para acalmá-lo. Você precisa ser cuidadosa. Todo mundo estará observando você mais de perto agora. — Seu olhar foi para Ansel. — E você sabe que a estaca não é apenas para bruxas. Simpatizantes de bruxas podem encontrar um destino semelhante.

Meu coração afundou quando eu olhei entre eles. — Oh, Deus. Vocês dois...

— Nós três, — Ansel murmurou. — Você está esquecendo Reid. Ele vai queimar também.

— Ele matou Estelle.

Ansel olhou para as botas, engolindo em seco. — Ele acredita que Estelle era um demônio. Todos eles acreditam. Ele... ele estava tentando te proteger, Lou.

Eu balancei minha cabeça, lágrimas furiosas ameaçando cair mais uma vez. — Mas ele está errado. Nem todas as bruxas são más.

— Eu sei que você acredita nisso, — Ansel disse suavemente, — mas você não pode forçar Reid a acreditar. — Ele finalmente olhou para cima e seus olhos castanhos continham profunda tristeza - tristeza que alguém da sua idade nunca deveria ter conhecido. — Há algumas coisas que não podem ser mudadas com palavras. Algumas coisas têm que ser vistas. Elas precisam ser sentidas.

Ele caminhou até a porta, mas hesitou, olhando por cima do ombro para mim. — Espero que vocês possam encontrar o caminho a seguir juntos. Ele é uma boa pessoa e... e você também.

Eu o observei em silêncio, desesperada para perguntar como - *como* uma bruxa e um caçador de bruxas poderiam encontrar um caminho juntos? Como eu poderia confiar em um homem que me queimaria? Como eu poderia amá-lo?

Ansel estava certo sobre uma coisa, no entanto. Não podia responsabilizar Reid pelo que havia acontecido com Estelle. Ele realmente acreditava que as bruxas eram más. Era uma parte dele tanto quanto seus cabelos de cobre ou altura imponente.

Não, a morte de Estelle não estava nas mãos de Reid.

Estava nas minhas.

Antes de Reid voltar naquela noite, eu me arrastei para fora da cama e me joguei para sua mesa. Minha pele coçava e queimava enquanto eu me curava - um lembrete constante das chamas - mas meus membros eram uma história diferente. Meus músculos e ossos pareciam mais rígidos, mais pesados, como se eles me puxassem para chão se pudessem. Cada passo até a mesa era uma luta. O suor escorreu pela minha testa, emaranhou os cabelos do meu pescoço.

Coco disse que minha febre persistiria. Eu esperava que isso passasse em breve.

Desabando na cadeira, abri a gaveta da mesa com o resto da minha energia. A velha Bíblia desbotada de Reid ainda estava lá dentro. Com os dedos trêmulos, abri e comecei a ler - ou tentei ler, pelo menos. Sua letra atrapalhada enchia cada centímetro das margens estreitas. Embora eu tenha trazido as páginas finas como seda ao meu nariz, não conseguia focar nas escrituras sem minha visão nadando.

Joguei-a de volta na gaveta com um suspiro descontente.

Provar que as bruxas não eram inerentemente más pode ser mais difícil do que eu imaginava.

Ainda assim, eu havia formado um plano depois que Coco e Ansel foram embora essa tarde. Se Ansel pudesse ser convencido de que não éramos más, talvez Reid também pudesse. Para fazer isso, eu precisava entender sua ideologia. Eu precisava entendê-*lo*. Amaldiçoando em silêncio, levantei-me mais uma vez, me preparando para a descida ao inferno.

Eu teria que visitar a biblioteca.

Quase meia hora depois, eu empurrei a porta da masmorra. Uma corrente de ar fria bem-vinda varreu minha pele pegajosa e suspirei aliviada. O corredor estava quieto. A maioria dos Chasseurs se retirou para a noite, e o resto estava ocupado fazendo... o que quer que eles faziam. Guardando a família real. Protegendo os culpados. Queimando os inocentes.

Quando cheguei à biblioteca, no entanto, a porta da sala do conselho se abriu e o arcebispo saiu, lambendo o que parecia ser glacê de seus dedos. Na outra mão, ele segurava um pão pegajoso pela metade.

Merda. Antes que eu pudesse enfiar o Anel de Angélica na minha boca para desaparecer, ele se virou e me viu. Nós dois congelamos com as mãos a

meio caminho da boca - igualmente absurdo - mas ele se recuperou primeiro, escondendo o pão pegajoso às pressas atrás das costas. Um pouco de glacê permaneceu na ponta do nariz.

— Louise! O que... o que você está fazendo aqui em baixo? — Ele balançou a cabeça com a minha expressão confusa, pigarreando, antes de ficar à sua altura total e inconsiderável. — Esta é uma área restrita. Preciso pedir que você saia imediatamente.

— Desculpe, eu… — Com um movimento da minha cabeça, desviei o olhar, olhando para qualquer lugar, menos o nariz dele. — Eu queria pegar uma Bíblia emprestada.

Ele olhou para mim como se eu tivesse brotado chifres - irônico, dado o meu pedido. — Uma quê?

— Isso é um... pão? — Inalei profundamente a canela e a baunilha, escovando uma mecha de cabelo suado da testa. Apesar da febre, a saliva se acumulou na minha boca. Eu reconheceria esse cheiro em qualquer lugar. Esse era o *meu* cheiro. O que diabos ele estava fazendo com ele? Não pertencia a esse lugar sombrio e deprimente.

— Chega de perguntas impertinentes. — Ele fez uma careta e limpou os dedos nas costas das vestes, sorrateiramente. — Se você realmente procura uma Bíblia - o que duvido - certamente fornecerei uma, desde que você retorne diretamente ao seu quarto. — Relutantemente, seus olhos avaliaram meu rosto: a pele pálida, a testa suada, os olhos sombreados. Sua expressão se suavizou. — Você deveria estar na cama, Louise. Seu corpo precisa de tempo para... — Ele balançou a cabeça mais uma vez, percebendo o que está fazendo, como se não tivesse muita certeza do que havia acontecido com ele. Eu compreendia. — Não se mova deste local.

Ele passou por mim na biblioteca, retornando um momento depois. — Aqui. — Ele colocou um tomo antigo e empoeirado em minhas mãos. Glacê manchava a coluna e a parte de cima. — Certifique-se de cuidar adequadamente. Esta é a palavra de Deus.

Passei a mão sobre a capa de couro, traçando linhas através da poeira e do glacê. — Obrigada. Devolverei quando terminar.

— Não precisa. — Ele limpou a garganta novamente, franzindo a testa e apertando as mãos atrás das costas. Ele parecia tão desconfortável quanto eu. — É seu. Um presente, se você quiser.

Um presente. As palavras enviaram um raio de desprazer através de mim, e fiquei impressionada com a estranheza dessa situação. O arcebispo, escondendo o glacê dos dedos. Eu, segurando uma Bíblia no meu peito. — Certo. Bem, eu vou...

— Claro. Eu também devo me retirar...

Nós nos separamos com acenos igualmente estranhos.

Reid abriu a porta do quarto silenciosamente naquela noite. Enfiei a Bíblia embaixo da cama e o cumprimentei com um, — Olá! — culpado.

— Lou! — Ele quase pulou para fora de sua pele. Eu poderia até ter ouvido ele xingar. De olhos arregalados, ele jogou o casaco na mesa e se aproximou cautelosamente. — Está tarde. O que você está fazendo acordada?

— Não consegui dormir. — Meus dentes bateram, e eu me enterrei mais profundamente no cobertor em que me enrolei.

Ele tocou a mão na minha testa. — Você está queimando. Você já visitou a enfermaria?

— Brie disse que a febre duraria alguns dias.

Quando ele se sentou ao meu lado na cama, eu me levantei, abandonando meu cobertor. Meus músculos protestaram contra o movimento repentino, e eu estremeci, tremendo. Ele suspirou e se levantou também. — Eu sinto muito. Por favor, sente-se. Precisa descansar.

— Não, eu *preciso* tirar esse cabelo do meu pescoço. Está me deixando louca. — Inexplicavelmente furiosa, puxei os fios ofensivos para longe da minha pele sensível. — Mas meus braços estão verdadeiramente... pesados… — Um bocejo eclipsou o resto das minhas palavras e meus braços caíram. Afundei de volta na cama. — Parece que não consigo levantá-los.

Ele riu. — Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

— Você pode trançar ele.

Sua risada morreu abruptamente. — Você quer que eu... faça o que?

— Uma trança. Por favor. — Ele olhou para mim. Eu olhei de volta. — Eu posso te ensinar. É fácil.

— Eu duvido.

— Por favor. Não consigo dormir com isso tocando minha pele.

Era verdade. Entre as escrituras, a febre e a falta de sono, minha mente girou delirantemente. Cada escovada de cabelo contra a minha pele era agonia - em algum lugar entre frio e aflição, formigamento e dor.

Ele engoliu em seco e foi para trás de mim. Um calafrio bem vindo desceu pelas minhas costas com sua presença, sua proximidade. Com seu calor. Ele expirou um suspiro resignado. — Me diga o que fazer.

Resisti ao desejo de me apoiar nele. — Divida-o em três partes.

Ele hesitou antes de envolver delicadamente as mãos no meu cabelo. Um arrepio fresco subiu em meus braços quando ele passou os dedos pelos fios. — O que agora?

— Agora pegue a parte externa e passe por cima da parte do meio.

— O quê?

— Devo repetir tudo?

— Isso é impossível, — ele murmurou, tentando e falhando em manter os fios separados. Ele desistiu depois de alguns segundos e recomeçou. — Seu cabelo é mais grosso que a crina de um cavalo.

— Hmm. — Eu bocejei novamente. — Isso é um elogio, Chass?

Depois de várias tentativas, ele conseguiu com sucesso o primeiro passo. — Qual é o próximo?

— Agora, faça o outro lado. Atravesse para o meio. Verifique se está apertado.

Ele rosnou baixo na garganta, e um tipo diferente de arrepio tomou conta de mim. — Isso parece terrível.

Eu deixei minha cabeça cair para a frente, saboreando a sensação de seus dedos no meu pescoço. Minha pele não protestou como antes. Em vez disso, parecia aquecer sob seu toque. Derreter. Meus olhos se fecharam. — Fale comigo.

— Sobre o que?

— Como você se tornou Capitão?

Ele não respondeu por um longo momento. — Você tem certeza que quer saber?

— Sim.

— Poucos meses depois de ingressar nos Chasseurs, encontrei uma matilha de loup garou fora da cidade. Nós os matamos.

Embora nenhuma bruxa pudesse reivindicar amizade com um lobisomem, meu coração se contraiu dolorosamente com seu pragmatismo. Seu tom não guardava remorso, nenhuma emoção - uma simples afirmação de fato. Tão frio, árido e improvável como uma paisagem marinha congelada. Jean Luc teria chamado de verdade.

Incapaz de reunir energia para continuar a conversa, eu suspirei pesadamente e caímos em silêncio. Ele trançou firmemente nas minhas costas, seus movimentos acelerando quando ele ganhou confiança. Seus dedos eram ágeis. Especializados. Ele parecia sentir a tensão nos meus ombros, no entanto, porque sua voz estava muito mais suave quando ele perguntou: — Como termino?

— Há um cordão de couro na mesa de cabeceira.

Enrolou o fio em volta da trança várias vezes antes de amarrá-lo em um nó. Pelo menos, eu assumi que estava perfeito. Todos os aspectos de Reid eram precisos, certos, todas as cores em seu devido lugar. Não diluído pela indecisão, ele via o mundo em preto e branco, sem nenhuma das cores sujas de carvão no meio. As cores de cinza e fumaça. De medo e dúvida.

As minhas cores.

— Lou, eu... — Ele passou os dedos pela minha trança, e calafrios frescos caíram sobre a minha pele. Quando finalmente me virei para olhá-lo, ele largou a mão e deu um passo para trás, recusando-se a encontrar meus olhos. — Você perguntou.

— Eu sei.

Sem outra palavra, ele entrou no banheiro e fechou a porta.

A Time for Moving on

Reid

— Vamos para algum lugar, — Lou anunciou.

Eu olhei para cima da minha Bíblia. Ela visitou a enfermaria novamente esta manhã. Desde que voltou do lugar sujo, ela não fez nada além de sentar na cama e olhar para o ar vazio. Mas seus olhos não estavam ociosos. Não, eles giravam para frente e para trás como se estivessem assistindo algo, seus lábios se movendo imperceptivelmente. Seus dedos tremendo.

Embora eu não tenha dito nada, temi que os pacientes estivessem começando a ter efeito nela. Um paciente em particular, um monsieur Bernard, me preocupou. Alguns dias atrás, o padre Orville me chamou para me informar que o homem era mantido sob constante sedação - e acorrentado - para evitar o suicídio. O padre Orville parecia pensar que Lou sofreria um choque quando o inevitável acontecesse.

Talvez o tempo longe nos faça bem.

Eu deixei minha Bíblia de lado. — Onde você quer ir?

— Eu quero um pão pegajoso. Você se lembra da pastelaria onde nos conhecemos? Aquela na East End? Eu costumava ir lá o tempo todo antes, bem... antes de tudo isso. — Ela acenou com a mão entre nós.

Eu olhei para ela cautelosamente. — Você promete se comportar?

— Claro que não. Isso arruinaria a diversão. — Ela pulou da cama. Pegou a capa da prateleira. — Você está vindo ou não?

Um brilho iluminou seus olhos que eu não via desde o teatro. Antes da queima. Antes de, bem... tudo isso. Eu olhei para ela com cuidado, procurando por qualquer sinal da mulher que eu conhecera na semana passada. Embora sua febre tenha diminuído rapidamente, seu espírito não. Era como se ela estivesse se equilibrando na ponta de uma faca - um movimento errado, e ela empalaria alguém. Provavelmente eu.

Ou ela mesma.

Mas hoje ela parecia diferente. Talvez ela tenha superado algo. — Você está... sentindo-se melhor? — Eu perguntei, hesitante.

Ela parou de amarrar a capa. — Talvez.

Contra meu melhor julgamento, assenti e peguei meu próprio casaco - apenas para que ela o arrebatasse fora de alcance.

— Não. — Ela balançou um dedo na frente do meu nariz. — Gostaria de passar o dia com Reid, não com o Chasseur.

Reid.

Eu ainda não tinha me acostumado com ela dizendo meu nome. Toda vez que ela falava, uma pequena emoção absurda passava por mim. Desta vez não foi diferente. Limpei minha garganta e cruzei os braços, tentando e falhando permanecer impassível. — Eles são a mesma pessoa.

Ela fez uma careta e segurou a porta aberta para mim. — Vamos ver sobre *isso*. Devemos?

Era um dia tempestuoso. Gelado. Imperdoável. Pedaços da última queda de neve se agarravam às margens das ruas, onde passos haviam a deixado lamacenta e marrom. Coloquei as mãos nos bolsos das calças. Pisquei irritadamente na brilhante luz do sol da tarde. — Está congelando aqui fora.

Lou virou o rosto para o vento com um sorriso. Fechou os olhos e estendeu os braços, a ponta do nariz já vermelha. — O frio sufoca o cheiro do peixe. É maravilhoso.

— É fácil para você falar. *Você* tem uma capa.

Ela se virou para mim, sorrindo cada vez mais. Fios de cabelo se soltaram do capuz e dançaram em volta do rosto. — Eu posso roubar uma, se você quiser. Há um vendedor de roupas ao lado da confeitaria...

— Nem pense nisso.

— Tudo bem. — Ela se enterrou mais fundo nas dobras de sua capa. Cor de carvão. Manchada. Desgastada na bainha. — Adapte-se.

Carrancudo, eu andei pela rua atrás dela. Todos os músculos do meu corpo foram tomados pelo frio, mas eu não me permiti tremer. Para dar a Lou a satisfação de...

— Oh, bom senhor, — disse ela rindo. — É doloroso de assistir. Aqui.

Ela jogou um lado da capa em volta de mim. Mal cobriu meus ombros, mas não reclamei - especialmente quando ela se aninhou debaixo do meu braço, apertando a capa mais ao nosso redor. Eu passei meu braço em volta dos ombros dela, surpreso. Ela riu mais. — Parecemos ridículos.

Eu olhei para nós, lábios se curvando. Era verdade. Eu era simplesmente grande demais para o tecido e fomos forçados a nos abraçar desajeitadamente, a fim de permanecermos cobertos. Tentamos sincronizar nossos passos, mas logo dei um passo errado - e acabamos em uma pilha emaranhada na neve. Um espetáculo. Os transeuntes nos olhavam em desaprovação, mas pela primeira vez desde que me lembro, não me importei.

Eu também ri.

Quando entramos na pastelaria, nossas bochechas e narizes estavam vermelhos. Nossas gargantas doíam de tanto rir. Eu olhei para ela quando ela tirou a capa dos meus ombros. Ela sorriu com todo o rosto. Eu nunca tinha visto essa transformação. Foi... contagiante.

— Pan! — Lou abriu os braços. Eu segui seu olhar para o homem familiar atrás do balcão. Baixo. Gorducho. Olhos brilhantes e redondos que brilharam de emoção ao ver Lou.

— Lucida! Minha filha querida, onde você esteve? — Ele andou ao redor do balcão o mais rápido que suas pernas podiam carregá-lo. — Eu estava

começando a pensar que você tinha esquecido seu amigo Pan! E, — seus olhos se arregalaram comicamente, e sua voz caiu para um sussurro, — o que você fez com seu *cabelo*?

O sorriso de Lou deslizou, e sua mão disparou para os cabelos. Alheio, Pan a abraçou, segurando-a por mais um segundo do que o apropriado. Lou deu uma risada relutante. — Eu... eu precisava de uma mudança. Algo mais escuro para o inverno. Você gostou?

— É claro, é claro. Mas você está magra demais, criança, magra demais. Aqui, vamos engordar você com um pão. — Ele se virou para o balcão, mas parou quando finalmente me notou. Ele ergueu as sobrancelhas. — E quem é esse?

Lou sorriu, diabolicamente. Eu me preparei para qualquer esquema que ela inventasse - rezando para que não fosse algo ilegal. Sabendo que provavelmente era.

— Pan. — Ela pegou meu braço e me puxou para frente. — Eu gostaria que você conhecesse... Bas.

Bas? Eu olhei para ela, surpreso.

— *O* Bas? — Os olhos de Pan quase saltaram de sua cabeça.

Ela piscou para mim. — O primeiro e único.

Pan fez uma careta. Então, incrivelmente, ele ficou na ponta dos pés e cutucou um dedo no meu peito. Eu fiz uma careta, confuso e dei um passo para trás, mas o homem me seguiu. Me cutucando todo o caminho.

— Agora você me ouve, rapaz - sim, eu já ouvi tudo sobre você! Você não sabe a sorte de ter essa *cherie* no seu braço. Ela é uma pérola, e você a tratará como tal a partir de agora, entendeu? Se eu ouvir que aconteceu de outra maneira, você me responderá e não quer Pan como inimigo, ah não!

Eu olhei para Lou, indignado, mas ela apenas tremeu com uma risada silenciosa. Era inútil. Eu dei um passo rápido para trás. Muito rápido para o homem seguir. — Eu… Sim, senhor.

— Muito bom. — Ele ainda me olhava astutamente enquanto pegava dois pães pegajosos de trás do balcão. Depois de entregar um a Lou, ele prontamente jogou o outro na minha cara. Apressei-me a impedir que deslizasse pela minha camisa. — Aqui está, minha querida. Mas *você* tem que pagar, — ele acrescentou, olhando para mim.

Limpei o glacê do meu nariz, incrédulo. O homem era um lunático. Igual a minha esposa.

Quando Pan se retirou para trás do balcão, eu me virei para ela. — Quem é Lucida? E *por que* você disse a ele que meu nome é... é... *esse*?

Levou alguns segundos para responder - para mastigar a enorme massa de pão pegajoso em sua boca. Suas bochechas incharam com ele. Para seu crédito, ela conseguiu manter a boca fechada. Para meu crédito, eu também.

Ela finalmente engoliu. Lambeu os dedos com uma reverência que pertencia à missa. Não - com uma reverência que definitivamente *não* pertencia à missa. Olhei para qualquer lugar, menos para a língua dela. — Humm... tão territorial, Chass.

— Bem? — Eu perguntei, incapaz de esconder meu ciúme. — Por que você diria a ele que eu sou o ladrão?

Ela sorriu para mim e continuou lambendo o polegar. — Se você quer saber, eu o uso para fazer Pan se sentir culpado e me dar doces. Só no mês passado, o perverso, *perverso* Bas me enganou para fugirmos e casarmos, apenas para me abandonar na doca. Pan me deu pães grátis por uma semana.

Eu me forcei a encontrar seus olhos. — Você é deplorável.

Os olhos dela brilharam. Ela sabia exatamente oque estava fazendo. — Sim, eu sou. Você vai comer isso? — Ela fez um sinal para o meu prato. Empurrei-o em sua direção, e ela mordeu meu pão com um suspiro suave. — Como maná dos céus.

Surpresa sacudiu através de mim. — Eu não sabia que você estava familiarizada com a Bíblia.

— Você provavelmente não sabe muitas coisas sobre mim, Chass. — Ela deu de ombros, colocando metade do pão na boca. — Além disso, é o único livro em toda a Torre, exceto *La Vie Éphémère*, *Pastor* e *Doze Tratados de Extermínio Oculto* - que, por sinal, é um lixo. Eu não recomendo.

Eu mal ouvi uma palavra que ela disse. — Não me chame assim. Meu nome é Reid.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Eu pensei que eles fossem a mesma pessoa?

Eu me inclinei para trás, estudando-a quando ela terminou meu pão. Um pouco de glacê cobriu seu lábio. Seu nariz ainda estava vermelho do frio, o cabelo dela selvagem e soprado pelo vento. Minha pequena pagã. — Você não gosta dos Chasseurs.

Ela me encarou com um olhar aguçado. — E eu tentei tanto esconder isso.

Eu a ignorei. — Por quê?

— Eu não acho que você esteja pronto para ouvir essa resposta, Chass.

— Está bem. Por que você quis sair hoje?

— Porque estava na hora.

Eu suprimi um suspiro de frustração. — E isso quer dizer...?

— Quer dizer que há um tempo para o luto e há um tempo para seguir em frente.

Sempre foi o mesmo com ela. Ela sempre se fechava. Como se ouvisse meus pensamentos, ela cruzou os braços, inclinando-se sobre a mesa. Expressão inescrutável. — Tudo bem então. Talvez você *esteja* pronto para ouvir algumas respostas. Vamos fazer um jogo, sim? Um jogo de perguntas para nos conhecermos.

Eu também me inclinei para frente. Retornando o desafio. — Vamos.

— Está bem. Qual é a sua cor favorita?

— Azul.

Ela revirou os olhos. — Entediante. É minha é dourado - ou turquesa. Ou esmeralda.

— Por que isso não me surpreende?

— Porque você não é tão estúpido quanto parece. — Eu não sabia se deveria me sentir insultado ou lisonjeado. Ela não me deu tempo para decidir. — Qual foi a coisa mais embaraçosa que você já fez?

— Eu… — Sangue subiu pela minha garganta com a lembrança. Tossi e olhei para o prato vazio. — O arcebispo me pegou uma vez em uma posição comprometedora. Com uma menina.

— Ai meu Deus! — Ela bateu as palmas das mãos contra a mesa, arregalando os olhos. — Você foi pego transando com Célie?

As pessoas na mesa ao lado giraram para nos encarar. Eu abaixei minha cabeça, agradecido - pela primeira vez na história - por não estar vestindo meu uniforme. Eu olhei para ela. — Shhh! Claro que não. Ela me beijou, ok? Foi só um beijo!

Lou fez uma careta. — Só um beijo? Isso não é divertido. Dificilmente algo para se envergonhar.

Mas tinha sido algo para se envergonhar. O olhar no rosto do arcebispo - forcei a lembrança para fora rapidamente. — Qual é a sua, então? Você se despiu e dançou a *bourrée*?

Ela bufou. — Nos seus sonhos. Não - eu cantei em um festival quando criança. Errei todas as notas. Todo mundo riu. Eu sou uma cantora de merda.

Nossos vizinhos fizeram um tsc em desaprovação. Eu fiz uma careta. — Sim, eu sei.

— Certo. Algo que acha irritante?

— Palavrões.

— Desmancha-prazeres. — Ela sorriu. — Comida favorita?

— Carne de veado.

Ela apontou para o prato vazio. — Pão pegajoso. Melhor amigo?

— Jean Luc. Você?

— Sério? — Seu sorriso desapareceu, e ela olhou para mim com o que parecia - algo como *pena*. Mas isso não poderia estar certo. — Isso é... infeliz. A minha é Brie.

Ignorando a espetada - o *olhar* - interrompi antes que ela pudesse fazer outra pergunta. — Falha fatal?

Ela hesitou, baixando o olhar para a mesa. Traçando um nó na madeira com o dedo. — Egoísmo.

— Ira. Maior medo?

Desta vez, ela não hesitou. — Morte.

Eu fiz uma careta e estendi a mão sobre a mesa para agarrar sua mão. — Não há nada a temer na morte, Lou.

Ela olhou para mim, olhos azul-esverdeados inescrutáveis. — Não há?

— Não. Não se você souber para onde está indo.

Ela deu uma risada sombria e soltou minha mão. — Esse é o problema, não é?

— Lou...

Ela se levantou e empurrou um dedo contra a minha boca para me silenciar. Pisquei rapidamente, tentando não me fixar na doçura de sua pele.

— Não vamos mais falar sobre isso. — Ela deixou cair o dedo. — Vamos ver a árvore de Yule. Eu os vi colocando ela mais cedo.

— A árvore de Natal, — corrigi automaticamente.

Ela continuou como se não tivesse me ouvido. — Nós realmente devemos comprar um casaco para você primeiro, no entanto. Tem certeza de que não quer que eu roube um? Seria fácil. Vou até deixar você escolher a cor.

— Eu não vou deixar você roubar nada. Vou *comprar* um casaco. — Aceitei o pedaço de capa que ela me ofereceu, o puxando ao nosso redor mais uma vez. — E eu posso comprar uma capa nova para você também.

— Bas comprou essa para mim!

— Exatamente. — Eu a conduzi pela rua em direção à loja de roupas. — Mais uma razão para jogá-la no lixo onde ela pertence.

Uma hora depois, saímos da loja com nossas novas roupas. Um casaco de lã azul marinho com fechos de prata para mim. Uma capa branca de veludo amassado para Lou. Ela protestou quando viu o preço, mas eu insisti. O branco parecia impressionante contra sua pele dourada, e ela deixou o capuz abaixado pela primeira vez. Seus cabelos escuros estavam soltos na brisa. Linda.

Eu não tinha mencionado essa última parte, no entanto.

Uma pomba arrulhou acima de nós quando fizemos nosso caminho para o centro da vila, e os flocos de neve caíram espessos e rápidos. Eles caiam nos cabelos de Lou, nos cílios dela. Ela piscou para mim, pegando um na língua. Então outro. E outro. Logo ela girou em círculo tentando pegá-los todos de uma vez. As pessoas olhavam, mas ela não se importava. Eu a observei com diversão relutante.

— Vamos, Chass! Prove-os! Eles são divinos!

Eu balancei minha cabeça, um sorriso puxando meus lábios. Quanto mais pessoas murmuravam ao nosso redor, mais alta a voz dela se tornava. Mais selvagens ficavam seus movimentos. Mais amplo ficava seu sorriso. Ela se divertia com a desaprovação deles.

Eu balancei minha cabeça, o sorriso desaparecendo. — Eu não posso.

Ela girou em minha direção e agarrou minhas mãos. Seus dedos estavam congelando - como dez pingentes de gelo minúsculos. — Não vai matar você viver um pouco, sabe.

— Eu sou um Chasseur, Lou. — Eu a afastei de mim mais uma vez com uma pontada de arrependimento. — Nós não... brincamos por aí.

Mesmo se quiséssemos.

— Você já tentou?

— Claro que não.

— Talvez você deva.

— Está ficando tarde. Você quer ver a árvore de Natal ou não?

Ela mostrou a língua para mim. — Você não é divertido, Chass. Uma brincadeira na neve pode ser exatamente o que você e o resto dos caçadores precisam. É uma boa maneira de tirar o pau da sua bunda, me disseram.

Olhei em volta nervosamente. Dois compradores que passavam me olharam com olhares de desaprovação. Eu peguei a mão de Lou quando ela girou de volta para mim. — *Por favor,* comporte-se.

— *Tudo bem.* —Ela estendeu a mão para escovar os flocos de neve do meu cabelo, alisando o sulco entre as minhas sobrancelhas logo depois. — Irei me abster de usar a palavra *bunda*. Feliz?

— Lou!

Ela gargalhou e sorriu para mim. — Você é muito fácil. Vamos ver esta árvore de Yule.

— Árvore de Natal.

— Sutil diferença. Vamos? — Embora não compartilhassemos mais uma capa, ela passou os braços em volta da minha cintura. A puxando para mais perto com um balanço exasperado da minha cabeça, eu não conseguia parar o pequeno sorriso que tocou meus lábios.

Mademoiselle Perrot nos cumprimentou na entrada da igreja naquela noite, com o rosto atormentado. Incomodado. Ela me ignorou - como sempre - e foi direto para Lou.

— O que foi? — Lou franziu a testa e pegou as mãos enluvadas dela. — O que aconteceu?

— É o Bernie, — Mademoiselle Perrot disse calmamente. As sobrancelhas de Lou afundaram quando ela examinou o rosto de Mademoiselle Perrot.

Apertei o ombro de Lou. — Quem é Bernie?

Mademoiselle Perrot nem sequer olhou para mim. Mas Lou olhou. — Monsieur Bernard. — Ah. O paciente suicida. Ela voltou sua atenção para mademoiselle Perrot. — Ele está... ele está morto?

Os olhos de mademoiselle Perrot brilhavam muito à luz das velas da entrada. Molhados. Forrados com lágrimas não derramadas. Eu me preparei para o inevitável. — Nós não sabemos. Ele se foi.

Isso chamou minha atenção. Eu dei um passo à frente. — O que você quer dizer com se *foi*?

Ela exalou bruscamente pelo nariz, finalmente se dignando a olhar para mim. — Foi *embora*, Capitão Diggory. Cama vazia. Correntes soltas. Nenhum sinal de um corpo.

— Nenhum sinal de um corpo? — Os olhos de Lou se arregalaram. — Então, isso significa que ele não morreu por suicídio!

Mademoiselle Perrot balançou a cabeça. Sombriamente. — Isso não significa nada. Ele poderia ter se arrastado para algum lugar e feito isso lá. Até encontrarmos o corpo, não saberemos.

Eu tive que concordar com ela. — Meus irmãos foram alertados?

Ela apertou os lábios. — Sim. Eles estão revistando a igreja e a Torre agora. Uma unidade foi implantada para vasculhar a cidade também.

Que bom. A última coisa que precisávamos era de alguém tropeçando em um cadáver cheio de magia. As pessoas entrariam em pânico. Eu balancei a cabeça e apertei o ombro de Lou. — Eles o encontrarão, Lou. De um jeito ou de outro. Você não precisa se preocupar.

O rosto dela permaneceu rígido. — Mas e se ele estiver morto?

Eu a virei para me encarar - para a irritação da mademoiselle Perrot. — Então ele não está mais com dor. — Inclinei-me para a orelha dela, longe dos olhos afiados de mademoiselle Perrot. O cabelo dela fez cócegas nos meus lábios. — Ele sabia para onde estava indo, Lou. Ele não tinha nada a temer.

Ela se inclinou para trás para olhar para mim. — Eu pensei que o suicídio era um pecado mortal.

Estendi a mão, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Só Deus pode nos julgar. Somente Deus pode ler as profundezas da nossa alma. E acho que ele entende o poder das circunstâncias - do medo. — Abaixei a mão e limpei a garganta. Forcei as palavras para fora antes que eu pudesse mudar de ideia. — Eu acho que existem poucos absolutos neste mundo. Só porque a Igreja acredita que Monsieur Bernard sofrerá eternamente por sua doença mental... não significa que ele vai.

Algo inchou nos olhos de Lou com minhas palavras. Eu não reconheci a princípio. Não reconheci até várias horas depois, enquanto eu dormia no chão do meu quarto.

Esperança. Era esperança.

The Guest of Honor

Lou

O rei Auguste agendou um baile na véspera do dia de São Nicolau para começar um fim de semana de celebração. E para honrar Reid. Aparentemente, o rei se sentiu em dívida com Reid por salvar a pele de sua família quando as bruxas atacaram. Embora eu não tivesse ficado por perto para assistir o caos se desenrolar, não tinha dúvida de que meu marido agira de modo... *heróico*.

Ainda assim, foi estranho comemorar a vitória de Reid quando seu fracasso teria resolvido minha situação. Se o rei e seus filhos já estivessem mortos, não haveria razão para eu morrer também. De fato, minha garganta teria apreciado muito seu fracasso.

Reid balançou a cabeça, exasperado, quando Coco entrou no quarto sem bater, um vestido branco e macio envolto em seu braço. Jogando seu melhor casaco Chasseur por cima do ombro e suspirando, ele se inclinou para colocar um pedaço do meu cabelo atrás da orelha em despedida.

— Eu preciso encontrar o arcebispo. — Ele parou na porta, o canto da boca estremecendo em um sorriso torto. Excitação dançava em seus olhos azul-marinho. Apesar das minhas reservas, eu não consegui me segurar; eu sorri de volta. — Voltarei em breve.

Coco levantou o vestido para minha avaliação depois que ele saiu. — Você vai ficar divina nisso.

— Eu fico divina em tudo.

Ela sorriu e piscou para mim. — Esse é o espírito. — Jogando o vestido na cama, ela me forçou a sentar na cadeira, passando os dedos pelos meus cabelos. Eu tremi com a memória dos dedos de Reid. — Os padres concordaram em me deixar ir ao baile, já que sou uma amiga *muito* íntima sua e de seu marido. — Ela puxou uma escova de suas vestes com um brilho determinado nos olhos. — Agora, é hora de escovar o cabelo.

Eu fiz uma careta para ela e me inclinei para longe. — Acho que não.

Eu nunca escovei meu cabelo. Era uma das poucas regras pelas quais eu vivia, e certamente não via necessidade de começar a quebrá-la agora. Além disso, Reid gostava do meu cabelo. Desde que eu pedi para ele trançar, ele parecia pensar que podia continuar o tocando em todas as oportunidades.

Eu não o corrigi porque... bem, eu simplesmente não corrigi.

— Ah, mas eu acho que sim. — Ela me empurrou de volta na minha cadeira, atacando meu cabelo como se ele tivesse a ofendido pessoalmente.

Quando tentei me afastar, ela me bateu no topo da cabeça com a escova. — Fique quieta! Esses ratos têm que sair!

Quase duas horas depois, eu me olhei no espelho. A frente do vestido - feita de seda branca e fina - roçava meu torso antes de ondular artisticamente nos joelhos, macio e simples. Pétalas delicadas e cristais de prata polvilhavam o tecido transparente das costas, e Coco prendeu meu cabelo na minha nuca para mostrar o elaborado apliqqué. Ela também insistiu que eu curasse o restante dos meus machucados. Outra fita de veludo cobria minha cicatriz.

Em geral, eu estava... Bem.

Ela estava atrás de mim agora, estudando seu próprio reflexo por cima do meu ombro. Um vestido preto justo acentuava todas as suas curvas - o decote alto e as mangas apertadas aumentando seu fascínio - e ela prendeu seus cachos rebeldes em um elegante coque chignon. Eu olhei para ela com uma pontada familiar de inveja. Eu não enchia meu próprio vestido tão bem.

Ela alisou o vermelho em seus lábios com um dedo e bateu os lábios um no outro. — Nós parecemos que saímos direto da Bellerose. Babette ficaria orgulhosa.

— Isso deveria ser um insulto? — Eu coloquei a mão dentro do meu vestido para levantar cada seio, apertando meus ombros juntos e franzindo a testa para o resultado. — Essas cortesãs são tão bonitas que as pessoas *pagam* para estar com elas.

Ansel entrou no quarto um momento depois. Ele cortou o cabelo e os afastou do rosto, enfatizando as maçãs do rosto altas e a pele impecável. O novo estilo o fez parecer... Mais velho. Eu olhei para as longas linhas de seu corpo - o corte afiado de sua mandíbula, toda a curva de sua boca - com uma apreciação recente.

Os olhos dele se arregalaram ao ver Coco. Eu não o culpo. O vestido dela estava muito longe das roupas de curandeira enormes que ela normalmente usava. — Mademoiselle Perrot! Você está... er, você está muito... muito bem. — As sobrancelhas dela se ergueram em diversão irônica. — Quero dizer, er… — Ele balançou a cabeça rapidamente e tentou novamente. — Reid... er, Capitão Diggory, ele queria que eu lhe dissesse - quero dizer, não para *vocês*, mas para Lou... que, ah...

— Bom Deus, Ansel. — Eu sorri quando ele desviou o olhar dela. Ele piscou rapidamente, atordoado, como se alguém tivesse lhe dado um tapa na cabeça. — Eu me sinto um pouco insultada.

Mas ele claramente não estava ouvindo. Seus olhos já estavam voltando para Coco, que andava até ele com um sorriso felino. Ela inclinou a cabeça como se estivesse examinando um rato particularmente suculento. Ele engoliu em seco.

— Você está muito bem também. — Ela o circulou apreciativamente, passando um dedo pelo seu peito. Ele ficou rígido. — Eu não tinha ideia de que você era tão bonito sob todo aquele cabelo.

— Há algo que você precisa, Ansel? — Fiz um gesto para o quarto em geral, passando um braço pelos impressionantes seios de Coco. — Ou você está aqui apenas para admirar a decoração geral?

Ele limpou a garganta, os olhos brilhando com determinação quando ele abriu a boca mais uma vez. — O Capitão Diggory pediu que eu a acompanhasse até o castelo. O arcebispo insistiu que continuasse com ele. Eu também posso acompanhá-la, mademoiselle Perrot.

— Eu acho que gostaria disso. — Coco deslizou um braço ao redor do dele, e eu comecei a rir com o olhar alarmado em seu rosto. Cada músculo em seu corpo ficou tenso - até as pálpebras. Foi extraordinário. — E por favor, me chame de Brie.

Ele tomou muito cuidado para tocar o mínimo possível de Coco enquanto descíamos as escadas, mas Coco se esforçou para dificultar o esforço dele. Os caçadores que foram forçados a ficar para trás ficaram olhando sem vergonha quando passamos. Coco piscou para eles.

— Podemos muito bem aproveitar e dar a eles um show, — eu sussurrei.

Coco sorriu maliciosamente e beliscou o traseiro de Ansel em resposta. Ele uivou e pulou para frente, se virando furioso enquanto os guardas riam atrás de nós. — Isso *não foi engraçado*.

Eu discordei.

Antigo e sem adornos, o castelo de Cesarina era uma fortaleza condizente com a cidade. Não possuía contrafortes ou pináculos intricados, nem janelas nem arcos. Ele pairou sobre nós quando nos juntamos à multidão de carruagens que já estavam na linha de recepção, o pôr do sol tingindo a pedra com uma luz vermelha sangrenta. As sempre-vivas no pátio - altas e estreitas, como duas lanças perfurando o céu - só aumentavam a imagem sombria.

Esperamos o que pareceram horas antes de um criado de libré de Lyon se aproximar de nossa carruagem. Ansel saiu para cumprimentá-lo, sussurrando algo em seu ouvido, e os olhos do homem se arregalaram. Ele rapidamente pegou minha mão. — Madame Diggory! O Capitão Diggory aguarda ansiosamente a sua chegada.

— Como ele deveria estar. — Coco não esperou que o lacaio a ajudasse a descer. Ansel se esforçou para pegar seu cotovelo, mas ela o afastou também. — Estou ansiosa para ver se esse seu Chasseur é tão devoto em público quanto em particular.

O lacaio pareceu assustado, mas não disse nada. Ansel gemeu baixinho.

— Por favor, *mesdames*, *dirijam*-se à antecâmara, — disse o lacaio. — O arauto garantirá que você seja anunciada adequadamente.

Eu parei. — Anunciada corretamente? Mas não tenho título.

— Sim, *madame*, mas seu marido é o convidado de honra. O rei insiste em tratá-lo como realeza hoje à noite.

— Potencialmente problemático, — Coco murmurou quando Ansel puxou nós duas para frente.

Definitivamente problemático. E não do tipo divertido.

Eu não tinha intenção de ser anunciada para uma sala cheia de estranhos. Não havia como saber quem poderia estar lá assistindo. Eu aprendi minha lição com Estelle. Não havia necessidade de repetir o que aconteceu no teatro.

Eu olhei em volta, procurando uma entrada discreta. Em um baile realizado em homenagem ao meu marido, no entanto, eu não fazia ideia de como poderia *permanecer* discreta - especialmente em um vestido tão ridiculamente transparente. Eu amaldiçoei interiormente quando todos os olhos se voltaram para nós quando passamos. A figura pecaminosa de Coco não ajudou em nada.

Aristocratas ricamente vestidos conversavam na antecâmara, que era tão sombria e deprimente quanto o exterior. Como uma prisão. Uma prisão com velas tremeluzindo em candelabros de ouro e coroas de sempre-vivas e azevinho penduradas nas portas. Acho que até vi visco.

Ansel esticou o pescoço para encontrar o arauto. — Ali está ele. — Ele apontou para um homem baixo e agachado, com uma peruca e um pergaminho, que estava ao lado de um grande arco. Música e risadas saíam da sala adiante. Outro criado apareceu para pegar nossas capas. Embora eu tenha segurado a minha por um segundo a mais, o criado conseguiu puxá-la de minhas mãos. Sentindo-me nua, vi-a desaparecer com uma sensação de desamparo.

Quando Ansel me puxou para o arauto, no entanto, eu cavei meus calcanhares no chão. — Eu não estou sendo anunciada.

— Mas o lacaio disse...

Eu me afastei de suas mãos. — Eu não ligo para o que o lacaio disse!

— Lou, o rei insistiu...

— Queridos. — Coco sorriu largamente, passando os braços pelos nossos. — Não vamos fazer uma cena, hum?

Respirando fundo, forcei-me a sorrir e acenar para os aristocratas que escutavam. — Entrarei por *lá,* — informei Ansel com os dentes cerrados, gesticulando através da antecâmara para onde os servos iam e vinham de um conjunto menor de portas secundárias.

— Lou, — ele começou, mas eu já estava a meio caminho das portas. Coco correu para me seguir, deixando Ansel para trás.

O salão de baile era bem maior e mais grandioso que a antecâmara. Lustres de ferro pendiam do teto com vigas e o piso de madeira brilhava à luz das velas. Músicos tocavam uma música festiva no canto ao lado de uma enorme sempre-verde. Alguns convidados já dançavam, embora a maioria preferia passear pelo perímetro da sala, bebendo champanhe e conversando com a família real. A julgar pelas vozes altas e arrastadas dos aristocratas mais próximos de mim, eles estavam bebendo espumante por horas.

— Sim, Ye Olde Sisters, foi isso que ouvi...

— Eles viajaram de Amandine para se apresentar! Meu primo diz que são muito brilhantes.

— Domingo, você disse?

— Depois da missa. Uma maneira tão apropriada de terminar o fim de semana. O arcebispo merece a honra...

Bufando, passei por eles para dentro da sala. Qualquer pessoa que optasse por juntar as palavras *o arcebispo merece a honra* não merecia minha atenção. Examinei o mar de casacos azuis e vestidos brilhantes em busca de Reid, avistando seus cabelos acobreados no final do salão de baile. Um grupo de admiradores o cercava, embora a jovem mulher agarrada ao braço dele chamasse minha atenção em particular. Meu coração despencou.

Esperando ansiosamente, minha bunda.

Mesmo à distância, eu podia dizer que a mulher era linda: delicada e feminina; a pele de porcelana e os cabelos negros brilhavam à luz das velas. Ela tremeu com uma risada genuína de algo que Reid acabara de dizer. Inquietação passou por mim.

Essa poderia ser apenas uma pessoa.

Uma ilusão chata, dócil e miseravelmente inconveniente.

Coco seguiu meu olhar, franzindo o nariz em desgosto quando ela também viu Reid e a belezura de cabelos negros. — Por favor, me diga que não é quem eu acho que é.

— Eu vou te encontrar mais tarde. — Meus olhos nunca deixaram o rosto de Reid. Coco sabia que não devia me seguir agora.

Acabei de descer ao salão de baile quando outro homem entrou no meu caminho. Embora eu nunca o tivesse visto de tão perto, reconheci sua pele marrom-amarelado e os olhos encapuzados de uma só vez. De cabelo preto estilizado com perfeição, ele usava mais diamantes em sua coroa do havia que em todo o cofre de Tremblay.

Beauregard Lyon.

Droga. Não tinha tempo para essa merda. Até mesmo agora, aquela vaca estúpida provavelmente estava afundando suas garras mais fundo no meu marido - lembrando ele dos seus *belos* lábios, sorriso, olhos e risada...

— Esse é um vestido e tanto. — Seu olhar varreu meu corpo preguiçosamente, e ele sorriu, arqueando uma sobrancelha.

— Vossa Alteza. — Fiz uma reverência, guardando para mim uma série de títulos mais apropriados. Ele olhou para os meus seios apreciativamente quando eu me inclinei e me endireitei imediatamente. Maldito pervertido.

— Seu nome. — Não era uma pergunta.

— Madame Diggory, Alteza.

Seu sorriso aumentou de prazer. — Madame Diggory? Madame *Reid* Diggory?

— A própria.

Na verdade, ele jogou a cabeça para trás e riu. Os aristocratas mais próximos de nós pararam, olhando-me com renovado interesse. — Ah, eu ouvi tudo sobre você. — Seus olhos dourados brilhavam de alegria. — Diga-me, qual truque exatamente você usou no nosso querido Capitão para

ele se casar com você? Eu ouvi os rumores, é claro, mas todo mundo tem suas próprias teorias.

Teria alegremente quebrado um dedo para quebrar um de seus outros apêndices.

— Não houve truques, Alteza, — eu disse docemente. — Estamos apaixonados.

Seu sorriso desapareceu e seus lábios se curvaram um pouco. — Que miserável.

Naquele momento, a multidão mudou, revelando Reid e seus muitos admiradores. A mulher de cabelos negros estendeu a mão para tirar algo do cabelo de Reid. Meu sangue ferveu.

As sobrancelhas do príncipe se ergueram quando ele seguiu meu olhar. — Apaixonados, hein? — Ele se inclinou para mais perto, sua respiração quente contra a minha orelha. — Devemos deixá-lo com ciúmes?

— Não, obrigada, — eu respondi. — *Vossa Alteza*.

— Me chame de Beau. — Seu sorriso ficou perverso quando ele se afastou. Eu passei por ele, mas ele pegou minha mão e deu um beijo na minha palma no último segundo. Eu resisti à vontade de quebrar seus dedos. — Venha me encontrar se você mudar de ideia. Nos divertiríamos juntos, você e eu.

Com um último olhar persistente, ele saiu, piscando para uma das mulheres que pairavam nas proximidades. Eu fiz uma careta para ele por um momento antes de voltar para Reid.

Mas ele e Célie se foram.

A Dangerous Game

Lou

Não demorou muito para eu identificá-los, pois Reid se elevava sobre todos na multidão. *Connasse* que ela era, Célie ainda segurava o braço dele enquanto se dirigiam para uma porta parcialmente escondida por duas sempre-vivas.

Eu segui atrás deles. Para meu aborrecimento, e talvez receio, eles permaneceram completamente absorvidos um pelo outro, caminhando pela porta sem olhar para trás. Fui deslizar atrás deles, mas uma mão pegou meu braço.

Eu me virei para encarar o arcebispo.

— Eu não faria isso. — Ele largou meu braço como se estivesse preocupado em pegar alguma doença. — A inveja é um pecado mortal, criança.

— O adultério também.

Ele me ignorou, seu olhar caindo na porta. O rosto dele estava mais pálido do que o normal, e ele parecia ter perdido peso desde a última vez que o vi. — Roubamos um futuro dele, você e eu. Célie é tudo que uma mulher deve ser. Reid teria sido feliz. — Ele olhou para mim, e sua boca se apertou. — Agora ele paga pelos nossos pecados.

— Do que você está falando?

— Eu não culpo você por sua educação hedonista, Louise, mas você *é* uma pagã. — Seus olhos brilhavam, fervendo de convicção. — Talvez se alguém estivesse lá - se alguém tivesse intervindo - tudo isso poderia ter sido evitado.

Eu fiquei imóvel, enraizada no lugar como as sempre-vivas ao nosso lado, quando ele começou a andar de um lado para o outro. — Agora é tarde demais. Deixe Reid desfrutar deste pequeno prazer longe de sua corrupção.

Minha perplexidade se transformou em algo brilhante e frio com as suas palavras. Como se *eu* tivesse cometido a corrupção. Como se *eu* fosse a pessoa que deveria ter vergonha.

Eu levantei meu queixo, dando um passo à frente até estar ofensivamente perto de seu rosto pálido. — Eu não sei do que diabos você está falando, mas você precisa se olhar no espelho. Há um círculo especial no inferno para mentirosos e hipócritas, Vossa Eminência. Talvez eu te veja lá.

Ele ficou boquiaberto comigo, mas quando eu dei meia volta, ele não fez nenhum movimento para me seguir. A satisfação selvagem que correu

através de mim rapidamente se dissipou quando entrei no que poderia ser apenas uma cozinha.

Estava vazia.

Uma brisa gelada logo arranhou minha pele, no entanto, e eu percebi que a porta oposta estava aberta. O vento assobiava através da fenda estreita. Empurrei-a mais um pouco e vi Reid e Célie em pé em um jardim de ervas mortas. A neve cobria os pedaços marrons de sálvia e alecrim.

Inclinei-me para a frente, mal conseguindo discernir suas vozes sobre o vento.

— Sinto muito, Célie. — Reid embalou as mãos da mulher nas suas. Ela manteve os ombros rígidos - brava.

Você não deveria estar aqui, a voz pequena e desaprovadora na parte de trás da minha cabeça avisou. *Isto é errado. Privado. Você está quebrando a confiança.*

Ele é *quem está quebrando a confiança*.

— Tem que haver algo que possamos fazer, — disse Célie amargamente. — Não está certo. O arcebispo *sabe* quevocê é inocente. Poderíamos ir até ele - pedir uma anulação. Ele te ama como se você fosse o próprio filho dele. Certamente ele não iria mantê-lo preso em um casamento sem amor.

Meu estômago caiu para algum lugar abaixo dos meus tornozelos.

Reid acariciou os dedos dela com o polegar. — O arcebispo foi quem sugeriu.

— O rei então. Meu pai é o *vicomte*. Tenho certeza de que poderia marcar uma reunião...

— Célie, — ele disse suavemente.

Ela fungou, e eu sabia instintivamente que não era por causa do frio. — Eu a *odeio*.

— Célie, você... você não me queria.

Meu peito apertou com a emoção em sua voz. Com a dor.

— Eu *sempre* quis você, — disse ela ferozmente. — Isso não deveria ter acontecido. Eu estava com raiva, de coração partido, e eu apenas... precisava de tempo. Eu queria ser *altruísta* por ela. Por Pip. — Ela enrolou os braços em volta do pescoço dele, e eu vi seu rosto claramente pela primeira vez. Ela tinha adoráveis maçãs do rosto altas, com grandes olhos de corça e lábios carnudos. — Mas eu não me importo mais, Reid. Eu não me importo se é egoísta. Eu quero ficar com você.

Certamente não há nada mais bonito em todo o mundo que seu sorriso - exceto, é claro, seus olhos. Ou sua risada. Ou seus lábios.

Eu a observei pressionar aqueles lábios na bochecha de Reid e me senti doente. De repente, eu não achei mais as cartas de amor deles engraçadas.

Ele se afastou antes que ela pudesse passar para a boca dele. — Célie, não. Por favor. Não torne isso mais difícil.

Ela fez uma pausa, o lábio inferior tremendo. Suas próximas palavras foram um golpe direto no meu peito. — Eu te amo, Reid. — Ela se agarrou a ele, implorando. — Sinto muito por te afastar, mas ainda podemos ficar

juntos. Nós podemos consertar isso. Você não consumou o casamento. Fale com o arcebispo, peça uma anulação. Ele mandará aquela prostituta para a prisão onde ela pertence, e...

— Ela não é uma prostituta.

Inclinei-me para a frente quando Célie se afastou, franzindo a testa para algo que ela viu no rosto dele. — Ela era uma ladra, Reid, e ela o *incriminou*. Ela... ela não merece você.

Reid se soltou gentilmente de seus braços. — Célie, isso não pode continuar. — Sua voz era baixa, resignada. — Quer você goste ou não dela, fiz um voto. Eu irei honrá-lo.

— Você *gosta* dela? — Celie exigiu, estreitando os olhos.

— Não importa.

— Isso importa para mim!

E para mim.

— O que você quer que eu diga, Célie? Ela é minha esposa. Claro que gosto dela.

Célie recuou como se ele tivesse lhe dado um tapa. — O que aconteceu com você, Reid?

— Nada...

— O Reid que eu conheço abominaria essa mulher. Ela é *tudo* o quevocê se opõe...

— Você não a conhece.

— Eu obviamente também não te conheço!

— Célie, por favor...

— Você a ama?

Prendi a respiração, os dedos apertando o batente da porta. Houve uma pausa pesada. Então...

— Não. — Ele exalou pesadamente, olhando para baixo. — Mas eu acho - acho que talvez eu poderia...

— Mas você disse que *me* amava. — Ela se afastou lentamente, olhos arregalados de choque e mágoa. Lágrimas deslizaram por suas bochechas. — Você pediu para se casar comigo! *Comigo,* não com ela!

— Eu... Célie, eu pedi. Mas Lou… — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Eu não vou machucá-la.

— Você não vai machucá-*la*? — Ela chorou seriamente agora, manchas de cor subindo para suas bochechas pálidas. — E *eu*, Reid? Nos conhecemos desde que éramos crianças! — As lágrimas dela encharcaram o corpete, arruinando a seda preta. — E *Pip*? E o seu *juramento*?

As mãos de Reid pendiam frouxas ao lado do corpo dele. — Eu sinto muito. Eu nunca quis que isso acontecesse.

— Eu também sinto muito, Reid, — ela soluçou. — Eu sinto muito por ter conhecido você.

Eu me afastei da porta, dormência rastejando pelos meus membros. Eu não deveria estar aqui. Este momento não tinha sido feito para os meus olhos.

De volta ao salão, eu me afastei da multidão, minha mente ainda cambaleando.

Reid a amava.

Eu balancei minha cabeça, enojada comigo mesma. Claro que ele amava. Ele havia dito isso em seu diário estúpido - que eu *nunca* deveria ter lido - e mesmo que não tivesse, ele era um homem jovem e atraente. Ele teria escolhido entre muitas mulheres se não tivesse dedicado sua vida aos Chasseurs. O pensamento me irritou mais do que deveria. Assim como o pensamento dos lábios de Célie - dos lábios de *alguém* - pressionados em sua bochecha.

Célie ressurgiu alguns momentos depois, limpando o rosto o mais discretamente possível. Ela abaixou a cabeça antes que alguém pudesse questioná-la, indo direto para a antecâmara. Engoli o nó na garganta quando Reid também reapareceu. Observando enquanto ele me procurava, debati seguir Célie.

Como eu poderia encará-lo depois do que ouvi? Depois de saber do que ele havia desistido?

Você a ama?

Não. Mas acho que talvez eu poderia...

Poderia o que? Me amar? Pânico arranhou minha garganta com a palavra. Assim que eu levantei minhas saias para fugir em direção à carruagem, Reid me viu na multidão. Acenei sem jeito, amaldiçoando minha repentina insegurança, quando seus olhos azuis encontraram os meus e se arregalaram. Ele avançou, desculpando-se educadamente dos muitos aristocratas que tentaram pará-lo e parabenizá-lo pelo caminho.

Movi meus pés - intensamente e terrivelmente ciente de meus batimentos cardíacos estrondosos, meus membros formigando, minha pele corada - quando ele finalmente me alcançou.

Ele pegou minha mão. — Você está linda.

Eu corei ainda mais sob o seu olhar. Ao contrário do olhar apreciativo do príncipe, o de Reid era quase... reverente. Ninguém nunca me olhou assim antes.

— Obrigada. — Minha respiração ficou presa na minha garganta, e ele inclinou a cabeça, os olhos procurando os meus em uma pergunta silenciosa. Desviei o olhar, envergonhada, mas Coco escolheu aquele momento para nos atacar.

Ela não se incomodou com apresentações. Ela nunca fazia isso perto de Reid. — Diga-me, Chasseur Diggory, quem era aquela mulher adorável com quem você estava antes? Sua irmã, talvez?

Eu estreitei os olhos para ela incisivamente, mas ela me ignorou. Sutileza nunca fora o forte de Coco.

— Ah, er, não, — disse Reid. — Aquela era a filha do *vicomte*, Mademoiselle Tremblay.

— Amiga pessoal próxima? — Coco pressionou. — Do tipo que o pai dela é amigo de seu pai?

— Eu nunca conheci meu pai, — Reid respondeu secamente.

Mas Coco nem piscou. — Como vocês se conhecem então?

— Brie. — Forcei um sorriso e peguei a mão dela, apertando-a sem piedade. — Eu acho que gostaria de um pouco de tempo sozinha com meu marido. Onde está Ansel?

Ela acenou com a outra mão atrás de nós desapaixonadamente. — Provavelmente batendo no peito e desafiando o outro Chasseur para um duelo.

Eu olhei de volta para onde ela acenou. — Que outro Chasseur?

— O pomposo. O idiota. — Ela apertou os lábios em concentração, mas não precisava ter se incomodado. Eu sabia exatamente a quem ela se referia. — Jean Luc.

— O que aconteceu?

— Oh, a condição masculina usual. Ansel não queria Jean Luc brincando com seu novo brinquedo. — Ela revirou os olhos. — Eu juro, minhas amantes femininas nunca têm tantos problemas.

Meu sorriso era genuíno agora. Pobre Ansel. Ele não tinha chance contra Jean Luc - ou Coco. — Talvez você deva ir arbitrar.

Coco estudou minha mão em volta da de Reid e a pele febril das minhas bochechas. O jeito que ele estava perto. Perto demais. Os olhos dela se estreitaram. — Talvez eu deva.

Ela deu um passo a frente para me abraçar, mas Reid não soltou minha mão. Atirando-lhe um olhar, ela me abraçou mesmo assim - desajeitada, mas feroz. — Vejo você mais tarde, — ela murmurou no meu ouvido. — Deixe-me saber se eu preciso exsanguiná-lo.

Reid a observou sair com uma expressão inescrutável. — Precisamos conversar, — disse ele finalmente. — Em algum lugar privado.

Eu o segui em apreensão silenciosa até o mesmo jardim de ervas do coração partido de Célie. Desta vez, certifiquei-me de fechar a porta da cozinha firmemente atrás de nós. O que quer que ele quisesse confessar - e eu tinha um pressentimento que doeria como o inferno - eu não precisava de uma audiência.

Ele passou a mão pelos cabelos acobreados, agitado. — Lou, a mulher com quem você e Mademoiselle Perrot me viu, era...

— Não. — Coloquei meus braços em volta da minha cintura para não tremer. Eu não conseguia. Não conseguia reviver a conversa miserável novamente. Ouvir aquilo já foi suficiente. — Você não precisa explicar nada. Eu entendo.

— Eu preciso explicar, — ele discordou. — Olha, eu sei que nos casamos em circunstâncias menos que ideais. Mas, Lou, eu... eu quero que isso funcione. Eu quero ser seu marido. Sei que não posso forçar você a querer o mesmo, mas...

— Eu quero o mesmo, — eu sussurrei.

Seus olhos se arregalaram e ele deu um passo hesitante para mais perto. — Você quer?

— Sim.

Ele sorriu, então - realmente sorriu - antes de vacilar um pouco. — Então não pode haver nenhum segredo entre nós. — Ele hesitou, como se estivesse procurando as palavras certas. — A mulher que você viu era Célie. Você leu minhas cartas, então sabe que eu a amava. Mas - mas nada aconteceu. Eu prometo. Ela me encontrou quando cheguei com o arcebispo e ela... ela se recusou a sair do meu lado. Eu a trouxe aqui apenas alguns momentos atrás para explicar os novos parâmetros do nosso relacionamento. Eu disse a ela que não...

— Eu sei.

Respirei fundo, me preparando para o momento desagradável que viria. Ele franziu a testa. — Como você pode saber disso?

Porque eu sou uma pessoa de merda. Porque eu não confiei em você. Porque ela é tudo o que você merece, e eu sou sua inimiga.

— Eu segui vocês dois aqui, — eu admiti calmamente. — Eu... Eu ouvi tudo.

— Você nos espionou? — Descrença coloriu sua voz.

Eu tremi. Seja pelo frio ou pela vergonha, eu não sabia. — Velhos hábitos demoram para morrer.

As sobrancelhas dele se contraíram e ele se afastou um pouco. — Não foi assim que eu teria escolhido para você descobrir.

Dei de ombros, tentando reunir um pouco da minha velha arrogância, mas falhei. — Mais fácil assim.

Ele olhou para mim por um longo momento - tanto tempo que eu não sabia se ele falaria novamente. Eu recuei de sua intensidade. — Chega de segredos, Lou, — ele disse finalmente. — Chega de mentiras.

Eu me amaldiçoei por não poder dar a resposta que ele queria. A resposta que *eu* queria. Porque lá estava - olhando para mim.

Eu não queria mais mentir para ele.

— Eu... Vou tentar, — eu sussurrei.

Foi o melhor que eu poderia dar a ele.

Ele assentiu, lento e compreensivo. — Vamos voltar para dentro. Você está tremendo.

— Espera. — Agarrei sua mão antes que ele pudesse se virar, meu coração se firmou firmemente na minha garganta. — Eu... eu quero…

Fazer uma completa e total tola de mim mesma. Eu balancei minha cabeça, xingando silenciosamente. Eu não era boa nisso. Honestidade, sinceridade - ambas eram muito problemáticas para se preocupar. Mas agora... com Reid... Eu devia as duas coisas a ele.

— Quero agradecer a você por tudo. — Eu apertei seus dedos, meus próprios rígidos e doloridos pelo frio. — Célie estava certa. Eu não mereço você. Eu estraguei sua vida de verdade quando entrei nela.

Sua outra mão desceu em cima da minha. Quente e firme. Para minha surpresa, ele sorriu. — Estou feliz que você tenha entrado.

Sangue rastejou em minhas bochechas congeladas, e de repente achei difícil olhar para ele. — Certo, bom, então... vamos voltar para dentro. Estou congelando aqui fora.

A celebração ainda prosseguia quando voltamos ao salão de baile. Peguei uma taça de champanhe de um criado que passava e a engoli de uma só vez.

Reid me olhou incrédulo. — Você bebe como um homem.

— Talvez os homens possam aprender uma coisa ou duas com as mulheres. — Acenei de volta ao criado e peguei mais duas taças, passando uma para Reid. Ele não pegou. — Relaxe, Chass. Mime-se. Este é o melhor champanhe que o dinheiro pode comprar. É um insulto a Vossa Majestade não beber. — Examinei a multidão com tédio fingido. — Onde está o rei Auguste, afinal? Ele deveria estar aqui, não é?

— Ele está. Ele me apresentou mais cedo.

— Como ele é?

— Aproximadamente como você esperaria.

— Então, um bastardo espertinho como o filho dele? — Balancei a taça de champanhe debaixo do seu nariz, mas ele apenas balançou a cabeça. Dei de ombros, bebendo seu copo também e rindo de sua expressão.

Depois de alguns momentos, um calor delicioso se espalhou pelo meu corpo. A música - anteriormente uma valsa lenta e insípida - parecia muito melhor agora. Mais animada. Eu tomei o terceiro copo. — Dance comigo, — eu disse abruptamente.

Reid olhou para mim com espanto. — O que?

— Dance comigo! — Fiquei na ponta dos pés e joguei meus braços em volta do pescoço dele. Ele ficou tenso, olhando ao redor, mas eu o puxei com determinação. Ele obedeceu, inclinando-se um pouco, e passou os braços em volta da minha cintura. Eu ri.

Parecíamos ridículos, curvados e nos esforçando para nos encaixar, mas eu me recusei a deixá-lo ir.

— Essa - essa não é a maneira correta de dançar.

Eu levantei meu queixo e o olhei diretamente nos olhos dele. — Claro que é. Você é o convidado de honra. Você pode dançar como quiser.

— Eu... eu geralmente não faço isso...

— Reid, se você não dançar comigo, eu vou procurar alguém que irá.

Seu aperto ficou mais forte nos meus quadris. — Não, você não vai.

— Então o caminho a seguir é claro. Nós dançamos.

Ele soltou um suspiro e fechou os olhos. — Tudo bem.

Tão nervoso quanto ele estava dançando, ele se provou capaz em instantes, movendo-se com graça artificial para alguém tão alto. Eu mesmo tropecei mais de uma vez. Eu culparia a cauda do meu vestido estúpido, mas realmente, eu era o problema. Eu não conseguia me concentrar. Suas mãos estavam fortes na minha cintura, e eu não pude deixar de imaginá-las... em outro lugar. Meu sangue aqueceu com o pensamento.

A música terminou muito cedo.

— Nós deveríamos ir, — disse ele, a voz rouca. — Está ficando tarde.

Eu balancei a cabeça e me afastei dele, não confiando em mim mesma para falar.

Não demorou muito tempo para encontrar Coco. Ela estava encostada na parede perto da antecâmara, conversando com ninguém menos que Beauregard Lyon. Ele tinha um braço apoiado na parede acima da cabeça dela. Mesmo à distância, eu podia ver que eles estavam flertando descaradamente.

Ambos os olhares se voltaram para mim quando Reid e eu nos aproximamos.

— Ora, ora, ora... se não é Madame Diggory. — Os olhos do príncipe brilharam com diversão. — Vejo que seu marido fez a escolha certa.

Eu o ignorei, embora Reid tenha se irritado com suas palavras. — Brie, estamos prontos para ir. Você está vindo?

Coco olhou para o príncipe, que sorriu. — Essa adorável criatura não vai sair do meu lado pelo resto da noite. Desculpe, querida, — ele sussurrou para mim conspiradoramente. — Vou precisar adiar a oferta... a menos que você ou seu marido queiram participar?

Eu estreitei os olhos para ele. Asno.

Os olhos de Reid se estreitaram. — Que oferta?

Eu puxei seu braço. — Vamos encontrar Ansel.

— Ele já foi embora. — Coco passou os braços em volta da cintura do príncipe. Um brilho perverso iluminou seus olhos escuros. — Apenas vocês dois a caminho de casa. Espero que não se importem.

Eu arregacei os dentes na tentativa de sorrir. — Posso falar com você em particular por um momento, Brie?

Surpresa brilhou em suas feições, mas ela se recuperou rapidamente. — Claro.

Com meu sorriso sumindo, eu a arrastei para a antecâmara. — O que você está fazendo?

Ela balançou os quadris. — Tentando fazer você passar um tempo sozinha com seu marido. A pista de dança não parecia estar dando certo.

— Eu quis dizer com o *príncipe*.

— Ah. — Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu. — Provavelmente a mesma coisa que você fará com Reid.

— Você é *louca*? Ele verá suas cicatrizes!

Ela levantou um ombro em indiferença, puxando sua manga preta apertada para baixo. — Então eu direi a ele que sofri um acidente. Por que ele suspeitaria de mais alguma coisa? Não é como se Dames Rouges fossem de conhecimento popular, e todos aqui acham que eu sou Brie Perrot, uma curandeira e amiga íntima do capitão Reid Diggory. Além disso, você não está sendo um pouco hipócrita? Beau e eu será apenas sexo, mas você e Reid... Não pretendo saber o que diabos está acontecendo com vocês dois, mas *algo* está acontecendo.

Eu bufei, mas meu rosto corou traiçoeiramente. — Você é realmente louca.

— Eu sou? — Coco pegou minhas mãos, olhos procurando algo no meu rosto. — Não quero lhe contar sua história, Lou, mas por favor... seja cuidadosa. Você está jogando um jogo perigoso. Reid ainda é um Chasseur, e você ainda é uma bruxa. Você sabe que isso terá que acabar eventualmente. Não quero ver você se machucar.

Minha raiva evaporou com a preocupação dela, e apertei suas mãos, a tranquilizando. — Eu sei o que estou fazendo, Coco.

Mas até eu sabia que isso era mentira. Eu não tinha ideia do que estava fazendo quando se tratava de Reid.

Ela deixou cair minhas mãos, franzindo a testa. — Certo. Vou deixar você em paz então, e vocês dois podem continuar juntos com essa estupidez.

Meu estômago afundou inexplicavelmente enquanto eu a observava ir. Eu não gostava de brigar com Coco, mas não havia nada que eu pudesse fazer para consertar isso desta vez.

Reid reapareceu ao meu lado um momento depois, pegando meu braço e me levando para a carruagem - a carruagem que de repente era pequena demais, quente demais, com Reid sentado ao meu lado. Seus dedos roçaram minha coxa em um gesto aparentemente inocente, e eu não pude deixar de lembrar da sensação deles na minha cintura. Estremeci e fechei os olhos.

Quando os abri um momento depois, Reid estava olhando para mim. Engoli em seco, e seu olhar caiu para os meus lábios. Desejei que ele se inclinasse para frente - para diminuir a distância entre nós - mas seus olhos se fecharam no último segundo e ele se afastou.

A decepção caiu em mim, substituída rapidamente pelo aguilhão afiado da humilhação.

É o melhor. Eu olhei pela janela. Coco tinha razão: Reid ainda era um Chasseur, e eu ainda era uma bruxa. Não importa o que aconteceu entre nós, não importa o que mude, esse obstáculo intransponível permaneceria. E ainda... Estudei seu perfil rígido, a maneira como seus olhos continuavam gravitando de volta para mim.

Seria estúpido seguir por esse caminho. Só havia uma maneira disso terminar. Esse conhecimento não fez nada para impedir meu coração de acelerar em sua presença, no entanto, nem diminuiu minha centelha de esperança. Espero que, talvez, nossa história possa terminar de maneira diferente.

Mas... Coco estava certa.

Eu *estava* jogando um jogo perigoso.

A Question of Pride

Reid

A tensão em nosso quarto naquela noite foi fisicamente dolorosa.

Lou estava deitada na minha cama. Eu a ouvi se mexer na escuridão, sua respiração alta e depois calma. Ela se mexeu de novo. Rolou lentamente de lado. De costas. De lado. De costas. Tentando ficar calada. Imperceptível.

Mas ela não era nenhuma das duas coisas, e eu a ouvi. De novo e de novo e de novo.

A mulher estava me deixando louco.

Finalmente, ela se inclinou para o lado da cama, olhos azul-esverdeados encontrando os meus na escuridão. O cabelo dela encostou no chão.

Me levantei nos cotovelos muito rapidamente, e seus olhos caíram para onde minha camisa de dormir se abriu no meu peito. O calor correu para o meu estômago. — O que foi?

— Isso é estúpido. — Ela fez uma careta, mas eu não sabia por que *ela* estava irritada. — Você não precisa dormir no chão.

Eu olhei para ela, desconfiado. — Você tem certeza?

— Ok, antes de tudo, *pare* de me olhar assim. Não é um grande coisa. — Ela revirou os olhos antes de ir para o lado para dar espaço para mim. — Além disso, está congelando aqui. Eu preciso do calor corporal do seu corpo enorme para me aquecer. — Quando eu ainda não me mexi, ela deu um tapinha no local ao lado dela persuasivamente. — Ah, vamos lá, Chass. Eu não mordo... muito.

Engoli em seco, bloqueando violentamente a imagem da boca dela na minha pele. Com movimentos lentos e cautelosos - dando-lhe todas as chances de mudar de ideia - subi na cama. Vários segundos de silêncio constrangedor se passaram.

— Relaxe, — ela finalmente sussurrou, embora ela também permanecesse rígida como uma prancha. — Pare de ser estranho.

Eu quase ri. Quase. Como se eu pudesse relaxar com ela... tão perto. A cama, edição padrão nos dormitórios, não tinha sido construída para dois. Metade do meu corpo se projetava no espaço vazio. A outra metade pressionava nela.

Eu não reclamei.

Depois de outro momento de silêncio torturante, ela se virou para mim, seus seios roçando meu braço. Meu pulso disparou e eu cerrei os dentes, controlando meus pensamentos desenfreados.

— Conte-me sobre seus pais.

Simples assim, todos os pensamentos de intimidade fugiram. — Não há nada para contar.

— Sempre há algo para contar.

Eu olhei resolutamente para o teto. O silêncio desceu mais uma vez, mas ela continuou a me observar. Não pude resistir e olhei para ela. Para sua expressão ansiosa e de olhos arregalados. Eu balancei minha cabeça e suspirei. — Eu fui abandonado. Uma criada me encontrou no lixo quando eu era bebê.

Ela olhou para mim horrorizada.

— O arcebispo me acolheu. Eu fui um pajem por muito tempo. Então eu atingi um surto de crescimento. — O lado da minha boca se curvou por vontade própria. — Ele começou a me treinar para os Chasseurs pouco tempo depois. Reinvidiquei meu lugar aos dezesseis anos. É tudo que eu já conheci.

Ela descansou a cabeça no meu ombro. — Reivindicou seu lugar?

Fechando os olhos, descansei meu queixo no topo da cabeça dela e respirei. Profundamente. — Existem apenas cem Balisardas - uma gota da relíquia de St. Constantin em cada uma. Limita as posições disponíveis. A maioria serve como Chasseur para o resto da vida. Quando um Chasseur se aposenta ou morre, um torneio é realizado. Somente o vencedor pode se juntar às nossas tropas.

— Espere. — Ela sentou-se e meus olhos se abriram. Ela sorriu para mim, seus cabelos fazendo cócegas no meu peito. — Você está me dizendo que *Ansel* venceu todos os outros candidatos?

— Ansel não é um Chasseur.

O sorriso dela vacilou. — Ele não é?

— Não. Ele está treinando para ser, no entanto. Ele competirá no próximo torneio, junto com os outros iniciados.

— Ah, — Ela franziu a testa agora, enrolando uma mecha de cabelo em volta do dedo. — Bem, isso explica muita coisa.

— É?

Ela se aninhou de volta em mim com um suspiro. — Ansel é diferente de todos os outros aqui. Ele é... tolerante. Mente aberta.

Eu me irritei com a insinuação. — Não é um crime ter princípios, Lou.

Ela me ignorou. Seus dedos traçaram a gola da minha camisa. — Conte-me sobre o seu torneio.

Limpei minha garganta, lutando para ignorar o movimento suave. Mas seus dedos estavam muito quentes. E minha camisa era muito fina. — Eu provavelmente tinha a idade de Ansel. — Eu ri com a memória - como meus joelhos tremiam, como vomitei no meu casaco minutos antes da primeira rodada. O arcebispo foi forçado a procurar outro para mim. Embora isso tenha acontecido apenas alguns anos atrás, a memória parecia muito distante. Um tempo diferente. Uma vida diferente. Quando eu vivia e respirava para garantir um futuro no mundo do meu patriarca. — Todo mundo era maior que eu. Mais forte também. Não sei como consegui.

— Sim, você sabe.

— Você está certa. — Outra risada subiu à minha garganta, espontaneamente. — Eu sei. Eles não eram *tão* maiores assim, e eu praticava todos os dias para ficar mais forte. O arcebispo mesmo me treinou. Nada importava além de me tornar um Chasseur. — Meu sorriso desapareceu quando as lembranças ressurgiram, uma após a outra, com uma clareza dolorosa. A multidão. Os gritos. O barulho de aço e o cheiro de suor no ar. E... e Célie. Seus aplausos. — Lutei contra Jean Luc no campeonato.

— E você venceu ele.

— Sim.

— Ele se ressente de você por isso.

— Eu sei. Isso fez com que vencer ele fosse ainda mais doce.

Ela me cutucou no estômago. — Você é um idiota.

— Provavelmente. Mas ele é pior. Coisas... mudaram entre nós naquele ano. Ele ainda era um iniciado quando o arcebispo me promoveu a Capitão. Ele teve que esperar até o próximo torneio para ganhar seu lugar. Acho que ele nunca me perdoou.

Ela não falou de novo por vários momentos. Quando ela finalmente falou, eu desejei que não tivesse. — E... e Célie? Você continuou vendo-a após seus votos?

Todo o resto do meu bom humor murchou e morreu na minha língua. Eu olhei para o teto mais uma vez. Embora ela não tenha dito nada, seus dedos continuaram traçando meu colarinho. Persuadindo. Esperando. Suspirei novamente. — Você viu as cartas. Nós... mantivemos nosso cortejo.

— Por quê?

Eu endureci, imediatamente cauteloso. — Como assim, *por quê*?

— Por que continuar seu cortejo depois que você se jurou aos caçadores? Nunca ouvi falar de um Chasseur se casando antes de você. Não há outras esposas na torre.

Eu teria dado a minha Balisarda para terminar esta conversa. Quanto ela ouviu da minha conversa com Célie? Ela - eu engoli em seco - sabia que Célie havia me rejeitado? — Não é algo inédito. Apenas alguns anos atrás, o capitão Barre se casou.

Eu não mencionei que ele deixou nossa irmandade um ano depois.

Ela sentou-se, me encarando com aqueles olhos enervantes. — Você ia se casar com Célie.

— Sim. — Eu desviei meu olhar, de volta para o teto. Um floco de neve apareceu na janela. — Enquanto crescíamos... Célie e eu éramos namorados. Sua bondade me atraiu. Eu era uma criança zangada. Ela me suavizou. Me implorou para não jogar pedras na delegacia. Me forçou a confessar quando roubei o vinho da comunhão. — Um sorriso puxou meus lábios com a lembrança. — Eu tinha um diabinho no meu ombro. O arcebispo teve que arrancá-lo de lá.

Seus olhos se estreitaram com minhas palavras, mas ela sabiamente não disse nada. Abaixando-se contra o meu peito, ela roçou o dedo na minha

clavícula nua. Calor irrompeu em minha pele, e acordou todo lugar por onde passava. Afastei meus quadris, xingando silenciosamente.

— Quantas bruxas você matou?

Eu gemi e virei minha cabeça no travesseiro. A mulher poderia congelar o inferno. — Três.

— Sério?

O julgamento em sua voz me irritou. Concordei com a cabeça, tentando não parecer ofendido. — Embora seja difícil pegar uma bruxa, elas são vulneráveis sem magia. Ainda assim, a bruxa no teatro era mais esperta do que a maioria. Não me atacou com mágica. Usou magia para me atacar. Há uma diferença.

Ela passou o dedo pelo meu braço. Ociosamente. Eu resisti a um arrepio. — Você sabe sobre magia, então?

Limpando a garganta, forcei-me a focar na conversa. Nas palavras dela. Não no toque dela. — Sabemos o que o arcebispo nos ensinou no treinamento.

— Que é o quê?

Eu desviei o olhar, mandíbula apertada. Não entendia a paixão de Lou pelo oculto. Ela deixou claro inúmeras vezes que não concordava com a nossa ideologia. Mas ela continuava falando, como se *quisesse* brigar. Como se ela *quisesse* queeu perdesse a paciência.

Eu suspirei. — Que bruxas canalizam sua magia do inferno.

Ela bufou. — Isso é ridículo. Claro que elas não canalizam sua magia do inferno. Elas canalizam sua magia de seus *ancestrais*.

Eu olhei para ela, incrédulo. — Como você poderia saber disso?

— Minha amiga me disse.

Claro. A bruxa de Tremblay. A bruxa que *ainda* não tínhamos encontrado. Eu resisti à vontade de gritar com ela. Nenhuma quantidade de tormento a convencera a nos dar mais informações. Fiquei surpreso que o arcebispo não tivesse ameaçado amarrá-la à estaca.

Mas eu nunca tinha ouvido nada assim antes. — Dos ancestrais?

O dedo dela continuou no meu braço. Arranhou o cabelo dos meus nós dos dedos. — Hum humm.

Eu esperei que ela continuasse, mas ela parecia perdida em pensamentos. — Então... uma bruxa, aquilo pode...

— *Ela*. —Sua cabeça levantou bruscamente. — Uma bruxa é sempre *ela*, Reid. Não *aquilo*.

Suspirei, meio tentado a terminar a discussão aqui. Mas não pude. Amiga de bruxa ou não, Lou não podia sair dizendo tamanha blasfêmia pela Torre, ou ela *acabaria* na fogueira. E não haveria nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

Eu tinha que acabar com essa paixão agora. Antes de sair do controle. — Eu sei que você acha isso...

— Eu *sei* disso...

— ...mas só porque uma bruxa parece e age como uma mulher...

— Se parece um pato e grasna como um pato...

— ...não significa que é um pato. Quero dizer, er, uma mulher.

— Bruxas podem dar à luz, Reid. — Ela deu um peteleco no meu nariz. Eu pisquei, os lábios levantando em surpresa. — Isso faz delas fêmeas.

— Mas elas só dão à luz a fêmeas. — Sorrindo, eu empurrei meu rosto em direção ao dela em resposta. Ela se afastou e quase caiu da cama. Eu arqueei uma sobrancelha em diversão irônica. — Soa como reprodução assexual para mim.

Ela fez uma careta e um rubor furioso apareceu em suas bochechas. Se eu não soubesse melhor, teria pensado que ela estava desconfortável. Eu sorri mais, imaginando o que poderia ter causado a mudança repentina. Minha proximidade física? A palavra *reprodução*? Ambos?

— Não seja estúpido. — Ela socou o travesseiro para rearrumar e se jogou de volta para baixo. Com cuidado para não me tocar desta vez. — É claro que bruxas têm filhos.

Meu sorriso desapareceu. — Nós nunca encontramos um bruxo.

— Isso é porque não há nenhum. A magia passa apenas para as fêmeas. Os machos são mandados embora depois que nascem.

— Por quê?

Ela encolheu os ombros. — Porque eles não têm magia. Minha amiga disse que os machos só são permitidos no Chateau como consortes, e mesmo assim eles não podem ficar.

— Ela te contou tudo isso?

— É claro. — Ela levantou o queixo e olhou para mim, como se me desafiasse a contradizê-la. — Você realmente deveria se educar, Chass. Uma ladra de rua comum sabe mais sobre seus inimigos do que você. Que vergonha.

Mortificação tomou conta de mim. Lou se enterrou mais fundo nos cobertores quando o vento aumentou lá fora.

— Está com frio?

— Um pouco.

Cheguei mais perto, levantando meu braço. — Você aceita uma oferta de paz?

Ela engoliu em seco e assentiu.

Puxei-a contra o meu peito, fechando minhas mãos nas costas dela. Ela voltou a ser um pedaço de madeira. Pequena. Tensa. Inflexível. Sem suas perguntas indiscretas e brincadeiras insultantes, era quase como se ela estivesse... nervosa.

— Relaxe, — murmurei contra seus cabelos. — Eu não mordo... muito. — Risadas silenciosas ecoaram no meu peito. Se possível, ela endureceu ainda mais. Ela não precisava se preocupar. Certamente ela ouviu o trovão do meu coração e percebeu sua vantagem.

— Isso foi uma piada, Chass?

Meus braços se apertaram ao redor dela. — Talvez. — Quando ela não disse nada em troca, eu me afastei para olhá-la. Outro sorriso apareceu nos

meus lábios.

E, de repente, lembrei de nossa primeira noite juntos.

— Você não precisa ficar nervosa, Lou. — Eu acariciei suas costas, forçando-me a ficar parado enquanto ela se contorcia contra mim. — Eu não vou tentar nada.

Um barulho de protesto escapou dela. — Por que não?

— Eu me lembro de você ameaçando me abrir ao meio se eu a tocasse sem permissão. — Inclinei o queixo para cima, xingando e me parabenizando em medidas iguais quando seus olhos se fecharam. Quando a respiração dela falhou. Eu me inclinei mais perto, meus lábios quase roçando os dela. — Eu não vou tocar em você até que você peça.

Seus olhos se abriram e ela me afastou com um rosnado. — Você não pode estar falando sério.

— Ah, eu estou. — Eu sorri novamente e me recostei no travesseiro. — Está tarde. Deveríamos dormir.

Os olhos dela brilharam de raiva. De entendimento.

De admiração relutante.

Triunfante, eu a observei peneirar seus pensamentos - vi cada emoção se manifestar em seu rosto sardento. Ela fez uma careta para mim. — Parece que eu te subestimei.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Apenas diga as palavras. Me peça.

— Você é um idiota.

Dei de ombros. — Faça do seu jeito. — Em um movimento fluido, levantei a barra da minha camisa por cima da minha cabeça. Os olhos dela se abriram incrédulos.

— O que você está fazendo? — Ela pegou minha camisa e jogou de volta para mim.

Eu peguei. Joguei no chão. — Eu estou com calor.

— Você... você... saia da minha cama! Saia! — Ela me empurrou, provavelmente com toda sua força, mas eu não me mexi. Eu apenas sorri.

— Esta é a minha cama.

— Não, é aqui que *eu* durmo. *Você* dorme...

— Na cama. — Coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça. Ela ficou boquiaberta para mim, os olhos passando rapidamente para os meus braços - meu peito. Eu sorri mais e resisti à vontade de flexionar. — Estou com um nó nas costas há duas semanas. Eu cansei de dormir no chão. Esta é a minha cama, e estou dormindo nela a partir de agora. Você pode se juntar a mim, caso contrário, a banheira ainda está livre.

Ela abriu a boca com raiva. Fechou novamente. — Eu... isto é... eu *não* estou dormindo na… — Seus olhos percorreram a cama, claramente procurando algo para me empalar. Eles pousaram em um travesseiro.

Whack.

Eu o peguei antes que ela pudesse me bater de novo, o prendendo no meu peito. Apertando meus lábios para não rir. — Lou... deite-se. Vá dormir. Nada mudou. A menos que você queira me pedir alguma coisa?

— Não prenda a respiração esperando por isso. — Ela puxou o travesseiro de mim. — Na verdade... faça isso.

Eu ri antes de me virar. — Boa noite, Lou.

Ela adormeceu muito antes de mim.

Blood, Water, and Smoke

Lou

Acordei na manhã seguinte com o rosto enterrado no peito de Reid. Seus braços envolveram minhas costelas e suas mãos descansavam na parte inferior das minhas costas. Eu arqueei para ele sonolenta, saboreando a sensação de sua pele contra a minha - então congelei. Minha camisola subiu para minha cintura durante a noite e minhas pernas e barriga estavam nuas contra ele.

Merda, merda, *merda*.

Eu me esforcei para puxar minha camisola, mas ele acordou com o movimento. Instantaneamente alerta, ele varreu os olhos da minha expressão de pânico para o quarto vazio. O canto de seus lábios se torceu, e um rubor subiu por sua garganta. — Bom dia.

— É? — Eu me afastei dele, minhas próprias bochechas me traindo. Ele sorriu mais e pegou sua camisa do chão antes de ir para o banheiro. — Aonde você vai? — Perguntei.

— Treinar.

— Mas... mas é o dia de São Nicolau. Temos que comemorar.

Ele olhou para fora do banheiro com uma expressão confusa. — Ah?

— Ah, — afirmei, saindo da cama para me juntar a ele. Ele se afastou quando eu passei, embora sua mão serpenteou para pegar uma mecha do meu cabelo. — Nós estamos indo para o festival.

— Nós estamos?

— Sim. A comida é *incrível*. Existem esses macarons de gengibre... — Parei, com a boca já salivando, e balancei a cabeça. — Não posso descrevê-los adequadamente. Eles devem ser experimentados. Além disso, preciso comprar um presente para você.

Ele soltou meu cabelo com relutância e foi para o armário. — Você não precisa me comprar nada, Lou.

— Absurdo. Adoro comprar presentes quase tanto quanto amo recebê-los.

Uma hora depois, passeamos de braços dados pelo East End.

Embora eu tivesse participado do festival no ano passado, não estava interessada em decorar as árvores sempre-vivas com frutas e doces, nem em adicionar um tronco à fogueira no centro da vila. Não, eu tinha investido muito mais em jogos de dados e barracas de bugigangas baratas - e na comida, é claro.

O tempero das guloseimas de canela flutuava no ar agora, misturando-se com o cheiro sempre presente de peixe e fumaça. Eu olhei para o carrinho de biscoitos mais próximo de nós com saudade. Sables, madeleines e palmiers olhavam de volta para mim. Quando estendi a mão para roubar um - ou três - Reid revirou os olhos e me puxou para frente. Meu estômago deu um rosnado indignado.

— Como você ainda pode estar com fome? — Ele perguntou, incrédulo. — Você comeu três porções no café da manhã hoje.

Eu fiz uma careta. — Aquilo foi *atum*. Tenho um segundo estômago para a sobremesa.

As ruas estavam agitadas com foliões embrulhados em casacos e lenços, e uma leve camada de neve espanava tudo - as lojas, as barracas, as carruagens, a rua. Grinaldas com laços vermelhos pendiam de quase todas as portas. O vento pegou as fitas e fez as caudas dançarem.

Para Cesarine, era lindo.

Os folhetos gauche pregados em todos os edifícios, no entanto, não eram:

YE OLDE SISTERS

COMPANHIA ITINERANTE

convida você a homenagear nosso patriarca
SUA EMINÊNCIA, FLORIN CARDINAL CLÉMENT,
ARCEBISPO DE BELTERRA

participando da performance do século amanhã de manhã,
sétimo dia de dezembro
na Catedral Saint-Cécile d'Cesarine.

Joyeux Noël!

Enfiei um panfleto embaixo do nariz de Reid, rindo. — Florin? Que nome *terrível*! Não é à toa que ele nunca usa.

Ele franziu o cenho para mim. — Florin é o meu nome do meio.

Eu amassei e joguei em uma lixeira. — Uma verdadeira tragédia. — Quando ele tentou me levar para longe, eu deslizei meu braço do dele, levantando o capuz da minha capa. — Tudo bem, hora de nos separarmos.

Ainda franzindo a testa, ele examinou a praça lotada. — Não acho que seja uma boa ideia.

Revirei os olhos. — Você pode confiar em mim. Eu não vou fugir. Além disso, os presentes devem ser uma *surpresa*.

— Lou...

— Nos encontraremos no Pan em uma hora. *Compre* algo bom pra mim.

Ignorando seus protestos, eu me virei e passei pelos compradores em direção à ferraria no final da rua. O ferreiro de lá, Abe, sempre fora amigo da parte sombria de East End. Eu havia comprado muitas facas dele e

roubado mais uma ou duas. Antes de Tremblay, Abe havia me mostrado uma bela adaga com cabo de cobre. Combinava perfeitamente com o cabelo de Reid. Eu esperava que ele não tivesse vendido.

Empurrando meu capuz e reunindo um toque da minha velha arrogância, entrei no ferreiro. Brasas ardiam na forja, mas além de um barril de água e um saco de areia, não havia mais nada na sala. Sem espadas. Sem facas. Sem clientes. Eu fiz uma careta. O ferreiro não estava em lugar algum. — Abe? Você está aqui?

Um homem barbudo e corpulento passou pela entrada lateral e eu sorri. — Aí está você, velhote! Eu pensei que você tinha ficado negligente por um momento. — Meu sorriso vacilou com sua expressão furiosa e olhei em volta. — Negócios em expansão?

— Você tem muita coragem em voltar aqui, Lou.

— Do que você está falando?

— Dizem que você que dedurou Andre e Grue. East End está cheio de policiais graças a você. — Ele deu um passo à frente, punhos cerrados. — Eles estiveram aqui duas vezes, fazendo perguntas sobre coisas que não deveriam saber. Meus clientes estão desconfiados. Ninguém quer negociar com a polícia farejando.

Caramba. Talvez eu não devesse ter contado tudo aos caçadores, afinal.

Tirei uma bolsa da minha capa com um floreio. — Ah, mas eu trouxe uma bandeira branca. Viu? — Eu balancei a bolsa, e as moedas dentro tilintaram juntas em uma música alegre. Seus olhos escuros continuavam desconfiados.

— Quanto?

Joguei a pequena bolsa no ar com indiferença deliberada. — O suficiente para comprar uma bela adaga de cobre. Um presente para o meu marido.

Ele cuspiu no chão com nojo. — Casando com um porco azul. Não achei que *você* pudesse se rebaixar tanto.

A raiva picou meu peito, mas este não era o momento ou o lugar para começar uma briga pela honra do meu marido. — Fiz o que precisava fazer. Não espero que você entenda.

— É aí que você está errada. Eu entendo.

— Oh?

— Todos nós fazemos o que precisamos. — Ele olhou a bolsa na minha mão com uma expressão faminta. — Lembro-me da adaga de cobre. Prefiro arrancar meus dedos do que ver ela com um caçador, mas ouro é ouro. Fique aqui. Eu vou buscá-la.

Eu me mexi inquieta no silêncio que se seguiu, passando meus dedos sobre a bolsa de dinheiro.

Casando com um porco azul. Não achei que você *pudesse se rebaixar tanto.*

Eu queria dizer a Abe que ele poderia ir se danar, mas uma parte de mim se lembrava de como era odiar Chasseurs. Odiar Reid. Lembrei-me de fugir

para as sombras quando eles passavam, esquivando-me toda vez que vislumbrava azul.

O medo ainda estava lá, mas para minha surpresa... o ódio se foi.

Eu quase pulei para fora da minha pele com um pequeno ruído contra a porta. Provavelmente um rato. Me sacudindo mentalmente, endireitei meus ombros. Eu não odeio mais os Chasseurs, porém eles *tinham* me feito complacente. E isso era imperdoável.

De pé na minha velha assombração e pulando com nada, eu percebi o quão longe minha borda tinha escorregado. E onde diabos estava Abe?

Inexplicavelmente furiosa - com Abe, com Reid, com o arcebispo e com todos os outros homens esquecidos por Deus que já estiveram no meu caminho - eu me virei e pisei em direção à porta lateral pela qual ele desaparecera.

Quinze minutos eram suficientes. Abe poderia pegar minhas *couronnes* e enfiá-las na bunda dele por tudo que eu me importava. Fui abrir a porta com força, determinada a dizer exatamente isso, mas parei quando minha mão tocou a maçaneta. Meu estômago afundou.

A porta estava trancada.

Merda.

Eu respirei fundo. Então de novo. Talvez Abe não quisesse que eu o seguisse em seus aposentos internos. Talvez ele tivesse trancado a porta para me impedir de entrar furtivamente e embolsar algo valioso. Eu já tinha feito isso antes. Talvez ele estivesse apenas sendo cauteloso.

Ainda assim, um arrepio percorreu minha espinha quando me virei para tentar a porta principal. Embora eu não pudesse ver através da fuligem e sujeira da janela, sabia que poucos foliões se aventuravam tão longe na rua. Girei a maçaneta.

Trancada.

Recuando, tentei avaliar minhas opções. A janela. Eu poderia quebrar, sair antes...

A porta lateral se abriu e, por um único e glorioso segundo, eu me enganei, acreditando que era a forma pesada de Abe na porta.

— Olá, Lou Lou. — Grue deu um passo à frente, estalando os nós dos dedos. — Você é uma putinha complicada de pegar.

O pânico tomou conta de mim quando Andre apareceu atrás dele, puxando uma faca da capa. Os olhos escuros de Abe apareceram sobre seus ombros. — Você estava certa, Lou. — Seus lábios se contraíram. — Todos fazemos o que precisamos. — Então ele se virou e desapareceu na sala vizinha, fechando a porta atrás dele.

— Olá novamente, Grue. Andre, seu olho sarou bem. — Forçando a indiferença, apesar da minha histeria crescente, procurei na minha visão periférica algo que pudesse usar como arma: o barril de água, o saco de areia, as pinças enferrujadas da forja. Ou... ou eu poderia...

O ouro tremeluzia loucamente na minha visão periférica. Meu olhar foi para a água, o fole preso perto da forja. Estávamos em um espaço fechado.

Ninguém me veria fazer isso. Ninguém saberia que eu estava aqui. Eu partiria muito antes de Abe voltar, e as chances de ele alertar a polícia ou os caçadores do meu envolvimento eram pequenas. Ele teria que arriscar se incriminar. Ele teria que explicar como dois homens foram assassinados em sua ferraria.

Porque eu *os* mataria se eles me tocassem. De um jeito ou de outro.

— Você nos traiu, — rosnou Andre. Me aproximei à forja, voltando minha atenção para sua faca. — Não podemos nos esconder em lugar nenhum. Esses bastardos conhecem todos os nossos esconderijos. Eles quase nos *mataram* ontem. Agora vamos matar você.

Um brilho enlouquecido iluminou seus olhos, e eu sabia que não devia falar. O suor cobriu minhas mãos. Um movimento errado - um passo em falso, um erro - e eu estaria morta. O ouro brilhava mais forte, mais urgente, serpenteando em direção às brasas da forja.

Chama por chama. Você conhece essa dor. Você sabe que ela desaparece. Queime-o, a voz sussurrou.

Eu me encolhi instintivamente, lembrando a agonia das chamas de Estelle, e agarrei outro padrão. Este brilhava inocentemente na areia, pairava perto dos olhos de Andre - e dos meus. Me cegando.

Olho por olho.

Mas não consegui renunciar à minha visão pela de Andre. Não quando havia dois deles.

Pense. Pense, pense, *pense*.

Continuei avançando para trás, os padrões aparecendo e desaparecendo mais rápido do que eu poderia acompanhar. O Anel de Angélica ardia quente quando me aproximei da forja. *Claro.* Me xingando por não me ter me lembrado antes, eu lentamente deslizei o anel pelo meu dedo. Andre pegou o movimento, e seus olhos se estreitaram quando viram a bolsa de dinheiro ainda agarrada na minha mão. Bastardo ganancioso.

Com um empurrão cuidadoso do meu polegar, passei o Anel de Angélica por cima dos nós dos dedos - mas ele deslizou rápido demais sobre a pele úmida e caiu no chão.

Uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Eu assisti horrorizada quando o pé de Grue desceu sobre ele. Olhos brilhando, ele se inclinou para recuperá-lo, um sorriso desagradável dividindo seu rosto. Minha boca ficou seca.

— Então este é o seu anel mágico. Todo esse problema por um grão de ouro. — Ele colocou o anel no bolso com um sorriso de desprezo, aproximando-se. Andre sombreava seus movimentos. — Nunca gostei de você, Lou. Você sempre achou que era melhor que nós, mais inteligente que nós, mas não é. E você já nos cruzou muitas vezes.

Ele pulou, mas eu me movi mais rápido. Agarrando o atiçador - ignorando o calor escaldante em minhas mãos - eu a esmaguei em seu rosto.

O cheiro doentio de carne queimada encheu a sala, e Grue cambaleou para trás. Andre avançou, mas eu empurrei o atiçador para ele em seguida. Ele parou bem a tempo, com raiva contorcendo suas feições.

— Fique para trás! — Eu apontei o atiçador para ele novamente, só para prevenir. — Não se aproxime mais!

— Eu vou cortar você em fodidos pedaços. — Grue avançou em mim novamente, mas eu me esquivei, balançando o atiçador descontroladamente. A faca de Andre passou em frente ao meu rosto. Eu me afastei para trás, mas Grue já estava lá. Sua mão pegou a ponta do atiçador, e ele o arrancou das minhas mãos com força brutal.

Atirei minha mão em direção à bolsa de areia, guiando desesperadamente o padrão para os olhos dele - e para *longe* dos meus.

Andre gritou quando a areia subiu em uma onda e disparou em sua direção. Ele tropeçou para trás, as mãos voando para o rosto, rasgando a pele, tentando arrancar as pequenas facas de seus olhos. Eu assisti com um fascínio selvagem - meus próprios olhos perfeitamente intactos - até Grue se mover ao meu lado. Um borrão. Eu girei, levantando minhas mãos em legítima defesa, mas minha mente ficou lenta e fraca. Ele levantou o punho. Eu olhei para ele. Incapaz de compreender o que ele pretendia fazer. Incapaz de antecipar seu próximo passo. Então ele atacou.

Sua visão pela dele.

A dor explodiu do meu nariz e eu cambaleei para trás. Ele sorriu, passando a mão em volta da minha garganta e me levantando do chão. Eu ofeguei e arranhei sua mão, tirando sangue, mas seu aperto não afrouxou.

— Eu nunca matei uma bruxa antes. Eu deveria saber. Você sempre foi uma *aberração*. — Ele se inclinou para mais perto, sua respiração quente e suja contra a minha bochecha. — Depois que eu te cortar, vou mandá-la de volta para o seu porco azul, pedaço por fodido pedaço.

Eu lutei com mais força, luzes aparecendo na minha visão.

— Não a mate muito rapidamente. — Lágrimas e sangue escorreram dos olhos arruinados de Andre. A areia caíra agora, misturando-se ao pó dourado aos seus pés. O ouro piscou mais uma vez antes de desaparecer. Ele se inclinou para recuperar sua faca. — Eu quero aproveitar isso.

O aperto de Grue afrouxou. Tossi e engasguei quando sua mão agarrou meus cabelos, puxando minha cabeça para trás e expondo minha garganta.

A faca de Andre encontrou a cicatriz lá. — Parece que alguém chegou primeiro.

Pontos brancos pontilharam minha visão, e eu me contorci contra eles.

— Ah, ah, ah. — Grue puxou meu cabelo, e a dor irradiou através do meu couro cabeludo. — Não de novo, Lou Lou. — Ele inclinou a cabeça em direção à faca na minha garganta. — Não aí. Seria muito rápido. Comece pelo rosto dela. Corte uma orelha... não, espere. — Ele sorriu para mim, os olhos ardendo com verdadeiro ódio. — Vamos arrancar o coração dela ao invés disso. Essa será a primeira peça que enviaremos ao porco.

Andre arrastou a faca da minha garganta até meu peito. Eu me concentrei em seu rosto revoltante, desejando que outro padrão surgisse. *Qualquer* padrão.

E lá veio, brilhando mais do que antes. Me provocando.

Não hesitei. Apertando os dedos, puxei a corda bruscamente e os carvões na forja se aproximaram de nós. Eu me preparei para a dor, dando uma cotovelada no estômago de Grue e me esquivando do seu aperto. Quando as brasas atingiram seus rostos, minha própria pele ardeu. Mas eu conhecia essa dor. Eu poderia suportá-la. Eu *já tinha* suportado.

Cerrando os dentes, peguei a faca de Andre e a mergulhei na sua garganta, cortando a pele, tendões e ossos. Seu grito terminou em um gorgolejo. Grue se lançou em minha direção às cegas, berrando de fúria, mas eu usei o momento para enfiar a lâmina em seu peito - e seu estômago, seu ombro e sua garganta. Seu sangue espirrou na minha bochecha.

Quando seus corpos bateram no chão, eu desabei junto com eles, procurando no cadáver de Grue pelo Anel de Angélica. Eu o empurrei de volta no meu dedo quando uma batida soou na porta.

— Está tudo bem aí?

Eu congelei com a voz desconhecida, ofegando e tremendo. A maçaneta da porta girou e uma nova voz se juntou à primeira. — A fechadura está quebrada.

— Eu ouvi gritos. — Outra batida, mais alta desta vez. — Tem alguém aí?

A maçaneta da porta girou novamente. — Olá? Alguém pode me ouvir?

— O que está acontecendo aqui?

Aquela voz que eu conhecia. Forte. Confiante. Extremamente inconveniente.

Levantando-me, cambaleei para o barril de água, rezando para que a porta se segurasse contra a força de Reid. Eu xinguei baixinho. *É claro* queReid estava aqui, agora, com magia pairando no ar e dois cadáveres queimando no chão. Eu deslizei um pouco no sangue deles enquanto virava o barril. A água caiu em cascata sobre eles, diluindo o pior do cheiro. As brasas sibilaram com o contato, causando um pouco de fumaça, e um cheiro doentio e carbonizado tomou conta da sala. Inclinei o barril e me banhei também.

As vozes do lado de fora pararam quando o cano escorregou dos meus dedos e caiu no chão. Então...

— Alguém está lá. — Sem esperar pela confirmação, Reid chutou a porta. Ela se moveu com o peso dele. Quando ele chutou novamente, a madeira deu um estalo ameaçador. Eu corri na direção da forja e bombeei os foles febrilmente. A fumaça do carvão derramava dentro da sala, grossa e preta. A porta se quebrou, mas eu continuei bombeando. Continuei bombeando até meus olhos lacrimejarem e minha garganta arder. Até eu não sentir o cheiro da magia. Até eu não sentir o cheiro de nada.

Soltei o fole no momento em que a porta explodiu.

A luz do sol entrava, iluminando a silhueta de Reid em círculos de fumaça. Enorme. Tenso. Esperando. Ele sacou sua Balisarda, e a safira brilhou através da fumaça. Dois cidadãos preocupados estavam atrás dele. Quando a fumaça se dissipou, eu vi o rosto dele melhor. Seus olhos percorreram a cena rapidamente, estreitando no sangue e nos corpos - e pousando em mim. Ele empalideceu. — Lou?

Eu assenti, não confiando em mim mesma para falar. Meus joelhos cederam.

Ele avançou rapidamente - ignorando o sangue, a água e a fumaça - e caiu de joelhos diante de mim. — Você está bem? — Ele agarrou meus ombros, me forçando a olhar para ele. Empurrou meu cabelo molhado do meu rosto, inclinou meu queixo, tocou nas marcas na minha garganta. Seus dedos pararam na fina cicatriz ali. A máscara fria de fúria rachou, deixando apenas o homem frenético embaixo. — Eles... eles machucaram você?

Eu estremeci e peguei suas mãos, interrompendo sua avaliação. Minhas mãos tremiam. — Eu estou bem, Reid.

— O que aconteceu?

Rapidamente, contei a experiência digna de um pesadelo, omitindo qualquer menção à magia. A água e a fumaça haviam feito seu trabalho - e a carne carbonizada. A cada palavra, seu rosto ficava mais duro, e quando terminei, ele tremia de raiva. Expirando pesadamente, ele descansou a testa contra nossas mãos atadas. — Eu quero matá-los por tocar em você.

— Tarde demais, — eu disse fracamente.

— Lou, eu... se eles machucassem você… — Ele levantou o olhar para o meu, e mais uma vez, a vulnerabilidade lá perfurou meu peito.

— Co-como você sabia que eu estava aqui?

— Eu não sabia. Vim comprar um dos seus presentes de Natal. — Ele fez uma pausa, sacudindo a cabeça para mandar os dois cidadãos embora. Aterrorizados, eles correram para fora da porta sem outra palavra. — Uma faca.

Eu olhei para ele. Talvez fosse a adrenalina ainda pulsando no meu corpo. Ou sua desobediência ao arcebispo. Ou minha própria percepção miserável de que eu estava com medo. Verdadeiramente com medo, desta vez.

E eu precisava de ajuda.

Não. Eu precisava *dele*.

Seja qual for o motivo, eu não me importava.

Um segundo, nós estávamos ajoelhados naquele chão ensanguentado, e no outro, eu joguei meus braços em volta do pescoço dele e o beijei. Ele se afastou por uma fração de segundo, assustado, mas então ele apertou o tecido na parte de trás da minha capa e me esmagou contra ele, a boca dura e implacável.

O controle me abandonou. Tão perto quanto Reid me segurava, eu queria estar mais perto. Eu queria sentir cada centímetro dele. Apertando meus

braços ao seu redor, moldei meu corpo na forma dura dele - na ampla extensão de seu peito, estômago, pernas.

Com um gemido baixo, ele serpenteou suas mãos sob minhas coxas e me puxou contra ele. Enrolei minhas pernas em volta de sua cintura, e ele me levou ao chão, aprofundando o beijo.

Algo quente escorreu pelas costas do meu vestido, e eu me afastei abruptamente, enrijecendo. Olhei para Andre e Grue.

Sangue.

Eu estava deitada no sangue deles.

Reid percebeu no mesmo segundo que eu, e ele se levantou, me puxando com ele. Manchas de cor subiram em suas bochechas, e sua respiração soou irregular. — Nós devemos ir.

Eu pisquei, esvaziando um pouco quando o calor entre nós esfriou e a realidade gelada se instalou. Eu matei. Novamente. Caindo contra seu peito, olhei de volta para onde Andre e Grue estavam. Obriguei-me a olhar em seus olhos frios e mortos. Eles ficaram abertos em direção ao teto, sem ver. O sangue ainda escorria de suas feridas.

A repulsa se enrolou no meu estômago.

Vagamente consciente de Reid se soltando dos meus braços, olhei para a minha capa. O veludo branco estava arruinado agora - manchado irrevogavelmente de vermelho.

Mais duas mortes. Mais dois corpos que deixei no meu caminho. Quantos se juntariam a eles antes que tudo fosse dito e feito?

— Aqui. — Reid enfiou algo na minha mão flácida, e passei meus dedos em torno dela instintivamente. — Um presente de Natal adiantado.

Era a faca de Andre, ainda escorregadia com o sangue de seu mestre.

Of My Home

Lou

O sol estava se pondo quando voltamos para a Torre Chasseur. Reid insistiu em relatar todo o caso confuso ao policial. Pergunta após pergunta que eles fizeram, até que eu finalmente respondi.

— Você vê minha garganta? — Eu puxei minha gola para baixo para mostrar a eles minhas contusões pela centésima vez. — Você acha que eu as fiz em mim mesma?

Reid estava bastante interessado em sair depois disso.

Eu deveria estar agradecida por sua reputação como Chasseur. Caso contrário, eu tinha pouca dúvida de que os policiais teriam aproveitado a oportunidade para me jogar na prisão por assassinato.

Lá fora, virei meu rosto para o sol moribundo, respirando profundamente e tentando me recompor. Andre e Grue estavam mortos. Os Chasseurs ainda não haviam encontrado o monsieur Bernard, o que significava que ele provavelmente também estava. Eu não tinha visto ou falado com Coco desde a nossa discordância no baile, e Reid e eu - nós acabamos de...

Ele parou ao meu lado sem dizer uma palavra, deslizando os dedos através dos meus. Fechando os olhos, saboreei os calos na palma da sua mão, a aspereza de sua pele. Mesmo a mordida do vento nas minhas bochechas não era insuportável com ele por perto. Ele rodopiou em torno de nós e me encheu com o perfume de Reid - vagamente amadeirado, como ar fresco e pinheiros das montanhas, com uma pitada de algo mais rico e profundo, que era inteiramente Reid.

— Eu quero te mostrar uma coisa, Reid.

Seus lábios se curvaram no meu sorriso torto favorito. — O que é?

— Um segredo.

Puxei sua mão para levá-lo embora, mas ele cravou os pés no chão, subitamente desconfiado. — Não é algo ilegal, é?

— Claro que não. — Puxei com mais força, mas Reid não se mexeu. Tentar movê-lo era como tentar mover uma montanha. Ele levantou as sobrancelhas com minhas tentativas fúteis, claramente se divertindo. Eu finalmente desisti, batendo no peito dele. — Deus, você é um imbecil! Não é ilegal, está bem? Agora mexa-se, ou juro por Deus, vou me despir aqui e dançar a *bourrée*!

Coloquei minhas mãos nos quadris e olhei para ele com expectativa.

Ele nem olhou para as pessoas ao nosso redor. Ele não ficou envergonhado. E Reid sempre ficava envergonhado.

Em vez disso, ele manteve os olhos fixos nos meus, um sorriso lento se espalhando por seu rosto.

— Faça isso.

Estreitei os olhos e endireitei os ombros, me elevando à minha total - se não desprezível - altura. — Eu vou. Não pense que não vou. Eu farei isso agora.

Ele ergueu as sobrancelhas, ainda sorrindo. — Estou esperando.

Eu olhei para ele, as mãos subindo para o fecho prateado da minha capa. Eu me forcei a não olhar para os compradores remanescentes ao nosso redor, embora eles certamente nos olhassem. Uma capa branca ensanguentada dificilmente era discreta. — Não tenho medo de causar uma cena. Eu pensei que você soubesse disso.

Ele deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos. — A primeira vez funcionou muito bem para mim. — Minha capa caiu no chão, e ele olhou para ela apreciativamente. — Estou pensando que desta vez também irá.

Meu estômago, a coisa traidora que era, se encheu de borboleta com suas palavras, na maneira como seus olhos rastreavam todos os meus movimentos. — Você é um porco.

— Você que se voluntariou. — Ele acenou com a cabeça em direção à pastelaria de Pan quando comecei a desamarrar os laços do meu vestido. — Mas você deveria saber, temos uma audiência.

Com certeza, Pan estava na vitrine de sua loja, nos observando de perto. Ele se assustou quando me virei e acenei um pouco rápido demais para ser natural. Meus dedos pararam nos meus laços.

— Você teve sorte. — Peguei minha capa do chão, jogando-a em volta dos meus ombros de dentro para fora para esconder o pior do sangue. Incapaz de me segurar desta vez, olhei em volta, mas os compradores haviam perdido o interesse. Alívio tomou conta de mim.

— Concordo em discordar.

— Você realmente é um porco! — Girei para voltar em direção à Torre Chasseur, mas ele pegou minha mão.

— Pare, por favor. — Ele ergueu a outra mão calmamente, mas o sorriso arrogante ainda brincava no canto dos seus lábios. — Quero ver seu segredo. Me mostre.

— Que pena. Eu mudei de ideia. Não quero lhe mostrar.

Ele me virou para encará-lo, passando as mãos nos meus braços. — Lou. Me mostre. Eu sei que você quer.

— Você não me conhece.

— Eu sei que se despir em público é demais, até para você. — Ele riu. Era um som adorável e raro. — Eu sei que você nunca admitirá que não faria isso.

A diversão em seus olhos escureceu lentamente enquanto ele me segurava, e fiquei dolorosamente consciente de que era o mais próximo que estávamos desde o nosso beijo naquela manhã. Ele olhou para o polegar, que roçava meu lábio inferior.

— Eu sei que você tem uma boca suja. — Ele pressionou meu lábio com força. Eu estremeci. — E você está acostumada a conseguir o que quer. Eu sei que você é vulgar, desonesta e manipuladora...

Eu recuei, nariz enrugado, mas ele só me pressionou mais.

— ...mas você também é compassiva, de espírito livre e corajosa. — Ele colocou meu cabelo atrás da orelha. — Eu nunca conheci alguém como você, Lou.

Baseado em sua carranca, o pensamento o deixou desconfortável. Também não me importei em examinar minhas emoções de perto.

Casando com um porco azul. Não achei que você *pudesse se rebaixar tanto.*

O que quer que Reid fosse, ele não era um porco azul. Mas ele ainda *era* um Chasseur. Ele acreditava no que acreditava. Não era tola o suficiente para pensar que poderia mudar isso. Ele me olharia diferente se soubesse quem eu realmente era. Suas mãos - me tocando tão gentilmente agora - também me tocariam de maneira diferente.

O rosto de Estelle brilhou em minha mente. As mãos de Reid envolveram sua garganta. *Minha* garganta.

Não. Eu tropecei para longe dele, olhos arregalados. As sobrancelhas dele se juntaram em confusão.

O silêncio constrangedor desceu e eu ri nervosamente, limpando as palmas das mãos na minha saia. — Mudei de ideia novamente. Eu quero lhe mostrar meu segredo, afinal.

Soleil et Lune logo apareceu.

— O teatro? — Reid olhou para os degraus vazios em perplexidade. — Isso é um pouco dócil para você, não é? Eu estava esperando uma operação clandestina...

— Não seja ridículo, Chass. — Fiz uma pausa na porta dos bastidores, levantando minha saia e subindo em cima da lixeira. — Eu nunca seria pega nas operações clandestinas.

Ele inalou profundamente quando percebeu minha intenção. — Isso é invasão, Lou!

Eu sorri para ele por cima do ombro. — Só é invasão se formos pegos. — Então me levantei sobre as calhas, pisquei e saí de vista.

Ele sussurrou meu nome nas sombras, mas eu o ignorei, limpando o lodo das minhas botas e esperando.

As mãos apareceram um momento depois, quando ele se levantou atrás de mim.

Eu não pude deixar de rir de sua carranca. — Demorou tempo suficiente. Ficaremos aqui a noite toda nesse ritmo.

— Sou um Chasseur, Lou. Isso é totalmente inapropriado!

— Sempre com esse pau enfiado na sua bunda...

— Lou! — Seus olhos dispararam para o telhado. — Eu *não* estou escalando este edifício.

— Oh, *Chass*. — Meus próprios olhos se arregalaram quando o entendimento passou por mim, e eu bufei de uma maneira indigna. — *Por favor,* diga-me que você não tem medo de altura.

— Claro que não. — Ele agarrou a pedra com força. — É uma questão de princípio. Não vou infringir a lei.

— Entendo. — Eu balancei a cabeça em falso acordo, forçando um sorriso. Eu poderia deixá-lo ganhar nessa. Eu poderia resistir ao desejo de irritá-lo, apenas desta vez. — Bem, felizmente, eu não dou a mínima para a lei. Eu vou subir de qualquer maneira. Sinta-se à vontade para falar a polícia sobre mim.

— Lou! — Ele tentou agarrar meu tornozelo, mas eu já estava vários metros acima dele. — Desça!

— Venha me pegar! E pelo amor de Deus, Chass, pare de tentar olhar debaixo da minha saia!

— Eu *não* estou tentando olhar debaixo da sua saia!

Eu ri para mim mesma e continuei subindo, saboreando a picada de ar frio no meu rosto. Após o incidente de pesadelo no ferreiro, foi bom simplesmente... me soltar. Rir. Eu gostaria que Reid fizesse o mesmo. Eu gostava bastante da risada dele.

Olhando para ele, eu me permiti contemplar seus ombros poderosos em ação por apenas um segundo antes de me esforçar para subir mais rápido. Não faria para ele me vencer lá dentro.

Ele engasgou quando eu deslizei pela janela quebrada do sótão, assobiando meu nome com crescente alarme. No momento seguinte, ele se arrastou atrás de mim. — Isso é arrombamento e invasão, Lou!

Encolhendo os ombros, fui para a pilha de fantasias que uma vez tinha sido minha cama. — Você não pode arrombar e invadir sua própria casa.

Um segundo de silêncio passou.

— Aqui… aqui é onde você morava?

Eu assenti, inspirando profundamente. Cheirava exatamente como eu lembrava: o perfume de roupas antigas se misturava com cedro, poeira e apenas uma pitada de fumaça das lâmpadas de óleo. Arrastando meus dedos ao longo da cama que Coco e eu tínhamos compartilhado, finalmente olhei para ele. — Por dois anos.

Estóico como sempre, ele não disse nada. Mas eu sabia onde procurar para ouvi-lo - na tensão de seus ombros, na tensão de sua mandíbula, no aperto de sua boca. Ele desaprovava. Claro que ele desaprovava.

— Bem, — eu disse, abrindo meus braços, — esse é o segredo. Não é um romance épico, mas... Bem vindo a minha humilde residência.

— Esta não é mais sua casa.

Caí na minha cama, dobrando os joelhos e encostando meu queixo neles. — Este sótão sempre será minha casa. É o primeiro lugar em que me senti

segura. — As palavras escaparam antes que eu percebesse que as tinha dito e xinguei silenciosamente.

Seu olhar afiou em mim. — O que aconteceu há dois anos?

Olhando para a capa de veludo azul que eu tinha usado como travesseiro, engoli em seco. — Eu não quero falar sobre isso.

Ele se agachou ao meu lado, levantando meu queixo suavemente. Seus olhos seguraram os meus com intensidade inesperada. — Eu quero.

Nunca duas palavras soaram mais odiosas. Ou com um mau pressentimento. Esmagando o veludo em meu punho, forcei uma risada e procurei no meu cérebro por uma deflexão - qualquer deflexão. — Encontrei a ponta errada de outra faca, só isso. Uma maior.

Ele suspirou profundamente e deixou cair meu queixo, mas não se afastou. — Você torna impossível conhecê-la.

— Ah, mas você já me conhece tão bem. — Eu mostrei o que eu esperava que fosse um sorriso vencedor, ainda desviando. — Boca suja, manipuladora, *beijo fantástico...*

— Não sei nada sobre o seu passado. Sua infância. Por que você se tornou uma ladra. Quem você era antes… de tudo isso.

Meu sorriso deslizou, mas forcei minha voz a permanecer leve. — Não há nada para contar.

— Sempre há algo para contar.

Maldito seja ele por usar minhas próprias palavras contra mim. A conversa parou quando ele me encarou com expectativa, e eu olhei para o veludo azul. Uma mariposa havia feito buracos no tecido sumptuoso, e eu mexi neles com um tédio fingido.

Finalmente, ele me virou para encará-lo. — Bem?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Lou, por favor. Eu só quero saber mais sobre você. Isso é tão terrível?

— Sim, é. — As palavras saíram mais fortes do que eu gostaria, e estremeci internamente com o lampejo de mágoa em seu rosto. Se eu tivesse que morder e gritar para desencorajá-lo dessa conversa miserável, no entanto, que assim seja. — Essa merda está no meu passado por uma razão, e eu disse que não quero falar sobre isso - com ninguém, especialmente você. Não é o suficiente que eu te mostrei minha casa? Meu segredo?

Ele recuou, exalando uma respiração afiada. — Eu te disse que fui encontrado no lixo. Você acha que foi fácil falar sobre isso?

— Então, por que você falou? — Eu rasguei um buraco no veludo cruelmente. — Eu não te forcei.

Ele levantou meu queixo mais uma vez, os olhos lívidos. — Porque você perguntou. Porque você é minha esposa e se alguém merece conhecer as piores partes de mim, é você.

Eu me afastei dele. — Oh, não se preocupe, eu as conheço bem...

— Igualmente.

— Você me pediu para não mentir para você. — Flexionei minha mandíbula e fiquei de pé, cruzando os braços sobre o peito. — Não pergunte

sobre o meu passado, e não precisarei.

Ele lentamente seguiu o exemplo, elevando-se sobre mim com uma expressão sombria. Sua mandíbula flexionou e relaxou quando ele olhou para a minha garganta. — O que você está escondendo, Lou?

Eu olhei para ele, meu coração batendo violentamente em meus ouvidos de repente. Eu não podia contar a ele. Ele não podia me perguntar. Isso estragaria tudo.

E ainda... Eu teria que contar a ele eventualmente. Este jogo não poderia durar para sempre. Engolindo em seco, levantei meu queixo. Talvez depois de tudo o que passamos, ele seria capaz de ver além disso. Talvez ele possa mudar - por mim. Por nós. Talvez eu também pudesse.

— Eu não estou escondendo nada, Reid. Pergunte-me o que quiser.

Ele suspirou profundamente com o tremor na minha voz, me puxando para perto e levantando a mão para acariciar meu cabelo. — Eu não vou forçar você. Se você não está confortável o suficiente para me dizer, a culpa é minha, não sua.

Claro que ele pensaria isso. É claro que ele pensaria o pior de si mesmo, em vez de ver a verdade - que o pior estava em mim. Eu enterrei meu rosto em seu peito. Mesmo em sua frustração, Reid era mais gentil comigo do que qualquer um que eu já conhecera. Eu não mereço isso.

— Não é você. — Eu o agarrei mais perto nas sombras que se acumulavam, respirando seu perfume. Combinava perfeitamente com os cheiros reconfortantes do sótão. Da minha casa. — Sou eu. Mas eu posso tentar. Eu posso tentar lhe contar.

— Não. Não precisamos conversar sobre isso agora.

Eu balancei minha cabeça com determinação. — Por favor... me pergunte.

Sua mão parou no meu cabelo, e o mundo parou com ela - não muito diferente da estranha calma antes da magia. Até a brisa através da janela parecia pausar, permanecendo no meu cabelo, entre os dedos dele. Esperando. Eu esqueci como respirar.

Mas a pergunta nunca veio.

— Você é de Cesarina? — A mão dele desceu pelos meus cabelos até a parte inferior das minhas costas, e o vento varreu insatisfeito. Concentrei-me no movimento suave, decepção e alívio em guerra no meu coração.

— Não. Eu cresci em uma pequena comunidade ao norte de Amandine. — Sorri melancolicamente contra seu peito com a meia-verdade. — Rodeada por montanhas e mar.

— E os seus pais?

As palavras fluíram mais fáceis agora, o aperto no meu peito diminuindo à medida que o perigo imediato passava. — Eu nunca conheci meu pai. Minha mãe e eu somos... distantes.

A mão dele parou novamente. — Ela está viva, então?

— Sim. Muito.

— O que aconteceu entre vocês duas? — Ele se afastou, procurando meu rosto com interesse renovado. — Ela está aqui em Cesarine?

— Espero sinceramente que não. Mas prefiro não falar sobre o que aconteceu. Ainda não.

Ainda uma covarde.

— Justo.

Ainda um cavalheiro.

Seu olhar caiu na minha cicatriz e ele se inclinou lentamente, roçando um beijo nela. Arrepios irromperam na minha pele. — Como você conseguiu essa?

— Minha mãe.

Ele recuou como se a linha prateada o tivesse mordido, horror nublando seus olhos. — O quê?

— Próxima pergunta.

— Eu... Lou, isso é...

— Próxima pergunta. Por favor.

Embora suas sobrancelhas ainda estivessem franzidas de preocupação, ele me puxou para ele mais uma vez. — Por que você se tornou uma ladra? — Sua voz ficou mais áspera, mais grave do que antes. Coloquei meus braços em volta de sua cintura e o apertei com força.

— Para fugir dela.

Ele ficou tenso contra mim. — Você não vai elaborar, vai?

Eu descansei minha bochecha contra seu peito e suspirei. — Não.

— Você teve uma infância cruel.

Eu quase ri. — De modo nenhum. Minha mãe me mimava, na verdade. Me deu tudo o que uma garotinha poderia querer.

Sua voz pingou de descrença. — Mas ela tentou te matar. — Quando eu não respondi, ele balançou a cabeça, suspirando e se afastando. Meus braços caíram pesados ao meu lado. — Deve ser um inferno de história. Eu gostaria de ouvir ela algum dia.

— Reid! — Eu golpeei seu braço, todos os pensamentos de rituais de sangue e altares caindo, e um sorriso incrédulo dividiu meu rosto. Ele pareceu subitamente envergonhado. — Você acabou de *xingar*?

— *Inferno* não é um palavrão. — Ele se recusou a encontrar meus olhos, olhando para as prateleiras de roupas atrás de mim. — É um lugar.

— Claro que é. — Recuei para a janela, o começo de um sorriso puxando meus lábios. — Falando em lugares divertidos... Eu quero lhe mostrar outro segredo.

Where You Go

Lou

Ele caiu no telhado alguns momentos depois, com o rosto branco e ofegante, os olhos fechados com força contra o céu aberto. Eu o cutuquei nas costelas. — Você está perdendo a vista.

Ele flexionou a mandíbula e engoliu como se estivesse prestes a vomitar. — Me dê um minuto.

— Você percebe como isso é irônico, certo? O homem mais alto de Cesarina tem medo de altura!

— Estou feliz que você esteja gostando.

Eu levantei uma das suas pálpebras e sorri para ele. — Apenas abra seus olhos. Eu prometo que você não vai se arrepender.

Sua boca se apertou, mas ele abriu os olhos de má vontade. Eles se arregalaram quando ele viu a vasta extensão de estrelas diante de nós.

Eu encostei meus joelhos no meu peito e olhei para elas com saudade. — Elas não são lindas?

Soleil et Lune era o edifício mais alto de Cesarine e oferecia a única visão desimpedida do céu em toda a cidade. Acima da fumaça. Acima do cheiro. Todo o céu esticado em um grande panorama de obsidiana e diamante. Infinito. Eterno.

Havia apenas um outro lugar com uma vista como esta... e eu nunca mais visitaria o Chateau novamente.

— Elas são, — Reid concordou calmamente.

Suspirei e me abracei mais forte contra o frio. — Gosto de pensar que Deus pinta o céu apenas para mim em noites como esta.

Ele desviou o olhar das estrelas, incrédulo. — Você acredita em Deus?

Que pergunta complicada.

Apoiei meu queixo nos joelhos, ainda olhando para cima. — Acho que sim.

Ele sentou-se. — Mas você raramente participa da missa. Você... você celebra Yule, não Natal.

Dei de ombros e peguei um pedaço de folha morta na neve. Amassei sob meus dedos. — Eu nunca disse que era no *seu* deus. Seu deus odeia mulheres. Nós fomos uma reflexão tardia.

— Isso não é verdade.

Eu finalmente me virei para encará-lo. — Não é? Eu li sua Bíblia. Como sua esposa, não sou considerada sua propriedade? Você não tem o direito legal de fazer o que quiser comigo? — Eu fiz uma careta, a lembrança das

palavras do arcebispo deixando um gosto amargo na minha boca. — De me trancar no armário e nunca mais pensar em mim?

— Eu *nunca* te considerei minha propriedade.

— O arcebispo considera.

— O arcebispo está... enganado.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Meus ouvidos me enganam, ou você acabou de falar mal do seu precioso patriarca?

Reid passou a mão pelos cabelos acobreados em frustração. — Apenas... não, Lou. Por favor. Apesar do que você pensa dele, ele me deu tudo. Ele me deu uma vida, um propósito. — Ele hesitou, os olhos encontrando os meus com uma sinceridade que fez meu coração gaguejar. — Ele me deu você.

Afastei a folha amassada e me virei para olhá-lo. Para *realmente* olhar para ele.

Reid realmente acreditava que seu objetivo era matar bruxas. Ele acreditava que o arcebispo havia lhe dado um presente, que o arcebispo era bom. Eu peguei a mão dele. — O arcebispo não me deu a você, Reid. — Eu olhei para o céu com um pequeno sorriso. — *Ele* sim... ou Ela.

Houve uma pausa pesada enquanto nos encarávamos.

— Eu tenho um presente para você. — Ele se inclinou mais perto, olhos azuis perfurando minha própria alma. Prendi a respiração, desejando que ele diminuísse a distância entre nossos lábios.

— Outro? Mas ainda não é Yule.

— Eu sei. — Ele olhou para as nossas mãos, passando o polegar pelo meu dedo anelar. — É... é um anel de casamento.

Eu ofeguei quando ele o retirou do bolso do casaco. Ouro fino e batido compunha o aro, e uma pedra oval de madrepérola estava no centro. Era claramente muito antigo. Era também a coisa mais linda que eu já vi. Meu coração bateu forte quando ele o estendeu para mim.

— Posso?

Eu assenti com a cabeça e ele tirou o Anel de Angélica do meu dedo e deslizou o dele no lugar. Nós dois o encaramos por um momento. Ele engoliu em seco.

— Era da minha mãe... ou pelo menos, acho que era. Estava cerrado no meu punho quando me encontraram. — Ele hesitou, os olhos encontrando os meus. — Isso me lembra o mar... me lembra você. Eu queria dar a você há dias.

Abri minha boca para dizer alguma coisa - para dizer a ele como era adorável ou quão honrada eu ficaria por usar algo tão significativo, carregar para sempre aquele pedacinho dele comigo - mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Ele me observou extasiado.

— Obrigada. — Minha garganta tremeu quando uma emoção desconhecida ameaçou me sufocar. — Eu... amei.

E é verdade. Eu amei o anel.

Mas não tanto quanto eu o amava.

Ele passou os braços em volta da minha cintura e eu me inclinei de volta em seu peito, tremendo com a realização.

Eu o amava.

Merda. Eu o *amava*.

Minha respiração ficou mais dolorosa quanto mais tempo eu ficava sentada lá... cada respiração estridente e ardente ao mesmo tempo. Hiperventilando. Era isso que eu estava fazendo. Eu precisava relaxar. Eu precisava reunir meus pensamentos...

Reid gentilmente puxou meu cabelo para o lado, e o pequeno toque quase me desfez. Seus lábios roçaram a curva do meu pescoço. Sangue rugiu em meus ouvidos.

— 'Não me insistas para que te abandone, e deixe de seguir-te.' — Ele passou os dedos pelo meu braço em movimentos lentos e torturantes. Minha cabeça caiu no ombro dele, meus olhos se fecharam enquanto seus lábios continuavam se movendo contra o meu pescoço. — 'porque aonde quer que tu fores eu irei, e onde quer que ficares, ali ficarei eu.'

Um som baixo e sem fôlego escapou do fundo da minha garganta - tão em desacordo com as palavras reverentes que ele tinha falado. Seus dedos pararam instantaneamente e seu olhar se concentrou no meu peito em movimento rápido.

— Não pare, — eu respirei. Suplicando.

Seu corpo ficou tenso e suas mãos seguraram meus braços em um aperto inflexível. — Me peça, Lou. — Sua voz ficou baixa, urgente. Crua. O calor acumulou diretamente na minha barriga ao som disso.

Minha boca se abriu. O tempo dos jogos terminou. Ele era meu marido e eu era sua esposa. Era tolice fingir que não queria mais o relacionamento. Fingir que não ansiava por sua atenção, sua risada, seu… toque.

Eu queria que ele me tocasse. Eu queria que ele se tornasse meu marido em todos os sentidos da palavra. Eu queria que ele...

Eu queria *ele*.

Ele todo. Nós poderíamos fazer isso dar certo. Poderíamos escrever nosso próprio final, maldito seja a bruxa e o caçador de bruxas. Nós poderíamos ser felizes.

— Me toque, Reid. — Para minha surpresa, as palavras saíram estáveis, apesar da minha falta de ar. — Por favor. Me toque.

Ele sorriu - lento e triunfante - contra o meu pescoço. — Isso não foi um pedido, Lou.

Meus olhos se abriram e eu me virei para fazer uma careta para ele. Ele levantou uma sobrancelha em questão, pressionando os lábios na minha pele. Seus olhos se encontraram com os meus. Com os lábios abertos, ele arrastou beijos quentes de boca aberta pelo lado da minha garganta e no meu ombro.

Sua língua se moveu lentamente, me adorando a cada golpe, e eu praticamente queimei.

— Tudo bem. — Meu pescoço traidor se esticou sob sua boca, mas meu orgulho se recusou a sucumbir tão facilmente. Se ele quisesse jogar mais um jogo, eu o agradaria... e venceria. — Oh, corajoso e virtuoso Chasseur, enfie a língua na minha garganta e as mãos na minha saia? Minha bunda precisa ser agarrada.

Ele resmungou e recuou incrédulo. Eu arqueei contra ele, sorrindo apesar de tudo. — Demais?

Quando ele não respondeu, a decepção escorreu pelo fogo no meu sangue. Eu me virei para encará-lo completamente. Seus olhos estavam arregalados e, para meu desgosto, seu rosto estava pálido. Ele não parecia que queria me possuir, afinal. Talvez eu tenha exagerado na dose.

— Sinto muito. — Estendi uma mão hesitante para o rosto dele. — Eu não quis aborrecer você.

Havia algo em seu olhar quando ele olhou para mim - algo hesitante, algo quase *autoconsciente* - que me fez parar. Suas mãos tremiam levemente onde me seguravam, e seu peito subia e descia em rápida sucessão. Ele estava nervoso. Não - aterrorizado.

Levou apenas um segundo para entendimento me atingir: Reid *era* realmente um Chasseur virtuoso. Um *santo* Chasseur.

Reid nunca fez sexo.

Ele era virgem.

Apesar de toda a sua arrogância anterior, ele estava apenas posando. Ele nunca havia tocado em uma mulher - não da maneira que contava, pelo menos. Tentei não olhar para ele de boca aberta, mas sabia que ele poderia ler facilmente meus pensamentos pela maneira como sua expressão caiu.

Eu procurei em seu rosto. Como Célie poderia tê-lo abandonado nisso? Para que mais o primeiro amor servia senão mãos trêmulas e descobertas ofegantes?

Pelo menos ela o ensinou a beijar corretamente. Eu deveria estar agradecida por isso. Minha garganta e ombro ainda formigavam por causa da sua língua. Mas havia muito mais do que apenas beijar.

Lentamente, propositalmente, eu me mexi no colo dele, pegando seu rosto com as duas mãos. — Deixe-me te mostrar.

Seus olhos escureceram quando eu montei nele. Minha saia deslizou com o movimento - o vento fazia cócegas nas minhas pernas nuas - mas eu não sentia o frio. Havia apenas Reid.

Eu assisti sua garganta balançar, ouvi sua respiração falhar. Seus olhos dispararam para os meus em uma pergunta quando eu puxei suas mãos para os laços no meu vestido. Eu assenti com a cabeça e ele puxou cuidadosamente.

Apesar do frio, seus dedos eram competentes. Eles se moveram firmemente até que a frente do meu vestido se abriu, revelando a camisa fina por baixo. Nenhum de nós respirou quando ele levantou a mão e roçou a pele nua na parte superior do meu peito.

Inclinei-me na palma da sua mão e ele inalou bruscamente.

Mais rápido do que pude piscar, ele empurrou as alças da minha camisa que cobriam meus ombros, enviando o tecido para se agrupar em volta da minha cintura. Seus olhos percorreram meu torso nu com fome.

Eu não pude deixar de sorrir. Talvez ele não precisasse de muito ensino, afinal.

Para não ficar para trás, puxei a barra da camisa de dentro da sua calça. Ele a puxou por cima da cabeça, despenteando seus cabelos cor de cobre, antes de seus lábios caírem com força contra os meus, e nós fomos pressionados juntos, pele contra pele.

Foi um trabalho rápido depois disso.

Ele me levantou com facilidade e jogou meu vestido para longe.

Seus olhos ardiam - as pupilas dilatavam, o azul ao redor delas dificilmente visível - enquanto observava meu estômago, meus seios, minhas coxas. Seus dedos apertaram meus quadris possessivamente, mas não o suficiente. Eu queria - não, *precisava* - dele para me apertar mais forte, me segurar mais perto.

— Você é tão linda, — ele respirou.

— Cale a boca, Chass. — Minha própria voz saiu ofegante. Fechando meus braços atrás de seu pescoço, eu rolei meus quadris contra ele. Seus próprios quadris se ergueram para encontrar os meus em resposta, e ele gemeu. Segurei seus ombros para acalmá-lo. — Assim. — Me inclinando para trás, acenei para onde nossos corpos se encontravam. Nós assistimos em uníssono enquanto eu balançava contra ele - lentamente, deliberadamente, esfregando para cima e para baixo em um ritmo agonizante.

Ele tentou aumentar minha velocidade - suas mãos desesperadas, insistentes - mas eu resisti, pressionando-me contra o seu peito e mordendo o ponto sensível onde seu pescoço encontrava seu ombro. Ele estremeceu, e outro gemido baixo escapou de seus lábios.

— É assim que você toca uma mulher. — Eu me pressionei contra ele com mais força para enfatizar, agarrando sua mão e colocando-a entre as minhas pernas. — É assim que você *me* toca.

— Lou, — ele disse em uma voz estrangulada.

— Bem aqui. — Eu direcionei seus dedos, minha respiração ficando irregular ao seu toque. Meu peito arfava enquanto ele continuava o movimento que eu tinha mostrado a ele. Ele se inclinou abruptamente e pegou meu peito na boca dele, e eu ofeguei. Sua língua estava quente, exigente. Uma profunda e deliciosa dor construiu muito rapidamente na minha barriga. — Deus, Reid...

Ao som de seu nome, ele mordeu levemente.

Eu me desmoronei completamente, perdida no prazer e na dor. Seus braços se apertaram ao meu redor quando eu gozei, seus lábios batendo nos meus como se devorassem meus gritos.

Não foi o suficiente.

— Suas calças. — Eu me atrapalhei com seus cordões, esmagando meus lábios contra os dele entre as respirações. — Tire-as. Agora.

Reid estava muito feliz em obedecer, me levantando desajeitadamente para tirá-las de suas pernas. Jogando-as de lado, ele me observou ansiosamente, o rosto ainda pálido, enquanto eu o montava mais uma vez. Eu sorri em resposta, traçando um dedo malicioso por todo o comprimento dele, saboreando a sensação dele pressionado contra mim. Ele tremeu com o contato, os olhos brilhando com a necessidade.

— Outra hora, — falei, empurrando-o gentilmente contra o telhado, — mostrarei quão suja minha boca pode ser.

— Lou, — ele repetiu, implorando.

Em um único movimento fluido, me abaixei, enterrando-o dentro de mim.

Seus olhos se fecharam, e todo o seu corpo se ergueu quando ele mergulhou mais fundo, direto ao punho. Eu teria gritado... era muito profundo... mas não gritei. Não consegui. Havia dor, mas... quando ele recuou e empurrou novamente... a dor se intensificou em algo mais, algo agudo, profundo e dolorido. Algo carente. Ele me encheu completamente, e a maneira como ele se moveu... Joguei minha cabeça para trás e me perdi na sensação. Me perdi nele.

A dor subiu em espiral, e eu não conseguia parar de beijá-lo, enroscar meus dedos em seus cabelos, passar minhas unhas em seus braços. Doeu, essa sensação pulsante e ansiosa no meu peito. Consumiu, destruiu e esmagou tudo o que eu conhecia.

Seu braço serpenteou em volta da minha cintura, e ele girou, me prendendo embaixo dele. Eu arqueei para cima, desesperada por estar mais perto, desesperada para aliviar a dor crescente, e enganchei minhas pernas em suas costas suadas. Sua mão desceu entre nós quando ele aumentou seu ritmo, e minhas pernas começaram a enrijecer. Ele me tocou exatamente do jeito que eu tinha mostrado a ele, me acariciando com determinação, implacavelmente. Um rosnado baixo escapou de sua garganta.

— Lou...

Tudo dentro de mim se apertou, e eu me agarrei a ele quando ele me empurrou para o limite. Com um impulso final, estremecendo, ele caiu em cima de mim, incapaz de recuperar o fôlego.

Ficamos assim por vários momentos, alheios ao frio. Olhando impotentes um para o outro. Pela primeira vez na minha vida, eu não tinha palavras. A dor inebriante no meu peito ainda estava lá - mais forte agora, mais dolorosa do que nunca - mas eu me vi indefesa contra isso. Total e completamente indefesa.

E ainda... Eu nunca me senti mais segura.

Quando Reid finalmente se retirou, eu estremeci.

Ele não perdeu o movimento. Sua mão disparou para o meu queixo, levantando-o e seus olhos se arregalaram ansiosos. — Eu machuquei você?

Eu tentei sair debaixo dele, mas ele era muito pesado. Percebendo o que eu queria, ele se apoiou nos cotovelos para me acomodar antes de rolar de costas. Ele me puxou para cima dele enquanto deitava.

— Há uma linha tênue entre prazer e dor. — Dando beijos em seu peito, eu passei meus dentes contra sua pele - então mordi abruptamente. Um chiado escapou de seus lábios e seus braços se apertaram ao meu redor. Quando eu me inclinei para trás para encontrar seu olhar, no entanto, não havia dor em seus olhos, mas desejo. Meu próprio peito palpitou em resposta. — É uma boa dor. — Eu sorri e dei uma batidinha em seu nariz. — Bom trabalho.

Monsieur Bernard

Lou

O Festival de São Nicolau se agitava ao meu redor e de Reid quando saímos do Pan na manhã seguinte. Ele me comprou outra capa nova - desta vez vermelha, em vez de branca. Apropriado. Mas eu me recusei a deixar os eventos no ferreiro envenenarem meu bom humor hoje. Sorrindo, olhei para ele e lembrei da sensação da neve na minha pele nua. De vento gelado no meu cabelo.

O resto da noite provou ser igualmente memorável. A meu pedido, ele concordou em ficar comigo no sótão, e eu aproveitei a minha última noite lá. Eu não voltaria a Soleil et Lune novamente.

Eu encontrei um novo lar.

E a maneira como ele estava atualmente lambendo glacê dos dedos... Meu estômago contraiu deliciosamente.

Seus olhos cortaram para os meus, o canto da boca se curvando. — Por que você está olhando assim para mim?

Arqueando uma sobrancelha, levei seu dedo indicador à minha boca e lambi o resto do glacê com golpes lentos e deliberados da minha língua. Eu esperava que seus olhos se arregalassem e disparassem ao nosso redor, suas bochechas corassem e sua mandíbula flexionasse, mas, novamente, ele permaneceu imperturbável. Desta vez, ele realmente teve a ousadia de rir.

— Você é insaciável, madame Diggory.

Encantada, fiquei na ponta dos pés para pressionar um beijo em seu nariz - e depois dei uma batidinha por uma boa medida. — Você não sabe a metade. Ainda tenho *muito* a lhe ensinar, Chass.

Ele sorriu com o apelido, pressionando meus dedos em seus lábios antes de colocar meu braço firmemente sob o dele. — Você é realmente uma pagã.

— Uma o *quê*?

Suas bochechas queimaram e ele desviou o olhar timidamente. — Eu costumava te chamar assim. Na minha cabeça.

Eu ri alto, alheia aos transeuntes. — Por que isso não me surpreende? *Claro* que você não teria me chamado, sabe, pelo meu *nome*...

— Você não me chamava pelo meu nome!

— Isso é porque você é um idiota! — A brisa levantou um panfleto lamacento das Ye Olde Sisters antes de enviá-lo em espiral de volta à neve. Pisei nele com a bota, ainda rindo. — Vamos. Precisamos nos apressar se quisermos ver a performance especial do arcebispo... — Seus olhos se

afiaram em algo atrás de mim, e a frase morreu na minha garganta. Virando-me, segui seu olhar e vi Madame Labelle caminhando intencionalmente em nossa direção.

— Merda.

Ele me lançou um olhar ofendido. — Não.

— Duvido sinceramente que palavrões a ofendam. Ela é uma Madame. Acredite, ela viu e ouviu muito pior.

Ela usava outro vestido que realçava o magnífico azul de seus olhos, e seus cabelos ruivos tinham sido penteados com um pente de pérola. Uma sensação pequena e irritante zumbiu na parte de trás do meu crânio ao vê-la. Como uma coceira que eu não conseguia alcançar.

— Louise, querida! Como é maravilhoso vê-la novamente. — Ela apertou minha mão livre nas suas. — Eu *tinha* esperança de que poderíamos nos encontrar nova...

Ela parou, os olhos caindo no anel de madrepérola no meu dedo. Eu aumentei meu aperto no braço de Reid. O movimento não passou despercebido.

Ela olhou para o anel - então entre nós dois - seus olhos se arregalaram e a boca se abriu quando ela viu o rosto de Reid. Ele se mexeu sob o escrutínio dela, claramente desconfortável. — Podemos ajudá-la, *madame*?

— Capitão Reid Diggory. — Ela disse as palavras lentamente, como se as provasse pela primeira vez. Seus olhos azuis ainda estavam iluminados de espanto. — Não creio que fomos formalmente apresentados. Meu nome é Madame Helene Labelle.

Ele fez uma careta para ela. — Eu lembro de você, *madame*. Você tentou comprar minha esposa para o seu bordel.

Ela o encarou com rapidez, sem parecer notar sua hostilidade. — Seu sobrenome significa 'perdido', sim?

Olhei entre eles, o zumbido na parte de trás da minha cabeça ficando mais alto. Mais insistente. Era uma pergunta estranha e inesperada. Reid não parecia certo de como responder.

— Eu acredito que sim, — ele finalmente murmurou.

— O que você quer, *madame*? — Perguntei desconfiada. Tudo que eu sabia sobre essa mulher me avisava que ela não estava aqui para uma conversa educada.

Os olhos dela ficaram quase desesperados quando focaram nos meus - e mantinham uma intensidade surpreendentemente familiar. — Ele é um bom homem, Lou? Um homem gentil?

Reid ficou rígido com a pergunta ofensivamente pessoal, mas o zumbido na minha cabeça começou a tomar forma. Eu olhei entre os dois novamente, notando o tom idêntico de seus olhos azuis.

Santo inferno.

Meu coração afundou em algum lugar abaixo dos meus tornozelos. Eu olhei nos olhos de Reid por tempo suficiente agora para reconhecê-los no rosto de outra pessoa.

Madame Labelle era a mãe de Reid.

— Ele é. — Meu sussurro era quase inaudível sobre as conversas do mercado - sobre meu próprio coração batendo.

Ela exalou um suspiro e seus olhos azuis reveladores se fecharam de alívio. Então eles se abriram novamente, repentinamente e assustadoramente afiados. — Mas ele conhece você, Lou? *Realmente* te conhece?

Meu sangue virou gelo. Se Madame Labelle não fosse cuidadosa, nós duas teríamos uma conversa muito diferente. Eu cuidadosamente mantive seu olhar, articulando um aviso tácito. — Eu não sei do que você está falando.

Os olhos dela se estreitaram. — Eu entendo.

Incapaz de evitar, olhei para Reid. Seu rosto rapidamente se transformou de intrigado em irritado. Com base na linha tensa de sua mandíbula, ele não gostou de nós falando sobre ele como se ele não estivesse aqui. Ele abriu a boca - provavelmente para perguntar o que diabos estava acontecendo - mas eu o interrompi.

— Vamos, Reid. — Eu atirei um olhar depreciativo em Madame Labelle uma última antes de me virar, mas a mão dela serpenteou e agarrou a minha - a que estava com o Anel de Angélica.

— Use-o sempre, Lou, mas não a deixe ver. — Me movi para me afastar, alarmada, mas o aperto da mulher era como ferro. — Ela está aqui, na cidade.

Reid deu um passo à frente, punhos cerrados. — Deixe-a ir, *madame*.

Ela só me apertou mais. Mais rápido do que ela poderia reagir, Reid afastou os seus dedos à força. Ela se encolheu de dor, mas continuou, indiferente, quando Reid me puxou pela rua. — Não tire isso! — O pânico em seus olhos brilhava claro mesmo de longe, mesmo quando sua voz começou a desaparecer. — Faça o que fizer, não a deixe ver!

— *O quê*, — Reid rosnou, seu aperto no meu braço mais forte do que o estritamente necessário, — diabos foi isso?

Eu não respondi. Não conseguia. Minha mente ainda se recuperava do ataque de madame Labelle, mas uma repentina explosão de clareza cortou a névoa dos meus pensamentos. Madame Labelle era uma bruxa. Ela tinha que ser. Seu interesse no Anel de Angélica, seu conhecimento dos poderes dele, da minha mãe, de *mim* - não havia outra explicação.

Mas a revelação trouxe mais perguntas do que respostas. Eu não conseguia focar nelas - não conseguia focar em nada, exceto o medo cru e debilitante que arranhava minha garganta, o suor pegajoso que escorria pela minha pele. Meu olhar disparou em torno de nós, e um arrepio involuntário tomou conta de mim. Reid estava dizendo algo, mas eu não o ouvia. Um rugido surdo começou em meus ouvidos.

Minha mãe estava na cidade.

O Festival de São Nicolau perdeu seu charme ao retornamos à Torre Chasseur. As sempre-vivas eram menos bonitas. A fogueira ardia menos

brilhante. Até a comida perdeu seu fascínio, o cheiro avassalador de peixe voltando para me sufocar.

Reid me agrediu com perguntas o caminho todo. Quando ele percebeu que eu não tinha respostas para dar, ele ficou em silêncio. Não consegui me desculpar. Era tudo o que eu podia fazer para esconder meus dedos trêmulos, mas eu sabia que ele os via de qualquer maneira.

Ela não te encontrou.

Ela não vai te encontrar.

Repeti o mantra repetidamente, mas pouco fez para me convencer.

Saint-Cécile logo se levantou diante de nós, e dei um suspiro de alívio. O suspiro instantaneamente virou um grito quando algo se moveu inesperadamente no beco ao nosso lado.

Reid me puxou para ele, mas seu rosto relaxou no segundo seguinte. Ele soltou um suspiro exasperado. — Está tudo bem. Apenas um mendigo.

Mas não era apenas um mendigo. A dormência rastejou pelos meus membros enquanto eu olhava mais de perto... e reconhecI o rosto que virou, os olhos leitosos que me encaravam das sombras.

Monsieur Bernard.

Ele se agachou sobre uma lixeira com pedaços do que pareciam animais mortos pendurados em sua boca. Sua pele - uma vez molhada com seu próprio sangue - tinha se tornado mais escura, as linhas de seu corpo, de alguma forma, nebulosas. Borradas. Como se ele tivesse se tornado uma sombra viva e respirante.

— Oh, meu Deus, — eu respirei.

Os olhos de Reid se arregalaram. Ele me empurrou para trás, puxando sua Balisarda da bandoleira debaixo do casaco. — Fique atrás...

— Não! — Abaixei-me sob o seu braço e me joguei na frente de sua faca. — Deixe-o em paz! Ele não está machucando ninguém!

— *Olhe* para ele, Lou...

— Ele é inofensivo! — Eu lutei com seu braço. — Não toque nele!

— Nós não podemos simplesmente deixá-lo aqui...

— Deixe-me falar com ele, — implorei. — Talvez ele volte para a torre comigo. Eu… Eu sempre o visitei na enfermaria. Talvez ele me escute.

Reid olhou entre nós dois ansiosamente. Depois de um longo segundo, seu rosto endureceu. — Fique perto. Se ele se mexer para machucá-la, fique atrás de mim. Você entendeu?

Eu teria revirado os olhos se não estivesse tão aterrorizada. — Eu posso me virar, Reid.

Ele pegou minha mão e a esmagou contra o peito. — *Eu tenho uma lâmina que corta a magia. Você entendeu?*

Engoli em seco e assenti.

Bernie nos assistiu se aproximar com olhos completamente vazios. — Bernie? — Eu sorri encorajadoramente, consciente da faca de Andre na minha bota. — Bernie, você se lembra de mim?

Nada.

Estendi a mão para ele, e algo cintilou atrás de seus olhos vazios quando meus dedos roçaram sua pele. Sem aviso, ele se lançou sobre a lixeira na minha direção. Eu gritei e tropecei para trás, mas ele segurou minha mão em um aperto de torniquete. Um olhar assustador dividiu seu rosto. — Estou indo atrás de você, querida.

Medo puro adornou minha espinha. Paralisando-me.

Estou indo atrás de você, querida... querida... querida...

Reid me puxou para trás com um grunhido, torcendo o pulso de Bernie com força brutal. Seus dedos enegrecidos se espalharam, e eu consegui arrancar minha mão. Assim que nosso contato cessou, Bernie ficou mole mais uma vez - como uma marionete com cordas cortadas.

Reid o esfaqueou de qualquer maneira.

Quando a Balisarda perfurou seu peito, as sombras que envolviam sua pele derreteram em nada, revelando o verdadeiro Monsieur Bernard pela primeira vez.

A bile subiu na minha garganta enquanto eu observava sua pele fina como papel, o branco de seus cabelos, as linhas de risadas ao redor de sua boca. Apenas seus olhos leitosos continuavam os mesmos. Cegos. Ele ofegou e engasgou quando o sangue - vermelho desta vez, limpo e imaculado - floresceu em seu peito. Caí de joelhos ao lado dele, pegando suas mãos nas minhas. Lágrimas corriam livremente pelo meu rosto. — Sinto muito, Bernie.

Seus olhos se voltaram para mim uma última vez. Então se fecharam.

Os vagões cobertos das Ye Olde Sisters se reuniram do lado de fora da igreja, mas eu quase não os vi. Me movendo como se estivesse no corpo de outra pessoa, flutuei silenciosamente acima da multidão.

Bernie estava morto. Pior - ele foi encantado pela minha mãe.

Estou indo atrás de você, querida.

As palavras ecoaram em meus pensamentos. De novo e de novo e de novo. Inconfundíveis.

Estremeci, lembrando a maneira como Bernie havia reanimado com o meu toque. O jeito que ele me observava tão de perto na enfermaria. Eu tolamente pensei ele queria acabar com sua dor quando tentou pular da janela da enfermaria. Mas a fuga dele... O aviso de madame Labelle...

O momento não poderia ter sido coincidência. Ele estava tentando ir para minha mãe.

Reid não disse nada enquanto caminhávamos para o nosso quarto. A morte de Bernie parecia tê-lo atingido de maneira semelhante. Sua pele dourada ficou pálida e suas mãos tremiam um pouco quando ele abriu a porta do quarto. Morte. Seguia onde quer que eu fosse, tocando tudo e todos que eram importantes para mim. Parecia que eu não podia fugir disso. Não era possível me esconder. Esse pesadelo nunca terminaria.

Quando ele fechou a porta firmemente atrás de nós, arranquei minha nova capa e meu vestido ensanguentado, jogando a faca de Andre na mesa.

Desesperada para limpar toda a memória de sangue na minha pele. A faca não me protegeria, de qualquer maneira. Não dela. Puxando um vestido novo sobre a cabeça, tentei e falhei em esconder meus dedos trêmulos. A boca de Reid pressionou em uma linha fina enquanto ele me observava, e eu sabia pelo tenso silêncio que se estendia entre nós que ele não me daria trégua.

— O quê? — Eu afundei na cama, o cansaço vencendo todos os vestígios de orgulho.

Seu olhar não suavizou. Não dessa vez. — Você está escondendo algo de mim.

Mas eu não tinha forças para essa conversa agora. Não depois de Madame Labelle e Bernie. Não depois da realização incapacitante que minha mãe sabia onde eu estava.

Eu caí no meu travesseiro, pálpebras pesadas. — Claro que estou. Eu falei isso no sótão de Soleil et Lune.

— O que Madame Labelle quis dizer quando perguntou se eu conhecia o seu *verdadeiro* eu?

— Quem poderia saber? — Eu me sentei, oferecendo a ele um sorriso fraco. — Ela é extremamente louca.

Seus olhos se estreitaram e ele apontou para o Anel de Angélica no meu dedo. — Ela estava falando sobre o seu anel. Ela deu a você?

— Eu não sei, — eu sussurrei.

Ele passou a mão pelo cabelo, claramente ficando mais agitado a cada segundo. — *Quem* está vindo atrás de você?

— Reid, por favor...

— Você está em perigo?

— Eu não quero falar sobre...

Ele bateu na mesa com o punho e uma das pernas se quebrou. — Me diga, Lou!

Eu me afastei dele instintivamente. Sua fúria estilhaçou com o pequeno movimento, e ele caiu de joelhos diante de mim, os olhos ardendo de emoção não dita - com medo. Ele pegou minhas mãos como se fossem uma tábua de salvação.

— Eu não posso protegê-la se você não me permitir, — ele implorou. — Seja o que for, do que você tem tanto medo, pode me dizer. É sua mãe? Ela está procurando por você?

Eu não consegui parar as lágrimas caindo pelo meu rosto. Um medo maior do que qualquer outro que eu já conheci tomou conta de mim enquanto olhava para ele. Eu tinha que dizer a verdade. Aqui. Agora.

Já era tempo.

Se minha mãe sabia onde eu estava, Reid também estava em perigo. Morgane não hesitaria em matar um Chasseur, especialmente se ele estivesse entre ela e seu prêmio. Ele não podia ser pego de surpresa. Ele tinha que estar preparado.

Lentamente... Eu assenti.

Seu rosto ficou sombrio com a confissão. Ele segurou minhas bochechas, afastando minhas lágrimas com uma ternura em desacordo com a ferocidade de seu olhar. — Não deixarei que ela te machuque de novo, Lou. Eu protegerei você. Tudo ficará bem.

Eu balancei minha cabeça. As lágrimas caíram mais rápido agora. — Eu preciso te contar uma coisa. — Minha garganta se contraiu, como se meu próprio corpo se rebelasse contra o que eu estava prestes a fazer. Como se soubesse o destino que o esperava se as palavras escapassem. Engoli em seco, forçando as palavras a saírem antes que eu pudesse mudar de ideia. — A verdade é que...

A porta se abriu e, para minha surpresa, o arcebispo entrou.

Reid se levantou e se curvou ao mesmo tempo, seu rosto registrando a mesma surpresa - e cautela. — Senhor?

Os olhos do arcebispo deslizaram entre nós, ferozes e determinados. — Acabamos de receber notícias da guarda real, Reid. Dezenas de mulheres se reuniram do lado de fora do castelo, e o rei Auguste está nervoso. Apresse-se para dissolvê-las. Convoque todos os Chasseur que puder.

Reid hesitou. — Alguém confirmou magia, senhor?

As narinas do arcebispo se alargaram. — Você sugeriria que esperássemos para descobrir?

Reid olhou para mim, dividido, mas eu engoli em seco e assenti. As palavras que eu não tinha falado congelaram no fundo da minha garganta, me sufocando. — Vá.

Ele se inclinou para dar um aperto rápido na minha mão. — Eu sinto muito. Mandarei Ansel para você até eu voltar...

— Não precisa, — disse o arcebispo secamente. — Eu vou ficar com ela.

Nós nos viramos como um para encarar ele. — Você... você, senhor?

— Eu tenho um assunto urgente para discutir com ela.

A mão de Reid permaneceu no meu joelho trêmulo. — Senhor, se me permite pedir, você poderia adiar essa conversa? Ela teve um dia muito difícil e ainda está se recuperando de...

O arcebispo o espetou com um olhar furioso. — Não, eu não posso. E enquanto você se ajoelha discutindo comigo, as pessoas podem estar morrendo. Seu *rei* pode estar morrendo.

A expressão de Reid endureceu. — Sim, senhor. — Maxilar tenso, ele soltou minha mão e deu um beijo na minha testa. — Nós *vamos* conversar mais tarde. Eu prometo.

Com um pressentimento ruim, o vi caminhar em direção à porta. Ele parou no limiar e se virou para mim. — Eu amo você, Lou.

Então ele se foi.

Ye Olde Sisters

Lou

Eu olhei para o corredor por um momento inteiro antes que suas palavras afundassem.

Eu amo você, Lou.

O calor se espalhou das pontas dos meus dedos até os dedos dos pés, afugentando o medo entorpecedor que me atormentava. Ele me amava. Ele me *amava*.

Isso mudou tudo. Se ele me amasse, não importaria que eu fosse uma bruxa. Ele me amaria de qualquer maneira. Ele entenderia. Ele realmente *iria* me proteger.

Se ele me amasse.

Eu quase tinha esquecido o arcebispo até ele falar. — Você o enganou.

Eu me virei para ele em transe. — Você pode sair. — As palavras vieram sem a mordida que eu pretendia. Algumas lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto, mas eu as afastei com impaciência. Eu não queria nada além de aproveitar o calor inebriante que me dominava. — Você realmente não precisa ficar. A apresentação deve começar em breve.

Ele não se mexeu, continuando como se não tivesse me ouvido. — Você é uma atriz muito boa. Claro, eu deveria ter esperado, mas não vou me envergonhar sendo enganado duas vezes.

Minha bolha de felicidade murchou um pouco. — Do que você está falando?

Ele me ignorou mais uma vez. — É quase como se você realmente se importasse com ele. — Caminhando em direção à porta, ele a fechou com um *estalo* ameaçador. Eu me levantei, olhando a gaveta da mesa onde eu guardara a faca de Andre. Os lábios dele se curvaram. — Mas nós dois sabemos que isso não é possível.

Cheguei mais perto da mesa. Embora Reid confiasse implicitamente em seu patriarca, eu sabia melhor. Aquele brilho furtivo ainda brilhava em seus olhos, e eu com certeza não ficaria presa em uma cama.

Como se estivesse lendo minha mente, ele parou - mudou de posição e ficou em frente à gaveta da mesa. Minha boca ficou seca. — Eu *me importo* com ele. Ele é meu marido.

— 'E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo.' — Seus olhos brilharam. — *Você* é aquela serpente, Louise. Uma víbora. E não vou permitir que você destrua Reid por mais um momento. Não posso mais ficar parado...

Uma batida soou na porta. Sobrancelhas unidas com raiva, ele girou em uma tempestade de vermelho e amarelo. — Entre!

Um pajem enfiou a cabeça dentro do quarto. — Perdão, Eminência, mas todo mundo está esperando pelo senhor lá fora.

— Estou *ciente*, — retrucou o arcebispo, — e logo me juntarei para testemunhar o hedonismo momentaneamente. Tenho negócios a tratar aqui primeiro.

Alheio à repreensão, o garoto saltou na ponta dos pés em uma antecipação mal contida. Seus olhos brilhavam de excitação. — Mas a apresentação está prestes a começar, senhor. Eles me disseram para vir buscá-lo. A multidão está ficando inquieta.

Um músculo agitado flexionou na mandíbula do arcebispo. Quando seus olhos de aço finalmente se fixaram em mim, acenei em direção à porta, enviando uma silenciosa oração de agradecimento. — Você não quer deixá-los esperando.

Ele arreganhou os dentes em um sorriso. — Você deve me acompanhar, é claro.

— Eu não acho que isso seja necessário...

— Bobagem. — Ele realmente estendeu a mão e agarrou meu braço, colocando-o firmemente sob o dele. Eu me afastei do contato instintivamente, mas não adiantou. Em segundos, ele me arrastou para o corredor. — Prometi a Reid que ficaria com você e ficarei com você.

A multidão andava pelos vagões comendo guloseimas e segurando pacotes de papel pardo, o nariz vermelho de um dia de compras no frio. O arcebispo acenou quando os viu - depois parou quando notou o grupo eclético de artistas nos degraus da catedral.

Ele não era o único. Os que não se deliciavam com macarons e avelãs sussurravam atrás das mãos em desaprovação. Uma palavra se elevou acima do resto, um assobio suave repetido várias vezes ao vento.

Mulheres.

As atrizes desta tropa eram todas mulheres.

E não apenas mulheres: embora tivessem idades variadas, de velhas a donzelas, todas se mantinham com a graça reveladora dos artistas. Orgulhosas e eretas, mas também fluidas. Elas assistiram a multidão murmurar com sorrisos travessos. Já se apresentando antes do show começar. A caçula não deveria ter mais de treze anos e piscou para um homem com o dobro da sua idade. Ele quase engasgou com a pipoca.

Não sei o que esses idiotas esperavam. O nome da trupe era Ye Olde *Sisters*.

— Abominável. — O arcebispo parou no topo da escada, curvando os lábios. — Uma mulher nunca deve se rebaixar com uma profissão tão indigna de reputação.

Eu sorri e retirei meu braço do dele. Ele não me parou. — Ouvi dizer que elas são muito talentosas.

Com minhas palavras, a caçula nos viu. Seus olhos encontraram os meus, e ela deu um sorriso travesso. Com um movimento imperioso de seus cabelos cor de trigo, ela levantou as mãos para a multidão. — *Joyeux Noël à tous!* Nosso convidado de honra chegou! Quietos, agora, para que possamos começar nossa apresentação especial!

A multidão silenciou instantaneamente, e os olhos em todos os lugares se voltaram para ela em antecipação. Ela fez uma pausa, os braços ainda abertos, para aproveitar a atenção deles. Para alguém tão jovem, ela possuía uma quantidade incomum de confiança. Até o arcebispo ficou paralisado. Ao seu aceno de cabeça, as outras atrizes entraram em um dos vagões.

— Todos conhecemos a história de São Nicolau, portador de presentes e protetor de crianças. — Ela girou em um círculo lento, os braços ainda abertos. — Sabemos que o açougueiro do mal, Père Fouettard, atraiu os tolos irmãos para seu açougue e os *cortou* em pedacinhos. — Ela passou a mão no ar para imitar uma faca. Aqueles perto dela recuaram com olhares de reprovação. — Sabemos que São Nicolau chegou e derrotou Père Fouettard. Sabemos que ele ressuscitou as crianças e as devolveu a salvo e inteiras aos pais. — Ela inclinou a cabeça. — Conhecemos essa história. Nós o estimamos. É por isso que nos reunimos todos os anos para celebrar São Nicolau.

— Mas hoje - hoje trazemos uma história diferente. — Ela fez uma pausa, outro sorriso travesso tocando seus lábios. — Menos conhecida e de natureza mais sombria, mas ainda é a história de um homem santo. Vamos chamá-lo de arcebispo.

O arcebispo se enrijeceu ao meu lado quando uma mulher saiu do vagão vestindo mantos corais estranhamente semelhantes aos dele. Até os tons de vermelho e dourado combinavam. Ela treinou o rosto em uma expressão severa. Sobrancelhas franzidas, boca apertada.

— Era uma vez um lugar distante, — começou a jovem narradora, sua voz ficando musical, — ou não tão longe, como é realmente o caso, vivia um menino órfão, amargo e ignorado, que encontrou seu chamado no trabalho do Senhor.

A cada palavra, a mulher que representava o arcebispo se aproximava, erguendo o queixo para empinar o nariz. O verdadeiro arcebispo permaneceu imóvel como pedra. Eu arrisquei um olhar para ele. Seu olhar estava fixo na jovem narradora, seu rosto visivelmente mais pálido do que alguns momentos atrás. Eu fiz uma careta.

O arcebispo falso acendeu um fósforo e o segurou diante de seus olhos, observando-o fumaçar e queimar com fervor inquietante. A narradora baixou a voz para um sussurro dramático. — Com fé e fogo em seu coração, ele perseguiu os ímpios e os enviava para queimar na fogueira pelo mal cometido... para a palavra do Senhor nenhuma mágica é permitida.

Meu senso de pressentimento ruim voltou dez vezes mais forte. Algo estava errado aqui.

Uma comoção na rua distraiu a platéia, e os Chasseurs apareceram. Reid cavalgava na frente, com Jean Luc seguindo logo atrás. Suas expressões idênticas de alarme estavam claras quando se aproximaram, mas os vagões da tropa - e a platéia - bloqueavam a rua. Eles correram para desmontar. Fui na direção deles, mas o arcebispo pegou meu braço. — Fique.

— Perdão?

Ele balançou a cabeça, os olhos ainda fixos no rosto da narradora. — Fique perto de mim. — A urgência em sua voz acalmou meus pés, e meu desconforto se aprofundou. Ele não soltou meu braço, sua pele úmida e fria na minha. — Aconteça o que acontecer, não saia do meu lado. Você entendeu?

Algo estava *muito* errado aqui.

O arcebispo falso levantou o punho. — Não permitirás que uma bruxa viva!

A narradora se inclinou para frente com um brilho perverso nos olhos e levou a mão à boca, como se estivesse revelando um segredo. — Mas ele não se lembrou do pedido de Deus de perdoar. Assim, o Destino, uma amante cruel e astuta, planejou outro fim para este homem sanguinário.

Uma mulher alta e elegante, com pele morena profunda, saiu de um vagão próximo. Suas vestes negras ondulavam enquanto ela circulava o Arcebispo falso, mas ele não a viu. O aperto do verdadeiro arcebispo em mim aumentou.

— Uma bruxa bonita, disfarçada de donzela, logo atraiu o homem pelo caminho do inferno. — Uma terceira mulher caiu do vagão, vestida com deslumbrantes vestes brancas. Ela gritou, e o arcebispo falso avançou.

— O que está acontecendo? — Eu assobiei, mas ele me ignorou.

O arcebispo falso e a mulher de branco se moveram em um círculo sensual um ao redor do outro. Ela arrastou a mão pela bochecha dele, e ele a abraçou. O Destino olhou com um sorriso sinistro para os dois. A multidão murmurou, olhando entre os atores e o arcebispo. Reid parou de tentar atravessar a multidão. Ele ficou enraizado no local, assistindo a performance através dos olhos estreitos. Um zumbido começou nos meus ouvidos.

— Para a cama ele a levou, abandonando seu juramento, reverenciando seu corpo - a curva de sua garganta. — Com isso, a narradora olhou para o arcebispo e piscou. O sangue sumiu do meu rosto, e minha visão se estreitou em sua pele de marfim, no brilho jovem que emanava dela. Para seus olhos verdes assustadoramente familiares. Como esmeraldas.

O zumbido ficou mais alto, e minha mente esvaziou de pensamentos coerentes. Meus joelhos dobraram.

O arcebispo falso e a mulher de branco se abraçaram, e a multidão ofegou, escandalizada. A narradora gargalhou. — Ela esperou até o pico do pecado dele para se revelar e revelar a magia interior. Então ela pulou da cama dele e entrou na noite. Como ele amaldiçoou os cabelos beijados pela lua e a pele branca!

A mulher de branco gargalhou e se soltou do aperto do falso arcebispo. Ele caiu de joelhos, punhos erguidos, enquanto ela fugia de volta para o vagão.

Cabelos beijados pela lua. Pele branca.

Eu me virei lentamente, meu coração batendo em um ritmo violento em meus ouvidos, para encarar o arcebispo. Seu aperto na minha mão ficou doloroso. — Ouça-me, Louise...

Eu me afastei com um rosnado. — Não me *toque*.

A voz da narradora aumentou. — A partir daquela noite, ele se esforçou para esquecer, mas infelizmente! O destino ainda não se cansara dele.

A mulher de branco reapareceu, seu estômago inchado com uma criança. Ela deu uma pirueta graciosa, seu vestido se espalhando ao redor dela e, pelas dobras da saia, ela puxou um bebê. Não mais que um ano de idade, a criança murmurou e riu, seus olhos azuis enrugando de prazer. Uma constelação de sardas já salpicava seu nariz. O falso arcebispo caiu de joelhos quando a viu, rasgando o rosto e as vestes. Seu corpo arfava com gritos silenciosos. A multidão esperava com a respiração presa.

A narradora se inclinou ao lado dele e acariciou suas costas, cantando suavemente em seu ouvido. — Logo veio uma visita da bruxa que ele desprezou com a pior notícia de todas, — ela fez uma pausa e olhou para a multidão, sorrindo maliciosamente, — ela deu à luz a filha dele.

Reid invadiu a multidão quando os resmungos ficaram mais altos, quando eles se viraram para encarar o arcebispo, a descrença em seus olhos mudando para suspeita. Os Chasseurs o seguiram, com as mãos apertadas nas Balisardas. Alguém gritou alguma coisa, mas as palavras foram perdidas no tumulto.

A narradora levantou-se devagar, o rosto jovem e sereno no meio do caos crescente, e virou-se para nós. Em *minha* direção.

O rosto dos meus pesadelos.

O rosto da morte.

— E não foi com qualquer uma que ele compartilhou uma filha. — Ela sorriu e estendeu as mãos para mim, o rosto envelhecido, o cabelo reluzindo em prata brilhante. Gritos irromperam atrás dela. Reid estava correndo agora, gritando algo indiscernível. — Mas com *a* bruxa, a rainha... La Dame des Sorcières.

Parte III

C’est cela l’amour, tout donner, tout sacrifier sans espoir de retour.
Isso é amor, doar tudo, sacrificar tudo, sem o menor desejo de receber algo em troca.
—Albert Camus

Secrets Revealed

Lou

Gritos rasgam o ar, e a multidão se espalha em pânico e confusão. Eu perdi Reid de vista. Eu perdi todos de vista, menos minha mãe. Ela ficou parada na multidão, um farol branco nas sombras iminentes. Sorrindo. Mãos estendidas em súplica.

O arcebispo me puxou para trás dele enquanto as bruxas convergiam. Eu me encolhi, incapaz de processar as emoções que pulsavam através de mim - a descrença selvagem, o medo debilitante, a *raiva* violenta. A bruxa de preto, Destino, nos alcançou primeiro, mas o arcebispo arrancou a Balisarda de suas vestes e a enfiou profundamente no seu peito. Ela cambaleou escada abaixo nos braços da irmã. Outra gritou e avançou.

Azul brilhou, e uma faca cortou seu peito por trás. Ela ofegou, agarrando-se impotente à ferida, antes que uma mão a empurrasse para frente. Ela deslizou da lâmina lentamente e caiu no chão.

Lá estava Reid.

A Balisarda dele pingava com o sangue dela, e seus olhos ardiam de ódio primordial. Jean Luc e Ansel lutavam atrás dele. Com um rápido movimento da cabeça, ele fez um sinal para eu ir para frente. Não hesitei, abandonando o arcebispo e correndo para seus braços estendidos.

Mas as bruxas continuaram chegando. Mais e mais pareciam aparecer do nada. Pior - eu tinha perdido minha mãe de vista.

Um homem encantado, com olhos vazios, avançou pesadamente para encontrar o arcebispo. Uma bruxa estava logo atrás, torcendo os dedos com um rosnado feroz. Magia explodiu no ar. — Leve-a para dentro! — Exclamou o arcebispo. — Escondam-se na torre!

— Não! — Afastei-me de Reid. — Me dê uma arma! Eu posso lutar!

Três pares de mãos me agarraram, todos me arrastando de volta para a igreja. Outros caçadores invadiram a multidão agora. Eu assisti horrorizada enquanto eles tiravam seringas de prata de seus casacos.

Reid fechou as portas da igreja quando novos gritos começaram.

Movendo-se rapidamente, ele começou a levantar a enorme viga de madeira contra as portas. Jean Luc correu para ajudar, enquanto Ansel pairava ao meu lado, com o rosto branco. — Era tudo verdade… o que as bruxas disseram? O arcebispo tem... ele tem uma criança com Morgane le Blanc?

— Talvez. — Os ombros de Jean Luc se flexionaram sob o peso da viga. — Mas talvez tenha sido tudo uma distração. — Com um último suspiro,

eles colocaram a viga no lugar. Ele me olhou de cima a baixo, respirando pesadamente. — Igual às bruxas no castelo. Elas estavam quase quebrando as paredes quando chegamos. Então elas desapareceram.

Vidro quebrou, e nós olhamos para cima para ver uma bruxa rastejando pela janela rosa centenas de metros acima de nós. — Ai, meu Deus. — Ansel respirou, o rosto se contorcendo de horror.

Jean Luc me empurrou para frente. — Leve-a para cima! Eu vou lidar com a bruxa!

Reid pegou minha mão e, juntos, corremos para a escada. Ansel logo atrás.

Quando chegamos ao nosso quarto, Reid fechou a porta e empurrou a Balisarda na maçaneta. No momento seguinte, ele atravessou o quarto para espiar pela janela, passando a mão pelo casaco para recuperar uma pequena bolsa. Sal. Ele jogou os cristais brancos ao longo da borda da janela freneticamente.

— Isso não vai ajudar. — Minha voz saiu baixa e fervorosa - culpada.

As mãos de Reid pararam e ele se virou lentamente para me encarar. — Por que as bruxas estão atrás de você, Lou?

Abri a boca, procurando desesperadamente por uma explicação razoável, mas não a encontrei. Ele agarrou minha mão e se inclinou, abaixando a voz. — A verdade agora. Não posso protegê-la sem ela.

Respirei fundo, me preparando. Toda risada, todo olhar, todo toque - tudo se resumia a esse momento.

Ansel fez um barulho estrangulado atrás de nós. — Cuidado!

Nós nos viramos para ver uma bruxa pairando do lado de fora da janela, seu cabelo escuro chicoteando ao redor dela com um vento violento. Meu coração parou. Ela pisou no peitoril, atravessando a linha de sal.

Reid e eu nos movemos na frente do outro no mesmo instante. Seu pé esmagou o meu, e eu caí de joelhos. A bruxa inclinou a cabeça quando ele se jogou para mim - para *mim*, não para sua Balisarda.

Ansel não cometeu o mesmo erro. Ele se lançou em direção a faca, mas a bruxa foi mais rápida. Com um movimento brusco de seu pulso, o forte cheiro de magia atacou meu nariz, e Ansel voou contra a parede. Antes que eu pudesse detê-lo - antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, exceto gritar um aviso - Reid se lançou para ela.

Com outro movimento do seu pulso, o corpo dele voou para cima e sua cabeça bateu no teto. O quarto inteiro tremeu. Outro movimento, e ele caiu no chão aos meus pés, assustadoramente imóvel.

— Não! — Meu coração pulando na minha garganta, eu o rolei com os dedos frenéticos. Os olhos dele tremeram. Vivo. Minha cabeça virou na direção da bruxa de cabelos castanhos. — *Sua puta*.

Seu rosto se torceu em um rosnado feroz. — Você queimou minha irmã.

Uma lembrança veio à tona - uma mulher de cabelos escuros na parte de trás da multidão, soluçando enquanto Estelle queimava. Eu empurrei essa lembrança para longe.

— Ela teria me levado. — Levantando minhas mãos com cautela, eu procurei no meu cérebro por um padrão. Pedaços de ouro cintilaram rapidamente ao seu redor. Eu desejei que eles se solidificassem quando ela desceu, flutuando, do peitoril.

Círculos profundos cobriam seus olhos vermelhos, e suas mãos tremiam de raiva. — Você desonra sua mãe. Você desonra as Dames Blanches.

— As Dames Blanches podem queimar no inferno.

— Você não é digna da honra que Morgane concede a você. Você nunca foi.

Cordas douradas serpenteavam entre seu corpo e o meu. Eu peguei uma aleatoriamente e a segui, mas ela se ramificou em centenas de outras, envolvendo nossos ossos. Recuei delas, o custo e o risco muito alto.

Ela arreganhou os dentes e levantou as mãos em resposta, os olhos brilhando de ódio. Eu me preparei para o golpe, mas ele nunca veio. Embora ela empurrasse a mão em minha direção repetidas vezes, cada explosão passava pela minha pele e se dissipava.

O Anel de Angélica queimava forte no meu dedo - enviando seus padrões.

Ela olhou para ele, incrédula. Eu levantei minhas mãos mais alto com um sorriso, os olhos iluminando um padrão promissor. Recuando, ela olhou para a Balisarda, mas eu cerrei meus punhos antes que ela pudesse alcançá-la.

Ela colidiu com o teto em um arco idêntico ao de Reid, e pedaços de madeira e argamassa caíram sobre minha cabeça. Meu batimento cardíaco diminuiu em resposta, minha visão girando, quando ela caiu no chão. Eu levantei minhas mãos - tateando por um segundo padrão, algo para roubar sua consciência - mas ela me atacou na cintura em direção à mesa.

A mesa.

Abri a gaveta, fechando a mão em volta da minha faca, mas ela pegou meu pulso e o torceu bruscamente. Com um grito feroz, ela bateu a cabeça no meu nariz. Eu cambaleei para o lado - sangue escorrendo pelo meu queixo - enquanto ela arrancava a faca do meu alcance.

A Balisarda de Reid brilhava na porta. Eu avancei para pegá-la, mas ela passou minha faca na frente do meu nariz, bloqueando meu caminho. O ouro brilhou brevemente, mas eu não conseguia me concentrar, não conseguia pensar. Eu empurrei meu cotovelo nas costelas dela. Quando ela se afastou, se dobrou e ofegou, finalmente vi minha oportunidade.

Meu joelho se conectou com o rosto dela e ela largou minha faca. Eu a peguei triunfantemente.

— Vá em frente. — Ela agarrou seu lado, o sangue pingando do nariz dela no chão. — Me mate como você matou Estelle. *Assassina de bruxa.*

As palavras eram mais afiadas do que a faca jamais poderia ser.

— Eu... eu fiz o que tinha que...

— Você matou alguém do seu povo. Você se casou com um caçador. *Você* é a única Dame Blanche que queimará no inferno, Louise Le Blanc. —

Ela se endireitou, cuspindo um bocado de sangue no chão e limpando o queixo. — Venha comigo agora - aceite seu direito de primogenitura - e a Deusa ainda poderá poupar sua alma.

Gavinhas de dúvida serpentearam ao redor do meu coração com suas palavras.

Talvez eu queimasse no inferno pelo que fiz para sobreviver. Eu menti, roubei e matei sem hesitar em minha incansável busca pela *vida*. Mas quando viver uma vida dessas passou a valer à pena? Quando eu me tornei tão cruel, tão acostumada ao sangue em minhas mãos?

Quando eu me tornei uma *deles,* mas pior que os dois? Pelo menos as Dames Blanches e Chasseurs haviam escolhido um lado. Cada um representava *algo*, mas eu não representava nada. Uma covarde.

Tudo que eu queria era sentir o sol no meu rosto uma última vez. Eu não queria morrer naquele altar. Se isso me fez uma covarde… que assim seja.

— Com seu sacrifício, recuperaremos nossa terra natal. — Ela se aproximou como se sentisse minha hesitação, torcendo suas mãos ensanguentadas. — Você não entende? Vamos *governar* Belterra novamente...

— Não, — opus, — *vocês* governarão Belterra. *Eu* estarei morta.

Seu peito arfava com paixão. — Pense na vida das bruxas que você salvará com seu sacrifício!

— Eu não posso permitir que você massacre pessoas inocentes. — Minha voz se acalmou com determinação. — *Tem* que haver outra maneira...

Minhas palavras vacilaram quando Reid ficou de joelhos na minha visão periférica. O rosto da bruxa não era totalmente humano quando ela se virou para olhá-lo - quando ela levantou a mão. Senti a energia não natural brilhando entre eles, senti o golpe da morte antes que ela atacasse.

Eu joguei uma mão em direção a ele desesperadamente. — Não!

Reid voou para o lado - os olhos arregalando quando minha magia o levantou - e a energia negra da bruxa explodiu na parede. Mas meu alívio durou pouco. Antes que eu pudesse alcançá-lo, ela correu para o lado dele e pressionou a faca na sua garganta, enfiando a mão no casaco dele para retirar algo pequeno. Algo prateado.

Eu olhei para ela horrorizada. Um sorriso cruel dividiu seu rosto enquanto Reid lutava. — Venha aqui, ou eu cortarei a garganta dele.

Meus pés se moveram em direção a ela sem hesitar. Instintiva. Embora parecessem como chumbo, embora de repente desajeitados e rígidos, eles sabiam para onde eu tinha que ir. Onde eu sempre estaria destinada a ir. Desde o nascimento. Desde a concepção. Se isso significasse que Reid viveria, eu morreria de bom grado.

Com o peito arfante, Reid olhou resolutamente para o chão quando me aproximei. Ele não fugiu quando a bruxa o soltou, não se moveu para detê-la quando ela esfaqueou a agulha na minha garganta.

Senti perfurar minha pele como se eu estivesse no corpo de outra pessoa - a dor desconectada, de alguma forma, quando o líquido espesso congelou em minhas veias. Estava frio. Os dedos gelados deslizaram firmemente pela minha espinha - paralisando meu corpo - mas não era nada comparado ao gelo no olhar de Reid quando ele finalmente olhou para mim.

Esse foi o gelo que perfurou meu coração.

Eu caí para frente, os olhos nunca deixando seu rosto. *Por favor,* implorei silenciosamente. *Entenda.*

Mas não havia entendimento em seus olhos enquanto ele observava meu corpo cair no chão, enquanto meus membros começavam a ter espasmos e tremerem. Havia apenas choque, raiva e... nojo. Se foi o homem que se ajoelhou diante de mim e gentilmente enxugou minhas lágrimas. Se foi o homem que me segurou no telhado, que riu das minhas piadas, defendeu minha honra e me beijou sob as estrelas.

Se foi o homem que alegou me amar.

Agora, havia apenas o Chasseur.

E ele me odiava.

Lágrimas rastejaram através do sangue no meu rosto até o chão. Era o único sinal externo de que meu coração se partira em dois. Mesmo assim, Reid não se mexeu.

A bruxa levantou meu queixo, perfurando minha pele com as unhas. Preto pairou nas bordas da minha visão, e lutei para permanecer consciente. A droga rodou em minha mente, me tentando com o esquecimento. Ela se inclinou para o meu ouvido. — Você pensou que ele iria protegê-la, mas ele mesmo a amarraria em uma estaca. Olhe para ele, Louise. Veja o ódio dele.

Com enorme esforço, levantei minha cabeça. Os dedos dela se afrouxaram de surpresa.

Eu olhei diretamente nos olhos de Reid. — Eu amo você.

Então eu apaguei.

Oblivion

Lou

Quando acordei, eu estava vagamente ciente do chão se movendo embaixo de mim - e um longo e magro par de braços. Eles se enrolaram na minha cintura, me segurando perto. Então veio a dor latejante na minha garganta. Apertei a mão nela, sentindo sangue fresco.

— Lou, — uma voz familiar disse ansiosamente. — Você consegue me ouvir?

Ansel.

— Acorde, Lou. — O chão ainda se movia. Algo caiu nas proximidades, seguido por um *buum* estrondoso. Uma mulher gargalhou. — Por favor, acorde!

Meus olhos se abriram.

Eu estava esparramada no chão atrás da cama com a cabeça no colo de Ansel, uma seringa descartada ao nosso lado.

— É o antídoto, — ele sussurrou freneticamente. — Não havia o suficiente para uma dose completa. Ele está perdendo, Lou. A bruxa, ela destruiu a porta. A Balisarda dele voou para o corredor. Você tem que ajudá-lo. Por favor!

Ele está perdendo.

Reid.

A adrenalina cravou em mim e me sentei rapidamente, tossindo na poeira que invadia o ar. O mundo girou ao meu redor. Reid e a bruxa dizimaram o quarto; havia buracos no chão e nas paredes, e a mesa e a cabeceira estavam em estilhaços. Ansel me arrastou para fora do caminho quando um pedaço de argamassa caiu no chão onde minhas pernas estavam.

Reid e a bruxa se rodeavam no centro da sala, mas Reid parecia estar tendo dificuldade em se mover. Ele rangeu os dentes, forçando seus músculos a obedecerem enquanto balançava minha faca para a bruxa. Ela disparou facilmente para fora de alcance antes de estalar os dedos mais uma vez. Reid inalou profundamente como se ela o tivesse atingido.

Eu me levantei. A escuridão ainda rodava na minha visão, e meus membros estavam tão desajeitados e pesados quanto os de Reid. Mas isso não importava. Eu tinha que acabar com isso.

Nenhum dos dois me viram. A bruxa empurrou a mão para a frente e Reid se abaixou. A explosão atingiu a parede. Um sorriso sádico brincou nos lábios dela. Ela estava brincando com ele. Brincando com o homem que queimou sua irmã.

Ansel acompanhava todos os movimentos da bruxa. — Todo mundo ainda está lá fora.

Eu balancei, a visão embaçada quando levantei minhas mãos. Mas não havia nada. Eu não conseguia me concentrar. A sala inclinou-se e girou.

O olhar da bruxa se voltou para nós. Reid se moveu para atacar, mas ela sacudiu o pulso, jogando-o contra a parede mais uma vez. Comecei a andar para frente quando ele caiu.

— Você é uma tola, — disse a bruxa. — Você viu o ódio dele, mas ainda assim corre para ajudá-lo...

Um fio surgiu, emergindo da sua caixa de voz. Eu cerrei meu punho, e suas palavras morreram em sua garganta. Meu sangue fluiu mais grosso das perfurações da seringa enquanto ela lutava para respirar. Eu balancei novamente, quebrando a concentração, mas Ansel me pegou antes que eu pudesse cair. A bruxa ofegou e apertou a garganta quando a respiração voltou.

Eu estava fraca demais para continuar lutando. Eu mal podia ficar de pé, muito menos lutar com uma bruxa e esperar vencer. Eu não tinha força física para dar, e minha mente estava muito saturada de drogas para distinguir padrões.

— Vocês dois se merecem. — A bruxa me arrebatou dos braços de Ansel, e eu voei pelo ar e colidi com o peito de Reid. Ele cambaleou para trás com o impacto, mas seus braços me envolveram, suavizando o golpe. Estrelas dançavam na minha visão.

O grito de guerra de Ansel me reviveu, mas também foi interrompido. Outro baque soou atrás de nós e ele caiu em nossos joelhos.

— Eu não consigo... vencê-la. — Embora meu sangramento tivesse parado, eu ainda me sentia fraca. Tonta. Eu não conseguia manter meus olhos abertos. — Fraca… demais.

A escuridão me chamou e minha cabeça balançou.

Mas o aperto de Reid em mim ficou quase doloroso. Meus olhos se abriram ao vê-lo olhando para mim com determinação.

— Me use.

Eu balancei minha cabeça com tanta força quanto pude reunir. Estrelas pontilhavam minha visão.

— Poderia funcionar. — Ansel assentiu freneticamente e Reid me soltou. Eu balancei nos meus pés. — As bruxas usam outras pessoas o tempo todo!

Abri minha boca para dizer *não* a eles - que não o machucaria, não usaria seu corpo como outras bruxas - mas uma mão me puxou para trás pelos meus cabelos. Caí no abraço da bruxa de cabelos castanhos, pressionando as costas contra seu peito.

— Estou cansada disso, e sua mãe está esperando. Você os matará, ou eu vou?

Não consegui responder. Todo último pedaço do meu foco estava centrado na corda fina e mortal que surgiu no ar entre a bruxa e Reid.

Um padrão.

Eu estava fraca, mas Reid... ele ainda estava forte. E, apesar de tudo, eu o amava. O amava o suficiente para que a natureza reconhecesse como uma troca digna. Ele não era apenas outro corpo. Outro escudo de carne. Ele era... eu.

Isso podia funcionar.

Com uma respiração irregular, cerrei o punho. O padrão desapareceu em uma explosão de ouro.

Os olhos de Reid se arregalaram quando seu pescoço ficou tenso e suas costas curvaram-se para fora da parede. Sua coluna se esforçou para permanecer intacta quando a magia o puxou para cima, como se ele estivesse preso em um laço. A bruxa gritou, me deixando cair, e eu sabia sem olhar que ela estava em uma posição semelhante. Antes que ela pudesse me impedir, eu sacudi meu pulso, e os braços de Reid foram para sua lateral, presos, seus dedos aderindo juntos. Sua cabeça inclinou-se para trás de maneira não natural, estendendo a garganta. Expondo-a.

Ansel mergulhou no corredor quando os gritos da bruxa se tornaram estrangulados - desesperados.

— Ansel, — eu disse bruscamente. — Uma espada.

Ele correu para frente, me entregando a Balisarda de Reid. A bruxa lutou com mais força contra o encantamento que a prendia - o medo finalmente se soltando naqueles olhos odiosos - mas eu segurei com mais força.

Levantando a faca em sua garganta, respirei fundo. Os olhos dela dispararam loucamente.

— Vejo você no inferno, — eu sussurrei.

Eu flexionei minha mão, e os corpos da bruxa e de Reid desmoronaram em uníssono, o padrão se dissolvendo. A lâmina cortou sua garganta quando ela caiu, e seu sangue correu quente e grosso pelo meu braço. O corpo dela caiu no chão. Parou de se contorcer em segundos.

Assassina de bruxa.

O silêncio no quarto era ensurdecedor.

Eu encarava o corpo dela - Balisarda balançando fracamente ao meu lado - e observei seu sangue nos meus pés. Revestiu minhas botas e manchou a bainha do meu vestido. Os sons da batalha lá fora haviam desaparecidos. Eu não sabia quem havia vencido. Eu não me importava.

— Ansel, — disse Reid com calma mortal. Eu estremeci com o som da sua voz. *Por favor. Se você pode me ouvir, Deus, o faça entender.* Mas os olhos de Ansel se arregalaram com o que ele viu no rosto de Reid, e eu não ousei me virar. — Saia.

O olhar de Ansel se voltou para mim e implorei sem palavras para ele não sair. Ele assentiu, endireitando-se e caminhando em direção a Reid. — Eu acho que deveria ficar.

— Saia.

— Reid...

— SAIA!

Eu girei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Não fale com ele assim!

Seus olhos brilharam com fúria e suas mãos se fecharam em punhos. — Parece que você esqueceu quem eu sou, Louise. Sou Capitão dos Chasseurs. Vou falar com ele como eu quiser.

Ansel recuou às pressas para o corredor. — Eu estarei lá fora, Lou. Eu prometo.

Uma onda de desesperança tomou conta de mim quando ele saiu. Senti os olhos de Reid queimando em minha pele, mas não consegui olhar para ele novamente. Não tive coragem de reconhecer o ódio que encontraria lá... porque uma vez que eu reconhecesse, o tornaria real. E não podia ser real. Não podia ser.

Ele me amava.

O silêncio se estendeu entre nós. Incapaz de aguentar mais, olhei para cima. Seus olhos azuis - uma vez tão bonitos, como o mar - eram chamas vivas.

— Por favor, diga alguma coisa, — eu sussurrei.

Sua mandíbula se apertou. — Eu não tenho nada para dizer para você.

— Ainda sou *eu*, Reid...

Ele sacudiu a cabeça rapidamente. — Não, você não é. Você é uma bruxa.

Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu lutava para recuperar meus pensamentos. Havia tanta coisa que eu queria dizer, tanto que eu *precisava* dizer a ele, mas eu não conseguia me concentrar em nada, exceto no ódio em seus olhos, na maneira como seus lábios se curvaram como se eu fosse algo repulsivo e estranho. Fechei os olhos contra a imagem, o queixo tremendo mais uma vez.

— Eu queria te contar, — comecei suavemente.

— Então por que você não contou?

— Porque eu... Não queria te perder. — Com os olhos ainda fechados, estendi sua Balisarda timidamente para ele. Uma oferta. — Eu te amo, Reid.

Ele zombou e puxou o cabo do meu aperto. — Me *ama*. Como se alguém como você fosse *capaz* de amar. O arcebispo nos disse que as bruxas eram espertas. Ele nos disse que elas eram cruéis. Mas eu cai nos truques, assim como ele. — Um som irritado e antinatural rasgou sua garganta. — A bruxa disse que sua mãe estava esperando por você. É ela, não é? Morgane le Blanc. Você - você é filha de La Dame des Sorcières. O que significa... — Um barulho angustiado desta vez, cru com descrença, como se tivesse sido esfaqueado no coração sem aviso prévio. Não abri meus olhos para assistir a realização atingi-lo. Não aguentava ver a peça final se encaixar no lugar. — A história das bruxas era verdadeira, não era? A performance delas. O arcebispo...

Ele parou abruptamente, e o silêncio desceu mais uma vez. Senti seu olhar no meu rosto como uma marca, mas não abri os olhos.

— Eu não sei como eu não vi isso antes. — Sua voz estava mais fria agora. Horripilante. — O interesse não natural dele pelo seu bem-estar, sua recusa em punir seus desafios. A maneira como ele me *forçou* a casar com você. Tudo faz sentido. Vocês *até* se parecem.

Eu não queria que fosse verdade. Eu desejei que isso fosse embora com cada fragmento do meu coração fraturado. Minhas lágrimas caíram mais espessas e rápidas, uma torrente de tristeza que Reid ignorou.

— E aqui estava eu, derramando meu coração tolo para você. — Sua voz ficou cada vez mais alta a cada palavra. — Eu caí direto na sua armadilha. Isso era tudo que era, não é mesmo? Você precisava de um lugar para se esconder. Você pensou que os Chasseurs a protegeriam. Você pensou que *eu* iria protegê-la. Você... — Sua respiração ficou irregular. — Você me usou.

A verdade de suas palavras foi uma facada no meu coração. Meus olhos se abriram. Por uma fração de segundo, vi o lampejo de miséria e mágoa sob sua fúria, mas logo se foi, enterrado sob uma vida inteira de ódio.

Um ódio que se mostra mais forte que o amor.

— Isso não é verdade, — eu sussurrei. — No começo, talvez, mas algo *mudou*, Reid. Por favor, você tem que acreditar em mim...

— O que eu devo *fazer*, Lou? — Ele torceu as mãos no ar, a voz aumentando para um rugido. — Eu sou um Chasseur! Fiz um juramento de caçar bruxas - de caçar *você*! Como você pôde fazer isso comigo?

Eu me encolhi novamente e dei um passo para trás até minhas pernas pressionarem contra a estrutura da cama. — Você... Reid, você também fez um juramento para *mim*. Você é meu marido e eu sou sua esposa.

Suas mãos caíram para os lados. Derrotado. Uma faísca de esperança brilhou no meu peito. Mas então ele fechou os olhos - parecendo desmoronar em si mesmo - e quando os abriu novamente, eles estavam vazios de toda emoção. Em branco. Mortos.

— Você não é minha esposa.

O que restou do meu coração se quebrou completamente.

Eu pressionei uma mão na minha boca em um esforço para conter meus soluços. Lágrimas embaçaram minha visão. Reid não se moveu quando eu fugi dele, não estendeu a mão para me pegar enquanto tropecei no limiar. Eu caí para fora do quarto de joelhos.

Os braços de Ansel me envolveram. — Você está machucada?

Eu me afastei dele loucamente, me levantando. — Sinto muito, Ansel. Eu sinto muito.

Então eu estava correndo - correndo com tanta força e rapidez quanto meu corpo quebrado permitia. Ansel me chamou, mas eu o ignorei, descendo as escadas. Desesperada para colocar o máximo de distância possível entre mim e Reid.

Não me insistas para que te abandone, e deixe de seguir-te. Suas palavras me apunhalavam a cada passo. *Onde quer que tu fores eu irei, e onde quer que ficares, ali ficarei eu.*

Não vou deixar que ela te machuque de novo, Lou. Eu protegerei você. Tudo ficará bem.

Eu te amo, Lou.

Você não é minha esposa.

Eu entrei no vestíbulo, o peito arfando. Passado a janela rosa quebrada. Passado os cadáveres das bruxas. Passado os Chasseurs alheios.

Deus - se ele estivesse lá, se estivesse assistindo - teve pena de mim quando ninguém se moveu para bloquear meu caminho. O arcebispo não estava à vista.

Você não é minha esposa.

Você não é minha esposa.

Você não é minha esposa.

Fugindo pelas portas abertas, eu me joguei cegamente na rua. O pôr do sol brilhava muito nos meus olhos ardentes. Desci os degraus da igreja, enxergando turvamente, antes de descer a rua em busca de Soleil et Lune.

Eu poderia fazer isso. Eu poderia procurar abrigo lá uma última vez.

Uma mão pálida saiu atrás de mim e envolveu meu pescoço. Tentei me virar, mas uma terceira agulha acertou minha garganta. Lutei fracamente - pateticamente - contra o meu sequestrador, mas o frio familiar já estava correndo pela minha espinha. A escuridão caiu rapidamente. Minhas pálpebras tremeram quando eu caí para a frente, mas os braços pálidos e delgados me seguraram na posição vertical.

— Olá, querida, — uma voz familiar soou no meu ouvido. Cabelo branco, a cor do luar caiu sobre o meu ombro. O ouro brilhou na minha visão, e a cicatriz na minha garganta enrugou em uma explosão de dor. O começo do fim. O padrão de vida invertendo.

Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

— É hora de voltar para casa.

Desta vez, dei boas vindas ao esquecimento.

Beating a Dead Witch

Reid

— O que é que você fez?

A voz de Ansel ecoou muito alto no silêncio do quarto - ou do que restava dele. Buracos estavam nas paredes, e o cheiro de magia pairava nos meus móveis. Meus lençóis. Minha pele. Uma poça de sangue se espalhou da garganta da bruxa. Eu encarei o cadáver, o odiando. Ansiando por uma tocha para incendiá-la. Queimá-la - e esse quarto e esse momento - da minha memória para sempre.

Eu me virei, sem vontade de olhar em seus olhos sem graça. Seus olhos sem vida. Não se parecia em nada com as atrizes graciosas que queimaríamos na fornalha hoje à noite. Nada como a bela Morgane le Blanc de cabelos brancos.

Nada como a filha dela.

Parei o pensamento antes de tomar uma direção perigosa.

Lou era uma bruxa. Uma víbora. E eu fui um tolo.

— O que você fez? — Ansel repetiu, a voz mais alta.

— Deixei-a sair. — Minhas pernas pareciam de madeira, não cooperavam, enfiei minha Balisarda na bandoleira e me ajoelhei ao lado do cadáver. Embora meu corpo ainda doesse do ataque de Lou, a bruxa precisava ser queimada, para não reanimar. Fiz uma pausa na beira do sangue. Relutante em tocá-la. Relutante em me aproximar dessa coisa que tentara matar Lou.

Por mais que eu odiasse admitir, por mais que eu *amaldiçoasse* o nome dela, um mundo sem Lou era errado, de alguma forma. Vazio.

Quando levantei o cadáver, sua cabeça pendeu grotescamente, a garganta escancarada onde Lou a cortara. O sangue encharcou a lã azul do meu casaco.

Eu nunca odiei tanto essa cor.

— Por quê? — Ansel exigiu. Eu o ignorei, concentrando-me no peso morto em meus braços. Mais uma vez, minha mente traidora vagou para Lou. A noite passada, quando eu a segurei brevemente sob as estrelas. Ela estava tão leve. E vulnerável. E engraçada, bonita e quente...

Pare.

— Ela estava drogada e obviamente ferida, — ele insistiu. Eu levantei o cadáver mais alto, ignorando-o, e chutei a porta lascada. A exaustão bateu em mim em ondas. Mas ele se recusou a desistir. — Por que você a deixou ir?

Porque eu não poderia matá-la.

Eu estreitei os olhos para ele. Ele a defendeu mesmo depois que ela revelou sua verdadeira natureza. Mesmo depois de se provar uma mentirosa e uma cobra - uma Judas. E isso significava que Ansel não tinha lugar entre os Chasseurs.

— Não importa.

— Importa *sim*. A mãe de Lou é *Morgane le Blanc*. Você não ouviu o que a bruxa disse sobre recuperar sua terra natal?

Com o seu sacrifício, recuperaremos nossa terra. Vamos governar Belterra novamente.

Não posso permitir que você mate pessoas inocentes.

Sim. Eu tinha ouvido.

— Lou pode cuidar de si mesma.

Ansel passou por mim e plantou os pés no meio do corredor. — Morgane está na cidade hoje à noite, e Lou também. Isso é maior que nós. Ela precisa da nossa ajuda... — Passei por ele, mas ele entrou na minha frente novamente e empurrou meu peito. — Me escute! Mesmo que você não se importe mais com Lou - mesmo que você a odeie - as bruxas estão planejando algo, e isso envolve Lou. Eu acho... Reid, acho que elas vão matá-la.

Afastei suas mãos, recusando-me a ouvir suas palavras. Recusando-me a reconhecer a maneira como elas fizeram minha mente girar, meu peito apertar. — Não, *você me* escute, Ansel. Só direi isso uma vez. — Baixei o rosto devagar, deliberadamente, até que nossos olhos estivessem nivelados. — *Bruxas. Mentem.* Não podemos acreditar em nada que ouvimos hoje à noite. Não podemos confiar que essa bruxa falou a verdade.

Ele fez uma careta. — Eu sei o que meu instinto me diz e ele diz que Lou está com problemas. Temos que encontrá-la.

Meu próprio instinto torceu, mas eu o ignorei. Minhas emoções me traíram uma vez. Mas não dessa vez. Nunca mais. Eu precisava me concentrar no presente - no que eu *sabia* - e isso era descartar a bruxa. A fornalha na masmorra. Meus irmãos lá embaixo.

Forcei um pé na frente do outro. — Lou não é mais nossa responsabilidade.

— Eu pensei que os Chasseurs fossem obrigados a *proteger* os inocentes e desamparados?

Meus dedos se apertaram no cadáver. — Lou dificilmente é inocente *ou* desamparada.

— Ela não é ela mesma agora! — Ele me perseguiu escada abaixo, quase tropeçando e enviando nós dois caindo no chão. — Ela está drogada e fraca!

Eu bufei. Mesmo drogada, até ferida, Lou havia empalado a bruxa como Jael tinha feito com Sísera.

— Você a viu, Reid. — Sua voz caiu em um sussurro áspero. — Ela não terá chance se Morgane aparecer.

Amaldiçoei Ansel e seu coração mole.

Porque eu *tinha* a visto. Esse foi o problema. Eu estava fazendo o meu melhor para *não* vê-la, mas a memória estava gravada em minhas pálpebras. Sangue cobria seu lindo rosto. Manchava sua garganta. As mãos dela. O vestido dela. Contusões já haviam se formado pelo ataque da bruxa... mas não foi isso que me assombrou. Não foi isso que cortou a névoa da minha fúria.

Não - foram os olhos dela.

A luz neles se apagara.

A droga, eu me tranquilizei. *A droga os ofuscou.*

Mas no fundo eu sabia melhor. Lou tinha sido quebrada naquele momento. Minha pagã de coração selvagem, boca suja e vontade de aço tinha sido quebrada. *Eu* tinha a quebrado.

Você não é minha esposa.

Eu me odiava pelo que tinha feito com ela. Eu me odiava mais pelo que ainda sentia por ela. Ela era uma bruxa. Uma noiva de Lúcifer. Então, o que isso fazia de mim?

— Você é um covarde, — Ansel cuspiu.

Eu parei, e ele tropeçou em mim. Sua raiva cintilou com a minha expressão - com a raiva correndo pelo meu sangue, aquecendo meu rosto.

— De qualquer maneira, *vá*, — rosnei. — Vá atrás dela. Proteja-a de Morgane le Blanc. Talvez as bruxas deixem você viver com elas no Chateau. Você pode queimar com elas também.

Ele recuou, atordoado. Magoado.

Que bom. Eu me virei selvagemente e continuei no vestíbulo. Ansel caminhava por uma linha perigosa. Se os outros descobrissem que ele simpatizava com uma bruxa...

Jean Luc entrou pelas portas abertas, carregando uma bruxa por cima do ombro. O sangue escorria pelo pescoço do demônio devido a uma injeção. Atrás dele, uma pomba estava entre os mortos nos degraus da catedral. Penas manchadas de sangue e amarrotadas. Olhos vazios. Cega.

Desviei o olhar, ignorando a pressão ardente atrás dos meus próprios olhos.

Meus irmãos se moveram propositadamente ao nosso redor. Alguns carregavam cadáveres da rua. Embora a maioria das bruxas tivesse escapado, um punhado juntou-se à pilha de corpos no vestíbulo - separadas dos outros. Intocáveis. A execução delas não seria pública. Não depois de Ye Olde Sisters. Não depois dessa performance. Mesmo que o arcebispo controlasse o dano, a notícia se espalharia. Mesmo que ele negasse a acusação - mesmo que alguns acreditassem nele - a semente havia sido plantada.

O arcebispo concebeu uma criança com La Dame des Sorcières.

Embora ele não estivesse em lugar algum, seu nome enchia o salão. Meus irmãos mantiveram a voz baixa, mas eu ainda os ouvia. Ainda via seus olhares de soslaio. A suspeita deles. A dúvida deles.

Jean Luc deu uma cotovelada em Ansel para ficar diante de mim. — Se você está procurando por sua esposa, ela se foi. Eu a vi correr por aqui não faz meia hora... chorando.

Chorando.

— O que aconteceu lá em cima, Reid? — Ele inclinou a cabeça para me observar, arqueando uma sobrancelha. — Por que ela fugiria? Se ela tem medo das bruxas, certamente a Torre é o lugar mais seguro para ela. — Ele fez uma pausa, e um sorriso verdadeiramente assustador dividiu seu rosto. — A menos que, é claro, ela agora tenha mais medo de nós?

Deixei meu cadáver em cima da pilha de bruxas. Ignorei a apreensão que se instalava no meu estômago como chumbo.

— Eu acho que sua esposa tem um segredo, Reid. E acho que você sabe o que é. — Jean Luc se aproximou, me olhando com olhos muito afiados. — Acho que *eu* sei o que é.

Minha apreensão caiu e se transformou em pânico, mas forcei meu rosto a permanecer calmo. Em branco. Vazio de toda emoção. Eu não diria a eles sobre Lou. Eles a caçariam. E o pensamento de suas mãos nela - tocando-a, *machucando*-a, amarrando seu corpo à estaca - eu não permitiria.

Eu olhei Jean Luc diretamente nos olhos. — Eu não sei do que você está falando.

— Onde ela está então? — Ele levantou a voz e gesticulou ao nosso redor, atraindo os olhos de nossos irmãos. Meus dedos se fecharam em punhos. — Por que a bruxinha fugiu?

O vermelho penetrou firmemente em minha visão, obscurecendo aqueles que estavam mais próximos de nós - aqueles que pararam, cabeças virando, com a acusação de Jean Luc. — Tome cuidado com o que você vai dizer em seguida, Chasseur Toussaint.

O sorriso dele vacilou. — É verdade, então. — Ele esfregou uma mão no rosto e suspirou profundamente. — Eu não queria acreditar, mas olhe para você. Você iria defendê-la ainda, mesmo *sabendo* que ela é...

Eu avancei nele com um rosnado. Ele tentou se esquivar, mas não foi rápido o suficiente. Meu punho golpeou sua mandíbula com um estalo audível, quebrando o osso. Ansel saltou para frente antes que eu pudesse atacar novamente. Apesar dele puxar meus braços, passei por ele, mal sentindo seu peso. Jean Luc recuou, gritando de dor e indignação, enquanto eu fechava meu punho mais uma vez.

— Basta, — disse o arcebispo bruscamente atrás de nós.

Eu congelei, punho no ar.

Alguns de meus irmãos se curvaram, punhos nos corações, mas a maioria permaneceu de pé. Resolutos. Cuidadosos. O arcebispo os olhou com crescente fúria, e mais alguns abaixaram a cabeça. Ansel soltou meus braços e seguiu o exemplo. Para minha surpresa, Jean Luc também - embora sua mão esquerda permanecesse pressionada contra sua mandíbula inchada. Ele olhou para o chão com morte nos olhos.

Um segundo tenso passou enquanto eles esperavam por mim, seu Capitão, homenagear nosso ancestral.

Eu não fiz isso.

Os olhos do arcebispo brilharam com a minha insolência, mas ele se apressou para frente de qualquer maneira. — Onde está Louise?

— Se foi.

Descrença contorceu seu rosto. — O que você quer dizer com se *foi*?

Não respondi e Ansel se adiantou em meu lugar. — Ela fugiu, Eminência. Depois que esta bruxa a atacou. — Ele apontou para o cadáver em cima da pilha de bruxas.

O arcebispo se aproximou para inspecioná-la. — Você matou essa bruxa, Capitão Diggory?

— Não. — Meu punho latejava por bater na mandíbula de Jean Luc. Eu gostei da dor. — Lou matou.

Ele apertou meu ombro em uma demonstração de camaradagem para meus irmãos, mas ouvi o apelo não dito. Vi a vulnerabilidade em seus olhos. Naquele segundo, eu sabia. Qualquer dúvida que eu tivesse havia desaparecido, substituída por um nojo mais profundo do que qualquer um que eu já senti. Este homem - o homem que eu via como pai - era um mentiroso. Uma fraude. — Nós devemos encontrá-la, Reid.

Eu endureci e dei de ombros. — Não.

Sua expressão endureceu, e ele acenou para um dos meus irmãos avançar. Um cadáver mutilado pairava sobre seu ombro. Queimaduras vermelhas e irritadas percorreram seu rosto e pescoço, desaparecendo na gola do vestido.

— Tive o prazer de falar com esta criatura durante a última meia hora. Com um pouco de persuasão, tornou-se uma infinidade de informações. — O arcebispo pegou o cadáver e jogou-o sobre a pilha. Os corpos se moveram e o sangue escorreu pelas minhas botas. A bile subiu na minha garganta. — Você não sabe o que as bruxas planejaram para o reino, Capitão Diggory. Não podemos permitir que elas tenham sucesso.

Jean Luc endireitou-se, alerta instantaneamente. — O que elas planejaram?

— Revolução. — Os olhos do arcebispo permaneceram fixos nos meus. — Morte.

O silêncio se estabeleceu sobre o salão com seu pronunciamento ameaçador. Pés se moveram. Olhos dispararam. Ninguém se atreveu a perguntar o que ele quis dizer - nem mesmo Jean Luc. Assim como ninguém se atreveu a fazer a outra pergunta que importava. A outra pergunta em que toda a nossa crença dependia.

Olhei para meus irmãos, observando enquanto eles olhavam entre o arcebispo e a bruxa torturada e mutilada. Enquanto a convicção voltava aos seus rostos. À medida que as suspeitas mudaram para desculpas, abrindo caminho de volta ao mundo confortável que tínhamos conhecido. As mentiras confortáveis.

Foi tudo uma distração.
Sim, uma distração.
As bruxas são astutas.
Claro que elas o incriminariam.

Exceto Jean Luc. Seus olhos afiados não eram tão facilmente enganados. Pior - um sorriso berrante se estendeu por seu rosto. Deformado por sua mandíbula inchada.

— Precisamos encontrar Louise antes que as bruxas a encontrem, — insistiu o arcebispo. Suplicou. — Ela é a chave, Reid. Com a morte dela, o rei e sua linhagem morrerão. Nós *todos* vamos morrer. Você deve deixar de lado sua briga com ela e proteger este reino. Honrar seus votos.

Meus votos. A verdadeira fúria correu através de mim com as palavras. Certamente, este homem que se deitou com La Dame des Sorcières - este homem que tinha *enganado* e *traído* e *quebrado* seus votos em cada oportunidade - não podia estar falando para mim sobre *honra*. Eu exalei lentamente pelo nariz. Minhas mãos ainda tremiam de raiva e adrenalina. — Vamos, Ansel.

O arcebispo arreganhou os dentes com a minha desobediência - e virou-se inesperadamente para Jean Luc. — Chasseur Toussaint, monte uma equipe de homens. Quero você na rua dentro de uma hora. Alerte a polícia. Ela *será* encontrada até a manhã. Você entendeu?

Jean Luc se curvou, me dando um sorriso triunfante. Eu olhei de volta para ele, procurando em seu rosto qualquer lampejo de hesitação ou arrependimento, mas não havia nenhum. Sua hora finalmente chegou. — Sim, Eminência. Eu não te desapontarei.

Ansel seguiu apressadamente quando eu parti. Subimos as escadas três degraus de cada vez. — O que nós vamos fazer?

— *Nós* não vamos fazer nada. Não quero que você se envolva nisso.

— Lou é minha amiga!

Amiga dele.

Com essas duas pequenas palavras, minha paciência - já esticada demais - rompeu completamente. Rapidamente, antes que o garoto pudesse ofegar, agarrei seu braço e o empurrei contra a parede. — Ela é uma *bruxa*, Ansel. Você tem que entender isso. Ela não é sua amiga. Ela não é minha esposa.

Suas bochechas coraram de raiva, e ele me empurrou no peito. — Continue dizendo a si mesmo isso. Seu orgulho vai matá-la. Ela está com problemas... — Ele me empurrou novamente para enfatizar, mas eu peguei o braço dele e o torci atrás das costas, batendo com o peito dele na parede. Ele nem se encolheu. — Quem se importa se o arcebispo mentiu? Você é melhor que ele, melhor que isso.

Eu rosnei, aproximando-me rapidamente do meu ponto de ruptura.

Lou, Ansel, Morgane le Blanc, o arcebispo... isso tudo era demais. De repente. Minha mente não conseguia racionalizar as emoções que inundavam através de mim - cada uma muito rápida para nomear, cada uma

mais dolorosa que a anterior - mas a hora de escolher se aproximava rapidamente.

Eu era um caçador.

Eu era homem.

Mas eu não poderia ser os dois. Não mais.

Soltei Ansel e recuei, respirando irregularmente. — Não, eu não sou.

— Eu não acredito nisso.

Fechei minhas mãos em punhos, resistindo à vontade de esmagá-las contra a parede - ou no rosto de Ansel. — Tudo o que ela já fez foi mentir para mim, Ansel! Ela me olhou nos olhos e disse que me amava! Como sei que isso também não era mentira?

— Não era mentira. Você sabe que não era. — Ele fez uma pausa, erguendo o queixo em um gesto tão parecido com Lou que quase chorei. — Você... você a chamou de *ela*. Não de *aquilo*.

Agora eu bati na parede. A dor explodiu dos meus dedos. Eu a recebi de bom grado - qualquer coisa para me distrair da agonia que rasgava meu peito em dois, das lágrimas queimando meus olhos. Inclinei minha testa contra a parede e ofeguei. Não, Lou não era *aquilo*. Mas ela ainda mentiu para mim. Me traiu.

— O que ela deveria ter feito? — Perguntou Ansel. — Ter contado que ela era uma bruxa e ter se amarrado na estaca?

Minha voz falhou. — Ela deveria ter confiado em mim.

Ele tocou minhas costas, a voz suavizando. — Ela vai morrer, Reid. Você ouviu o arcebispo. Se você não fizer nada, ela morrerá.

E simples assim, a raiva me deixou. Minhas mãos caíram para os meus lados. Flácidas. Meus ombros caíram... derrotados.

Nunca houve uma escolha. Não para mim. Desde o primeiro momento em que a vi no desfile - vestida com aquele terno ridículo e bigode - meu destino foi selado.

Eu a amava. Apesar de tudo. Apesar das mentiras, da traição, da mágoa. Apesar do arcebispo e Morgane le Blanc. Apesar dos meus próprios irmãos. Não sabia se ela retribuía esse amor e não me importava.

Se ela estivesse destinada a queimar no inferno, eu queimaria com ela.

— Não. — Um propósito mortal bateu nas minhas veias quando eu me empurrei da parede. — Lou não irá morrer, Ansel. Nós vamos encontrá-la.

Hell Hath No Fury

Reid

Alguns iniciados estavam do lado de fora do meu quarto destruído quando Ansel e eu voltamos. Eles abaixaram a cabeça e se dispersaram ao me ver. Estreitando os olhos para eles, entrei para pensar. Planejar.

Lou passou os últimos dois anos como ladra, então ela era melhor do que a maioria em desaparecer. Ela poderia estar em qualquer lugar. Eu não era tolo o suficiente para pensar que conhecia todas os seus esconderijos, mas tinha uma chance melhor de encontrá-la do que Jean Luc. Ainda assim, os Chasseurs invadindo a cidade complicaria as coisas.

Fechando os olhos, me forcei a respirar profundamente e *pensar*. Para onde ela iria? Onde ela poderia se esconder? Mas a magia no ar feriu minha garganta, me distraindo. Estava nos lençóis, na mesa lascada. Nas páginas sangrentas da minha Bíblia. Na minha pele, meu cabelo. Meus olhos se abriram e eu resisti à vontade de rugir de frustração. Não tinha tempo para isso. Eu precisava encontrá-la. Rapidamente. Cada momento que passava poderia ser o último.

Ela vai morrer, Reid. Se você não fizer nada, ela morrerá.

Não. Isso não poderia acontecer. *Pense.*

O teatro parecia seu esconderijo mais provável. Mas ela voltaria lá depois de ter compartilhado comigo? Provavelmente não. Talvez pudéssemos apostar no Pan em vez disso. Seria apenas uma questão de tempo antes de ela visitar a pastelaria - a menos que tivesse deixado Cesarina completamente. Meu coração afundou.

Ansel foi até a janela e espiou para ver meus irmãos passarem. Ele sabia que não deveria sugerir que nos juntássemos a eles. Embora tenhamos compartilhado um propósito comum em encontrar Lou, o arcebispo mentiu para mim - quebrou a confiança, quebrou a fé. Mais importante, eu não sabia o que eles planejavam para Lou quando a encontrassem. Embora o arcebispo possa tentar protegê-la, Jean Luc sabia que ela era uma bruxa. Quanto tempo levaria antes que ele dissesse aos outros? Quanto tempo antes que alguém sugerisse matá-la?

Eu tinha que encontrá-la primeiro. Antes deles. Antes das bruxas.

Ansel pigarreou.

— O quê? — Eu disse com raiva.

— Acho que deveríamos visitar mademoiselle Perrot. As duas são... Próximas. Ela pode saber alguma coisa.

Mademoiselle Perrot. Claro.

Antes que pudéssemos nos mover, no entanto, o que restava da minha porta se abriu. Parada no limiar - ofegante e ofuscante - estava a mademoiselle Perrot em pessoa.

— Onde ela está? — Ela avançou em mim com ameaça de violência em seus olhos. Ela havia abandonado as vestes brancas de curandeira por calças de couro e uma camisa manchada de sangue. — Onde está a Lou?

Eu fiz uma careta para as cicatrizes em sua clavícula e antebraços expostos.

Assustado, Ansel tropeçou para explicar, mas balancei minha cabeça bruscamente, pisando na frente dele. Forçando as palavras antes que eu pudesse engoli-las de volta. — Ela se foi.

— Como assim se *foi*? Você tem trinta segundos para me contar o que aconteceu antes que eu derrame sangue, *Chasseur*. — Ela jogou a última palavra em mim - como se fosse um insulto. Eu fiz uma careta. Forcei uma respiração profunda. Então outra.

Espere, derramar sangue?

— Tick tock, — ela rosnou.

Embora eu detestasse o pensamento de contar a ela o que havia acontecido entre mim e Lou, não era bom mentir agora. Não se eu quisesse a ajuda dela. Se ela não soubesse onde Lou estava, eu tinha pouco mais para continuar. Pouca chance de encontrá-la. Isso não poderia acontecer.

— As bruxas atacaram o castelo como uma distração e vieram para cá...

— Eu *sei*. — Ela mexeu uma mão impaciente. — Eu estava no castelo com Beau quando elas desapareceram. Eu quis dizer o que aconteceu com *Lou*.

— Ela fugiu, — repeti com os dentes cerrados. — Uma bruxa - ela nos seguiu até aqui e atacou. Lou salvou minha vida. — Parei, com o peito apertado e considerei como dar a notícia. Ela precisava saber. — Mademoiselle Perrot... Lou é uma bruxa.

Para minha surpresa, ela nem sequer piscou. Um leve aperto de sua boca era a única indicação de que ela tinha me ouvido. — Claro que ela é.

— O quê? — Descrença coloriu minha voz. — Você... você *sabia*?

Ela me deu um olhar ameaçador. — Teria que ser um idiota total para não ver isso.

Igual você. Suas palavras não ditas ecoaram pelo quarto. Eu as ignorei, a picada aguda de mais uma traição me deixando momentaneamente sem palavras. — Ela... ela te contou?

Ela bufou, revirando os olhos em direção ao teto. — Não há necessidade de parecer tão ferido. Não, ela não me contou. Ela também não contou a Ansel aqui, mas ele também sabia.

Os olhos de Ansel passaram rapidamente entre nós dois. Ele engoliu em seco. — Eu... eu não *sabia* de nada...

— Oh, por favor. — Ela fez uma careta para ele. — Você está insultando todo mundo mentindo.

Seus ombros caíram e ele olhou para o chão. Recusando-se a olhar para mim. — Sim. Eu sabia.

Todo o ar me deixou em um suspiro. Três palavras. Três socos perfeitos.

Raiva amarga voltou com a minha respiração. — Por que você não disse nada?

Se Ansel tivesse me dito - se Ansel tivesse sido um *verdadeiro* Chasseur - nada disso teria acontecido. Eu não teria sido pego de surpresa. Eu poderia ter *lidado* com isso antes - antes de eu...

— Eu te disse. — Ansel ainda encarava as botas, cutucando um pedaço de argamassa caída com o dedo do pé. — Lou é minha amiga.

— Quando? — Eu quase gritei. — Quando você soube?

— Durante a queima da bruxa. Quando... quando Lou surtou. Ela estava chorando, e a bruxa estava gritando - então elas trocaram. Todo mundo pensou que Lou estava tendo uma convulsão, mas eu a vi. Eu senti o cheiro da magia. — Ele olhou para cima, a garganta tremendo. Olhos brilhando. — Ela estava queimando, Reid. Eu não sei como, mas ela levou embora a dor daquela bruxa. Ela deu a dor a si mesma. — Ele exalou pesadamente. — Foi por isso que não te contei. Porque mesmo sabendo que Lou era uma bruxa, sabia que ela não era má. Ela queimou na fogueira uma vez. Ela não merece fazer isso duas vezes.

O silêncio seguiu seu pronunciamento. Eu olhei entre os dois, os olhos ardendo. — Eu nunca a machucaria.

Quando as palavras saíram da minha boca, percebi a verdade delas. Mesmo se Ansel *tivesse* me dito, isso não teria mudado nada. Eu não teria sido capaz de amarrá-la a uma estaca. Eu deixei meu rosto cair nas minhas mãos. Derrotado.

— Basta, — disse mademoiselle Perrot, bruscamente. — Há quanto tempo ela se foi?

— Cerca de uma hora.

Ansel se mexeu em óbvio desconforto antes de murmurar: — A bruxa mencionou Morgane.

Minhas mãos caíram quando o medo genuíno torceu o rosto de mademoiselle Perrot. Seus olhos - uma vez odiosos, uma vez acusadores - encontraram os meus com uma urgência repentina e perturbadora. — Precisamos sair. — Empurrando a porta aberta, ela correu para o corredor. — Nós não podemos falar sobre isso aqui.

Trepidação deu um nó no meu estômago. — Onde nós podemos ir?

— Para o Bellerose. — Ela não se incomodou em olhar para trás. Não vendo outra escolha, Ansel e eu corremos atrás dela. — Eu disse a Beau que a encontraria - e há alguém lá que pode saber onde Lou está.

O interior do Bellerose estava pouco iluminado. Eu nunca tinha estado dentro de um bordel, mas presumi que o piso de mármore e a folha de ouro nas paredes marcavam o prostíbulo como mais glamoroso do que outros. Uma harpista estava sentada em um canto. Ela tocava o instrumento e

cantava uma melodia triste. Mulheres vestidas com roupas brancas transparentes dançavam lentamente. Um punhado de homens bêbados as observava com olhos famintos. Uma fonte borbulhava no centro da sala.

Foi a coisa mais ostensiva que eu já vi. Combinava com madame Labelle perfeitamente.

— Estamos perdendo tempo. Deveríamos estar lá fora procurando por Lou… — Comecei com raiva, mas mademoiselle Perrot me lançou um olhar furioso por cima do ombro antes de caminhar em direção a uma mesa parcialmente escondida atrás.

Beauregard Lyon se levantou quando nos aproximamos, estreitando os olhos. — O que diabos eles estão fazendo aqui?

Ela se jogou em uma cadeira com um suspiro pesado, acenando com a mão entre nós três. — Olha, Beau, tenho assuntos mais urgentes para lidar esta noite do que você e seu concurso de mijo.

Ele caiu em outra cadeira, cruzando os braços e de mau humor. — O que poderia ser mais urgente do que eu?

Ela apontou a cabeça em minha direção. — Esse idiota perdeu Lou, e eu preciso executar um feitiço localizador para encontrá-la.

Feitiço localizador?

Eu assisti confuso quando ela puxou um pequeno frasco de sua capa. Abrindo-o, ela derramou o pó escuro sobre a mesa. Beau olhou entediado, recostando-se na cadeira. Olhei para Ansel - buscando confirmação de que a mulher na nossa frente tinha enlouquecido - mas ele não olhou para mim. Quando ela puxou uma faca e levantou a mão oposta, meu estômago caiu com a realização.

A casa de Tremblay na cidade. Os três cães envenenados. Sangue escorrendo de suas cabeças. O fedor da magia perfurando o ar - preto e cortante, mais pungente do que a magia na enfermaria. Diferente.

Seus olhos encontraram os meus quando ela abriu a palma da mão, deixando o sangue escorrer sobre a mesa. — Eu provavelmente deveria te dizer, Chass, meu nome não é Brie Perrot. É Cosette, mas meus amigos me chamam de Coco.

Cosette Monvoisin. Ela estava escondida na torre o tempo todo. Bem embaixo do nosso nariz.

Peguei minha Balisarda instintivamente, mas a mão de Ansel pousou no meu braço. — Reid, não. Ela está nos ajudando a encontrar Lou.

Eu me afastei dele, horrorizado, furioso, mas minha mão parou. Ela piscou para mim antes de voltar sua atenção para a mesa. O pó escuro congelou sob seu sangue - então começou a se mover. A bile subiu na minha garganta e meu nariz ardeu. — O que é isso?

— Sangue seco de um cão de caça. — Ela assistiu enquanto símbolos estranhos se formaram rapidamente. — Isso vai nos dizer onde Lou está.

Beau inclinou-se para a frente, apoiando o queixo no cotovelo contra a mesa. — E exatamente onde você acha que ela pode estar?

Um pequeno sulco apareceu entre os olhos de Coco. — Com Morgane le Blanc.

— Morgane le Blanc? — Ele se endireitou e olhou para nós, incrédulo, como se esperasse que um de nós risse. — Por que a bruxa rainha vadia estaria interessada em Lou?

— Porque ela é sua mãe. — As formas pararam de repente, e os olhos de Coco se voltaram para os meus. Largos. Em pânico. — A trilha de Lou desaparece no norte, em La Forêt des Yeux. Não consigo enxergar além disso. — Eu a encarei, e ela assentiu imperceptivelmente com a minha pergunta não dita. O queixo dela tremia. — Se Morgane tem Lou, ela está tão bem quanto morta.

— Não. — Eu balancei minha cabeça com veemência, incapaz de aceitar isso. — Nós apenas precisamos encontrar o Chateau. Você é uma bruxa. Você pode nos levar a ele...

Lágrimas de raiva surgiram em seus olhos. — Não sei onde *fica* o Chateau. Somente uma *Dame Blanche* pode encontrá-lo, e você perdeu a única Dame Blanche que eu conheço!

— Você... Você não é uma Dame Blanche?

Ela jogou sua palma ensanguentada debaixo do meu nariz como se isso significasse alguma coisa. — Claro que não! Os Chasseurs são realmente tão ignorantes assim?

Eu encarei o sangue acumulando ali com histeria crescente. O mesmo cheiro pungente de antes me agrediu. — Eu não entendo.

— Eu sou uma Dame Rouge, seu idiota. Uma Dama Vermelha. Uma *bruxa de sangue.* — Ela bateu a mão na mesa, respingando as formas negras. — Não posso encontrar o Chateau porque nunca *estive* lá.

Um zumbido começou nos meus ouvidos. — Não. — Eu balancei minha cabeça. — Isso não pode ser verdade. Tem que haver outra maneira.

— Não há. — Lágrimas derramaram por suas bochechas quando ela se levantou, mas ela as enxugou rapidamente. O cheiro à nossa volta aumentou. — A menos que você conheça outra Dame Blanche - outra Dame Blanche disposta a trair suas irmãs e levar um *Chasseur* para a casa delas - Lou *está morta*.

Não.

— Você conhece uma bruxa assim, Chass? — Ela cutucou um dedo no meu peito, lágrimas ainda escorrendo. Elas chiaram e viraram fumaça quando pingaram na blusa dela. Beau se levantou, colocando uma mão incerta nas costas dela. — Você conhece uma bruxa disposta a sacrificar *tudo* por você do jeito que Lou fez? *Conhece?*

Não.

— Na verdade, — respondeu uma voz fria e familiar, — ele conhece.

Nos viramos como um só para olhar para a minha salvadora. Eu quase engasguei com seu cabelo vermelho ardente.

Deus, não.

Madame Labelle acenou com a mão para os homens próximos de nós que escutavam nossa conversa. — Esta é uma conversa particular, queridos. Espero que entendam.

Magia - do tipo normal e enjoativo - irrompeu no ar, e seus olhos avermelhados vidraram. Eles voltaram sua atenção para as dançarinas, que agora exibiam expressões igualmente vagas.

Coco pulou para frente, apontando para ela em acusação. — Você sabia sobre Morgane. Você avisou a Lou. Você é uma bruxa.

Madame Labelle piscou.

Eu olhei entre elas em confusão, narinas queimando. Mente cambaleando. Bruxa? Mas Madame Labelle não era uma...

A percepção se apressou e sangue quente subiu para o meu rosto.

Porra.

Eu era tão estúpido. Tão *cego*. Meus punhos cerraram quando eu me levantei. O sorriso provocador de Madame Labelle vacilou, e até Coco se encolheu de volta com a fúria nos meus olhos.

É claro que Madame Labelle era uma bruxa.

E Mademoiselle Perrot era Coco.

E Coco era uma bruxa. Mas não qualquer bruxa - uma Dame Rouge. Uma espécie inteiramente nova de bruxa, que praticava em *sangue*.

E minha esposa - a porra do *amor da minha vida* - era filha de La Dame des Sorcières. A herdeira do Chateau le Blanc. A maldita *princesa* das bruxas.

E todo mundo sabia. Todo mundo menos eu. Até o fodido do Ansel.

Era demais.

Algo estalou dentro de mim. Algo permanente. Naquele segundo, eu não era mais o Chasseur - se eu tivesse sido um Chasseur em primeiro lugar.

Desembainhando minha Balisarda, eu assisti com prazer vingativo enquanto os outros me olhavam. Cuidadosos. Receosos. A harpista no canto parou de tocar. Ela olhou fixamente para o chão, a boca escancarada. O silêncio ficou assustador - esperando.

— Sentem-se. — eu disse suavemente, lançando meu olhar para Madame Labelle e Coco. Quando nenhuma delas se moveu, dei um passo mais perto. A mão de Beau se fechou em torno do pulso de Coco. Ele a puxou para o lado dele.

Madame Labelle, porém, permaneceu de pé. Virei minha adaga para ela. — Lou se foi. — Movi a lâmina, lenta e claramente, do rosto dela para a cadeira vazia. — Morgane le Blanc a levou. Por quê?

Os olhos dela se estreitaram, passando rapidamente para os símbolos pretos deformados na mesa. — Se Morgane realmente a levou...

— *Por quê?*

Aproximei a lâmina mais perto do seu nariz e ela franziu a testa. — Por favor, capitão, não é assim que se comporta. Vou lhe contar qualquer coisa que você queira saber.

Relutantemente, abaixei a faca quando ela caiu em uma cadeira. Meu sangue ficou mais quente com cada tique da minha mandíbula.

— Uma infeliz mudança de eventos. — Ela olhou para mim, alisando a saia em agitação. — Presumo que as bruxas tenham revelado a verdadeira identidade de sua esposa. Louise le Blanc. A única filha da La Dame des Sorcières.

Eu assenti rigidamente.

Ansel pigarreou antes que Madame Labelle pudesse continuar. — Desculpe, *madame*, mas por que nunca ouvimos falar de Louise le Blanc até agora?

Ela lançou-lhe um olhar avaliador. — Querido garoto, Louise era o segredo mais zelosamente guardado de Morgane. Algumas bruxas até mesmo não sabiam de sua existência.

— Então, como você sabia? — Rebateu Coco.

— Eu tenho muitas espiãs no Chateau.

— Você não é bem-vinda lá?

— Sou tão bem-vinda quanto você, minha querida.

— Por quê? — Perguntei.

Ela me ignorou. O olhar dela caiu para Beau. — O que você sabe do seu pai, Vossa Alteza?

Ele se recostou e arqueou uma sobrancelha escura. Até agora, ele observara tudo com um desapego, mas a pergunta de Madame Labelle pareceu pegá-lo de surpresa. — O mesmo que todos os outros, suponho.

— Que é?

Ele encolheu os ombros. Revirou os olhos. — Ele é um notório mulherengo. Despreza sua esposa. Financia a missão do arcebispo contra essas magníficas criaturas. — Ele acariciou as costas de Coco com apreciação. — Ele é diabolicamente bonito, uma merda na política e um pai horrível. Eu devo continuar...? Não vejo como isso é relevante.

— Você faria bem em não falar dele assim. — Os lábios dela se contraíram com raiva. — Ele é seu pai - e um bom homem.

Beau bufou. — Você certamente é a primeira a pensar isso.

Ela fungou e alisou as saias novamente. Obviamente ainda descontente. — Isso quase não importa. Isso é maior que o seu pai, embora certamente acabe com ele, se Morgane quiser.

— Explique. — eu rosnei.

Ela me lançou um olhar irritado, mas continuou assim mesmo. — Esta guerra está em preparação a centenas de anos. É mais velha que todos vocês. Mais velha que eu. Mais velha que Morgane. Tudo começou com uma bruxa chamada Angélica e um homem santo chamado Constantin.

Um homem santo chamado Constantin. Ela não podia estar falando do homem que forjou a espada de Balisarda. O Santo.

— Lou me contou essa história! — Coco se inclinou para frente, com os olhos brilhantes. — Angélica se apaixonou por ele, mas ele morreu, e as lágrimas dela fizeram o L'Eau Mélancolique.

— Meio certo, eu temo. Devo lhes contar a história verdadeira? — Ela fez uma pausa, olhando para mim. Esperando. — Garanto que temos tempo.

Com um grunhido de impaciência, me sentei. — Você tem dois minutos.

Madame Labelle assentiu com aprovação. — Não é uma história muito bonita. Angélica realmente se apaixonou por Constantin - um cavaleiro de uma terra vizinha - mas não ousou dizer a ele o que era. Seu povo vivia em harmonia com o dele, e ela não desejava perturbar o delicado equilíbrio entre reinos. Como tantas vezes acontece, porém, ela logo desejou que ele a conhecesse completamente. Ela contou a ele sobre a magia de seu povo, sua conexão com a terra e, a princípio, Constantin e seu reino a aceitaram. Eles queriam ela e seu povo - Lês Dames Blanches, o nome que deram a elas. As Senhoras Brancas. Puras e brilhantes. E, como a mais pura e brilhante de todas, Angélica se tornou a primeira Dame des Sorcières.

Os olhos dela escureceram. — Mas com o passar do tempo, Constantin se ressentiu da magia da amante. Ele ficou com ciúmes e irritado, com raiva que ele também não possuísse magia. Ele tentou tirar dela. Quando não pôde, ele tomou a terra. Seus soldados marcharam em Belterra e mataram seu povo. Mas a magia não funcionou para ele e seus irmãos. Por mais que tentassem, não conseguiam possuí-la - não como as bruxas. Enlouquecido de desejo, ele acabou morrendo por suas próprias mãos.

Seu olhar encontrou o de Coco, e ela deu um sorriso, pequeno e sombrio. — Angélica chorou seu mar de lágrimas e o seguiu para a vida após a morte. Mas seus irmãos continuaram vivos. Eles fizeram as bruxas se esconderem e reivindicaram a terra - e sua magia - por conta própria.

— Vocês sabem o resto da história. A briga de sangue se enfurece até hoje. Cada lado amargo - cada lado justificado. Os descendentes de Constantin continuam a controlar essa terra, apesar de renunciarem à magia pela religião anos atrás. A cada nova Dame des Sorcières, as bruxas tentam organizar suas forças e, a cada tentativa, as bruxas falham. Além de estarem em menor número, minhas irmãs não podem esperar derrotar a monarquia e a Igreja em combate - não com suas Balisardas. Mas Morgane é diferente daquelas antes dela. Ela é mais esperta. Mais astuta.

— Parece a Lou, — pensou Coco.

— Lou *não* é *nada* como aquela mulher, — rosnei.

Beau sentou-se mais para a frente e olhou em volta da mesa. — Me desculpem, mas não dou a mínima para Lou - ou Morgane, Angélica ou Constantin. Conte-me sobre meu pai.

Meus dedos ficaram brancos em minha adaga.

Suspirando, Madame Labelle deu um tapinha no meu braço em um aviso silencioso. Quando me afastei de seu toque, ela revirou os olhos. — Estou chegando até ele. Enfim - sim, Morgane é diferente. Quando criança, ela reconheceu o duplo poder deste reino. — Ela olhou para Beau. — Quando seu pai foi coroado rei, uma ideia tomou forma - uma maneira de atacar a coroa e a Igreja. Ela viu quando ele se casou com uma princesa estrangeira -

sua mãe - e deu à luz você. Ela se alegrou quando ele deixou bastardo atrás de bastardo em seu rastro.

Ela fez uma pausa, suspirando um pouco. Até eu assisti com muita atenção enquanto seus olhos se viravam para dentro. — Ela aprendeu seus nomes, seus rostos - até mesmo daqueles sobre os quais o próprio Auguste não tinha conhecimento. — Seus olhos distantes encontraram os meus então, e meu estômago se contraiu inexplicavelmente. — Com cada criança, sua alegria - sua *obsessão* - só aumentou, embora ela esperou para revelar seu propósito para nós.

— Quantas? — interrompeu Beau, a voz aguda. — Quantas crianças?

Ela hesitou antes de responder. — Ninguém sabe direito. Acredito que a última contagem foi por volta de vinte e seis.

— *Vinte e seis?*

Ela se apressou antes que ele pudesse continuar. — Logo após o seu nascimento, Vossa Alteza, Morgane anunciou a nossas irmãs que estava grávida. E não qualquer criança, a filha do arcebispo.

— Lou, — eu disse, me sentindo vagamente doente.

— Sim. Morgane falou de um padrão para libertar as bruxas da perseguição, de um bebê para acabar com a tirania dos Lyons. Auguste Lyon morreria... e também todos os seus descendentes. A criança em seu ventre era o preço - um *presente,* ela disse - enviado pela Deusa. O golpe final contra o reino e a Igreja.

— Por que Morgane esperou para matar Lou? — Perguntei amargamente. — Por que ela não a matou quando ela nasceu?

— Uma bruxa recebe seus ritos no décimo sexto aniversário. É o dia em que ela se torna mulher. Embora as bruxas almejassem a libertação, a maioria estava desconfortável com o pensamento de matar uma criança. Morgane estava contente em esperar.

— Então Morgane... ela só concebeu Lou por vingança. — Meu coração torceu. Certa vez, senti pena de minha própria entrada miserável no mundo, mas a de Lou - a dela era um destino muito pior. Ela literalmente nasceu para morrer.

— A natureza exige equilíbrio, — sussurrou Coco, traçando o corte na palma da mão. Perdida nos pensamentos. — Para acabar com a linhagem do rei, Morgane também deve acabar com a sua.

Madame Labelle assentiu, cansada.

— Jesus, — disse Beau. — O inferno não tem fúria.

— Mas... — Eu fiz uma careta. — Não faz sentido. Uma vida por vinte e seis? Isso não é equilíbrio.

As sobrancelhas de Madame Labelle se uniram. — Percepção é uma coisa poderosa. Ao matar Louise, Morgane terminará a linha das le Blancs para sempre. A magia de La Dame des Sorcières passará para outra linhagem quando Morgane morrer. Certamente acabar com seu próprio legado é um sacrifício digno para acabar com o de outra pessoa?

Minha carranca apenas se aprofundou. — Mas os números ainda não somam.

— Sua percepção é muito literal, Reid. Magia é diferenciada. Todos os filhos dela vão morrer. Todos os filhos dele vão morrer. — Ela pegou um fio inexistente na saia. — Claro, essa especulação não importa. Ninguém mais pode ver o padrão, então devemos usar a interpretação de Morgane.

Coco olhou para cima de repente, olhos estreitos. — Qual é o seu papel nisso tudo, *madame*? Você tentou *comprar* Lou.

— Para protegê-la. — Madame Labelle acenou com a mão impaciente. Eu fiz uma careta para o movimento. Anéis de ouro cobriam cada dedo dela, mas lá - no dedo anelar esquerdo...

Um anel de madrepérola. Quase idêntico ao que eu tinha dado a Lou.

— Eu sabia que Morgane a encontraria eventualmente, mas fiz tudo ao meu alcance para impedir que isso acontecesse. Então, sim, eu tentei *comprar* Lou - como você disse tão grosseiramente - mas apenas para a proteção dela. Embora não fosse o ideal, eu poderia ter mantido um olho nela no Bellerose. Eu poderia tê-la mantido em segurança até que outros arranjos fossem feitos. Porém, repetidamente, ela rejeitou minha proposta.

Ela levantou o queixo, encontrando os olhos de Coco. — No ano passado, minha espiã me informou que o Anel de Angélica havia sido roubado. Eu entrei em contato com todos os traficantes conhecidos da cidade - todos com membros da família recentemente assassinados pelas bruxas.

Me sentei mais ereto diante dessa nova informação. Filippa. *Filippa* havia sido assassinada pelas bruxas. O que significava...

— Quando soube que Monsieur Tremblay havia adquirido o anel, finalmente vi minha oportunidade.

Fechei os olhos. Balancei minha cabeça em descrença. Em sofrimento. Monsieur Tremblay. Durante todos esses meses, eu me concentrei em vingar a família deles, em punir as bruxas que os machucaram. Mas as bruxas estavam se vingando.

Meu suposto futuro sogro. Um traficante de objetos mágicos. *Ele* tinha sido a verdadeira causa da morte de Filippa - da dor de Célie. Mas me forcei a voltar ao presente. A abrir meus olhos.

Há um tempo para o luto, e há um tempo para seguir em frente.

— Eu sabia que Lou procurava por ele desesperadamente, — continuou Madame Labelle. — Eu instruí Babette a entrar em contato com ela, para ajudá-la a escutar minha conversa com Tremblay. Para seu benefício, eu até perguntei onde ele havia escondido. E então, quando Babette confirmou que vocês duas planejavam roubá-lo, avisei o arcebispo onde sua filha estaria naquela noite.

— Você o *quê?* — Coco exclamou.

Ela encolheu os ombros delicadamente. — Havia rumores de que ele a procurava há anos - muitas bruxas acreditavam que ela era a razão pela qual ele ficou tão possuído em nos caçar. Ele queria encontrá-la. Prefiro pensar

que ele nos matou como uma espécie de penitência macabra por seu pecado, mas isso não importa. Assumi um risco calculado que ele não a machucaria. Ele é o pai dela, afinal, e ele mal podia negar depois de vê-la. Eles são praticamente idênticos. E que lugar melhor para escondê-la do que dentro da Torre Chasseur?

Coco balançou a cabeça, incrédula. — Um pouco de honestidade teria percorrido um longo caminho!

Madame Labelle uniu as mãos no joelho, sorrindo de satisfação. — Quando ela escapou de Tremblay, pensei que tudo estava perdido, mas a cena no teatro forçou o arcebispo de maneira permanente. Ela não apenas recebeu *a* proteção *dele*, mas também o marido. E não qualquer marido, um capitão dos Chasseurs. — O sorriso dela se alargou quando ela gesticulou para mim. — Realmente funcionou melhor do que eu jamais poderia ter...

— Por quê? — Eu olhei para o anel de madrepérola em seu dedo. — Por que ter todo esse problema? Por que você se importa se Auguste Lyon morre? Você é uma bruxa. Você só se beneficiaria com a morte dele.

Meu olhar subiu lentamente para o rosto dela. Os cabelos ruivos. Seus olhos azuis arregalados.

Uma memória ressurgiu. A voz de Lou ecoou na minha cabeça.

Não seja ridículo. Claro que bruxas têm filhos.

A realização bateu em mim.

O sorriso dela desapareceu. — Eu... eu nunca poderia ficar parada e assistir pessoas inocentes morrerem...

— O rei dificilmente é inocente.

— O rei não será o único afetado. *Dezenas* de pessoas vão morrer...

— Como os filhos dele?

— Sim. Os filhos dele. — Ela hesitou, olhando entre mim e o príncipe. Se condenando. — Não haverá herdeiros sobreviventes. A aristocracia se dividirá lutando pela sucessão. A credibilidade do arcebispo já sofreu - e sua autoridade, se a sua presença aqui é alguma indicação disso. Eu ficaria surpresa se o rei não exigisse uma audiência. Os Chasseurs em breve estarão sem líder. No caos que se seguir, Morgane atacará.

Eu mal ouvi suas palavras. A realização escassa se tornou uma inundação. Passou por mim, acendendo ainda mais a fúria em minhas veias. — Você se apaixonou por ele, não foi?

Sua voz subiu uma oitava. — Bem, querido, é um pouco mais complicado do que… — Meu punho bateu na mesa e ela se encolheu. A vergonha se misturou com a minha fúria quando seu rosto caiu em derrota. — Sim, eu me apaixonei.

O silêncio caiu ao redor da mesa. Suas palavras tomaram conta de mim. As sobrancelhas de Beau se achataram em descrença.

— Você não disse a ele que era uma bruxa. — Minhas palavras eram fortes, afiadas, mas eu não fiz nada para amolecê-las. Essa mulher não merecia minha simpatia.

— Não. — Ela olhou para as mãos, os lábios contraídos. — Eu não contei. Eu nunca disse a ele o que eu era. Eu... eu não queria perdê-lo.

— Bom Deus, — disse Beau baixinho.

— E Morgane... ela encontrou vocês juntos? — Perguntou Coco.

— Não, — Madame Labelle disse suavemente. — Mas... Logo engravidei e cometi o erro de confiar nela. Nós fomos amigas uma vez. Melhores amigas. Mais próximas que irmãs. Eu pensei que ela entenderia. — Ela engoliu em seco e fechou os olhos. O queixo dela estremeceu. — Eu fui uma tola. Ela o arrancou dos meus braços quando ele nasceu - meu lindo bebê. Eu nunca disse a Auguste.

O rosto de Beau se contorceu de nojo. — Você deu à luz a um irmão meu?

Coco deu uma cotovelada forte nele. — O que aconteceu com ele?

Os olhos de Madame Labelle permaneceram fechados. Como se ela não pudesse suportar olhar para nós - para mim. — Eu nunca soube. A maioria dos bebês do sexo masculino são colocados em lares de idosos - ou orfanatos, se a criança tiver azar - mas eu sabia que Morgane nunca daria tanta bondade ao meu filho. Eu sabia que ela o puniria pelo que eu fiz, pelo que Auguste havia feito. — Ela exalou trêmula. Quando seus olhos se abriram, ela olhou diretamente para mim. — Eu procurei por ele por anos, mas ele estava perdido.

Perdido. Meu rosto torceu. Essa era uma maneira de colocar isso.

Outra seria: *enfiado no lixo e deixado para morrer.*

Ela estremeceu com o ódio no meu rosto. — Talvez ele sempre permaneça perdido para mim.

— Sim. — O ódio queimou através do meu núcleo. — Ele vai.

Eu me levantei, ignorando os olhares curiosos dos outros. — Perdemos muito tempo aqui. Lou já pode estar a meio caminho do Chateau le Blanc. Você, — apontei minha adaga para Madame Labelle, — vai me levar até lá.

— *Nos* levar até lá, — disse Ansel. — Estou indo também.

Coco ficou de pé. — Assim como eu.

Beau fez uma careta quando ele também se levantou. — Suponho que isso significa que eu também vou. Se Lou morrer, *eu* morro, aparentemente.

— Tudo bem, — eu disse. — Mas vamos embora agora. Lou já está milhas à frente de nós. Temos que recuperar o tempo perdido, ou ela estará morta antes de chegarmos ao Chateau.

— Ela não vai estar. — Madame Labelle também se levantou, enxugando as lágrimas das bochechas. Endireitando seus ombros. — Morgane vai esperar para realizar o sacrifício. Pelo menos quinze dias.

— Por quê? — Embora eu quisesse nada mais do que nunca mais falar com essa mulher, ela era meu único caminho para Lou. Um mal necessário. — Como você sabe disso?

— Eu conheço Morgane. Seu orgulho sofreu terrivelmente quando Lou escapou pela primeira vez, então ela garantirá o maior número possível de bruxas para testemunhar seu triunfo. Para as bruxas, a véspera de Natal é

Modraniht. Bruxas de todo o reino já estão viajando para o Chateau para a celebração. — Ela me espetou com um olhar aguçado. — Modraniht é uma noite para homenagear suas mães. Morgane vai se deliciar com a ironia.

— Que sorte eu não ter uma. — Ignorando sua expressão magoada, eu me virei e passei pelas dançarinas de olhos vazios e homens bêbados até a saída. — Nós nos reunimos aqui em uma hora. Certifiquem-se de não serem seguidos.

The Soul Remembers

Lou

O chão de madeira embaixo de mim balançou abruptamente e eu caí no colo de alguém. Braços macios me envolveram, junto com o aroma fresco de eucalipto. Eu congelei. O cheiro havia assombrado meus pesadelos nos últimos dois anos.

Meus olhos se abriram quando tentei me afastar, mas - para meu horror - meu corpo não respondeu. Paralisada, não tive escolha a não ser encarar os vívidos olhos verdes de minha mãe. Ela sorriu e roçou um beijo na minha testa. Minha pele se arrepiou.

— Senti sua falta, querida.

— O que você fez comigo?

Ela fez uma pausa, rindo baixinho. — Extraordinárias, essas pequenas injeções. Quando o Monsieur Bernard me trouxe uma, aperfeiçoei o remédio. Eu gosto de pensar que minha versão é mais humana. Somente seu corpo é afetado, não sua mente. — O sorriso dela se alargou. — Pensei que você gostasse um pouco do remédio de seus amigos. Eles trabalharam tanto para criar isso para você.

O chão balançou novamente, e eu olhei em volta, finalmente registrando meu entorno. O vagão da trupe coberto. Nenhuma luz filtrava através da tela grossa, então eu não conseguia discernir por quanto tempo estávamos viajando. Eu me concentrei em ouvir, mas os sons constantes dos cascos de cavalo batendo na terra eram os únicos sons. Nós deixamos a cidade.

Isso não importava. Nenhuma ajuda estaria vindo. Reid deixou isso muito claro.

A dor passou por mim em uma onda debilitante quando me lembrei de suas palavras de despedida. Embora eu tentasse esconder, uma lágrima solitária ainda escapou pela minha bochecha. O dedo de Morgane a limpou, a levando à boca para prová-la. — Minha menina linda e querida. Eu nunca vou permitir que ele te machuque novamente. Seria apropriado vê-lo queimar pelo que ele fez com você, não seria? Talvez eu possa providenciar para que você mesma acenda a fogueira dele. Isso faria você feliz?

O sangue foi drenado do meu rosto. — Não toque nele.

Ela arqueou uma sobrancelha branca. — Você esqueceu que ele é seu inimigo, Louise. Mas não se preocupe... Tudo será perdoado em Modraniht. Nós vamos providenciar a queima do seu marido antes da nossa pequena comemoração. — Ela fez uma pausa, me dando a chance de discutir e gritar com a menção de Reid. Eu me recusei. Eu não daria a ela a satisfação.

— Você se lembra do feriado, não é? Eu pensei em tornarmos ele especial este ano.

Um tentáculo de medo me invadiu. Sim, me lembrava de Modraniht.

Noite das Mães. Damas Blanches de toda Belterra se reuniam no Chateau para festejar e honrar suas ancestrais com sacrifícios. Eu tinha poucas dúvidas sobre qual seria meu papel este ano.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela tocou minha garganta carinhosamente. Eu engasguei, lembrando da explosão de dor na minha cicatriz antes de desabar. Ela riu. — Não se preocupe. Eu curei sua ferida. Eu não podia desperdiçar nenhum desse precioso sangue antes de chegarmos ao Chateau. — Seu cabelo fazia cócegas no meu rosto enquanto ela se inclinava mais perto, bem ao lado da minha orelha. — Foi uma magia inteligente e difícil de desconstruir, mas nem isso vai te salvar dessa vez. Estamos quase em casa.

— Esse lugar não é minha casa.

— Você sempre foi tão dramática. — Ainda rindo, ela estendeu a mão para dar uma batidinha no meu nariz e meu coração parou ao ver o anel de ouro em seu dedo. Ela seguiu meu olhar com um sorriso entendedor. — Ah, sim. E travessa também.

— Como você… — Engasgando com as palavras, lutei contra a substância que me paralisava, mas meus membros continuaram cruelmente sem resposta.

Morgane não podia ter o Anel de Angélica. Ela *não podia*. Eu precisava dele para dissipar seu encantamento. Se eu o usasse quando ela drenasse meu sangue, o sangue seria inútil. A magia seria quebrada. Eu morreria sim, mas os Lyons viveriam. Aquelas *crianças inocentes* viveriam.

Eu lutei com mais força, as veias na minha garganta quase explodindo com a tensão. Mas quanto mais eu lutava, mais difícil ficava de falar - de respirar - em torno do peso do meu corpo. Meus membros pareciam que em breve irão cair no chão da carroça. Em pânico, concentrei-me em puxar um padrão - *qualquer* padrão - mas o ouro piscou dentro e fora de foco, embaçado e desarticulado da droga.

Eu amaldiçoei amargamente, minha resolução rapidamente desmoronando.

— Você realmente achou que eu não reconheceria meu próprio anel? — Morgane sorriu ternamente e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você deve me dizer, no entanto, como você o encontrou? Ou foi *você* quem o roubou em primeiro lugar? — Quando eu não respondi, ela suspirou profundamente. — Como você me decepciona, querida. A fuga, o esconderijo, o anel - certamente você percebe que é tudo loucura.

Seu sorriso desapareceu quando ela levantou meu queixo, e seus olhos queimaram nos meus com um foco repentino e predatório. — Para cada semente que você espalhou, Louise, eu espalhei mais mil. Você é minha filha. Eu te conheço melhor do que você mesma. Você não pode me enganar, não pode escapar de mim e não pode esperar triunfar contra mim.

Ela parou como se estivesse esperando uma resposta, mas eu não a dei nenhuma. Com cada grama de minha concentração, concentrei-me em mover minha mão, mover meu pulso, levantar até um dedo. A escuridão nadou na minha visão por causa do esforço. Ela me assistiu lutar por vários minutos - a intensidade em seus olhos diminuindo para um tipo estranho de melancolia - antes de voltar a acariciar meus cabelos. — Todos nós devemos morrer eventualmente, Louise. Peço que você faça as pazes com isso. Em Modraniht, sua vida finalmente cumprirá seu propósito e sua morte libertará nosso povo. Você deveria estar orgulhosa. Muitas não recebem um destino tão glorioso.

Com um último suspiro desesperado, tentei atacá-la - golpeá-la, *machucá-la*, arrancar o anel de seu dedo de alguma forma - mas meu corpo permaneceu frio e sem vida.

Já morto.

Meus dias passaram em tormento. Embora a droga paralisasse meu corpo, não fez nada para entorpecer a dor nos meus ossos. Meu rosto e pulso continuaram latejando por causa do ataque da bruxa, e um nó duro se formou na minha garganta por ser furada por tantas agulhas.

E em pensar que Andre e Grue já haviam sido os piores dos meus problemas.

Os dedos pálidos de Morgane traçaram a veia, circulando até os hematomas em forma de dedo embaixo da minha orelha. — Amigos seus, querida?

Fiz uma careta e foquei na sensação de queimação nas mãos e nos pés - o primeiro indicador da droga diminuindo. Se eu fosse rápida, poderia arrebatar o Anel de Angélica e rolar da carroça, desaparecendo antes que Morgane reagisse. — Uma vez foram.

— E agora?

Eu tentei mexer meus dedos. Eles permaneceram moles. — Mortos.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Morgane retirou a familiar seringa de aço da bolsa. Fechei os olhos, tentando e falhando em impedir que meu queixo tremesse. — Suas irmãs vão curar seu corpo quando chegarmos ao Chateau. Esses horríveis hematomas devem desaparecer antes de Modraniht. Você estará saudável e pura novamente. — Ela massageou a veia na minha garganta, preparando-o para a agulha. — Como uma donzela.

Meus olhos se abriram. — Eu dificilmente sou uma donzela.

O sorriso sentimental dela vacilou. — Você realmente não *se deitou* com aquele caçador imundo, né? — Cheirando delicadamente, ela torceu o nariz com nojo. — Louise. Que decepção. Eu posso sentir o cheiro dele em você. — Seus olhos voaram para o meu abdômen, e ela inclinou a cabeça, inalando mais profundamente. — Eu *espero* que você tenha tomado precauções, querida. A maternidade é sedutora, mas esse caminho não é seu.

Meus dedos tremeram de agitação. — Não finja que você não mataria um neto.

Ela afundou a agulha profundamente na minha garganta em resposta. Mordi minha bochecha para não gritar quando meus dedos ficaram pesados mais uma vez.

— *Seu sangue é o preço.* — Ela acariciou minha garganta com saudade. — Seu ventre está vazio, Louise. *Você* é a última da minha linhagem. É quase uma vergonha... — Ela se abaixou, roçando os lábios na minha cicatriz. Déjà vu mergulhou no meu estômago quando me lembrei de Reid beijando o mesmo lugar apenas alguns dias atrás. — Eu acho que teria gostado de matar o bebê do caçador.

— Acorde, querida.

Eu pisquei acordada com o sussurro de Morgane no meu ouvido. Embora eu não tivesse como saber quanto tempo se passara - minutos, horas ou dias - a tampa da carroça havia sido finalmente descartada e a noite caíra. Não me incomodei em tentar me sentar.

Morgane apontou para algo distante de qualquer maneira. — Estamos quase em casa.

Eu podia ver apenas as estrelas acima de mim, mas o som familiar das ondas batendo nas pedras me dizia o suficiente. O próprio *ar* aqui me disse o suficiente. Era diferente do ar de peixe que eu sentia em Cesarina: nítido e afiado, com infusão de agulhas de pinheiro, sal e terra... e apenas uma pitada de mágica. Inspirei profundamente, fechando os olhos. Apesar de tudo, meu estômago ainda revirava por estar tão perto. Finalmente voltando para casa.

Em questão de minutos, as rodas da carroça bateram contra as ripas de madeira de uma ponte.

A ponte.

A lendária entrada do Chateau le Blanc.

Eu prestei mais atenção aos sons. Uma risada suave e quase indiscernível logo ecoou ao nosso redor, e o vento aumentou, rodopiando neve no ar frio da noite. Teria sido estranho se eu não soubesse que era tudo uma produção elaborada. Morgane tinha um talento para o dramático.

Ela não precisava ter se incomodado. Somente uma bruxa poderia encontrar o castelo. Uma magia antiga e poderosa cercava o castelo - uma mágica para a qual cada Dame des Sorcières havia contribuído por milhares de anos. Esperavam que eu reforçasse o encantamento algum dia se as coisas fossem diferentes.

Olhei para Morgane, que sorriu e acenou para as mulheres vestidas de branco que agora corriam descalças ao lado da carroça. Não deixaram pegadas na neve. Espectros silenciosos.

— Irmãs, — ela cumprimentou calorosamente.

Eu fiz uma careta. Estas eram as guardiãs infames da ponte. Atrizes na produção de Morgane, embora elas *gostassem* de atrair um homem

ocasionalmente para a ponte à noite.

E o afogar nas águas turvas abaixo.

— Querida, olhe. — Morgane me apoiou em seus braços. — É Manon. Você se lembra dela, não é? Vocês eram inseparáveis quando mais novas.

Minhas bochechas queimaram quando minha cabeça caiu no meu ombro. Pior, Manon estava ali para testemunhar minha humilhação, seus olhos escuros brilhando de excitação enquanto ela corria. Enquanto ela sorria alegremente e banhava a carroça com jasmim de inverno.

Jasmim. Um símbolo do amor.

Lágrimas queimaram atrás dos meus olhos. Eu queria chorar - chorar, me enfurecer e queimar o Chateau e todos os seus habitantes até o chão. Eles alegaram me amar, uma vez. Mas então... Reid também.

Amor.

Eu amaldiçoei a palavra.

Manon esticou a mão para a carroça e se levantou. Uma guirlanda de azevinho repousava sobre sua cabeça; as frutas vermelhas pareciam gotas de sangue contra seus cabelos pretos e sua pele. — Louise! Você finalmente voltou! — Ela jogou os braços em volta do meu pescoço e meu corpo flácido caiu contra o dela. — Eu temia nunca mais ver você.

— Manon se ofereceu para acompanhá-la no Chateau, — disse Morgane. — Isso não é adorável? Vocês vão se divertir juntas.

— Eu sinceramente duvido disso, — murmurei.

O rosto de ébano de Manon caiu. — Você não sentiu minha falta? Nós fomos irmãs uma vez.

— Você costuma tentar matar suas irmãs? — Eu disse com raiva.

Manon teve a decência de recuar, mas Morgane apenas beliscou minha bochecha. — Louise, pare de ser travessa. É terrivelmente chato. — Ela levantou a mão para Manon, que hesitou, olhando para mim, antes de se apressar em beijá-la. — Agora corra, criança, e prepare um banho no quarto de Louise. Nós devemos livrá-la desse sangue e fedor.

— É claro, minha senhora. — Manon beijou minhas mãos frouxas, me transferiu de volta para o colo de Morgane e pulou da carroça. Eu esperei até que ela derretesse na noite antes de falar.

— Abandone o fingimento. Não quero companhia - dela ou mais ninguém. Coloque guardas na minha porta e termine com isso.

Morgane pegou as flores de jasmim no chão da carroça e as teceu pelos meus cabelos. — Que incrivelmente rude. Ela é sua irmã, Louise, e deseja passar um tempo com você. Que maneira pobre de retribuir o amor dela.

Aquela palavra novamente.

— Então, de acordo com você, o *amor a* fez assistir enquanto eu estava acorrentada a um altar?

— Você sente rancor dela. Que interessante. — Os dedos dela percorreram meus cabelos emaranhados, trançando-os para longe do meu rosto. — Talvez, se tivesse sido uma estaca, você teria se casado com ela.

Meu estômago se contorceu. — Reid nunca me machucou.

Por todas as suas falhas, por todo o seu preconceito, ele não tinha levantado um dedo contra mim depois que a bruxa atacou. Ele poderia, mas ele não fez isso. Eu me perguntava agora o que poderia ter acontecido se eu tivesse ficado. *Será que* ele teria me amarrado à estaca? Talvez ele tivesse sido mais gentil e enfiado uma lâmina no meu coração.

Mas ele já tinha feito isso.

— O amor faz de nós todos tolos, querida.

Embora eu soubesse que ela estava me provocando, eu não conseguia ficar de boca fechada. — O que você sabe sobre o amor? Você já amou alguém além de si mesma?

— Cuidado, — ela disse suavemente, os dedos parando no meu cabelo. — Não se esqueça com quem você está falando.

Mas não estava me sentindo cuidadosa. Não, quando a grande silhueta branca do Chateau tomou forma acima de mim - e o Anel de Angélica brilhou em seu dedo - eu estava me sentindo exatamente o *oposto* de cuidadosa.

— Eu sou sua filha, — eu disse com raiva, de forma imprudente. — E você iria me sacrificar como uma vaca premiada...

Ela puxou minha cabeça para trás. — Uma vaca muito escandalosa e desrespeitosa.

— Eu sei que você acha que esse é o único caminho. — Minha voz ficou desesperada agora, sufocada por emoções que eu não queria examinar. Emoções que eu tinha trancado com força quando envelheci o suficiente para entender o plano de minha mãe para mim. — Mas não é. Eu vivi com os Chasseurs. Eles são capazes de mudar - de tolerância. Eu já vi. Podemos mostrar-lhes outra maneira. Podemos mostrar a eles que não somos o que eles acreditam que somos...

— Você foi corrompida, *filha*. — Ela enunciou a última palavra com um puxão afiado no meu cabelo. A dor irradiava pelo meu couro cabeludo, mas eu não me importei. Morgane tinha que ver. Ela tinha que *entender*. — Eu temia que isso acontecesse. Eles envenenaram sua mente como envenenaram nossa terra natal. — Ela levantou meu queixo. — Olhe para elas, Louise - olhe para o seu povo.

Não tive escolha a não ser olhar para as bruxas ainda dançando ao nosso redor. Eu reconheci alguns rostos. Outros não. Todas me olhavam com alegria absoluta. Morgane apontou para um conjunto de irmãs com pele morena e cabelos trançados. — Rosemund e Sacha - a mãe delas queimou depois de dar à luz a um bebê de um aristocrata. Elas tinham seis e quatro anos.

Ela apontou para uma mulher pequena, de pele clara, com marcas prateadas desfigurando metade do rosto. — Viera Beauchêne escapou depois que eles tentaram queimar ela e sua esposa - desta vez ácido, em vez de chamas. Um experimento. — Ela apontou para outra. — Genevieve deixou nossa terra natal com suas três filhas para se casar com um sacerdote, cortando sua conexão com nossas ancestrais. Sua filha do meio

logo adoeceu. Quando ela implorou ao marido que voltasse aqui para curá-la, ele recusou. A filha dela morreu. A mais velha e a mais novas a desprezam agora.

Seus dedos agarraram meu queixo com força suficiente para machucar. — Conte-me novamente sobre a tolerância deles, Louise. Conte-me novamente sobre os monstros que você chama de amigos. Conte-me sobre o seu tempo com eles, sobre como você cuspiu no sofrimento de suas irmãs.

— *Maman*, por favor. — Lágrimas vazaram pelo meu rosto. — Eu sei que eles nos machucaram - e eu sei que você os odeia - e eu *entendo*. Mas você não pode fazer isso. Não podemos mudar o passado, mas *podemos* seguir em frente e nos curarmos - juntas. Nós podemos compartilhar esta terra. Ninguém mais precisa morrer.

Ela só agarrou meu queixo com mais força, inclinando-se ao lado da minha orelha. — Você é *fraca*, Louise, mas não tenha medo. Eu não vou vacilar. Eu não hesitarei. Eu os farei sofrer como nós sofremos.

Me soltando, ela se endireitou com uma respiração profunda, e eu caí no chão da carroça. — Os Lyon se arrependerão do dia em que roubaram esta terra. O povo deles se contorcerão e se debaterão na estaca, e o rei e seus filhos sufocarão com seu sangue. Seu *marido* vai engasgar com seu sangue.

A confusão brilhou brevemente antes que o desespero horrendo me consumisse, apagando todo pensamento racional. Esta era minha mãe - minha *mãe* - e esse era o povo dela. Aquele era meu marido, e eles eram o povo dele. Cada lado desprezível - uma perversão distorcida do que deveria ter sido. Cada lado sofrendo. Cada lado capaz de um grande mal.

E então lá estava eu.

O sal das minhas lágrimas se misturou com o jasmim no meu cabelo, dois lados da mesma moeda miserável. — E eu, *Maman*? Você já me amou?

Ela franziu a testa, seus olhos mais pretos que verdes na escuridão. — Isso não importa.

— Importa para mim!

— Então você é uma tola, — disse ela friamente. — O amor é apenas uma doença. Esse desespero que você tem de ser amada - é uma doença. Eu posso ver nos seus olhos como isso a consome, enfraquece você. Já corrompeu seu espírito. Você anseia pelo amor dele como anseia pelo meu, mas você não terá nenhum dos dois. Você escolheu seu caminho. — Os lábios dela se curvaram. — Claro que não te amo, Louise. Você é a filha do meu inimigo. Você foi concebida para um propósito mais elevado, e eu não envenenarei esse propósito com *amor*. Com seu nascimento, eu golpeei a Igreja. Com sua morte, eu golpeio a coroa. Ambos cairão em breve.

— *Maman...*

— *Chega*. — A palavra era quieta, mortal. Um aviso. — Chegaremos ao Chateau em breve.

Incapaz de suportar a cruel indiferença no rosto de minha mãe, fechei os olhos em derrota. Eu logo desejei não ter fechado. Outro rosto ficou atrás das minhas pálpebras, me provocando.

Você não é minha esposa.

Se essa agonia era amor, talvez Morgane estivesse certa. Talvez eu estivesse melhor sem isso.

Chateau le Blanc estava no topo de um penhasco com vista para o mar. Fiel ao seu nome, o castelo fora construído de pedra branca que brilhava ao luar como um farol. Eu olhei para ele ansiosamente, olhos traçando as torres estreitas e altas que se misturavam com as estrelas. Lá - na torre ocidental mais alta, com vista para a praia rochosa abaixo - era o meu quarto de infância. Meu coração bateu na minha boca.

Quando a carroça rangeu até a guarita, abaixei o olhar. O selo da família le Blanc fora esculpido nas portas antigas: um corvo com três olhos. Um para a Donzela, um para a Mãe e um para a Anciã.

Eu sempre odiei aquele velho pássaro sujo.

O medo rastejou através de mim quando as portas se fecharam atrás de nós com um toque final. O silêncio encobriu o pátio coberto de neve, mas eu sabia que bruxas permaneciam fora de vista. Eu podia sentir os olhos delas em mim - sondando, avaliando. O próprio ar formigava com a presença delas.

— Manon irá acompanhá-la dia e noite até o Modraniht. Se você tentar fugir, — alertou Morgane, com olhos frios e cruéis, — vou matar seu caçador e te dar o coração dele. Você entende?

O medo congelou a resposta contundente na minha língua.

Ela assentiu com um sorriso elegante. — Seu silêncio é ouro, querida. Eu aprecio isso em nossas conversas. — Voltando sua atenção para um nicho fora da minha vista, ela gritou algo. Em segundos, duas mulheres curvadas que eu reconheci vagamente surgiram. Minhas velhas babás. — Acompanhe-a até o quarto, por favor, e ajude Manon enquanto ela cuida de seus ferimentos.

As duas assentiram fervorosamente. Uma deu um passo à frente e segurou meu rosto em suas mãos murchas. — Finalmente você voltou, *maîtresse*. Nós esperamos tanto tempo.

— Apenas três dias restam, — a outra cantou, beijando minha mão, — até que você possa se juntar à Deusa na Terra do Verão.

— Três? — Olhei para Morgane em alarme.

— Sim, querida. Três. Em breve, você cumprirá seu destino. Nossas irmãs vão festejar e dançar em sua honra para sempre.

Destino. Honra.

Parecia tão adorável, redigido assim, como se eu estivesse recebendo um prêmio fabuloso com um laço vermelho brilhante. Uma risada histérica saiu dos meus lábios. O sangue seria vermelho, pelo menos.

Uma das babás inclinou a cabeça em preocupação. — Você está bem?

Eu tinha autoconsciência suficiente para saber que certamente *não* estava bem.

Três dias. Era tudo o que me restava. Eu ri mais.

— Louise. — Morgane estalou os dedos na frente do meu nariz. — Algo engraçado?

Eu pisquei, meu riso morrendo tão abruptamente quanto havia começado. Em três dias, eu estaria morta. *Morta.* As batidas constantes do meu coração, o ar frio da noite no meu rosto - tudo deixaria de existir. *Eu* deixaria de existir - pelo menos do jeito que eu existia agora. Com pele sardenta e olhos verde-azulados e essa dor terrível na minha barriga.

— Não. — Meus olhos subiram para o céu claro acima de nós, onde as estrelas se estenderam por toda a eternidade. E pensar que uma vez achei que essa visão fosse melhor que a de Soleil et Lune. — Nada é engraçado.

Nunca mais riria com Coco. Ou provocaria Ansel. Ou comeria pães pegajosos no Pan ou escalaria Soleil et Lune para assistir ao nascer do sol. Havia nascer do sol na vida após a morte? Eu teria olhos para vê-los se houvesse?

Eu não sabia, e isso me assustou. Eu desviei meu olhar das estrelas, lágrimas grudando nos meus cílios.

Em três dias, eu me separaria de Reid para sempre. No momento em que minha alma deixasse meu corpo, estaríamos permanentemente separados... para onde eu estava indo, eu tinha certeza de que Reid não poderia seguir. Isso foi o que mais me assustou.

Porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que ficares, ali ficarei eu.

Mas não havia lugar para um caçador na Terra do Verão, e não havia lugar para uma bruxa no céu. Se um dos dois lugares existisse.

Minha alma se lembraria dele? Uma pequena parte de mim rezava para que não, mas o resto sabia melhor. Eu o amava. Profundamente. Tal amor não era algo apenas do coração e da mente. Não era algo para ser sentido e eventualmente esquecido, para ser tocado sem que, em troca, tocasse você. Não... Esse amor era outra coisa. Algo irrevogável. Era algo da alma.

Eu sabia que me lembraria dele. Eu sentiria sua ausência mesmo após a morte, sentiria dor para que ele ficasse perto de mim de uma maneira que nunca poderia estar novamente. *Esse* era o meu destino - tormento eterno. Por mais que doesse pensar nele, eu suportaria a dor de manter uma pequena parte dele comigo. A dor significava que éramos reais.

A morte não poderia tirá-lo de mim. Ele *era* eu. Nossas almas estavam atadas. Mesmo que ele não me quisesse, mesmo que eu amaldiçoasse seu nome, nós éramos um.

Fiquei vagamente consciente de dois pares de braços ao meu redor, me levando embora. Para onde eles me levaram, eu não me importava. Reid não estaria lá.

E ainda... Ele estaria.

Harbinger

Reid

— Estou congelando, — Beau gemeu amargamente.

Acampamos dentro de um bosque de antigos pinheiros retorcidos em La Forêt des Yeux. As nuvens obscureciam qualquer luz que a lua e as estrelas tivessem fornecido. A névoa se agarrava aos nossos casacos e cobertores. Pesada. Não natural.

A neve no chão havia ensopado minhas calças. Estremeci, olhando ao redor para minha companhia. Eles também estavam sentindo os efeitos do frio: os dentes de Beau batiam violentamente, os lábios de Ansel lentamente ficaram azuis e a boca de Coco estava manchada de sangue de coelho. Tentei não olhar para a carcaça morta aos pés dela. E falhei miseravelmente.

Percebendo meu olhar, ela deu de ombros e disse, — O sangue deles corre mais quente que o nosso.

Incapaz de ficar quieto, Ansel se aproximou dela. — Você... você sempre usa sangue de animais para mágica?

Ela o examinou um momento antes de responder. — Nem sempre. Encantos diferentes requerem aditivos diferentes. Assim como cada Dame Blanche sente padrões únicos, cada Dame Rouge sente aditivos únicos. Pétalas de lavanda podem induzir o sono, mas também sangue de morcego ou cerejas azedas ou um milhão de outras coisas. Depende da bruxa.

— Então... — Ansel piscou confuso, com o rosto franzido enquanto olhava para a carcaça de coelho. — Então você só *come* as cerejas azedas? Ou...?

Coco riu, levantando a manga para mostrar as cicatrizes que cruzavam sua pele. — Minha mágica vive dentro do meu sangue, Ansel. Cerejas azedas são apenas cerejas azedas sem ele. — Ela então franziu o cenho, como se estivesse preocupada por ter dito demais. Ansel não era o único a ouvir atentamente. Madame Labelle e Beau estavam pendurados em cada palavra dela e, para minha vergonha, eu também me aproximei. — Por que o interesse repentino?

Ansel desviou o olhar, as bochechas corando. — Eu só queria saber mais sobre você. — Incapaz de resistir, seu olhar voltou ao rosto dela segundos depois. — Todas as bruxas de sangue se parecem com você?

Ela arqueou uma sobrancelha em diversão irônica. — Elas são todos de tirar o fôlego, você quer dizer? — Ele assentiu, os olhos arregalados e sérios, e ela riu. — Claro que não. Nós viemos em todas as formas e cores, assim como as Dames Blanches - e Chasseurs.

Seus olhos se voltaram para os meus então, e eu desviei o olhar apressadamente.

Beau gemeu novamente. — Não consigo sentir os dedos dos pés.

— Sim, você mencionou isso, — Madame Labelle retrucou, aproximando seu tronco de mim. Para minha grande irritação, ela se afixou ao meu lado para a jornada. Ela parecia ter a intenção de me deixar o mais desconfortável possível. — Várias vezes, de fato, mas estamos *todos* com frio. Queixar-se disso dificilmente ajuda.

— Uma fogueira ajudaria, — ele resmungou.

— Não, — ela repetiu com firmeza. — Proibido fazer fogueiras.

Por mais relutante que eu estivesse a admitir, concordei. Fogueiras trariam atenção indesejada. Todos os tipos de criaturas malévolas vagavam por esses bosques. Um gato preto deformado já começara a nos seguir - um presságio de infortúnio. Embora mantivesse uma grande distância, havia entrado em nossas mochilas na primeira noite e comido quase toda a nossa comida.

Como se em resposta, o estômago de Ansel deu um poderoso gorgolejo. Resignado, puxei o último pedaço de queijo da minha mochila e joguei para ele. Ele abriu a boca para protestar, mas eu o interrompi. — Apenas coma.

Um silêncio sombrio caiu sobre nós quando ele obedeceu. Embora fosse muito tarde, ninguém dormiu. Estava muito frio. Coco se aproximou de Ansel, oferecendo um pouco do cobertor para ele. Ele enterrou as mãos nele com um gemido. Beau fez uma careta.

— Estamos muito próximos agora, — disse Madame Labelle a ninguém em particular. — Só mais alguns dias.

— Modraniht é em três, — apontou Beau. — Se não morrermos de fome ou congelarmos primeiro.

— Nossa chegada está perto, — admitiu Madame Labelle.

— Estamos perdendo tempo, — eu disse. — Deveríamos continuar. Ninguém vai dormir de qualquer maneira.

Apenas algumas horas em nossa jornada, Madame Labelle havia descoberto duas bruxas nos seguindo. Escoteiras. Coco e eu as despachamos com facilidade, mas Madame Labelle insistiu em traçar um novo rumo.

— A estrada está sendo vigiada, — ela disse sombriamente. — Morgane não quer surpresas.

Não vendo nenhuma alternativa que não envolvesse o abate do povo de Lou, fui forçado a concordar.

Madame Labelle olhou para onde o gato preto havia reaparecido. Ele teceu entre os galhos de pinheiro mais próximos. — Não. Nós permanecemos aqui. Não é prudente viajar por esses bosques à noite.

Beau seguiu nossos olhares. Seus olhos se estreitaram e ele se levantou. — Eu vou matar aquele gato.

— Eu não faria isso, — advertiu Madame Labelle. Ele hesitou, franzindo o cenho. — As coisas nem sempre são como aparecem nesta floresta, Vossa Alteza.

Ele caiu de volta no chão com um bufo. — Pare de me chamar assim. Estou congelando aqui, igual a você. Nada de *Alteza* nisso...

Ele parou abruptamente quando a cabeça de Coco se levantou. Os olhos dela travaram em algo atrás de mim.

— O que foi? — Ansel sussurrou.

Ela o ignorou, empurrando o cobertor e indo para o meu lado. Ela olhou para mim em um aviso silencioso.

Levantei-me lentamente.

A floresta estava parada. Muito quieta. Gavinhas de nevoeiro se enrolavam ao nosso redor no silêncio... Assistindo, esperando. Todos os nervos do meu corpo formigavam. Me avisando que não estávamos mais sozinhos. Um galho estalou em algum lugar à nossa frente, e eu me agachei, me aproximando e afastando um galho de pinheiro para espiar na escuridão. Coco sombreava meus movimentos.

Lá - a poucos passos de distância de nós - marchava um esquadrão de vinte Chasseurs. Eles se moviam silenciosamente através do nevoeiro, Balisardas em mãos. Olhos afiados. Músculos tensos. O reconhecimento me atingiu com os cabelos escuros e curtos do homem que os liderava.

Jean Luc.

O bastardo.

Como se sentisse nosso olhar, seus olhos se voltaram para nós e nos encolhemos apressadamente. — Parem, — ele murmurou, sua voz transmitida aos meus irmãos no silêncio sinistro. Eles pararam imediatamente, e ele se aproximou, apontando sua Balisarda em nossa direção. — Há algo lá.

Três caçadores avançaram para investigar a seu comando. Eu desembainhei minha Balisarda lentamente, silenciosamente, sem saber o que fazer com ela. Jean Luc não sabia que estávamos aqui. Ele tentaria nos deter, ou pior, nos seguir. Segurei minha faca com mais força. Eu poderia realmente machucar meus irmãos? Desarmar eles era uma coisa, mas... Havia muitos. Desarmar não seria suficiente. Talvez eu pudesse distraí-los por tempo suficiente para os outros escaparem.

Antes que eu pudesse decidir, o gato preto passou por mim, miando alto.

Merda. Coco e eu tentamos pegá-lo, mas ele saiu do nosso alcance, indo direto para os Chasseurs. Os três na frente quase saltaram de suas peles antes de rirem e se curvarem para coçar a cabeça dele. — É apenas um gato, Chasseur Toussaint.

Jean Luc observou-o tecer entre seus tornozelos com suspeita. — Nada é *apenas* algo em La Forêt des Yeux. — Ouvindo um suspiro descontente, ele acenou para os caçadores continuarem. — O Chateau pode estar por perto. Mantenham seus olhos afiados, homens, e suas facas mais afiadas.

Esperei alguns minutos até ousar respirar. Até os passos deles desaparecerem há muito tempo. Até o nevoeiro rodar imperturbável mais uma vez. — Isso passou por perto.

Madame Labelle juntou os dedos e se inclinou para a frente no toco. O gato - nosso inesperado salvador - esfregou a cabeça contra os seus pés e ela se inclinou para dar um tapinha apreciativo nele. — Eu diria que não foi perto o suficiente.

— O que você quer dizer?

— Não sabemos o que nos espera no castelo, capitão Diggory. Certamente há força nos números...

— Não. — Eu balancei minha cabeça, não querendo ouvir mais, e voltei para o meu lugar contra a árvore. — Eles vão matar Lou.

Perigo evitado, Ansel se enterrou mais fundo em seu cobertor. — Eu não acho que o arcebispo deixaria. Ela é filha dele.

— E os outros? — Lembrei-me do sorriso assustador de Jean Luc, como seus olhos brilhavam com conhecimento secreto. Ele havia contado aos nossos irmãos, ou tinha mantido isso para si, contente em sua nova posição de poder? Esperando revelar as informações quando mais lhe convier? — Se suspeitarem que ela é uma bruxa, eles não hesitarão. Você pode garantir a segurança dela contra eles?

— Mas o arcebispo os avisou, — argumentou Ansel. — Ele disse que se ela morresse, todos nós morreríamos. Ninguém se arriscaria a machucá-la depois disso.

— A menos que eles saibam a verdade. — Esfregando os braços contra o frio, Coco sentou-se ao lado dele. Ele lhe ofereceu metade do cobertor, e ela o envolveu em volta dos ombros. — Se Lou morresse antes da cerimônia, *não* haveria nenhuma cerimônia. Não haveria perigo. A família real estaria a salvo e uma bruxa estaria morta. Eles a matariam apenas para se livrar de seu sangue.

Madame Labelle bufou. — Como se o arcebispo se incriminasse com a verdade. Aposto minha beleza que ele não disse que ela é uma bruxa. Não depois de Ye Olde Sisters. A implicação seria muito condenatória - não que isso importe. Auguste será forçado a repreendê-lo de qualquer maneira, e é provavelmente por isso que ele e seu alegre bando de fanáticos foram para a floresta tão rapidamente. Ele está adiando o inevitável.

Eu quase não a ouvi. O sorriso de Jean Luc estava atormentando os olhos da minha mente. Ele estava perto. Muito perto.

Mantenha seus olhos afiados, homens, e suas facas mais afiadas.

Carrancudo, levantei-me mais uma vez e comecei a andar de um lado para o outro. Toquei cada faca na minha bandoleira, a Balisarda contra o meu coração. — Jean Luc sabe.

— Ele não é seu melhor amigo? — As sobrancelhas de Coco se uniram. — Ele realmente mataria a mulher que você ama?

— Sim. Não. — Balancei a cabeça, esfregando uma mão congelada no pescoço. Inquieto. — Eu não sei. Não vou arriscar de qualquer maneira.

Madame Labelle suspirou impaciente. — Não seja teimoso, querido. Estaremos grosseiramente em menor número sem eles. Entre nós cinco,

tenho certeza de que seremos capazes de levar Lou para longe antes que Jean Luc possa tocá-la...

— Não. — Eu a silenciei com um movimento curto da minha mão. — Eu disse que não vou arriscar. Essa conversa acabou.

Os olhos dela se estreitaram, mas ela não disse mais nada. Sabiamente. Curvando-se para coçar a orelha do gato, ela murmurou algo baixinho. A criatura parou - quase como se estivesse ouvindo - antes de se afastar na neblina.

Drifting

Lou

Acordei com Manon acariciando meu cabelo. — Olá, Louise.

Embora eu tentasse me afastar, meu corpo nem se mexia. Pior: estrelas pontilhavam minha visão e o mundo girava ao meu redor. Forçando-me a respirar profundamente, concentrei-me em uma folha dourada diretamente acima da minha cabeça. Foi uma das muitas flores metálicas que rastejaram pelo meu teto e farfalharam com a brisa. Apesar da janela aberta, a sala permaneceu agradável e quente, cada floco de neve girando em um brilho prateado enquanto atravessava o peitoril.

Uma vez eu chamei de poeira da lua. Morgane me presenteou com um Samhain particularmente frio.

— Cuidado. — Manon pressionou um pano frio na minha testa. — Seu corpo ainda está fraco. Morgane disse que você não come direito há dias.

Suas palavras cravaram na minha cabeça latejante, acompanhadas por outra onda vertiginosa de náusea. Eu nunca comeria novamente se isso significasse que ela ia calar a boca. Carrancuda, fixei meu olhar na luz dourada que avançava firmemente através da sala. Era manhã então. Faltavam dois dias.

— Algo errado? — Manon perguntou.

— Se eu pudesse me mover, eu vomitaria por todo o seu colo.

Ela riu simpaticamente. — Morgane disse que você pode ter uma reação adversa ao medicamento. Não é para uso prolongado.

— É assim que você chama? Medicamento? Essa é uma palavra interessante para veneno.

Ela não respondeu, mas no momento seguinte, ela balançou um bolinho de aveia com mirtilo debaixo do meu nariz. Fechei os olhos e resisti à vontade de vomitar. — Vá embora.

— Você precisa comer, Lou. — Ignorando meus protestos, ela se afundou na beira da cama e me ofereceu um sorriso hesitante. — Até fiz um de avelã com chocolate - desta vez com açúcar, não do tipo bestial que costumava fazer com sal.

Quando éramos crianças, Manon e eu não amávamos nada além de fazer pegadinhas, geralmente envolvendo comida. Biscoitos com sal em vez de açúcar. Cebolas de caramelo em vez de maçãs. Pasta de hortelã em vez de glacê.

Eu não devolvi o sorriso dela.

Ela suspirou e tocou uma mão na minha testa em resposta. Embora eu me esforçasse para me afastar, o esforço foi em vão, e minha cabeça nadou doentiamente. Concentrei-me na folha novamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Assim como Reid fazia quando ele precisava recuperar o controle.

Reid.

Fechei meus olhos miseravelmente. Sem o Anel de Angélica, eu não poderia proteger ninguém. Os Lyons morreriam. A igreja cairia. As bruxas esmagariam o reino. Eu só podia esperar que Reid e Ansel escapassem das consequências. Talvez Coco pudesse ajudá-los - eles poderiam navegar para longe de Belterra, atravessar o mar para Amaris ou Lustere...

Mas eu ainda morreria. Eu fiz um tipo estranho de pazes com meu destino na noite passada enquanto o castelo dormia. Mesmo que Morgane não tivesse me envenenado - mesmo que ela não tivesse ordenado guardas do lado de fora da minha porta - eu não tinha dúvida de que ela manteria sua promessa, se de alguma maneira eu conseguisse escapar. Bile subiu à minha garganta com o pensamento de provar o sangue de Reid. Dele asfixiar em seu coração. Fechei os olhos e voltei à sensação de calma que conjurei na noite passada.

Eu estava cansada de correr. Cansada de me esconder. Eu estava apenas... *Cansada*.

Como se sentisse minha crescente angústia, Manon levantou as mãos em convite. — Eu posso ajudar com a dor.

Com meu estômago rolando, eu estreitei os olhos para ela por apenas um momento antes de conceder. Ela começou a examinar meus vários ferimentos com dedos gentis, e eu fechei os olhos. Depois de um momento, ela perguntou, — Para onde você foi? Depois que você fugiu do castelo?

Abri os olhos com relutância. — Cesarina.

Com um aceno de seus dedos, as batidas na minha cabeça e a dor no meu estômago diminuíram infinitamente.

— E como você ficou escondida? Dos Chasseurs... de nós?

— Eu vendi minha alma.

Ela ofegou, levando a mão à boca horrorizada. — O quê?

Revirei os olhos e esclareci. — Eu me tornei uma ladra, Manon. Me agachei em teatros sujos e roubei comida de padeiros inocentes. Eu fiz coisas ruins para pessoas boas. Eu matei. Menti, traí, fumei, bebi e até dormi com uma prostituta uma vez. Então isso equivale à mesma coisa. Eu vou queimar no inferno de qualquer maneira.

Na sua expressão atordoada, a raiva explodiu quente e insistente no meu peito. Maldita seja ela e seu julgamento. Maldita seja ela e suas *perguntas*.

Eu não queria falar sobre isso. Eu não queria lembrar. Aquela vida - as coisas que eu fiz para sobreviver, as pessoas que amei e perdi no processo - se foi. Assim como minha vida no Chateau. Queimada em nada além de cinzas negras e memória mais negra ainda.

— Mais alguma coisa? — Perguntei amargamente. — De qualquer maneira, vamos continuar nos atualizando. Somos grandes amigas, afinal. Você ainda está se deitando com Madeleine? Como está a sua irmã? Suponho que ela ainda seja mais bonita que você?

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu sabia que elas tinham sido as coisas erradas a dizer. Sua expressão endureceu, e ela deixou cair as mãos, inalando bruscamente como se eu a tivesse esfaqueado. A culpa passou por mim, apesar da minha raiva. Droga. *Droga*.

— Não me interprete mal, — acrescentei de má vontade, — ela é mais bonita do que eu também...

— Ela está morta.

Minha raiva congelou em algo sombrio e premonitório com as palavras dela. Algo frio.

— Os Chasseurs a encontraram no ano passado. — Manon pegou uma linha da minha colcha, a dor brilhando forte em seus olhos. — O arcebispo estava visitando Amandine. Fleur sabia que tinha que ter cuidado, mas... seu amigo da vila havia quebrado o braço dele. Ela o curou. Não demorou muito para os caçadores perceberem o cheiro. Fleur entrou em pânico e correu.

Eu não conseguia respirar.

— Eles a queimaram. Onze anos de idade. — Ela balançou a cabeça, fechando os olhos como se estivesse lutando contra um ataque de imagens. — Eu não consegui alcançá-la a tempo, nem nossa mãe. Choramos quando o vento a levou embora.

Onze anos. Queimada viva.

Ela agarrou minha mão de repente, os olhos brilhando com ferozes lágrimas não derramadas. — Você tem a chance de corrigir os erros deste mundo, Lou. Como você pôde se afastar dessa oportunidade?

— Então você ainda me deixaria morrer. — As palavras me deixaram sem calor, tão vazia e sem emoção quanto o abismo no meu peito.

— Eu morreria mil mortes para recuperar minha irmã, — disse Manon severamente. Abandonando minha mão, ela soltou uma respiração irregular e, quando falou novamente, sua voz era muito mais suave. — Eu tomaria seu lugar se pudesse, *ma sœur* - qualquer uma de nós tomaríamos. Mas nós não podemos. Tem que ser você.

As lágrimas caiam por suas bochechas agora. — Eu sei que é pedir demais. Sei que não tenho o direito... mas, por favor, Lou. *Por favor*, não fuja novamente. Você é a única que pode acabar com isso. Você é a única que pode nos salvar. Prometa-me que não tentará escapar.

Eu assisti suas lágrimas como se fossem do corpo de outra pessoa. Um peso se instalou em mim que não tinha nada a ver com as injeções. Pressionou contra o meu peito, meu nariz, minha boca - me sufocando, me puxando para baixo, tentando-me com o esquecimento. Com rendição. Com descanso.

Deus, eu estava cansada.

As palavras deixaram meus lábios por vontade própria. — Eu prometo.

— Você... Você promete?

— Sim. — Apesar da pressão suave, da escuridão persuasiva, eu me forcei a encontrar seus olhos. Eles brilhavam com uma esperança tão clara e nítida que poderia me cortar. — Sinto muito, Manon. Eu nunca quis que alguém morresse. Quando... Depois que tudo acontecer... Eu... Prometo procurar Fleur na vida após a morte - onde quer que esteja. E se eu a encontrar, direi a ela o quanto você sente falta dela. Quanto você a ama.

Suas lágrimas caíram mais rapidamente agora, e ela apertou minhas mãos entre as dela, apertando com força. — Obrigada, Lou. *Obrigada.* Nunca esquecerei o que você fez por mim. Por nós. Toda essa dor vai acabar em breve.

Toda essa dor vai acabar em breve.

Eu só queria dormir.

Eu tinha pouco o que fazer nos próximos dois dias, mas caí na escuridão.

Eu tinha sido limpa e polida até a perfeição, todas as marcas e lembranças dos últimos dois anos foram apagadas do meu corpo. Um cadáver perfeito. Minhas babás chegavam todas as manhãs ao amanhecer para ajudar Manon a me banhar e me vestir, mas a cada nascer do sol falavam menos.

— Ela está morrendo bem diante dos nossos olhos, — alguém finalmente murmurou, incapaz de ignorar a crescente ociosidade dos meus olhos, a palidez doentia da minha pele. Manon a expulsou da sala.

Eu supunha que era verdade. Eu me senti mais conectada com Estelle e Fleur do que com Manon e minhas babás. Eu já tinha um pé na vida após a morte. Até a dor na cabeça e no estômago tinham entorpecido - ainda estavam lá, ainda inibindo, mas de alguma forma... Removidas. Como se eu existisse à parte.

— Está na hora de se vestir, Lou. — Manon acariciou meu cabelo, seus olhos escuros profundamente perturbados. Não tentei me afastar do toque dela. Eu nem pisquei. Eu apenas continuei meu olhar interminável para o teto. — Essa é a noite.

Ela levantou minha camisola por cima da cabeça e me banhou rapidamente, mas evitou realmente olhar para mim. Uma alimentação inadequada na estrada forçou meus ossos a se projetarem. Eu estava magra. Um esqueleto vivo.

O silêncio se estendeu enquanto ela enfiava meus membros no vestido cerimonial branco escolhido por Morgane. Um correspondente idêntico ao vestido que eu usei no meu décimo sexto aniversário.

— Eu sempre me perguntei, — Manon engoliu em seco, olhando para minha garganta, — como você conseguiu escapar da última vez.

— Eu desisti da minha vida.

Houve uma pausa. — Mas... Você não desistiu. Você viveu.

— Eu desisti da minha vida, — eu repeti, a voz lenta e letárgica. — Eu não tinha intenção de voltar a este lugar. — Eu pisquei para ela antes de voltar meu olhar para o pó lunar no peitoril. — De ver você ou minha mãe ou alguém aqui novamente.

— Você encontrou uma brecha. — Ela exalou suavemente em uma risada. — Brilhante. Sua vida simbólica pela sua vida física.

— Não se preocupe. — Forcei as palavras dos meus lábios com extremo esforço. Elas rolaram - grossas, pesadas e venenosas - da minha língua, me deixando exausta. Ela me deitou contra meu travesseiro e fechei os olhos. — Não vai funcionar novamente.

— Por que não?

Eu espiei um olho aberto. — Eu não posso desistir dele.

Seu olhar caiu para o meu anel de madrepérola em uma pergunta não dita, mas eu não disse nada, fechando os olhos mais uma vez. Eu estava vagamente consciente de alguém batendo, mas o som estava longe.

Passos. Uma porta se abrindo. Fechando.

— Louise? — Manon perguntou timidamente. Meus olhos se abriram... segundos ou horas depois, eu não sabia. — Nossa Senhora pediu sua presença em seus aposentos.

Quando eu não respondi, ela levantou meu braço por cima do ombro e me levantou da cama.

— Só posso acompanhá-lo até a antecâmara, — ela sussurrou. Minhas irmãs se afastaram - surpresas - enquanto caminhávamos pelos corredores. As mais jovens esticaram o pescoço para me dar uma boa olhada. — Você tem um visitante, aparentemente.

Um visitante? Minha mente imediatamente conjurou imagens nebulosas de Reid amarrado e amordaçado. O horror no meu peito parecia amortecido, no entanto. Não era tão doloroso quanto teria sido antes. Eu estava muito longe.

Ou assim eu pensava.

Pois quando Manon me deixou afundada na antecâmara de Morgane - quando a porta do quarto interno se abriu - meu coração começou a bater de novo com o que vi ali.

Com *quem* eu vi lá.

Não era Reid amarrado e amordaçado no sofá da minha mãe.

Era o arcebispo.

A porta se fechou atrás de mim.

— Olá, querido. — Morgane sentou-se ao lado dele, passando um dedo pela sua bochecha. — Como você está se sentindo esta tarde?

Eu olhei para ele, incapaz de ouvir qualquer coisa além do meu coração batendo selvagemente. Seus olhos - azuis como os meus, mas mais escuros - estavam arregalados e frenéticos. O sangue de um corte em sua bochecha pingou em sua mordaça e encharcou o tecido.

Eu olhei mais de perto. A mordaça havia sido arrancada da manga de suas vestes corais. Morgane literalmente o silenciou com sua roupa sagrada.

Em outra época, em outra vida, eu poderia ter rido da situação infeliz em que o arcebispo havia se metido. Eu poderia ter rido e rido até meu peito doer e minha cabeça girar. Mas isso foi antes. Agora, minha cabeça girou por um motivo diferente. Não havia nada engraçado aqui. Eu duvidava que algo fosse engraçado novamente.

— Venha, Louise. — Morgane se levantou e me pegou em seus braços, me carregando mais para dentro da sala. — Você parece morta de pé. Sente-se e aqueça-se junto ao fogo.

Ela me depositou ao lado do arcebispo no sofá desbotado, colocando-se do meu outro lado. O assento não era grande o suficiente para nós três, no entanto, e nossas pernas se pressionaram com uma intimidade horrível. Indiferente ao meu desconforto, ela passou um braço em volta dos meus ombros e puxou meu rosto para a curva de seu pescoço. O eucalipto sufocou meus sentidos. — Manon me disse que você não está comendo. Isso é muito travesso.

Não consegui forçar minha cabeça a se levantar. — Eu não vou morrer de fome antes do anoitecer.

— Não, suponho que você esteja certa. Eu só odeio vê-la tão desconfortável, querida. Todos nós odiamos.

Eu não disse nada. Embora eu tentasse freneticamente recuar naquela escuridão bem-vinda, a perna do arcebispo era muito pesada contra a minha. Real demais. Uma âncora me segurando aqui.

— Descobrimos esse homem desprezível no início desta manhã. — Morgane olhou para ele com alegria descarada. — Ele estava passeando por La Forêt des Yeux. Ele teve sorte de não se afogar no L'Eau Mélancolique. Devo admitir que estou um pouco decepcionada.

— Eu... não entendo.

— Sério? Eu imaginei que era óbvio. Ele estava procurando por você, é claro. Mas ele se afastou um pouco demais de seu grupo heterogêneo de caçadores. — Embora eu mal ousasse ter esperança, meu coração pulou com a revelação. Ela sorriu cruelmente. — O seu não estava entre eles, Louise. Parece que ele desistiu de você.

Doeu menos do que eu previa - talvez porque eu *tivesse* antecipado. É claro que Reid não havia acompanhado. Ele, Coco e Ansel estavam esperançosamente seguros no mar - em algum lugar muito, muito longe da morte que pairava aqui.

Morgane observou minha reação de perto. Insatisfeita com minha expressão vazia, ela apontou para o arcebispo. — Eu devo matá-lo? Isso faria você feliz?

Os olhos do arcebispo giraram para encontrar os meus, mas por outro lado, seu corpo permaneceu imóvel. Esperando.

Eu olhei para ele. Uma vez eu desejei a este homem todas as versões de uma morte ardente e dolorosa. Por todas as bruxas que ele queimou, ele

merecia. Por Fleur. Por Vivienne. Por Rosemund e Sacha e Viera e Genevieve.

Agora, Morgane me entregou a opção, mas...

— Não.

Os olhos do arcebispo se arregalaram, e um sorriso lento e malévolo surgiu no rosto de Morgane. Como se ela esperasse essa minha resposta. Como se ela fosse um gato examinando um rato particularmente suculento. — Que interessante. Você falou de tolerância antes, Louise. Por favor... Mostre-me. — Com um floreio, ela removeu a mordaça da boca dele, e ele ofegou. Ela olhou entre nós com olhos fervorosos. — Pergunte a ele qualquer coisa.

Pergunte a ele qualquer coisa.

Quando eu não disse nada, ela deu um tapinha no meu joelho em encorajamento. — Vá em frente. Você tem perguntas, não tem? Você seria uma tola se não tivesse. Agora é sua chance. Você não receberá outra. Embora eu honre seu pedido para não matá-lo, outras não farão. Ele será o primeiro a queimar quando recuperarmos Belterra.

O sorriso dela terminou de dizer o que suas palavras não fizeram. *Mas você já estará morta.*

Lentamente, me virei para olhá-lo.

Nós nunca sentamos tão perto. Eu nunca tinha visto as manchas verdes em seus olhos, as sardas quase indiscerníveis em seu nariz. Meus olhos. Minhas sardas. Centenas de perguntas inundaram meus pensamentos. *Por que você não me contou? Por que você não me matou? Como você pode ter feito aquelas coisas terríveis - como você pode ter assassinado crianças inocentes? Mães e irmãs e filhas?* Mas eu já sabia as respostas para essas perguntas, e outra subiu aos meus lábios, espontaneamente.

— Você me odeia?

Morgane gargalhou, juntando as mãos em deleite. — Ah, *Louise*! Você não está pronta para ouvir a resposta para essa pergunta, querida. Mas você irá. — Ela enfiou o dedo no corte na bochecha do arcebispo. Ele se encolheu. — Responda ela.

Perto o suficiente para assistir cada emoção fluir em seu rosto, eu esperei ele falar. Eu disse a mim mesma que não me importava de qualquer maneira, e talvez não importasse mesmo, porque a guerra atrás de seus olhos também era minha. Eu o odiava. Eu precisava que ele pagasse por seus crimes hediondos - por seu ódio, por seu *mal* - mas uma pequena parte inata de mim não poderia desejar mal a ele.

Sua boca começou a se mover, mas nenhum som saiu. Eu me inclinei mais contra o meu melhor julgamento, e sua voz subiu para um sussurro, a cadência de sua voz mudando como se ele estivesse recitando alguma coisa. Um verso. Meu coração afundou.

— 'Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der', — ele sussurrou, — 'não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações. Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a

sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro.'

Seus olhos se voltaram para os meus, vergonha e arrependimento ardendo por trás deles. — 'Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti.'

Um nó se formou na minha garganta. Engoli em seco, vagamente ciente de Morgane gargalhando novamente.

Claro que não te amo, Louise. Você é a filha do meu inimigo. Você foi concebida para um propósito mais elevado, e eu não envenenarei esse propósito com amor.

Abominação. O Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti.

Você não é minha esposa.

— 'Mas', — continuou o arcebispo, sua voz endurecendo com determinação, — 'se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel.'

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Ao vê-la, Morgane riu mais alto. — Quão emocionante. Parece que todos eles são infiéis, não é, Louise? Primeiro seu marido, agora seu pai. Nenhum deles lhe proporcionaram nada além de mágoa. Onde está essa tolerância de que você falou?

Ela fez uma pausa, claramente esperando que um de nós respondesse. Quando não fizemos, ela se levantou, o sorriso deslizando em decepção. — Estou surpresa com você, Louise. Eu esperava mais de uma luta.

— Não vou implorar pela afeição dele, nem pela sua vida.

Ela zombou. — Não *dele* - eu quis dizer o seu precioso caçador.

Eu franzi a testa para ela. Algo vagamente urgente bateu na parte de trás do meu crânio. Algo que estava faltando. Alguma informação crucial que eu não conseguia lembrar. — Eu... Não esperava que ele viesse atrás de mim, se é isso que você quer dizer.

Os olhos dela brilhavam perversamente. — Não é.

O algo vago bateu com mais força, insistente. — Então o que...?

O sangue foi drenado do meu rosto. Reid.

As palavras esquecidas de Morgane voltaram para mim através da névoa pesada da minha mente. Em meio à minha mágoa - em meio à minha raiva, desesperança e *desespero* - eu não parei para considerar o significado delas.

O povo deles se contorcerão e se debaterão na estaca, e o rei e seus filhos sufocarão com seu sangue. Seu marido vai engasgar com seu sangue.

Mas isso significava...

— Eu sei que prometi a você a chance de acender a fogueira dele. — O sussurro de Morgane destruiu o fio dos meus pensamentos. — Mas receio que você não tenha chance, afinal. O sangue do rei corre nas veias do seu caçador.

Não. Fechei os olhos, concentrando-me na respiração, mas rapidamente os reabri quando a escuridão além das minhas pálpebras começou a girar. Por pura força de vontade - não, por puro *desespero* - forcei meus membros

inúteis a agirem. Eles estremeceram e explodiram em protesto quando eu caí, caindo nas mãos estendidas de Morgane, em direção à promessa do Anel de Angélica.

Ela me pegou contra seu peito em um abraço doente. — Não se preocupe, querida. Você o verá novamente em breve.

Com um aceno de sua mão, tudo ficou escuro.

Consorting With the Enemy

Reid

Madame Labelle apontou para cima de nossas cabeças no meio da tarde. — O Chateau le Blanc está ali. — Seguimos seu dedo até a montanha que se erguia ao longe, talvez duas horas de distância. — Devemos chegar a tempo para o banquete.

Tivemos que acreditar na palavra dela. Ninguém mais podia ver nada além de árvores. Quando Beau resmungou, Madame Labelle deu de ombros e afundou graciosamente em seu tronco, cruzando as mãos no colo. — É a magia do castelo, receio. Ninguém além de uma Dame Blanche pode vê-lo até atravessarmos o encantamento. — No olhar confuso de Beau, ela acrescentou: — A ponte, é claro.

Beau abriu a boca para responder, mas eu parei de ouvir, indo à beira do nosso acampamento escondido. Na floresta, o leve cheiro de magia tocava em tudo. Mas queimava menos forte aqui, de alguma forma, misturado com o sal e as árvores. Como se pertencesse a esse lugar. Fechei os olhos e respirei fundo. Ondas bateram ao longe. Embora eu nunca tivesse posto os pés neste lugar, parecia familiar... Como Lou.

Sua essência infundia tudo - a luz do sol filtrando através dos pinheiros, o riacho escorrendo ao nosso lado, apesar do frio. Até o vento parecia dançar. Lançando o perfume dela ao meu redor, acalmando meus nervos desgastados como um bálsamo.

Aí está você, parecia dizer. *Eu não achei que você viria.*

Prometi amar e proteger você.

E prometi te amar e te obedecer. Nós dois somos lindos mentirosos...

Abri os olhos, com o peito doendo, para ver Coco parada ao meu lado. Ela olhou para as árvores como se também estivesse mantendo uma conversa silenciosa.

— Eu posso senti-la aqui. — Ela balançou a cabeça. Melancólica. — Eu a conheço desde a infância, mas... Às vezes... Gostaria de saber se realmente a conheço.

Eu pisquei em surpresa. — Você e Lou se conheceram quando crianças?

Seus olhos se voltaram para os meus, procurando meu rosto como se pensando em como responder. Finalmente, ela suspirou e voltou para as árvores. — Nós nos conhecemos quando tínhamos seis anos. Eu tinha... Me afastado do meu clã. Minha tia e eu - nós não nos damos muito bem, e ela... Bem... — Ela parou abruptamente. — Não importa. Lou me encontrou. Ela tentou me fazer rir, trançou flores no meu cabelo para me fazer sentir

melhor. Quando finalmente parei de chorar, ela jogou uma torta de lama na minha cara. — Ela deu um sorriso, mas rapidamente desapareceu. — Mantivemos nossa amizade em segredo. Eu nem contei para minha tia. Ela não teria aprovado. Ela detesta Morgane e as Dames Blanches.

— Parece que Lou tem o hábito de se apaixonar por seus inimigos.

Coco parecia não me ouvir. Embora ela ainda olhasse para as árvores, estava claro que ela não as via mais. — Eu não sabia o que as Dames Blanches estavam planejando. Lou nunca me disse. Ela nunca disse uma palavra - nem uma - em todos esses anos. E então um dia, ela apenas... Desapareceu. — Sua garganta tremeu furiosamente, e ela abaixou a cabeça para olhar para os pés. — Se eu soubesse, eu... eu as teria parado de alguma maneira. Mas eu não sabia. Eu pensei que ela estivesse morta.

Um desejo inexplicável de confortá-la me dominou, mas eu resisti. Não era hora de confortar. Era a hora de ouvir.

— Mas você a encontrou.

Ela riu sem alegria, erguendo o queixo mais uma vez. — Não. Ela me encontrou. Em Cesarina. Sem Lou, eu decidi que precisava de um tempo longe do meu... meu clã… então tentei levar a vida com furtos no East End. Eu era uma merda, — acrescentou ela. — Os policiais me prenderam no segundo dia. Lou caiu do céu e salvou minha bunda. — Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. — Foi como ver um fantasma. Um fantasma com uma garganta desfigurada. A casca tinha acabado de crescer, mas ainda era horrível de se olhar. — Ela levantou a manga, revelando suas próprias cicatrizes. — Até para mim.

Eu desviei o olhar. Eu poderia imaginar tudo muito claramente. Sua cicatriz prateada surgiu na minha mente - seguida rapidamente pela ferida aberta na garganta da bruxa morta. Eu forcei a memória para longe, a bile subindo.

— Eu queria matá-la, — disse Coco amargamente. — Ou beijá-la.

Eu ri com tristeza. — Eu posso entender.

— E mesmo depois... Depois de tudo... Ela *ainda* não falava sobre isso. Até hoje, *dois* anos depois, não sei o que aconteceu naquela noite. Não sei como ela escapou. Eu não sei uma coisa sequer. — Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha, mas ela a enxugou com raiva. — Ela manteve tudo trancado.

Seus olhos finalmente se voltaram para mim, suplicando. Eu não sabia o que ela estava perguntando.

— Temos que salvá-la. — A brisa aumentou, bagunçando seus cabelos. Ela fechou os olhos e levantou o rosto, o queixo tremendo. — Eu tenho que dizer a ela que sinto muito.

Minhas sobrancelhas franziram. — Pelo quê?

Lou não havia mencionado uma briga com Coco. Mas agora eu percebi que Lou não tinha mencionado muitas coisas. Ela era uma pessoa incrivelmente privada. Os sorrisos, as risadas fáceis, os truques, a linguagem

grosseira e o sarcasmo - todos os mecanismos de defesa. Distrações. Para desviar alguém de olhar muito perto. Até Coco.

Até eu.

— Eu deveria estar lá quando Morgane a atacou. Eu deveria ter ajudado ela... Protegido-a. Mas eu não estava. Mais uma vez. — Os olhos dela se abriram e ela voltou sua repentina veemência para mim. — Nós discutimos no seu baile. Eu disse a ela para não se apaixonar por você.

Eu não pude deixar de fazer uma careta. — Por quê?

— Não é segredo que os Chasseurs matam bruxas. Eu não gosto de você, Diggory, e não vou me desculpar por isso. — Ela fez uma pausa, parecendo lutar consigo mesma por um momento, antes de suspirar profundamente. — Mas até eu posso ver que você está tentando. Você e eu somos a melhor chance que Lou tem agora. Acho que nem ela pode sair daquele lugar duas vezes.

— Não a subestime.

— Eu não estou, — ela retrucou. — Estou sendo realista. Você não conhece as Dames Blanches como eu. Elas são fanáticas. Não há como dizer que tipo de tortura Morgane infligiu a ela.

Desconforto caiu no meu estômago como chumbo.

— Aconteça o que acontecer, — ela continuou com uma voz de aço, — você a tira de lá. Vou me preocupar com os outros. — Ela olhou por cima do ombro para onde Madame Labelle estava sentada ao lado de Ansel e Beau. — Madame Labelle não deve precisar de muita ajuda, mas os outros dois estarão vulneráveis.

— Ansel treinou em combate. — Mas minha voz não tinha convicção nem mesmo em meus próprios ouvidos. Aos dezesseis anos, o menino ainda tinha que lutar fora do pátio de treinamento.

— Assim como Beau. — Ela revirou os olhos. — Mas ele será o primeiro a urinar em si mesmo quando enfrentar a magia de uma bruxa. Nenhum deles tem a proteção da sua Balisarda, e essas bruxas não são como Lou. Ela está fora de prática, escondendo sua magia há anos. Essas bruxas são altamente qualificadas e estão à procura de nosso sangue. Elas não hesitarão em nos matar.

Todo mundo ficava dizendo isso. Todo mundo ficava dizendo que Lou era fraca. Minha inquietação se espalhou. Ela não parecia fraca quando me ligou à bruxa - quando quase rasgou minha coluna ao meio e costurou meus membros como uma boneca de pano. Se *isso* era fraqueza as outras bruxas devem possuir o poder de Deus.

Madame Labelle marchou atrás de nós. — O que vocês dois estão cochichando?

Não querendo reviver uma conversa tão dolorosa, tirei um ensinamento do livro de Lou e desviei a conversa. — Como devemos formar uma estratégia se não conseguimos ver as paredes que devemos quebrar?

Ela jogou o cabelo por cima do ombro. — Querido garoto, eu já respondi a essa pergunta pelo menos uma dúzia de vezes. Não estaremos *quebrando*

nada. Estaremos caminhando pelas portas da frente.

— E eu já *te* disse que você não vai mudar nossos rostos.

Madame Labelle deu de ombros e olhou para Ansel e Beau com fingida indiferença. — Tarde demais.

Suspirando de irritação - ou talvez resignação - eu segui seu olhar. Dois jovens estavam sentados atrás de nós, mas pareciam estranhos. Quando o mais alto dos dois me lançou um sorriso tímido, reconheci Ansel. Ele ainda tinha o nariz liso e os cabelos encaracolados - agora pretos, em vez de castanhos - mas as semelhanças terminavam ali. Beau também havia mudado completamente. Apenas seu desdém permaneceu.

Levantando sobrancelhas grossas e escuras na minha avaliação, ele gritou, — Gosta do que vê?

— Cale a boca, — Ansel assobiou. — Você quer que as bruxas nos ouçam?

— Não precisa se preocupar, querido, — disse Madame Labelle. — Por enquanto, lancei uma bolha protetora. Neste momento, deixamos de existir.

Ela voltou sua atenção para mim. Eu a encarei como se ela tivesse brotado outra cabeça. — Agora, *querido*, deixe-me explicar isso uma última vez: não podemos esperar entrar no Chateau do seu jeito. Escalar as paredes ou qualquer outra bobagem que você esteja pensando simplesmente não funcionará. O castelo inteiro é protegido por um encantamento de mil anos de idade, para prevenir tais esforços de ter sucesso e, além disso, é *precisamente* o que Morgane vai esperar de vocês *têtes carrées*. Força bruta. Uma demonstração de força. Nós estaríamos nos jogando direto em suas mãos com garras.

Beau se aproximou. — Elas realmente têm garras? — A satisfação selvagem me invadiu quando vi Madame Labelle lhe dar um nariz bulboso e uma verruga no queixo.

— Como a mudança de rostos vai nos levar para dentro? — Coco perguntou, ignorando-o.

— Somos muito reconhecíveis como somos. — Madame Labelle fez um gesto entre mim e Beau. — Especialmente vocês dois.

— Por que ele? — Perguntou Beau, duvidoso.

— Ele tem quase dois metros de altura e cabelos ruivos, — disse Madame Labelle. — *E* ele ganhou uma certa notoriedade por matar Estelle, além de manchar a preciosa princesa delas. As bruxas já ouviram falar dele.

Manchar a preciosa princesa delas. Cada palavra esfaqueou meu peito, mas eu me forcei a me concentrar. — Homens não são permitidos no Chateau, então, a menos que você planeje nos tornar mulheres...

— Não a tente, — murmurou Beau.

Madame Labelle riu e deu um tapinha no meu cotovelo. — Por mais divertido que isso soe, Reid querido, homens são permitidos no Chateau como consortes - especialmente durante festivais como o Modraniht. Toda bruxa presente provavelmente estará carregando uma pessoa especial em seu braço. Não se preocupe, — ela acrescentou a Coco. — Muitas bruxas

preferem companhia feminina. Na verdade, será mais fácil te esgueirar para dentro do que esses brutos.

— Eu sei. Eu *também* sou uma bruxa, caso você tenha esquecido. — Coco cruzou os braços, espetando Madame Labelle com um olhar. — Mas você espera que apenas subamos até as portas da frente e perguntemos se há bruxas disponíveis para a noite?

— Claro que não. Há muitas bruxas disponíveis viajando por esses bosques agora. — Ela apontou através das árvores, onde um trio de bruxas acabara de aparecer. Jovens. Magras. Rostos semelhantes a bonecas com cabelos escuros e pele âmbar. Rindo livremente - completamente inconsciente que estão sendo vigiadas. — Mas precisamos nos apressar. Hoje não somos os únicos esperançosos vagando pela encosta da montanha.

Como se em resposta, um jovem magro cambaleou atrás das bruxas e produziu um buquê de verduras do inverno. As bruxas riram - deliciadas e cruéis - antes de se afastarem.

— Oh, querido. — Madame Labelle observou o garoto jogar o buquê no chão. — Quase sinto pena da pobre alma. Ele precisará se esforçar mais para capturar uma bruxa. Temos um gosto impecável.

Beau fez um barulho de indignação. — Então, como exatamente eu devo pegar uma com cara de sapo?

— Tendo amigos diabolicamente bonitos, é claro.

Madame Labelle piscou e, mais rápido do que eu pensava ser possível, tirou a Balisarda da minha bandoleira. Ela moveu um dedo para mim quando eu fui em direção a ela, e uma sensação peculiar se espalhou do centro do meu rosto para fora - como se um ovo tivesse sido quebrado no meu nariz. Assustado, parei de me mover quando deslizou sobre minhas bochechas. Meus olhos. Minha boca. Mas quando começou a deslizar pela minha garganta, eu avancei mais uma vez, apertando meus lábios contra a magia.

— Quase lá, — Madame Labelle disse alegremente, dançando fora de alcance. Os outros assistiram minha transformação com muita atenção. Até Beau se esqueceu de parecer desagradável.

Depois de revestir as pontas dos meus cabelos, a magia finalmente desapareceu. O silêncio desceu, e eu expirei a respiração que estava segurando. — E então?

— Isso é besteira, — disse Beau.

Meu cabelo tinha se tornado preto. Barba cresceu nas minhas bochechas. Embora eu não pudesse ver o resto das mudanças, o ângulo do mundo parecia diferente. Como se eu tivesse... Encolhido. Cerrando os dentes, puxei minha Balisarda de volta de Madame Labelle, a embainhei e fui atrás das bruxas.

— Espere, espere! — Ela choramingou. Eu me virei com relutância, e ela estendeu a mão mais uma vez. — Devolva.

Eu a encarei, incrédulo. — Acho que não.

Ela acenou com a mão, insistente. — Você pode pensar que suas picaretas foram forjadas em água benta, mas eu sei melhor. A Espada de Balisarda foi feita na mesma água que o Anel de Angélica. — Ela apontou o polegar por cima do ombro. — Em L'Eau Mélancolique. Por uma bruxa.

— Não. Foi forjada por São Constantin...

— Foi forjada pela amante de São Constantin, Angélica, — disse Madame Labelle, impaciente. — Aceite isso. Siga em frente.

Meus olhos se estreitaram. — Como você sabe?

Ela encolheu os ombros. — A magia sempre deixa um rastro. Só porque não podemos sentir o cheiro em suas Balisardas ou no Anel de Angélica não significa que uma bruxa inteligente não a detecte - e Morgane é uma bruxa inteligente. Você realmente quer arriscar que ela nos descubra?

Minha mão gravitou de volta para a bandoleira e meus dedos envolveram o punho de safira perto meu coração. Saboreei sua suavidade... Seu peso tranquilizador. Nossas Balisardas não podiam ser mágicas. Elas nos *protegiam* da magia. Mas tudo na minha vida esquecida por Deus tinha sido uma mentira. Por que não isso também?

Desembainhando a lâmina, eu fiz uma careta para o céu.

— Você espera que entremos no Chateau le Blanc completamente desarmados? — Perguntou Beau, incrédulo.

— Claro que não. Pegue as armas não mágicas que desejarem. Apenas deixe a Balisarda no acampamento. — Ela sorriu docemente. — Podemos coletar depois de resgatarmos Louise.

— Você está louca... — Ele parou, atordoado, enquanto eu colocava minha Balisarda na mão estendida de Madame Labelle.

Sem outra palavra, eu me virei e fui atrás das bruxas.

Elas deram uma olhada em mim e explodiram em gritos ininteligíveis.

— A mandíbula dele pode cortar vidro! — Uma delas estremeceu. Fortemente. Como se eu não estivesse lá. Não - como se eu não fosse nada além de uma vaca premiada, incapaz de compreender uma palavra que elas estavam dizendo. Tentei não fazer uma careta, mas falhei miseravelmente.

— Oh, olhe para os cílios dele, — a segunda suspirou. Essa teve a coragem de esticar a mão e tocar meu rosto. Eu me forcei a ficar parado. Me abster de quebrar *seu* pulso. — Você tem uma irmã, lindo?

— Ele é meu, — a terceira disse rapidamente, afastando a mão da segunda. — Não toque nele!

— *Eu* sou a mais velha, — a primeira interrompeu. — Então eu recebo a primeira escolha!

Atrás de mim, Ansel e Beau riram silenciosamente. Eu desejava bater na cabeça deles, amaldiçoando Madame Labelle por emparelhar eles comigo.

Adotei uma voz tão agradável quanto pude. — *Mademoiselles*, posso apresentar meus irmãos? — Eu puxei os dois para frente pelos seus colarinhos, e seus sorrisos desapareceram. — Este é Antoine. — Empurrei

Ansel em direção a uma delas aleatoriamente. Peguei Beau em seguida. — E este é Burke.

A bruxa que eu emparelhei com Beau torceu o nariz. Embora Madame Labelle tivesse piedade dele e removesse sua verruga, ele sem dúvida continuava sendo o menos atraente de nós. Implacável - ou simplesmente estúpido - ele lançou um sorriso encantador à bruxa, revelando uma lacuna entre os dois dentes da frente. Ela se afastou dele, enojada.

A primeira bruxa passou a mão em meu braço, tentando me puxar para perto. — E qual o *seu* nome, bonito?

— Raoul.

Seus dedos exploraram meu bíceps. — Prazer em conhecê-lo, Raoul. Eu sou Elaina. Você já esteve no Chateau?

Eu lutei para manter meu rosto educado. Interessado. — Não, mas eu ouvi que é lindo.

— Assim como são seus habitantes. — Beau deu uma piscadela malandra. Todo mundo o ignorou.

— Você está prestes a se deleitar! — A bruxa ao lado de Ansel empurrou a irmã para agarrar meu outro braço. — Eu sou Elodie, a propósito. Tem *certeza* de que não tem uma irmã? — Ela olhou atrás de mim, esperançosa.

— Ei! — A terceira irmã protestou quando percebeu que eu não tinha mais braços sobrando.

— Essa é Elinor, — disse Elaina, desdenhosa. — Mas Elodie está certa - você não poderia ter escolhido uma noite melhor para oferecer seus serviços. Hoje é Modraniht e amanhã é o Yule. Nossa Senhora planejou um grande festival este ano...

— Viajamos de Sully para comemorar… — Disse Elodie.

— ...porque Louise finalmente voltou! — Elinor terminou. Ela agarrou o braço de Ansel e nos seguiu através das árvores.

Meu coração parou e eu tropecei. Dois pares de mãos se moveram ansiosamente para me firmar.

— Você está bem? — Elaina perguntou.

— Você parece muito pálido, — disse Elodie.

— Quem é Louise? — Beau perguntou, me lançando um olhar afiado.

O nariz de Elinor enrugou quando ela olhou para ele. — Louise le Blanc. Filha e herdeira de La Dame des Sorcières. Você é estúpido?

— Aparentemente. — Beau olhou para frente com uma expressão confusa. — Então, *mademoiselles - o* que nossa bela dama planejou para nós esta noite? Comida? Dança? Vamos *conhecer* a adorável Louise?

— *Você* não, — disse Elinor. — Você não vem.

Eu parei de andar abruptamente. — Ele vai aonde eu vou.

Elaina fez beicinho para mim. — Mas nenhum de nós o *quer*.

— Se você me *quer*, ele vai. — Eu me afastei dela, e seus lábios enrugaram um pouco. Eu me castiguei mentalmente. — Por favor. — Coloquei uma mecha de cabelo preto atrás da sua orelha e tentei sorrir. — Ele é meu irmão.

Ela se inclinou para o meu toque, franzindo a testa em um suspiro. — Bem, se você insiste.

Nós voltamos a andar. Ansel pigarreou. — Então… Er, o que *podemos* esperamos de hoje à noite?

Elinor sorriu timidamente. — Você não precisa ficar nervoso, Antoine. Eu vou cuidar bem de você.

O rosto de Ansel queimava vermelho. — Não, não é... Eu quis dizer...

Elinor riu e se aninhou mais perto dele. — Haverá os presentes habituais e pequenos sacrifícios. Nossa mãe faleceu há alguns anos, então honraremos Nossa Senhora em seu lugar.

— E a Deusa, é claro, — acrescentou Elodie.

— E então, — disse Elaina, ansiosa, — depois do banquete e da dança, Morgane fará seu sacrifício à Deusa à meia-noite.

Meia-noite. A dormência rastejou sobre meus membros. — O sacrifício dela?

Elaina inclinou-se conspiratoriamente. — A filha dela. Terrivelmente perverso, mas é o que é. Estaremos testemunhando a história hoje à noite, você e eu.

Elodie e Elinor bufaram protestos por serem excluídas, mas eu não as ouvi. Um zumbido começou nos meus ouvidos e minhas mãos se fecharam em punhos. Beau bateu no meu calcanhar em um gesto inocente. Eu tropecei, saindo do aperto das bruxas, antes de me aproximar dele.

— Desculpe, Raoul. — Ele deu de ombros e sorriu com facilidade, mas seus olhos continham um aviso. — E você achando que eu poderia controlar meus próprios pés, hein?

Eu respirei firmemente. Então outra vez. Forcei-me a abrir os punhos.

Um.

Dois.

Três...

— Ah, olhe! — Elinor apontou para a nossa esquerda. Um pequeno grupo de pessoas surgiu entre as árvores. — São Ivette e Sabine! Oooh, nós não as vemos desde que éramos bruxinhas!

Elaina e Elodie gritaram de alegria e arrastaram eu e Ansel em direção as recém-chegadas. Beau seguiu atrás.

Após uma inspeção mais detalhada, reconheci Coco no braço de uma das recém-chegadas. O que deixou apenas Madame Labelle desaparecida. Quando Coco me lançou um olhar furtivo e perturbado, assenti em entendimento.

— Mantenham as bocas fechadas e os olhos abertos, — advertiu Madame Labelle. — Eu vou encontrar vocês lá dentro.

Instruções vagas, insatisfatórias. Sem mais explicações. Sem contingências. Éramos um Chasseur, um iniciado, o príncipe de Lyon e uma bruxa de sangue entrando no Chateau le Blanc às cegas. Lou não era a única que morreria se as coisas corressem mal hoje à noite.

Elaina me apresentou a suas amigas antes de enrolar os dedos nos meus e descansar a cabeça no meu braço. Eu arregacei os dentes em um sorriso, imaginando que ela era Lou.

Lou, vibrante e viva. Franzindo o nariz e me xingando carinhosamente. Eu imaginei o rosto dela. Me segurei na imagem dela.

Era a única maneira de continuar sem estrangular alguém.

Elodie olhou para uma das mulheres ao lado de Coco com interesse óbvio antes de dar um tapinha na minha bochecha. — Desculpe, animal de estimação. Se você tivesse uma irmã...

Ela se afastou sem olhar para trás, e Ansel deu um passo ao meu lado. Sob a cobertura da tagarelice das meninas, ele cutucou meu braço, acenando na frente de nós para onde as árvores se afinavam. — Veja.

Uma ponte se estendia diante de nós. Impossivelmente longa. De madeira. Lendária. Acima, elevando-se sobre o pico da montanha, estava o Chateau le Blanc.

Nós tínhamos chegado.

Modraniht

Reid

Havia bruxas por toda parte.

Minha respiração ficou presa quando elas me levaram ao pátio nevado. Estava quase lotado demais para andar. Em todo lugar que eu olhava, eu encontrava com alguém. Havia bruxas, bebês e mulheres de todas as idades, formas e cores - todas com olhos brilhantes de excitação. Todas coradas. Todas rindo. Todas louvando a deusa pagã.

Uma mulher de cabelos escuros correu até mim através da multidão, na ponta dos pés para pressionar um beijo na minha bochecha. — Feliz encontro! — Ela riu antes de desaparecer na multidão mais uma vez.

Uma velha bruxa decrépita com uma cesta de sempre-vivas veio a seguir. Eu olhei para ela com desconfiança, lembrando da bruxa do mercado, mas ela só colocou uma coroa de zimbro na minha cabeça e grunhiu uma bênção da deusa. Garotinhas passaram correndo pelas minhas pernas em um jogo selvagem de pega-pega. Pés nus e rostos sujos. Fitas nos cabelos.

Era uma loucura.

Elaina e Elinor - que abandonaram Ansel depois de perceber que Elodie havia me trocado - me puxaram em direções opostas, cada uma determinada a me apresentar a todas as pessoas que elas já conheceram. Eu não me incomodei em lembrar seus nomes. Há um mês, eu queria todas mortas. Agora, uma espécie de buraco oco se abriu no meu estômago enquanto eu as cumprimentava. Essas mulheres - com seus sorrisos bonitos e rostos brilhantes - queriam Lou morta. Elas estavam aqui para *comemorar* a morte de Lou.

A folia logo se tornou intolerável. Assim como o cheiro não diluído da magia, mais forte aqui do que em qualquer lugar que eu já estive.

Eu me afastei de Elaina com um sorriso tenso. — Eu preciso ir a casa de banho.

Embora meus olhos vagassem atrás de Madame Labelle, eu não tinha ideia de que rosto ela tinha tomado - ou se ela chegou a entrar.

— Você não pode! — Elaina me apertou com mais força. O sol havia afundado abaixo do castelo, alongando as sombras no pátio. — O banquete está prestes a começar!

Com certeza, as bruxas começaram a se mover em direção às portas como se respondessem a uma chamada silenciosa. Talvez elas respondessem. Se eu me concentrasse o suficiente, eu quase podia sentir o leve sussurro através da minha pele. Eu estremeci.

— Claro, — eu resmunguei quando ela me puxou para frente. — Eu posso esperar.

Ansel e Beau ficaram perto de mim. Coco tinha sido arrastada assim que cruzamos a ponte, e eu não a vi desde então. Sua ausência me deixou desconfortável.

Beau deu uma cotovelada em uma bruxa gorda para se juntar a nós. — Nossa Senhora vai participar da festa?

— Com *licença*. — Ela quase o derrubou em retaliação, e ele colidiu comigo antes de se endireitar.

— Bom Deus. — Ele olhou as costas largas da bruxa enquanto ela passava por um conjunto de portas de pedra. Acima delas, uma descrição elaborada das luas crescentes, cheias e minguantes havia sido esculpida.

— Eu acho que você tem a divindade errada, — eu murmurei.

— Vocês vêm ou não? — Elinor me puxou além da escultura, e eu tive pouca escolha a não ser segui-la.

O salão era vasto e antigo - maior que o santuário de Saint-Cécile - com tetos abobadados e vigas gigantes cobertas de neve e folhagem, como se o pátio tivesse de alguma forma derramado aqui dentro. Videiras rastejavam pelas janelas arqueadas. Gelo brilhava nas paredes. Longas mesas de madeira percorriam o chão, transbordando de musgo e velas tremeluzentes. Milhares delas. Elas lançaram um brilho suave nas bruxas que permaneceram nas proximidades. Ninguém havia se sentado ainda. Todas assistiam o outro lado da sala com muita atenção. Eu segui seus olhares. O ar que nos rodeava parecia estar parado.

Ali, em um trono de mudas, estava sentada Morgane le Blanc.

E ao lado dela - de olhos fechados e membros pendurados - flutuava Lou.

Minha respiração saiu em um doloroso suspiro enquanto eu a olhava. Apenas quinze dias se passaram, mas ela parecia esquelética e doentia. Seu cabelo selvagem estava controlado e bem trançado, e suas sardas haviam desaparecido. Sua pele - uma vez dourada - agora parecia branca. Cinzenta.

Morgane a suspendeu no ar de costas, com o corpo dela quase curvado em dois. Os dedos dos pés e das mãos roçaram o chão do tablado. Sua cabeça pendeu para trás, forçando sua garganta longa e delgada a se estender para a sala inteira ver. Exibindo com destaque sua cicatriz.

Raiva diferente de tudo que eu já senti explodiu através de mim.

Eles estavam zombando dela.

Da minha esposa.

Dois pares de mãos agarraram a parte de trás do meu casaco, mas eles não eram necessários. Fiquei parado com uma quietude sobrenatural, os olhos fixos na forma inerte de Lou.

Elinor ficou na ponta dos pés para ver melhor. Ela riu atrás da mão. — Ela não é tão bonita quanto eu me lembrava.

Elaina suspirou. — Mas veja como ela está esbelta.

Eu me virei para olhá-las. Lentamente. As mãos nas minhas costas se apertaram.

— Calma, — Beau respirou no meu ombro. — Ainda não.

Eu forcei uma respiração profunda. *Ainda não,* repeti para mim mesmo. *Ainda não, ainda não.*

— Qual é o problema com vocês três? — A voz de Elaina soou estranhamente alta no silêncio da sala. Aguda e desagradável.

Antes que pudéssemos responder, Morgane levantou-se da cadeira. A conversa murmurada na sala morreu instantaneamente. Ela sorriu para nós com o ar de uma mãe vendo seu filho favorito.

— Irmãs! — Ela levantou as mãos em súplica. — Abençoado seja!

— Abençoado seja! — As bruxas responderam em uníssono. Uma alegria arrebatadora iluminou seus rostos. Alarme moderou minha raiva. Onde estava Madame Labelle?

Morgane deu um passo abaixo no estrado. Eu assisti impotente enquanto Lou flutuou atrás dela. — Abençoados sejam os teus pés, — gritou Morgane, — que te trouxeram por esses caminhos!

— Abençoados sejam! — As bruxas bateram palmas e bateram com os pés em ritmo selvagem. O medo percorreu minha espinha enquanto eu as observava.

Morgane deu outro passo. — Abençoados sejam os teus joelhos, que se ajoelharão no altar sagrado!

— Abençoados sejam! — Lágrimas correram pelo rosto da bruxa gorda. Beau a observou fascinado, mas ela não percebeu. Ninguém percebeu.

Mais um passo. — Abençoado seja o teu ventre, sem o qual não estaríamos aqui!

— Abençoado seja!

Morgane havia descido completamente agora. — Abençoados sejam os teus seios, formados em beleza!

— Abençoado seja!

Ela esticou os braços e jogou a cabeça para trás, o peito arfando. — E abençoados sejam os teus lábios, que proferirão os Nomes Sagrados das deusas!

Os gritos das bruxas aumentaram a um tumulto. — Abençoado seja!

Morgane abaixou os braços, ainda respirando pesadamente, e as bruxas gradualmente se acalmaram.

— Bem-vindas, irmãs, e feliz Modraniht! — Seu sorriso indulgente retornou quando ela pisou na cabeceira da mesa do meio. — Aproximem-se de mim, por favor, e comam e bebam sua comida! Hoje à noite comemoramos!

As bruxas aplaudiram mais uma vez e correram para as cadeiras mais próximas.

— Os consortes não podem se sentar às mesas, — Elaina falou apressadamente sobre seu ombro. Ela correu atrás de sua irmã. — *Va-t'en!* Fique de pé junto à parede com os outros!

Alívio surgiu através de mim. Nós rapidamente nos juntamos aos outros consortes na parede dos fundos.

Beau nos indicou uma das janelas. — Aqui. Estou com dor de cabeça por causa de todo o incenso.

A posição oferecia uma visão desimpedida de Morgane. Com um aceno preguiçoso da mão, ela chamou a comida. Logo sons de talheres tilintando juntaram-se ao riso ecoando pelo corredor. Uma consorte ao nosso lado se virou e disse com admiração, — Ela é quase bonita demais para se olhar, La Dame des Sorcières.

— Então não olhe para ela, — eu respondi.

A garota piscou, assustada, antes de se afastar.

Voltei minha atenção para Morgane. Ela não se parecia em nada com os desenhos da Torre Chasseur. A mulher era linda, sim, mas também fria e cruel - como gelo. Ela não tinha o calor de Lou nela. Ela não tinha nada de Lou nela. As duas eram noite e dia - inverno e verão - e ainda... Havia algo semelhante em sua expressão. No conjunto da mandíbula. Algo determinado. Ambas confiantes em sua capacidade de dobrar o mundo à sua vontade.

Mas era assim que Lou costumava parecer. Agora, ela flutuava perto de Morgane como se estivesse dormindo. Uma bruxa estava ao seu lado. Alta e com pele de ébano. Ramos de azevinho trançavam seus cabelos negros.

— Pobre Cosette de uma bruxa, — uma voz murmurou ao meu lado. Coco. Ela observou Lou e a bruxa de ébano com uma expressão insondável.

Uma mão pequena tocou meu braço pela janela. Eu me virei rapidamente.

— Não se vire!

Parei de me mover abruptamente, mas não antes de vislumbrar o cabelo loiro acobreado e os alarmantes olhos azuis de Madame Labelle.

— Você parece a mesma. — Tentei mover meus lábios o mínimo possível. Coco e eu recuamos até estarmos pressionados contra o peitoril da janela. Ansel e Beau se aproximaram de nós, bloqueando completamente Madame Labelle de vista. — Por que você não está disfarçada? Onde você esteve?

Ela bufou irritada. — Até *meu* poder tem limites. Entre lançar o encantamento protetor em nosso acampamento e transformar todos os seus rostos - assim como *manter* essas transformações - eu estou exausta. Eu mal consegui clarear meu cabelo, o que significa que não posso entrar. Eu sou muito reconhecível.

— Do que você está falando? — Coco assobiou. — Lou nunca teve que *manter* padrões na enfermaria. Ela simplesmente - eu não sei - os *fazia*.

— Você quer que eu mude seu rosto permanentemente, então? — Madame Labelle a espetou com um olhar furioso. — De qualquer maneira, seria *muito* mais fácil para mim acabar com isso e fazer com que todos vocês permaneçam pequenos cretinos lascivos para sempre...

Calor subiu pela minha garganta. — Lou praticava *magia* na *igreja*?

— Então, qual é o plano? — Ansel sussurrou apressadamente.

Eu me forcei a focar novamente nas mesas. A refeição estava chegando ao fim rapidamente. A música vinha de algum lugar lá fora. Algumas já haviam se levantado de suas cadeiras para recuperar seus companheiros. Elaina e Elinor logo estariam em cima de mim.

— O plano é esperar meu sinal, — disse madame Labelle, concisa. — Eu fiz alguns arranjos.

— O quê? — Eu resisti à vontade de me virar e estrangulá-la. Agora não era hora nem lugar para instruções vagas e inúteis. Agora era a hora da decisão. De ação. — Que arranjos? Que sinal?

— Não há tempo para explicar, mas você saberá quando o vir. Eles estão esperando lá fora...

— *Quem?*

Parei de falar abruptamente quando Elinor se aproximou de nós.

— Ha! — Ela gritou triunfante. Sua respiração cheirava a vinho doce. Suas bochechas coradas de rosa. — Eu venci ela até aqui! Isso significa que eu ganho a primeira dança!

Eu cavei meus pés no chão quando ela me puxou, mas quando olhei por cima do ombro, Madame Labelle se foi.

Girei Elinor pela clareira sem vê-la. Levou quase meia hora para caminhar até esse lugar não natural, escondido nas profundezas da sombra da montanha. A mesma névoa espessa de La Forêt des Yeux grudava no chão aqui. Ela estava em torno de nossas pernas enquanto dançávamos, combinando com a melodia vibrante. Eu quase podia ver os espíritos de bruxas há muito tempo mortas dançando nela.

As ruínas de um templo - pálidas, desmoronando - se abriram para o céu noturno no meio da clareira. Morgane ficou sentada lá com Lou ainda inconsciente, supervisionando pequenos sacrifícios. Um altar de pedra levantou-se do chão ao lado delas. Brilhava intocado ao luar.

Minha mente e meu corpo guerrearam. O primeiro gritava parar esperar por Madame Labelle. O último ansiava por se jogar entre Lou e Morgane. Eu não aguentava mais olhar para o corpo sem vida dela. Observá-la se afastar como se ela já fosse um espírito na névoa.

E Morgane - nunca antes desejei matar uma bruxa como agora, mergulhar uma faca na garganta e afastar a cabeça pálida do corpo. Eu não precisava da minha Balisarda para matá-la. Ela sangraria sem ela.

Ainda não. Aguarde o sinal.

Se ao menos Madame Labelle tivesse nos dito qual *era* o sinal.

A música tocava sem parar, mas não havia músicos à vista. Elinor relutantemente me passou para Elaina, e eu perdi a noção do tempo. Perdi a noção de tudo, menos da batida de pânico do meu coração, do ar frio da noite na minha pele. Quanto tempo Madame Labelle quer que eu espere? Onde ela estava? *Quem* ela estava esperando?

Muitas perguntas e respostas insuficientes. E ainda não havia sinal de madame Labelle.

O pânico rapidamente deu lugar ao desespero quando a última ovelha foi morta, e as bruxas começaram a apresentar outras oferendas a Morgane. Esculturas em madeira. Ervas empacotadas. Jóias de hematita.

Morgane observou-as colocar cada presente a seus pés sem dizer uma palavra. Ela acariciou os cabelos de Lou distraidamente quando a bruxa de ébano se aproximou de dentro do templo. Eu não conseguia ouvir a conversa murmurada, mas o rosto de Morgane se iluminou com o que a bruxa disse. Eu assisti a bruxa retornar ao templo com um mau pressentimento.

Se isso fez Morgane feliz, não poderia ser bom para nós.

Elaina e Elinor logo me deixaram para adicionar seus presentes à pilha. Estiquei o pescoço para procurar qualquer coisa errada, qualquer coisa que pudesse ser interpretada como um sinal, mas não havia nada.

Ansel e Coco se aproximaram ao meu lado, a angústia deles era quase palpável. — Não podemos esperar muito mais, — Ansel respirou. — É quase meia-noite.

Eu assenti, lembrando do sorriso perverso de Morgane. Algo estava vindo. Não podíamos esperar mais. Se Madame Labelle deu o sinal ou não, chegou a hora de agir. Eu olhei para Coco. — Precisamos de uma distração. Algo para desviar a atenção da Morgane de Lou.

— Algo como uma bruxa de sangue? — Ela perguntou sombriamente.

Ansel abriu a boca para protestar, mas eu o interrompi. — Vai ser perigoso.

Ela cortou o pulso com um movimento do polegar. Sangue escuro brotou, e um cheiro forte e amargo perfurou o ar enjoativo. — Não se preocupem comigo. — Ela se virou e passou através da névoa para fora de vista.

Eu verifiquei a bandoleira de facas debaixo do casaco o mais discretamente possível. — Ansel... antes de fazermos isso... eu... eu só quero dizer que... — parei, engolindo em seco — eu sinto muito. Sobre antes. Na torre. Eu não deveria ter tocado em você.

Ele piscou surpreso. — Está tudo bem, Reid. Você estava chateado...

— Não está tudo bem. — Tossi sem jeito, incapaz de encontrar seus olhos. — Er, quais armas você tem?

Antes que ele pudesse responder, a música parou abruptamente e a clareira mergulhou no silêncio. Todos os olhos se voltaram para o templo. Eu assisti horrorizado enquanto Morgane se levantava, olhos brilhando com intenção maliciosa.

Era isso. Nós realmente estávamos sem tempo.

Eu segui as bruxas enquanto elas se aproximaram, mariposas atraídas pela chama. Segurando uma faca debaixo do casaco, manobrei para a frente da multidão. Ansel sombreava meus movimentos, e Beau logo se juntou a ele.

Que bom. Eles poderiam se proteger. Embora, se eu falhasse, eles estariam mortos de qualquer maneira.

Morgane era o alvo.

Uma lâmina no peito a distrairia tão bem quanto Coco poderia. Se eu tivesse sorte, isso a mataria. Se não tivesse, pelo menos ganharia tempo suficiente para agarrar Lou e fugir. Rezei para que os outros fossem capazes de escapar sem serem detectados.

— Muitos de vocês viajaram de muito, muito longe para prestar homenagem a este Modraniht. — A voz de Morgane era suave, mas era clara no silêncio da clareira. As bruxas esperaram com a respiração suspensa. — Estou honrada por sua presença. Eu estou sensibilizada com seus presentes. Sua folia hoje à noite restaurou meu espírito. — Ela procurou cada rosto com cuidado, seus olhos parecendo permanecer nos meus antes de continuar. Eu soltei uma respiração lenta.

— Mas vocês sabem que esta noite é mais do que folia. — continuou ela, a voz ainda mais suave. — Esta é uma noite para homenagear nossas matriarcas. É uma noite para adorar e prestar homenagem à Deusa - ela que traz luz e trevas, ela que respira vida e morte. Ela que é a única mãe verdadeira de todas nós. — Outra pausa, esta mais longa e mais acentuada. — Nossa mãe está com raiva. — A angústia em seu rosto quase me convencera. — O sofrimento atormentou suas filhas pelas mãos dos homens. Fomos caçadas. — A voz dela subia constantemente. — Nós queimamos. Perdemos irmãs, mães e filhas devido ao *ódio* e *ao medo*.

As bruxas se mexeram inquietas. Segurei minha faca com mais força.

— Esta noite, — ela chorou apaixonadamente, levantando os braços para o céu, — a Deusa responderá às nossas orações!

Então ela os abaixou, e Lou - ainda flutuando, ainda sem vida - inclinou-se para a frente. Seus pés pendiam inutilmente acima do chão do templo. — Com o sacrifício da minha filha, a Deusa deve acabar com a nossa opressão! — Suas mãos se apertaram e a cabeça de Lou se levantou. Náusea rolou no meu intestino. — Com a morte dela, forjaremos uma nova vida!

As bruxas bateram os pés e gritaram.

— Mas primeiro, — ela cantou, quase inaudível. — Um presente para minha filha.

E com um último movimento da mão, os olhos de Lou finalmente se abriram.

Hesitei apenas tempo suficiente para ver aqueles olhos azul-esverdeados, - lindos, *vivos* - em estado de choque. Então eu me joguei para frente.

Ansel agarrou meus braços com uma força surpreendente. — Reid.

Eu vacilei com o tom dele. No segundo seguinte, eu entendi: a bruxa de ébano havia reaparecido e agora ela arrastava uma segunda mulher - flácida e imobilizada - para fora do templo. Uma mulher com cabelos ruivos e penetrantes olhos azuis que procuravam desesperadamente na multidão.

Eu parei no lugar, ferido. Incapaz de me mover.

Minha mãe.

— Contemplem esta mulher! — Morgane gritou sobre o repentino estrondo de vozes. — Eis a traiçoeira Helene! — Ela agarrou Madame Labelle pelos cabelos e a jogou pelos degraus do templo. — Esta mulher -

uma vez nossa irmã, uma vez meu *coração* - conspira com o rei humano. Ela deu à luz ao filho bastardo dele. — Gritos de indignação rasgaram o ar. — Esta noite, ela foi encontrada tentando forçar a entrada no Chateau. Ela planeja roubar o presente precioso de nossa Mãe tirando a vida da minha filha ela mesma. Ela faria todas nós queimarmos sob o rei tirano!

Os gritos chegaram a um tom ensurdecedor, e os olhos de Morgane brilharam com triunfo quando ela desceu os degraus. Quando ela puxou uma adaga perversamente afiada do cinto. — Louise le Blanc, filha e herdeira de La Dame des Sorcières, eu a honrarei com a morte dela.

— Não! — O corpo de Lou estremeceu quando ela lutou para se mover com todo o seu ser. Lágrimas escorreram pelas bochechas de Madame Labelle.

Eu me soltei violentamente das mãos de Ansel e me joguei para a frente, mergulhando em direção aos degraus do templo - desesperado para alcançá-las, desesperado para salvar as duas mulheres que eu mais precisava - exatamente quando Morgane mergulhou a adaga no peito da minha mãe.

The Pattern

Reid

— NÃO! — Caí de joelhos diante do corpo dela, arrancando a adaga do seu peito, movendo os dedos para estancar o sangramento. Mas eu já sabia que era tarde demais. Eu cheguei tarde demais. Havia sangue demais para que essa ferida não fosse fatal. Parei minhas ministrações frenéticas e apertei suas mãos. Os olhos dela nunca deixaram meu rosto. Cada um de nós olhava para o outro avidamente, como se naquele breve momento, milhares de outros momentos pudessem ter acontecido.

Ela segurando um dedo gordinho. Ela limpando um joelho arranhado. Ela rindo quando beijei Célie pela primeira vez, me dizendo que não tinha feito direito.

Então o momento terminou. O formigamento gelado de sua magia deixou meu rosto. Sua respiração vacilou e seus olhos se fecharam.

Uma lâmina tocou minha garganta.

— Levante-se, — ordenou Morgane.

Eu explodi para cima, pegando seu pulso e quebrando-o com facilidade - com um prazer selvagem. Ela gritou, largando a adaga, mas eu não parei. Eu a derrubei. Minha mão livre indo para sua garganta - apertando até que eu pudesse sentir sua traquéia ceder, chutando a adaga pelos degraus em direção a Ansel...

A outra mão dela explodiu no meu estômago - me atordoando - e laços invisíveis apertaram meu corpo, prendendo meus braços nas laterais do meu corpo. Minhas pernas ficaram rígidas. Ela me golpeou de novo e eu tombei, batendo contra os laços. Quanto mais eu lutava, mais apertados eles ficavam. Eles arranhavam minha pele, tirando sangue...

— Mãe, pare! — Lou explodiu novamente, estremecendo com o esforço de me alcançar, mas seu corpo permaneceu suspenso. — Não o machuque!

Morgane não ouviu. Ela parecia estar procurando algo no ar vazio. Seus olhos dispararam para fora enquanto ela rastreava o que quer que fosse na multidão. Com um puxão cruel, duas pessoas familiares cambalearam adiante. Meu coração caiu. Morgane se esforçou mais e Ansel e Beau caíram nos degraus do templo, lutando contra seus próprios laços invisíveis. Seus rostos voltaram ao normal.

— Os conspiradores dela! — Um brilho louco acendeu nos olhos de Morgane, e as bruxas enlouqueceram com sede de sangue - batendo os pés e gritando - enquanto lutavam para se dirigir para o templo. Magia passou pelo meu rosto. Ansel gritou quando um feitiço cortou sua bochecha. — Os

filhos e caçadores do rei! Eles devem testemunhar nosso triunfo! Eles assistirão enquanto livramos este mundo da Casa de Lyon!

Ela sacudiu a mão ilesa e Lou bateu no altar. As bruxas gritaram em aprovação. Eu me joguei para frente. Rolei, arranhei e torci em direção a Lou com toda a força que me restava. Os laços ao meu redor estavam tensos.

— A natureza exige equilíbrio! — Morgane desceu para recuperar a adaga dos degraus. Quando ela falou novamente, sua voz se aprofundou em um timbre sobrenatural, multiplicado como se milhares de bruxas estivessem falando através dela. — Louise le Blanc, seu sangue é o preço. — O encantamento tomou conta do templo, queimando meu nariz e nublando minha mente. Eu cerrei os dentes. Me forcei a ver através dele - a ver através dela.

Beau imediatamente relaxou. Seus olhos vidraram quando a pele de Morgane começou a brilhar. Ansel ainda lutou, mas sua determinação rapidamente vacilou.

— Deixe encher a xícara de Lyon, pois quem a beber certamente morrerá. — Morgane caminhou até Lou lentamente, os cabelos ondulando ao redor dela em um vento inexistente. — E assim predisse a profecia: o cordeiro devorará o leão.

Ela forçou Lou de barriga para baixo. Puxou a trança para trás e estendeu a garganta dela sobre a bacia do altar. Os olhos de Lou procuraram os meus. — Eu te amo, — ela sussurrou. Nenhuma lágrima estragava seu lindo rosto. — Eu me lembrarei de você.

— Lou… — Era um som desesperado e estrangulado. Um apelo e uma oração. Lutei violentamente contra meus laços. Dor aguda atravessou meu corpo quando um braço se soltou. Joguei-o para frente, meros centímetros do altar, mas não foi suficiente. Eu assisti - como se estivesse em câmera lenta - enquanto Morgane levantava a adaga. Ainda brilhava com o sangue da minha mãe.

Lou fechou os olhos.

Não.

Um grito terrível soou, e Coco pulou na garganta de Morgane.

A faca dela afundou profundamente na carne macia entre o pescoço e o ombro de Morgane. Morgane gritou, tentando afastá-la, mas Coco continuou, empurrando a lâmina mais fundo. Ela lutou para levar o sangue de Morgane aos lábios. Os olhos de Morgane se arregalaram de realização - e pânico.

Um segundo inteiro se passou antes que eu percebesse que os laços que me seguravam cintilaram com o ataque de Coco. Fiquei de pé e fechei a distância até Lou em um único passo.

— Não! — Ela chorou quando eu fui buscá-la. — Ajude Coco! *Ajude ela!*

Aconteça o que acontecer, você tira Lou de lá.

— Lou… — Eu disse entre dentes, mas um grito agudo silenciou minha discussão. Girei no momento em que Coco caiu no chão. Ela não se levantou.

— Coco! — Lou gritou.

O caos entrou em erupção. As bruxas avançaram, mas Ansel se levantou para encontrá-las - uma figura solitária contra centenas. Para minha consternação, Beau o seguiu - mas ele não brandia uma arma. Em vez disso, ele tirou o casaco e as botas, procurando na multidão descontroladamente. Quando seus olhos pousaram na bruxa rechonchuda do corredor, ele apontou e berrou: — BIG TIDDY LIDDY!

Os olhos dela se arregalaram quando ele tirou a calça e começou a cantar no alto de seus pulmões, — 'BIG TIDDY LIDDY NÃO ERA MUITO BONITA, MAS SEU PEITO ERA GRANDE COMO UM CELEIRO.'

As bruxas mais próximas dele - Elinor e Elaina entre elas - pararam. A perplexidade temperou a raiva delas quando Beau deslizou a camisa por cima da cabeça e continuou cantando, — 'SEUS MELÕES SUCULENTOS DEIXAVAM OS HOMENS LOUCOS, MAS ELA ERA CEGA AOS ENCANTOS DELES.'

Morgane arreganhou os dentes e girou em direção a ele, o sangue fluindo livremente por seu ombro. Era toda a distração que eu precisava. Antes que ela pudesse levantar as mãos, eu estava em cima dela. Eu pressionei minha faca na garganta dela.

— Reid! — Era a voz que eu menos esperava, a única voz no mundo que poderia ter me feito hesitar naquele momento. E eu hesitei.

Era a voz do arcebispo.

Morgane fez um movimento para se virar, mas eu cavei a lâmina mais fundo. — Mova suas mãos. Atreva-se.

— Eu deveria ter afogado você no mar, — ela rosnou, mas suas mãos pararam independentemente.

Lentamente, com cuidado, eu me virei. A bruxa de ébano voltou e um arcebispo incapacitado flutuava diante dela. Seus olhos eram selvagens - com pânico e outra coisa. Algo urgente. — Reid. — Seu peito arfava. — Não dê ouvidos a elas. Aconteça o que acontecer, o que elas disserem...

A bruxa de ébano rosnou, e as palavras dele terminaram em um grito.

Minha mão escorregou e Morgane sibilou quando o sangue escorreu por sua garganta. A bruxa de ébano se aproximou. — Deixe-a ir, ou ele morre.

— Manon, — Lou implorou. — Não faça isso. Por favor...

— Fique quieta, Lou. — Seus olhos brilhavam, maníacos e loucos - além da razão. O arcebispo continuou gritando. As veias sob sua pele escureceram, assim como suas unhas e língua. Eu olhei para ele horrorizado.

Não vi as mãos de Morgane se moverem até que agarraram meus pulsos. O calor branco-quente derreteu minha pele e minha faca caiu no chão.

Mais rápido do que eu pude reagir, ela pegou e mergulhou em direção a Lou.

— NAO! — O grito rasgou minha garganta - selvagem, desesperado - mas ela já tinha empurrado a faca para cima e cortado, rasgando a garganta de Lou completamente.

Eu parei de respirar. Um rugido horrível encheu meus ouvidos, e eu estava caindo - um grande abismo aberto quando Lou ofegou e engasgou, seu sangue vital derramando na bacia. Ela se debateu, finalmente livre do que a estava segurando - ainda lutando, mesmo enquanto tentava respirar - mas seu corpo parou rapidamente. Os olhos dela tremeram uma vez... Então se fecharam.

O chão cedeu debaixo de mim. Gritos e passos trovejaram ao longe, mas eu não conseguia realmente ouvi-los. Não conseguia nem ver. Havia apenas escuridão - o vazio amargo no mundo onde Lou deveria estar e agora não estava. Eu olhei para o vazio, desejando que ele me consumisse.

E me consumiu. Eu desci em espiral, para baixo, para baixo, naquela escuridão com ela, e ainda assim - ela não estava lá. Ela se foi. Apenas uma concha quebrada e um mar de sangue restaram.

E eu... Eu estava sozinho.

Fora da escuridão, um único cordão dourado brilhou na existência. Ele flutuou para fora do peito de Lou e em direção ao arcebispo - pulsava como se ecoasse em um coração. A cada batida, sua luz ficava mais fraca. Eu olhei para ele por um segundo. Sabia o que era do mesmo jeito que eu conhecia o som da minha própria voz, meu reflexo no espelho. Familiar, mas estranho. Esperado, mas surpreendente. Algo que sempre fez parte de mim, mas eu nunca soube.

Naquela escuridão, algo despertou dentro de mim.

Não hesitei. Eu não pensei. Movendo-me rapidamente, peguei uma segunda faca da bandoleira e passei por Morgane. Ela levantou as mãos - fogo chicoteando das pontas dos seus dedos - mas eu não senti as chamas. A luz dourada envolveu minha pele, me protegendo. Mas meus pensamentos se dispersaram. Qualquer força que meu corpo reivindicou, minha mente agora havia perdido. Eu tropecei, mas o cordão de ouro marcou meu caminho. Eu saltei sobre o altar atrás dele.

Os olhos do arcebispo se abriram quando ele percebeu minha intenção. Um pequeno ruído suplicante escapou dele, mas ele poderia fazer pouco mais que isso antes que eu caísse sobre ele.

Antes de eu levar minha faca para seu coração.

Uma vida por uma vida. Um amor por um amor.

Os olhos do arcebispo ainda estavam arregalados - confusos - quando ele caiu nos meus braços.

A luz dourada se dispersou e o mundo voltou a entrar em foco. Os gritos ficaram mais altos agora. Olhei para o corpo sem vida do arcebispo, entorpecido, mas o grito de raiva de Morgane me fez virar. Me fez esperar. Lágrimas de alívio brotaram nos meus olhos com o que vi.

Embora Lou ainda estivesse pálida, imóvel, o corte na garganta estava se fechando. O peito dela subiu e caiu.

Ela estava viva.

Com um grito brutal, Morgane levantou a faca para reabrir a ferida, mas uma flecha cortou o ar e se alojou em seu peito. Ela gritou de novo, girando furiosamente, mas eu reconheci o eixo de ponta azul imediatamente.

Chasseurs.

Liderados por Jean Luc, dezenas deles surgiram na clareira. As bruxas gritaram em pânico - espalhando-se em todas as direções - mas mais dos meus irmãos esperavam nas árvores. Eles não mostraram piedade, cortando mulheres e crianças sem hesitar. Corpos por toda parte caíram na névoa e desapareceram. Um gemido sobrenatural levantava-se do chão em resposta, e logo os Chasseurs começaram a desaparecer também.

A fúria contorceu as feições de Jean Luc quando ele apontou outra flecha e correu em direção ao templo. Seus olhos não estavam mais fixos em Morgane, no entanto - estavam fixos em mim. Tarde demais, percebi que minha mão ainda apertava a faca saindo do peito do arcebispo. Larguei-a apressadamente - o corpo do arcebispo caindo com ela - mas o estrago já havia sido feito.

Jean Luc mirou e atirou.

La Forêt des Yeux

Reid

Peguei Lou e me escondi atrás do altar. Ansel e Beau correram atrás de mim, segurando uma Coco pouco consciente entre eles. Flechas caíram sobre nossas cabeças. Morgane explodiu a maioria delas em cinzas com um aceno de mão, mas uma afundou profundamente em sua perna. Ela gritou em fúria.

— Por lá. — Com a voz fraca, Coco apontou para as profundezas do templo. — Tem... Outra saída.

Hesitei por apenas um segundo. Outra rajada de flechas distraiu Morgane - era agora ou nunca.

— Tire-as daqui. — Deslizei Lou nos braços de Beau. — Eu encontro vocês.

Antes que ele pudesse protestar, saí de trás do altar em direção ao corpo de Madame Labelle. Nenhuma flecha ainda havia perfurado-a, mas nossa sorte não se estenderia. Conforme os caçadores se aproximaram, seu alcance se tornava mortal. Uma flecha zuniu perto da minha orelha. Agarrando o pulso de Madame Labelle, eu a puxei para meus braços. Tentei proteger o máximo possível de seu corpo com o meu.

Fogo e flecha me perseguiram enquanto eu corria de volta ao templo. Dor aguda atravessou meu ombro, mas não ousei parar.

O som da batalha morreu quando entrei no templo interior estranhamente silencioso. À minha frente, Ansel, Coco e Beau correram em direção à saída. Eu corri atrás deles, tentando ignorar a substância quente e úmida que se espalhava pelo meu braço. Os pequenos gemidos de dor escapando da garganta de Madame Labelle.

Ela está viva. Viva.

Não olhei para trás para ver se Morgane ou Jean Luc nos seguiam. Eu me concentrei apenas no pequeno retângulo de luar no final do templo, no cabelo de Coco balançando quando ela o limpou.

Coco.

Coco poderia curá-la.

Eu os alcancei quando eles entraram nas sombras da floresta. Eles não diminuíram a velocidade. Avançando, agarrei o braço de Coco. Seus olhos estavam turvos, vidrados, quando ela se virou para mim. Estendi o corpo quebrado de Madame Labelle para ela. — Ajude ela. Por favor. — Minha voz tremia, meus olhos ardiam, mas eu não me importava. Eu pressionei minha mãe em seus braços. — Por favor.

Ansel olhou para trás, respirando pesadamente. — Reid, não há tempo...

— Por favor. — Meus olhos nunca deixaram seu rosto. — Ela está morrendo.

Coco piscou lentamente. — Vou tentar.

— Coco, você está muito fraca! — Beau mudou Lou em seus braços, com o rosto vermelho e ofegante. — Você mal consegue ficar de pé!

Ela respondeu levantando o pulso à boca e rasgando a pele fina ali. O mesmo perfume pungente chamuscou o ar quando ela o afastou. Sangue cobriu seus lábios. — Isso só nos dará tempo até chegarmos ao acampamento. — Ela levantou o pulso no peito de Madame Labelle. Nós assistimos, paralisados, o sangue dela pingar, chiando quando tocou a pele de Madame Labelle.

Beau observou incrédulo o ferimento se unir novamente. — Como?

— Agora não. — Coco flexionou o pulso e balançou a cabeça, os olhos arregalados, quando um grito de homem soou além do templo. As bruxas devem ter reunido suas forças, se recuperando de seu pânico inicial. Embora eu não pudesse mais ver a clareira, eu podia imaginá-las usando as únicas armas que elas tinham à sua disposição: seus consortes. Escudos humanos contra as Balisardas de meus irmãos.

Coco olhou de volta para o corpo pálido de Madame Labelle. — Precisamos encontrar nosso acampamento rapidamente, ou ela morrerá.

Ela não precisou falar duas vezes. Abaixando a cabeça, corremos pela floresta e pela noite.

Sombras ainda cobriam os pinheiros quando encontramos nosso acampamento abandonado. Embora Madame Labelle estivesse cada vez mais pálida, seu peito ainda subia e descia. Seu coração ainda batia.

Coco vasculhou sua mochila e pegou um pote de líquido grosso âmbar. — Mel, — ela explicou ao ver meu olhar ansioso. — Sangue e mel.

Baixando Madame Labelle no chão da floresta, observei com um fascínio mórbido quando Coco reabriu seu pulso e misturou seu sangue com o mel. Ela o aplicou com cuidado no vergão enrugado no peito de Madame Labelle. Quase instantaneamente, a respiração de Madame Labelle se aprofundou. A cor voltou às bochechas dela. Eu caí de joelhos, sem vontade de desviar o olhar. Nem mesmo por um segundo. — Como?

Coco recostou-se, fechando os olhos e esfregando as têmporas. — Eu te disse. Minha mágica vem de dentro. Não... Não como a de Lou.

Lou.

Eu me levantei.

— Ela está bem. — Ansel embalou a cabeça dela em seu colo do outro lado do acampamento. Corri até eles, examinando seu rosto pálido. Sua garganta cortada. Suas bochechas magras. — Ela ainda está respirando. Seu batimento cardíaco está forte.

Virei-me para Coco, apesar da segurança de Ansel. — Você pode curá-la também?

— Não. — Ela se levantou como se estivesse percebendo alguma coisa, puxando um molho de ervas, um almofariz e pilão de sua mochila. Ela começou a moer as ervas em pó. — Você já a curou.

— Então por que ela não está acordada?

— Dê tempo a ela. Ela vai acordar quando estiver pronta. — Respirando fundo - irregular, devagar - ela deixou o sangue do pulso pingar no pó antes de cobrir os dedos com a mistura. Então ela se arrastou para o lado de Lou. — Saia. Ela precisa de proteção. Todos nós precisamos.

Eu olhei a mistura com repulsa, me colocando entre elas. Cheirava terrível. — Não.

Com um barulho de impaciência, ela me derrubou e passou um polegar ensanguentado na testa de Lou. Depois na de Madame Labelle. Depois na de Beau. Depois na de Ansel. Eu olhei para todos eles, afastando a mão dela quando ela a levantou no meu rosto.

— Não seja idiota, Reid. É salva, — disse ela, impaciente. — É o melhor que posso fazer contra Morgane.

— Eu vou arriscar.

— Não, você não vai. Você será o primeiro alvo de Morgane quando ela não conseguir encontrar Lou... *se* ela não conseguir encontrar Lou. — Os olhos dela se voltaram para a forma inerte de Lou, e ela pareceu se encolher. Beau e Ansel estenderam as mãos para firmá-la. — Eu não sei se sou forte o suficiente para nos proteger dela.

— Tudo pode ajudar, — murmurou Beau.

Um clichê vazio. Ele não sabia mais sobre magia do que eu. Tinha acabado de abrir a boca para dizer isso quando Ansel suspirou profundamente, tocando meu ombro. Suplicando. — Faça isso por Lou, Reid.

Eu não me mexi quando Coco passou o sangue na minha testa.

Todos concordaram em deixar o acampamento o mais rápido possível, mas a encosta da montanha era tão perigosa quanto o castelo. Bruxas e caçadores vagavam pela floresta com intenção predatória. Mais de uma vez, fomos forçados a subir em árvores para evitar sermos vistos, sem saber se a proteção de Coco se sustentaria. As palmas das mãos suando, os membros tremendo.

— Se você largá-la, eu mato você, — ela sussurrou, olhando o corpo inconsciente de Lou em meus braços. Como se eu pudesse abandonar meu controle sobre ela. Como se eu fosse deixá-la ir novamente.

Durante tudo isso, Morgane não se revelou.

Sentimos a presença dela pairando sobre nós, mas ninguém se atreveu a mencionar isso - como se dar voz ao nosso medo fizesse ela aparecer sobre nós. Também não mencionamos o que eu havia feito no templo. Mas a memória continuou a me atormentar. A sensação doentia da minha faca afundando na carne do arcebispo. O impulso extra necessário para forçar a lâmina entre os ossos até o coração abaixo.

Os olhos do arcebispo - arregalados e confusos - enquanto seu filho o traía.

Eu queimaria no inferno pelo que tinha feito. Se houvesse esse lugar.

Madame Labelle acordou primeiro.

— Água, — ela resmungou. Ansel procurou seu cantil enquanto eu corri até ela.

Eu não falei enquanto ela bebia. Eu simplesmente a observei. A inspecionei. Tentei acalmar meu coração acelerado. Como Lou, ela permaneceu pálida e doentia, e contusões leves sombreavam seus familiares olhos azuis.

Quando ela finalmente deixou o cantil cair, aqueles olhos procuraram os meus. — O que aconteceu?

Eu soltei um suspiro. — Nós saímos.

— Sim, obviamente, — disse ela com uma mordida surpreendente em sua voz. — Quero dizer, *como*?

— Nós… — Eu olhei para os outros. Quanto eles adivinharam? Quanto eles viram? Eles sabiam que eu havia matado o arcebispo e sabiam que Lou havia sobrevivido - mas eles haviam ligado as duas coisas?

Um olhar para Coco me deu minha resposta. Ela suspirou pesadamente e deu um passo à frente, estendendo os braços para Lou. — Deixe-me ficar com ela. — Hesitei, e seus olhos endureceram. — Pegue sua mãe, Reid. Vão caminhar. Conte tudo para ela... Ou eu irei.

Eu olhei de rosto em rosto, mas ninguém pareceu surpreso com as palavras dela. Ansel não olhou para mim. Quando Beau sacudiu a cabeça, sussurrando *vai logo*, meu coração afundou.

— Tudo bem. — Depositei Lou em seus braços estendidos. — Nós não iremos longe.

Carregando Madame Labelle fora do alcance dos ouvidos, coloquei-a no chão mais macio que pude encontrar e me abaixei do lado oposto.

— Bem? — Ela alisou a saia, impaciente. Eu fiz uma careta. Aparentemente, experiências de quase morte deixaram minha mãe irritada. Eu realmente não me importava. Sua irritação me deu algo para focar, além do meu crescente desconforto. Muitas coisas não ditas se passaram entre nós naquele momento em que ela estava morrendo.

Culpa. Raiva. Anseio. Arrependimento.

Não, a irritação era muito mais fácil de enfrentar do que tudo *isso.*

Contei tudo o que aconteceu no templo em tons cortados e descontentes, deixando vago meu próprio papel em nossa fuga. Mas Madame Labelle era uma mulher inconvenientemente afiada. Ela me farejou como uma raposa.

— Você não está me dizendo algo. — Ela se inclinou para a frente para me examinar, os lábios contraídos. — O que você fez?

— Eu não *fiz* nada.

— Você não fez? — Ela arqueou uma sobrancelha e recostou-se nas mãos. — Então, de acordo com você, você matou seu superior - um homem

que você amava - sem motivo aparente?

Amava. Um nó se formou na minha garganta com o uso do verbo no passado. Eu a limpei com uma tosse. — Ele nos traiu...

— E então sua esposa voltou à vida - também sem motivo aparente?

— Ela nunca esteve morta.

— E você sabe disso como?

— Porque... — Parei, percebendo tarde demais que não conseguia explicar o fio da vida que ligava Lou e o arcebispo. Não sem me revelar. Seus olhos se estreitaram com a minha hesitação e eu suspirei. — Eu... vi, de alguma forma.

— Como?

Eu encarei minhas botas. Meus ombros doíam de tensão. — Havia uma corda. Ela os conectava. Pulsava no ritmo do coração dela.

Ela sentou-se de repente, estremecendo com o movimento. — Você viu um padrão.

Eu não disse nada.

— Você viu um padrão, — ela repetiu, mais para si mesma, — e você reconheceu. Você… você *agiu* sobre isso. Como? — Ela se inclinou para frente novamente, apertou meu braço com uma força surpreendente, apesar de suas mãos trêmulas. — De onde veio? Você deve me contar tudo o que se lembra.

Alarmado, passei um braço em volta dos ombros dela. — Você precisa de descanso. Podemos conversar sobre isso mais tarde.

— *Diga-me.* — Suas unhas cravaram no meu antebraço.

Eu estreitei os olhos para ela. Ela estreitou de volta. Finalmente, percebendo que ela não se mexeria, soltei um suspiro exasperado. — Não me lembro. Tudo aconteceu rápido demais. Morgane cortou a garganta de Lou, e eu pensei que ela estava morta e - e então havia apenas escuridão. Ela me engoliu, e eu não conseguia pensar com clareza. Eu apenas reagi. — Fiz uma pausa, engolindo em seco. — É daí que a corda veio... Das trevas.

Eu encarei minhas mãos e lembrei daquele lugar sombrio. Eu estava sozinho lá - verdadeiramente, absolutamente sozinho. O vazio me lembrou de como eu imaginava o inferno. Minhas mãos se fecharam em punhos. Embora eu tenha lavado o sangue do arcebispo, algumas manchas ficaram abaixo da superfície.

— Incrível. — Madame Labelle soltou meu braço e caiu para trás. — Eu não acreditava que fosse possível, mas... não há outra explicação. A corda... o equilíbrio que atingiu - tudo se encaixa. E você não só *viu* o padrão, mas também foi capaz de *manipulá-lo.* Sem precedentes... Isso é... É incrível... — Ela olhou para mim com admiração. — Reid, você tem magia.

Abri minha boca para negar, mas fechei quase imediatamente. Não deveria ser possível. Lou havia me *dito* que não era possível. No entanto, aqui estava eu. Manchado. Manchado pela magia e pela morte que invariavelmente seguia.

Nós nos encaramos por alguns segundos tensos.

— Como? — Minha voz parecia mais desesperada do que eu gostaria, mas eu precisava dessa resposta mais do que do meu orgulho. — Como isso pôde acontecer?

A admiração em seus olhos cintilou. — Eu não sei. Parece que a morte iminente de Lou desencadeou algo, de alguma forma. — Ela apertou minha mão. — Eu sei que isso é difícil para você, mas isso vai mudar tudo, Reid. Você é o primeiro, mas e se houver outros? E se estivéssemos erradas sobre nossos filhos?

— Mas não existe isso de bruxo. — As palavras não eram convincentes, até para meus próprios ouvidos.

Um sorriso triste tocou seus lábios. — Mas aqui está você.

Desviei o olhar, incapaz de suportar a pena em seus olhos. Eu me sentia doente. Mais do que doente - eu me sentia *mal*. Minha vida inteira eu abominava as bruxas. Caçava-as. Matava-as. E agora - por alguma reviravolta cruel do destino - de repente eu *era* um.

O primeiro bruxo.

Se havia um Deus, ele ou ela tinham um senso de humor de merda.

— Ela percebeu? — A voz de madame Labelle ficou serena. — Morgane?

— Não faço ideia. — Fechei os olhos, mas imediatamente me arrependi. Muitos rostos se levantaram para me encontrar. Um em particular. Olhos abertos. Assustados. Confusos. — Os Chasseurs me viram matar o arcebispo.

— Sim, isso é potencialmente problemático.

Meus olhos se abriram e uma nova dor passou por mim. Serrilhada e afiada. Crua. — Potencialmente problemático? Jean Luc tentou me *matar*.

— E continuará tentando, tenho certeza, assim como as bruxas. Muitos morreram esta noite em suas tolas buscas por vingança. Ninguém vai esquecer seu envolvimento, especialmente Morgane. — Ela suspirou e apertou minha mão. — Há também o problema do seu pai.

Se possível, meu coração afundou ainda mais. — O que tem ele?

— As notícias chegarão a ele sobre o que aconteceu no templo. Ele logo saberá seu nome... e o de Lou.

— Nada disso é culpa de Lou...

— Não importa de quem é a culpa. O sangue de sua esposa tem o poder de eliminar toda a linhagem dele. Você realmente acha que qualquer pessoa - principalmente um *rei* - permitirá que alguém assim permaneça livre?

— Mas ela é inocente. — Meu pulso disparou rapidamente, batendo nos meus ouvidos. — Ele não pode prendê-la pelos crimes de Morgane...

— Quem disse algo sobre prendê-la? — Ela levantou as sobrancelhas e deu um tapinha na minha bochecha novamente. Desta vez, eu não recuei. — Ele a quer morta, Reid. Queimada, especificamente, para que nem uma gota do sangue dela possa ser usado para o propósito imundo de Morgane.

Eu a encarei por um longo segundo. Convencido de que não tinha ouvido-a. Convencido de que ela poderia começar a rir, ou um *feu folclórico*

irromperia e me transportaria de volta à realidade. Mas não. Essa *era* a minha nova realidade. A raiva irrompeu dentro de mim, queimando o último dos meus escrúpulos. — Mas que *porra*, por que *diabos* todos nesse reino estão tentando assassinar minha esposa?

Uma bolha de riso escapou dos lábios de Madame Labelle, mas eu não achei nada engraçado. — O que nós vamos fazer? Para onde *vamos*?

— Você virá comigo, é claro. — Coco saiu de trás de um pinheiro grande, sorrindo com alegria descarada. — Desculpe, eu estava ouvindo, mas achei que você não se importaria, considerando… — Ela acenou para Lou nos braços.

Lou.

Todo traço de raiva - toda dúvida, toda pergunta, todo *pensamento* - desapareceu da minha cabeça quando seus olhos azul-esverdeados encontraram os meus.

Ela estava acordada. Acordada e me encarando como se nunca tivesse me visto antes. Eu dei um passo à frente, em pânico, rezando para que sua mente não tivesse sido afetada. Que ela se lembrasse de mim. Que Deus não tivesse feito mais uma piada cruel e doentia...

— Reid, — disse ela lentamente, incrédula, — você acabou de *xingar*?

Então ela se inclinou sobre o braço de Coco e vomitou por todo o chão da floresta.

La Voisin

Lou

— Estou bem, sério. — Repeti as palavras pela centésima vez, mas não tinha certeza de que estava bem.

Até onde eu podia dizer, as entranhas da minha garganta estavam sendo seguradas apenas por uma cicatriz horrivelmente desfigurada, meu estômago revirava da droga abominável da minha mãe, minhas pernas estavam dormentes por causa do desuso, e minha mente ainda se recuperava do que eu acabara de ouvir.

Reid estava aqui.

E ele era um bruxo.

E - e ele acabou de dizer *porra*.

Talvez eu tivesse morrido no final de tudo. Isso era certamente mais provável do que Reid xingando com uma eficiência tão deliciosa.

— Você tem certeza de que está bem? — Reid pressionou.

Ele ignorou completamente o vômito que salpicava o chão na pressa de me alcançar. Abençoado seja. E Coco - talvez sentindo que Reid era um homem no limite - me entregou de bom grado. Tentei não me ressentir deles por me tratarem como um saco de batatas. Eu sabia que eles tinham boas intenções, mas honestamente, eu era perfeitamente capaz de me mover por conta própria.

É claro que minha cabeça *estava* girando com a proximidade repentina de Reid, então talvez fosse uma boa ideia ele me carregar, afinal. Envolvi meus braços com mais firmeza em torno de seu pescoço e o respirei.

Sim. Foi uma ideia *muito* boa. — Tenho certeza.

Reid suspirou aliviado antes de fechar os olhos e deixar sua testa cair na minha.

Madame Labelle deu a Coco um sorriso aguçado. — Querida, acho que gostaria de esticar minhas pernas um pouco. Você se importaria de me acompanhar?

Coco obedeceu, ajudando Madame Labelle a se levantar. Embora Coco suportasse boa parte de seu peso, ela ainda empalideceu com o movimento. Os olhos de Reid se abriram e ele avançou preocupado. — Eu realmente não acho que você deveria estar andando.

Madame Labelle o silenciou com uma careta. Impressionada, memorizei a cena para uso posterior. — Absurdo. Meu corpo precisa se lembrar de como é ser um corpo.

— É verdade, — eu murmurei.

Reid franziu a testa para mim. — Você quer andar também?

— Eu... Não. Estou muito feliz aqui, obrigada.

— Conversaremos mais tarde. — Coco revirou os olhos, mas seu sorriso só aumentou. — Me faça um favor e fique fora do alcance da voz desta vez. Não tenho vontade de ouvir essa conversa em particular.

Eu balancei minhas sobrancelhas. — Ou a falta de conversa.

Madame Labelle franziu o rosto com nojo. — E *essa* é a minha deixa. Cosette, siga em frente, por favor, e seja rápida.

Meu sorriso desapareceu quando elas sumiram de vista. Essa era a primeira vez que Reid e eu ficávamos sozinhos desde que... bem, desde tudo. Ele também parecia sentir a mudança repentina no ar entre nós. Cada músculo em seu corpo ficou tenso, rígido. Como se estivesse se preparando para fugir - ou lutar.

Mas isso era ridículo. Eu não queria brigar. Depois de tudo que eu acabei de passar, depois de tudo que *nós* acabamos de passar, eu já tive brigas suficientes para durar uma vida. Eu levantei minhas sobrancelhas, estendendo a mão para segurar sua bochecha. — Um *couronne* por seus pensamentos?

Ansiosos olhos azuis cor do mar procuraram os meus, mas ele não disse nada.

Infelizmente - pelo menos para Reid - nunca fui de sofrer em silêncio. Eu fiz uma careta e deixei minha mão cair. — Eu sei que é difícil para você, Reid, mas *tente* não tornar isso mais estranho do que precisa ser.

Isso funcionou. A vida se agitou atrás de seus olhos. — Por que você não está com raiva de mim?

Oh, Reid. O ódio brilhava em seus olhos - mas não por mim, como eu temia. Por ele mesmo. Eu descansei minha cabeça em seu peito. — Você não fez nada de errado.

Ele balançou a cabeça, apertando os braços em volta de mim. — Como você pode dizer isso? Eu... Eu deixei você entrar diretamente nisso. — Seus olhos varreram em torno de nós com uma expressão de dor - então caíram na minha garganta. Ele engoliu em seco e balançou a cabeça em desgosto. — Prometi protegê-la, mas a abandonei na primeira oportunidade.

— Reid. — Quando ele se recusou a olhar para mim, segurei seu rosto novamente. — Eu sabia quem você era. Eu sabia no que você acreditava... e eu me apaixonei por você de qualquer maneira.

Ele fechou os olhos, ainda balançando a cabeça, e uma única lágrima escorreu em sua bochecha. Meu coração se retraiu.

— Eu nunca segurei isso contra você. Não realmente. Reid, me escute. Escute. — Ele abriu os olhos com relutância, e eu o forcei a encontrar meu olhar, desesperada para que ele entendesse. — Quando eu era criança, via o mundo em preto e branco. Chasseurs eram inimigos. Bruxas eram amigas. Nós éramos boas, e eles eram maus. Não havia meio termo. Então minha mãe tentou me matar e, de repente, aquele mundo claro e nítido se partiu em um milhão de pedaços. — Eu escovei a lágrima de sua bochecha. — Você

pode imaginar minha angústia quando um Chasseur de cabelos acobreados particularmente alto entrou e esmagou o que restava daqueles pedaços em pó.

Ele se afundou no chão, me puxando para baixo com ele. Mas eu ainda não tinha terminado. Ele arriscou tudo por mim vindo ao Chateau. Ele abandonou sua vida - suas próprias crenças - quando ele me escolheu. Eu não mereço isso. Mas agradeci a Deus de qualquer maneira.

— Depois que eu rolei com você através daquela cortina no teatro, — eu sussurrei, — eu disse que você deveria esperar que eu me comportasse como uma criminosa. Eu não te disse que era uma bruxa porque estava seguindo meu próprio conselho. Eu esperava que você se comportasse como um Chasseur - só que não fez isso. Você não me matou. Você me deixou ir. — Me movi para soltar minha mão, mas ele a pegou, segurando-a no seu rosto.

Sua voz estava cheia de emoção. — Eu deveria ter ido atrás de você.

Eu trouxe minha outra mão para o rosto dele e me inclinei para mais perto. — Eu não deveria ter mentido.

Ele soltou um suspiro trêmulo. — Eu... eu disse coisas terríveis.

— Sim. — Eu fiz uma careta, lembrando. — Você disse.

— Eu não quis dizer nenhuma delas, exceto uma. — Suas mãos cobriram as minhas no seu rosto, e seus olhos se fixaram nos meus como se ele pudesse ver minha alma. Talvez ele pudesse. — Eu amo você, Lou. — Seus olhos se encheram de novas lágrimas. — Eu nunca vi alguém saborear *nada* do jeito que você saboreia *tudo*. Você me faz me sentir vivo. Só estar na sua presença - é viciante. *Você* é viciante. Não importa que você seja uma bruxa. A maneira como você vê o mundo… Eu também quero ver dessa maneira. Eu quero estar sempre com você, Lou. Nunca mais quero me separar de você.

Eu não conseguia impedir que as lágrimas caíssem pelas minhas bochechas. — Onde você for, eu irei.

Com lentidão deliberada, pressionei meus lábios nos dele.

Consegui voltar andando, mas meu corpo se cansou rapidamente.

Quando finalmente chegamos ao acampamento, os outros estavam preparando o jantar. Coco acendeu uma pequena fogueira e Madame Labelle dispersou a fumaça no ar com os dedos. Dois coelhos gordos chiaram no espeto. Meu estômago se contraiu e eu apertei o punho na minha boca antes que eu pudesse vomitar novamente.

Ansel nos viu primeiro. Um sorriso largo dividiu seu rosto, e ele deixou cair o pote que segurava e correu em nossa direção, envolvendo-me o melhor que pôde em um abraço de urso. Reid relutantemente me soltou, e eu devolvi o abraço de Ansel com igual fervor.

— Obrigada, — eu sussurrei em seu ouvido. — Por tudo.

Ele corava forte quando se afastou, mas ele manteve um braço firme em volta da minha cintura, independentemente. Reid parecia que estava

tentando muito não sorrir.

Beau se inclinou contra uma árvore com os braços cruzados sobre o peito. — Sabe, isso não era exatamente o que eu tinha em mente quando eu disse que poderíamos nos divertir juntos, madame Diggory.

Eu arqueei uma sobrancelha, lembrando do seu peito nu tremendo ao luar. — Oh, eu não sei. Eu achei que algumas partes da noite foram divertidas.

Ele sorriu. — Você gostou da performance, então?

— Muito. Parece que frequentamos os mesmos bares.

Os dedos de Madame Labelle ainda se moviam preguiçosamente no ar. O menor fio de magia fluiu deles quando a fumaça desapareceu. — Eu odeio interromper, mas nossos coelhos estão queimando.

O sorriso de Beau desapareceu e ele saltou para deslizar os coelhos enegrecidos do espeto, gemendo amargamente. — Levei *anos* para pegá-los.

Coco revirou os olhos. — Você quer dizer para *me* ver pegá-los.

— Perdão? — Ele levantou o menor dos dois coelhos, indignado. — Eu acertei este, muito obrigado!

— Sim, você acertou - direto na perna. Eu tive que rastrear a pobre criatura e acabar com sua miséria.

Quando Beau abriu a boca para responder, olhos em chamas, eu me virei para Reid. — Perdi alguma coisa?

— Eles estão assim desde que partimos, — disse Ansel. Eu não deixei de perceber a satisfação em sua voz ou o sorriso em seu rosto.

— O príncipe teve alguns problemas para se adaptar ao deserto, — explicou Reid calmamente. — Coco estava... Não impressionada.

Eu não pude deixar de rir. Enquanto a discussão aumentava, no entanto - sem nenhum sinal de qualquer das partes recuando - acenei com a mão para recuperar a atenção deles. — Com licença, — eu disse alto. Ambos se viraram para olhar para mim. — Por mais divertido que tudo isso seja, temos assuntos mais importantes para discutir.

— Como? — Beau retrucou.

Babaca. Eu quase sorri, mas com a ferocidade da carranca de Coco, eu me controlei no último segundo. — Não podemos nos esconder nesta floresta para sempre. Morgane conhece todos os seus rostos agora e matará todos vocês por me ajudarem a escapar.

Beau bufou. — Meu pai terá a cabeça dela em uma lança quando souber o que ela está planejando.

— E a minha, — eu disse incisivamente.

— Provavelmente.

Definitivamente um babaca.

Madame Labelle suspirou. — Auguste falhou em capturar Morgane por décadas - assim como seus ancestrais falharam em capturar uma única Dame des Sorcières em sua longa e horrível história. É altamente improvável que ele tenha sucesso agora também. Ela continuará sendo uma ameaça para todos nós.

— Mas agora os Chasseurs sabem a localização do Chateau, — ressaltou Reid.

— Eles ainda não podem entrar sem uma bruxa.

— Eles entraram antes.

— Ah… sim. — Madame Labelle pigarreou delicadamente e desviou o olhar, alisando a saia enrugada e manchada de sangue. — Isso é porque eu os levei até lá.

— Você o *quê*? — Reid enrijeceu ao meu lado, e um rubor revelador subiu pela sua garganta. — Você... Você se encontrou com Jean Luc? Você está louca? Como? Quando?

— Depois que eu enviei vocês para aquelas trigêmeas. — Ela deu de ombros, curvando-se para arranhar o tronco enegrecido a seus pés. Quando ele se moveu, piscando os olhos amarelos e luminosos, meu coração quase pulou na garganta. Aquilo não era um tronco. Aquilo nem era um gato. Aquilo - aquilo era um...

— O matagot enviou uma mensagem a seus camaradas logo após nossa discordância. Jean Luc não estava satisfeito com um demônio que dançava em sua mente, mas até mesmo ele não podia ignorar a oportunidade que eu lhe apresentei. Nós nos encontramos na praia do lado de fora do Chateau, e eu os conduzi pelo encantamento. Eles deveriam esperar pelo meu sinal. Quando eu não apareci, Jean Luc assumiu o controle. — Ela tocou o corpete duro do vestido, como se lembrasse da sensação da faca de Morgane afundando em seu peito. Minha garganta latejava de empatia. — E graças a Deusa que ele assumiu.

— Sim, — eu concordei rapidamente antes que Reid pudesse interromper. Seu rubor se espalhou da garganta até as pontas dos ouvidos durante a explicação de Madame Labelle, e ele parecia querer atrapalhar ainda mais a conversa estrangulando alguém. — Mas estamos pior agora do que estávamos antes.

— Por quê? — A testa de Ansel enrugou. — Os Chasseurs mataram dezenas de bruxas. Certamente Morgane está mais fraca agora, pelo menos?

— Talvez, — murmurou Madame Labelle — mas um animal ferido é um animal perigoso.

Quando Ansel ainda parecia confuso, apertei sua cintura. — Tudo o que aconteceu, tudo o que fizemos, só a tornará mais selvagem. As outras bruxas também. Esta guerra está tudo, menos encerrada.

Um presságio silencioso desceu quando minhas palavras afundaram.

— Certo, — disse Coco, erguendo o queixo. — Só há uma solução para isso. Todos vocês voltarão ao meu clã comigo. Morgane não será capaz de tocar em vocês lá.

— Coco… — Eu a enfrentei com relutância. Ela apertou a mandíbula e plantou uma mão no quadril em resposta. — Elas são tão propensas a nos matar quanto a nos ajudar.

— Elas não vão. Vocês estarão sob minha proteção. Ninguém do meu povo ousará pôr a mão em vocês.

Houve outra pausa enquanto nos encarávamos.

— Você não tem muitas outras opções, Louise, querida, — disse finalmente Madame Labelle. — Mesmo Morgane não é tola o suficiente para atacar você no coração de um clã de sangue, e Auguste e os Chasseurs nunca a encontrariam lá.

— Você não vem conosco? — Reid perguntou, franzindo a testa. A parte de trás do seu pescoço quase se misturava aos cabelos acobreados e as mãos continuavam cerradas. Tensas. Abri seu punho com um toque suave da minha mão, entrelaçando meus dedos nos dele. Ele respirou fundo e relaxou um pouco.

— Não. — Madame Labelle engoliu em seco, e o matagot esfregou a cabeça no joelho dela em um gesto surpreendente doméstico. — Embora tenha passado anos desde que eu o vi, eu acho… Acho que finalmente chegou a hora de ter uma conversa com Auguste.

Beau franziu o cenho. — Você teria que ser uma completa idiota para dizer a ele que você é uma bruxa.

Reid e eu olhamos com raiva para ele, mas Madame Labelle apenas levantou um ombro elegante, imperturbável. — Bem, que bom que eu não sou completamente idiota, então. Você virá comigo, é claro. Não posso apenas entrar valsando no castelo. Juntos, poderemos convencer Auguste a desistir de qualquer esquema estúpido que ele esteja indubitavelmente inventando.

— O que faz você pensar que *será* capaz de convencê-lo a fazer alguma coisa?

— Ele me amou uma vez.

— Sim. Tenho certeza de que minha mãe ficará emocionada ao ouvir tudo sobre isso.

— Sinto muito, mas ainda não entendo. — Ansel balançou a cabeça, confuso e olhou para Coco. — Por que você acha que estaremos seguros com seu clã? Se Morgane é tão perigosa quanto todo mundo diz… elas realmente serão capazes de nos proteger?

Coco deu uma risada curta. — Você não sabe quem é minha tia, sabe?

As sobrancelhas de Ansel franziram. — Não.

— Então me permita esclarecer para você. — Seu sorriso se estendeu largamente, e na luz do sol se pondo, seus olhos pareciam brilhar em carmesim. — Minha tia é a bruxa La Voisin.

Reid gemeu audivelmente. — Merda.